

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NEREIDA – NÚCLEO DE ESTUDOS DE REPRESENTAÇÕES E DE
IMAGENS DA ANTIGUIDADE

CAMILA ALVES JOURDAN

***Métis: do reconhecimento do mar Mediterrâneo ao domínio do
mar Egeu***

Niterói

2015

CAMILA ALVES JOURDAN

***Métis: do reconhecimento do mar Mediterrâneo ao domínio do
mar Egeu***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima.

Niterói

2015

CAMILA ALVES JOURDAN

***Métis: do reconhecimento do mar Mediterrâneo ao domínio do
mar Egeu***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre.

Banca Examinadora

Prof. . Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima - UFF (Orientador)

Prof^a. Dra. Ana Livia Bomfim Vieira – UEMA (Arguidora)

Prof. Dr. Alexandre Santos de Moraes – UFF (Arguidor)

Prof^a. Dra. Giselle Martins Venâncio – UFF (Suplente)

Niterói
2015

DEDICATÓRIA

A todos que acreditaram em mim.

Aos meus avôs, Lucien Louis Jourdan e José Batista Bezerra.

AGRADECIMENTOS

Muitas foram as pessoas que contribuíram, ao longo de toda a minha formação, que permitiu a conclusão desta dissertação. Apenas alguns serão citados, mas a todos agradeço.

Agradeço ao meu orientador e amigo, Professor Doutor Alexandre Carneiro Cerqueira Lima, que sempre esteve disposto a ajudar. Suas ideias e propostas, sempre recebidas com carinho, permitiram a qualidade desta dissertação.

Aos membros da banca de qualificação e defesa. As contribuições e elogios tecidos pela Professora Doutora Giselle Martins Venâncio permitiram novas reflexões “fora do olhar dos historiadores da antiguidade”. O olhar atento e os cuidados com os detalhes destacados pelo Professor Doutor Alexandre Santos de Moraes nos possibilitou atentar e empreender um melhor trato com a documentação e nossas interpretações. A inspiração da pesquisa, mesmo sem saber, promovida pela Professora Doutora Ana Lívia Bomfim Vieira, que serviu como base para que pudéssemos buscar novas questões e interpretações. Agradeço o tempo e a atenção despendida à minha pesquisa.

Aos amigos presentes e ausentes, que de uma forma ou de muitas outras, me ajudaram com ideias, propostas e incitação a novas reflexões. Nomeadamente agradeço a Mariana Figueiredo Virgolino e Talita Nunes Silva, amigas e exemplos que tenho. εὐχαρίστος João Carlos d’Almeida e Souza Roxoroiz de Belford, por sempre ser tão solícito com minhas dúvidas com os termos em grego. A todos os membros do NEREIDA, muitas proposições desta dissertação foram frutos de nossas reuniões.

Aos membros de minha família, agradeço por me permitirem estudar o que gosto por tanto tempo. Agradeço meu pai Alcino Pazzini Jourdan, minha mãe Magaly Alves Bezerra e minha irmã Carine Alves Jourdan.

A Bruno Ferreira Leite. Sua compreensão, amor e atenção dedicados a mim me fizeram suportar os momentos de dificuldades e incertezas ao longo de toda a vida acadêmica. Agradeço também a família do Bruno, que sempre me acolheram muito bem.

Gostaria de agradecer o CNPq, a concessão da bolsa de pesquisa me permitiu realizar este trabalho, e aos funcionários do PPGH, que sempre nos atenderam com dedicada atenção, sobretudo a Silvana.

Sumário

Resumo.....	7
Résumé.....	8
Introdução.....	9
Capítulo 1: As representações do meio marítimo no Período Arcaico.....	19
1.1 A <i>métis</i> : o ardil de superação.....	20
1.2 Odisseu <i>polýmetis</i> : o herói ardiloso.....	26
1.3 O mar, a navegação e os <i>nautai</i> nas poesias épica, lírica e elegíaca do Período Arcaico.....	31
1.4 O olhar helênico de Período Arcaico sobre o meio marítimo.....	36
1.5 As narrativas épica e poética na criação de redes pan-helênicas.....	51
Capítulo 2: A <i>thalassocracia</i> ateniense: o domínio sobre o mar Egeu.....	65
2.1 A hegemonia vinda do mar: saberes e ardis no domínio do mar Egeu.....	66
2.2 Heródoto e a História: um novo olhar acerca da navegação e do mar.....	80
2.3 Uma voz da segunda sofística: Plutarco sobre Temístocles.....	97
2.4 As novas percepções do meio marítimo: a proximidade com o mar conhecido.....	108
Capítulo 3: A imagética dos vasos e a <i>métis</i> marinha (séculos VI – V a.C.).....	112
3.1 A imagem: uma nova forma de conhecer e disseminar valores.....	113
3.2 Odisseu e as Sereias em cenas: os signos, as significações e as interpretações.....	120
3.3 A veiculação do projeto <i>thalassocrático</i> nos vasos: uma recuperação dos mitos e da prática cotidiana.....	146
Conclusão.....	152
Referências.....	156
Apêndice A.....	168
Apêndice B.....	260

Resumo

Comumente os estudos desenvolvidos sobre a *thalassocracia* ateniense versam sobre questões políticas e econômicas e abordam um curto espaço de tempo, considerando as mudanças mais imediatas. No entanto, em nossa pesquisa, buscamos entender o processo *thalassocrático* a partir de um longo recorte temporal (séculos VIII-V a.C.), através de indagações que perpassam o universo da cultura. Para tanto, investigamos as “representações sociais” (conceito conforme definido por Denise Jodelet) que foram sendo forjadas pelos helenos nos séculos que precederam a dominação do mar Egeu pela *pólis* de Atenas. Deste modo, nossa análise investigou as representações que permaneceram na documentação textual (através da metodologia empregada por Françoise Frontisi-Ducroux) referente ao mar, à navegação e aos *nautai* (navegantes), que serviram como base para o imaginário dos helenos sobre o meio marítimo e sobre aqueles que praticavam a navegação. Também nos debruçamos sobre a noção *métis*, a astúcia, a inteligência prudente e ardilosa que é empregada nas situações difíceis, flexíveis e ambivalentes, para alcançar uma conquista. Assim, centramo-nos na figura de Odisseu, o herói *polýmetis*, que se utiliza de muitos ardis para conseguir retornar à Ítaca. Entre seus desafios há o embate com as Sereias, que se desenvolve em meio marítimo. Esta cena, e a temática do mar e da navegação, é reconhecível na produção dos oleiros em Atenas quando do final do século VI para as primeiras décadas do V século a.C., momento em que o *estrátego* ateniense Temístocles, comparável a Odisseu nos usos dos ardis (*métis*), inicia o projeto que “volta” o interesse da *pólis* para os benefícios da exploração do mar e da navegação. Na pintura dos vasos (analisada a partir da metodologia proposta por Claude Bérard) a temática marítima e mítica é retomada como um meio de divulgação de mensagem *thalassocrática*.

Résumé

Communément les études développées sur la *thalassocratie* athénienne abordent questions politiques et économiques et abordent dans un peu espace de temps, en considérant les changements plus immédiats. Cependant, dans notre recherche, nous cherchons comprendre le processus *thalassocratique* à partir d' une longue période de temps (VIII-V siècles avant JC), à travers les questions qui imprègnent l'univers culturel. Pour cela, nous avons examiné les “représentations sociales” (concept défini par Denise Jodelet) qui ont été forgées par les Grecs dans les siècles précédents la domination de la mer Egée par les *pólis* d'Athènes. Ainsi, notre analyse a examiné les représentations qui sont restées dans la documentation textuelle (par la méthodologie employée par Françoise Frontisi-Ducroux) liées à la mer, la navigation et *nautai* (navigateurs), qui ont servi de base à l'imaginaire des Hellènes sur le milieu marin et ceux qui pratiquaient la navigation. Aussi se pencher sur le notion *métis*, les astuces, l'intelligence sage et rusé qui est utilisée dans les situations difficiles, flexibles et ambiguës, pour obtenir une victoire.

Ainsi, nous nous concentrons sur la figure d'Ulysse, le héros de *polýmetis*, qui utilise de nombreuses astuces pour revenir à Ithaque. Entre ses difficultés, il y a la rencontre avec les Sirènes, qui se développent dans le milieu marin. Cette scène, et le thème de la mer et de la navigation, est reconnaissable dans la production de céramistes à Athènes quand la fin du VI^e siècle aux premières décades du Ve siècle avant JC, le moment où l' *estrátego* athénien Thémistocles, comparable à Ulysse dans l'utilisation des ruses (*métis*), commence le projet que “retour” l'intérêt de la *pólis* aux avantages de l'exploitation de la mer et de la navigation. Dans la peinture des vaisseaux (analysant à partir de la méthodologie proposée par Claude Bérard) la thématique maritime et mythique est reprenant comme un moyen de diffusion de messages *thalassocratiques*.

Introdução

Em nosso planeta os mares e oceanos ocupam a grande maioria da superfície, guardam em suas profundezas mistérios que, desde a existência do homem na Terra, até hoje nos surpreendem. Por mais que ajam inúmeras pesquisas, de diversos campos de estudos, sabemos que jamais ficaremos satisfeitos com as interpretações. O mar continuará, sempre, a nos trazer encantos e medos, descobertas e novas formas para compreendê-lo. Em sua imensidão azul quase sem fim, pretendemos na pesquisa que se segue, mergulhar em apenas uma gota. Uma gota do passado que nos permitirá refletir sobre as seguintes questões: Como são criadas as representações sobre o mar, a navegação, os *nautai* e a *thalassocracia* entre poetas, historiadores e pintores gregos? Qual a relação entre as astúcias (*métis*) na navegação com os processos de reconhecimento das potencialidades do mar durante a colonização e a dominação do mar Egeu pelos atenienses? Podemos identificar representações imagéticas sobre os ardis na navegação forjadas pelos atenienses no período clássico (V século a.C.)? O mar e toda sua potencialidade foram pensados e refletidos pelas elites (política e intelectual) atenienses no V século a.C.?

Em nosso trabalho, o mar não é simplesmente um cenário dado, físico, uma paisagem em que ações se desenvolvem. O mar, assim como as ações e seus atores, é produto de uma construção social, de *representações sociais* (JODELET, 2001). Buscamos, então, analisar este conjunto de caracterizações empregadas pelos helenos, articulando-o ao ardil (*métis*) que permitiria a superação das dificuldades encontradas no meio marítimo. Dificuldade e superação que se desenvolvem no estreito de Salamina, já nas primeiras décadas do século V a.C., após a vitória naval dos helenos (atenienses, especialmente) sobre a frota persa, com o posterior domínio pela *pólis* dos atenienses do mar Egeu.

Antes de apresentarmos como se desenvolveu o tema deste trabalho, devemos destacar a relevância do grupo de pesquisa no qual fazemos parte, pois os debates desenvolvidos no Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens da Antiguidade (NEREIDA) muito contribuíram para a elaboração e desenvolvimento das ideias que apresentamos no presente

trabalho¹.

O limite temporal adotado para esta dissertação se estende do século VIII ao V a.C., com o foco na *pólis* dos Atenenses. Apesar do longo período (aproximadamente três séculos), guiamos nossa pesquisa por um recorte temático bastante delimitado, e isto nos permite desenvolver adequadamente a investigação. Assim, buscamos as representações sociais construídas ao longo do período arcaico sobre o meio marítimo (mar, navegação e *nautai*) e a noção *métis* e suas relações com a *thalassocracia* ateniense (V século a.C.), momento em que a figura do herói *polýmētis* Odisseu no mar é mais amplamente vislumbrada em vasos áticos de figuras negras e vermelhas que foram exportados.

Quando realizamos o levantamento bibliográfico para a pesquisa, percebemos que a maioria dos trabalhos possuía um enfoque político ou econômico sobre a navegação grega². Nosso projeto, diferentemente, procura as implicações relacionadas com a construção de significados, sentidos, valores e ideias na documentação de caráter textual e imagético. Portanto, nossa abordagem insere-se no campo da história social da cultura para compreendermos o meio marítimo, não partindo de análises sobre as práticas econômicas ou de exploração marítima como estratégia política.

Dessa maneira, fomos seduzidos por um olhar antropológico, guiados pela abordagem estruturalista/antropológica de M. Detienne e J.-P. Vernant³. O diálogo com a Antropologia Histórica irá nos proporcionar uma interpretação das atitudes dos *nautai* perante o mar e a navegação.

Já faz cerca de seis anos que nos debruçamos sobre a temática escolhida neste trabalho. A primeira inquietação surgiu em relação à *métis* (astúcia, ardil) da divindade Palas Athená. Iniciamos os primeiros estudos neste sentido. Aos poucos, como se fossemos levados pelas ondas, nos deparamos com a atuação da deusa no mar, no qual orientava os navegantes. E, com o tempo, delimitou-se nosso primeiro projeto, que foi concretizado através do trabalho de

¹ Como pode ser visto em nosso trabalho conjunto ao compormos o capítulo “Imagens e representações forjadas por poetas e artesãos gregos: a circulação de idéias e de signos no Mediterrâneo Antigo” no livro “História e Imagens: Múltiplas Leituras, lançado em 2013.

² Como Claude Mossé, Pierre Vidal-Naquet, Alain Bresson, por exemplo.

³ Seguindo François Dosse (DOSSE, F. (2007). **História do estruturalismo. V. 1: O campo do signo – 1945/1966.** Bauru, SP: Edusc. Tradução de Álvaro Cabral) e em Marcel Detienne e Jean-Pierre Vernant (DETIENNE, M; VERNANT, J.-P. (2008). **Métis: as astúcias da inteligência.** São Paulo: Odysseus)

conclusão de curso da graduação em História: a *métis* exercida no meio marítimo e suas relações entre as esferas divina e humana.

Nosso atual objetivo, nessa dissertação, consiste em identificar as representações acerca do mar/navegação forjadas desde o período arcaico e relacioná-las com o imaginário *thalassocrático* ateniense. Partimos do pressuposto que tais representações só podem ser criadas e, por nós estudadas, no âmbito de um processo histórico marcado por conquistas, vitórias, derrotas, conflitos e astúcias exercidos cotidianamente pelos gregos⁴.

A partir do relato referente ao nascimento da deusa Palas Athená que encontramos a referência à noção *métis*. A deusa já nasce adulta e totalmente armada da cabeça de Zeus. Este para se tornar o grande chefe poderoso do Olimpo envolve Métis, sua esposa e mãe de Athená. Por meio do relato de Hesíodo, na obra “Teogonia”, percebemos que Zeus precisa absorver características próprias das mulheres para se fortalecer em seu trono (VERNANT, 2006, p. 33). Athená, de acordo com a análise estruturalista de Detienne e Vernant, irá se utilizar da astúcia em diversas situações e em diferentes lugares (DETIENNE; VERNANT, 2008, *passim*). É evidente que esta deusa não concentra tão somente para si a *métis*, outros deuses também a possuem. Mas é a deusa dos olhos glaucos que a detém, acima de todos.

Deste modo, a noção *métis* representa um conjunto de práticas em que se articulam ações ardilosas e uma inteligência prudente. Detienne e Vernant apontam tal noção como sendo as astúcias da inteligência. Esta inteligência multifacetada, aplicável a várias instâncias, tem como possível ambiente de ação o mar e a prática da navegação. Athená *aíthya* atua como uma orientadora dos navegantes quando estão em dificuldades navais ou quando há a construção de um navio (*Ibid.*, 2008, pp.191-228).

Ao se utilizarem da *métis* concedida por Athená, os *nautai* (navegantes) conseguem sair vitoriosos dos perigos constantemente enfrentados no mar. E são muitas as dificuldades, como as tempestades que se formam repentinamente, os naufrágios, a pirataria (CORVISIER, 2008, pp.94-108), a ausência de pontos para obter referências, as rotas e as correntes do Mediterrâneo (ARNAUD, 2005, p. 29). As habilidades que permitem a sobrevivência e a vitória no mar são oriundas de um rápido pensamento astuto, da sobreposição das forças

⁴ Michel de Certau utilizou em sua pesquisa tais ideias para pensar o conceito de “tática”, cf. “Invenção do cotidiano – Vol. 1 – Artes de Fazer”, p. 47, nota 20.

naturais pela esperteza do homem que navega. A *métis* mostra-se como uma maneira de realizarem esta superação, tornando-os capazes de dominar e atuar no mar.

Odisseu, na obra homérica “Odisseia”, aparece, neste cenário, como um homem do mar, que navega por seu retorno à Ítaca. Ele é o herói que detém astúcia, que é protegido de Athená, que é bem-sucedido em inúmeras situações devido as suas artimanhas. É, para muitos historiadores, um herói protocolonial; e a “Odisseia”, um reconhecimento do mar Mediterrâneo que, historicamente, está relacionado ao processo de colonização helênica do período arcaico (MALKIN, 1998, pp.18 - 24). Durante este processo, os helenos entraram em contato com outros povos e culturas e, ao mesmo tempo em que adequavam estes novos pressupostos ao seu mundo reconhecível, disseminavam seu próprio conjunto de ideias ao longo do Mediterrâneo.

Durante o período arcaico (séculos VIII – VI a.C.) navegaram e construíram representações que foram fixadas em suas obras textuais (mas que eram provenientes de uma longuíssima tradição oral). Fizeram-se, com crescente constância, homens do mar. Tendo um amplo conjunto de saberes e experiência, os atenienses, herdeiros dessas experiências, lançaram-se à dominação de uma pequena porção do Mediterrâneo. A *thalassocracia* ateniense executava um policiamento sobre o mar Egeu, tornando-o continuidade do território ático.

A dominação é oriunda de uma vitória e fortalecimento da frota ateniense sobre o império persa. Uma conquista atribuída à “inteligência que preside à ação” (DETIENNE; VERNANT, 2008, p.283), isto é, a *métis* orientou Temístocles na ardilosa estratégia do estreito de Salamina. Odisseu e Temístocles, ambos mostrando-se como utilizadores de ardis. Ardis que lhes permitiram conquistas no mar e na prática da navegação. E, durante o controle ateniense do mar Egeu, as imagens de vasos produzidos na Ática com temática de Odisseu apresenta maior profusão na apresentação do herói em meio marítimo (com as sereias) e também de temáticas navais diversas⁵.

Como indica o título escolhido para nossa dissertação, desejamos em nossa pesquisa traçar os caminhos da noção *métis* no reconhecimento do mar Mediterrâneo – na figura de Odisseu, da colonização e das representações sociais sobre o meio marítimo vinculadas pelos

⁵ Levantamento realizado a partir do projeto Beazley, acessado entre os dias 15 e 18 de abril de 2013 e disponível em <http://www.beazley.ox.ac.uk/pottery/default.htm>.

helenos em suas obras – e na dominação do mar Egeu – na estratégia posta em prática por Temístocles na vitória da batalha de Salamina e na política *thalassocrática* ateniense. De Homero a Heródoto e em Plutarco, comparando a produção poética com a artesanal, iremos explicitar as representações acerca da *métis* no contexto marítimo.

Em nossa dissertação buscamos compreender as representações construídas e disseminadas pelos helenos sobre o mar, a navegação, a *métis* e os *nautai*. Estas representações foram fixadas na documentação textual e imagética durante os períodos arcaico e clássico (séculos VIII ao V a.C.). Deste modo, o conceito teórico que optamos para embasar nossa análise é o de *representação social*.

Com um constante crescimento de interesse pelos fenômenos de caráter simbólico a partir da década de 1960, buscou-se explicá-los a partir de noções de imaginário e de consciência. Durante a década de 1980, para compreender estes fenômenos, recorreu-se às noções de representação e de memória social. Estes questionamentos não surgem no século XX. Eles já se faziam presentes na sociologia desenvolvida por Émile Durkheim, por exemplo. No entanto, o conceito de “representação social” somente adquirirá uma maior teorização a partir da psicologia social, que inicialmente foi desenvolvida por Serge Moscovici e depois aprofundada por Denise Jodelet (ARRUDA, 2002, p.128).

Se por um lado, Durkheim apresentava as representações coletivas relativamente estáveis e minimamente estanques com relação às representações individuais, o que propiciava uma ampla abrangência do conceito e, por fim, sua pouca possibilidade de operacionalizá-lo; por outro lado, para Serge Moscovici a realidade é socialmente construída e o saber é uma construção individual, mas sem que ocorra um desligamento de sua inscrição como ser social, por isso “Moscovici propõe uma psicossociologia do conhecimento, com forte apoio sociológico, mas sem desprezar os processos subjetivos e cognitivos” (*Ibid.*, pp.131-134).

Segundo Rafael Augustus Sêga, as *representações sociais* atuam como um sistema de interpretação que funciona como uma mediação entre o indivíduo e seu meio e/ou outros indivíduos de determinado grupo. Destarte, tal conceito torna-se “Capaz de resolver e exprimir problemas comuns, torna-se código, linguagem comum, servindo para classificar os indivíduos e eventos, construir tipos nos quais os outros indivíduos e os outros grupos serão avaliados e posicionados” (SÊGA, 2000, p.130). Com isto, o que é tido como algo “novo” poderá ser “traduzido” a partir das *representações sociais* para algo que é cognoscível,

explicado de maneira familiar ao indivíduo, que constrói categorizações para compreender a realidade (*Idem*).

Em nossa pesquisa aplicaremos o conceito de *representação social* como foi definido por Denise Jodelet. Sua aplicabilidade para esta pesquisa é plausível, uma vez que a partir deste conceito podemos tratar dos problemas psico-sociais das sociedades, tendo em vista que as *representações sociais* nos refletem as diversas esferas componentes de uma sociedade, sejam elas cultural, social, religiosa ou política, por exemplo (JODELET, 2001,17).

As representações exprimem a dominação, compreensão e explicação da realidade. Quando isto nos conduz a definir os distintos aspectos da realidade, as representações adquirem um valor social. Deste modo, as *representações sociais* tratarão de fenômenos passíveis de observação direta ou que poderão ser reconstruídos através de trabalho científico.

As *representações sociais* estão constantemente “circulando” nos discursos, seja através das palavras em mensagens, seja através de imagens com grande circulação social, no qual pode se notar uma cristalização da conduta dos indivíduos e de sua organização material. A partir deste conceito procuramos entender um mundo que é repleto de significações que fazem parte da vivência cotidiana em seus diversos elementos, como os valores, imagens, opiniões e crenças (*Ibid.*, p.21). A autora Denise Jodelet compreende como a definição das *representações sociais* como sendo

uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais (*Ibidem*, 22).

Partindo desta conceitualização, Jodelet aponta quatro possibilidades para as abordagens possíveis de serem efetuadas. Na primeira considera as características do sujeito e objeto manifestados através da *representação social*; para o segundo caso entende a *representação social* como sendo um meio de simbolização de dada realidade, no qual lhe atribui significados e interpretações; a terceira compreende as *representações sociais* como uma forma de saber que tem como suporte questões linguísticas, materiais e comportamentais;

por fim, a praticidade dos ajustes entre indivíduo e sociedade, atentando para suas experiências na construção das *representações* (*Ibid.*, pp.27-28).

Concordamos com Angela Arruda que afirma que utilizar o conceito teórico de *representação social* “é uma alternativa de grande plasticidade, que busca captar um fenômeno móvel, por vezes volátil, por vezes rígido, cuja complexidade reforça a dificuldade da sua captação” (ARRUDA, 2002, 138).

Em nossas investigações para a dissertação, empregamos as *representações sociais* para instrumentalizar nossa análise na busca de compreender o conjunto de ideias e valores empregados sobre o meio marítimo e a *métis*, ou seja, entender e analisar a simbolização, significação e interpretação realizada pelos helenos de sua realidade marítima.

Para mapearmos tais representações, precisaremos analisar e comparar distintos documentos. Em nossa pesquisa faremos uso de documentação textual e de documentação imagética, por este motivo, realizaremos as análises das documentações a partir de duas metodologias distintas, adequadas à especificidade dos testemunhos. Assim sendo, é possível interpretá-las sem que haja sobreposição de relevância de documentação, uma vez que nossa intenção é contrapô-las e não corroborar as informações textuais com as imagens (SCHMITT-PANTEL, 2013, pp. 10-11). Ao contrário, nosso intento é confrontá-las e analisar similitudes e discrepâncias, considerando-as como suportes distintos, no qual podem ser impressos valores e ideias diferentes.

No que concerne ao corpus textual, teremos documentação da tradição do período arcaico, do período clássico e do período romano da segunda sofística. Entre eles estão: do período arcaico (séculos VIII ao VI a.C) a obra homérica “Odisseia”, de Hesíodo “Teogonia” e “Trabalhos e Dias”, as poesias iâmbicas e elegíacas de Arquíloco, Semônides, Sólon, Hipônax, Ananio e Teógnis; do período clássico utilizaremos a obra “História” de Heródoto; do período romano usaremos, do conjunto “Vidas Paralelas”, a *vida de Temístocles* (primeiras décadas do I século d.C.), sob a autoria do grego Plutarco. Em todas estas obras, nosso enfoque recairá sobre as questões vinculadas ao mar, a navegação, aos *nautai* e a *métis*. Elegemos a supracitada documentação tendo em vista a maior abordagem das mesmas com relação à temática elencada em nossa pesquisa⁶.

⁶ Lemos outras obras, mas optamos por estas por fazerem referência especificamente ao nosso objeto de pesquisa.

O *corpus* imagético que utilizamos nesta pesquisa consiste em cenas de navegação, Odisseu com as sereias, a prática da pirataria contida na cerâmica Ática de figuras negras e vermelhas. Estas foram criadas no último quartel do século VI a.C. e nas primeiras décadas do século V a.C. – momento que nos interessa especialmente, dado o empreendimento da política *thalassocrática* ateniense.

Como anteriormente mencionamos, iremos utilizar dois métodos. Utilizamos a metodologia proposta por Georges Mounin, e seguida por Françoise Frontisi-Ducroux, em sua obra “Dédale: Mythologie de l’Artisan em Grèce Ancienne” de 1975⁷. Tal método consiste em mapear o campo semântico de termos/noções e montar “grades de leitura” – em nossa pesquisa escolhemos como termos ou noções a serem isolados o “mar”, a “navegação”, “*nautai*” e “*métis*”. De acordo com a autora, para cada ocorrência o contexto nos fornecerá duas tipologias de dados. A primeira tipologia consiste no significado do termo em si, o seu emprego e os sentidos utilizados; a segunda remete-se aos valores que são associados ao termo e que comungam do mesmo âmbito das representações (FRONTISI-DUCROUX, 1975, p.26).

Optamos por fazer uso desta metodologia, pois ela permite uma análise mais aprofundada da documentação textual, não nos limitamos a análise dos temas que perpassam a pesquisa. O método nos permite estender nosso olhar sobre o verso, à frase ou mesmo à passagem inteira na qual a referência analisada está presente. Desta forma, a partir dos termos “mar”, “navegação”, “*nautai*” e “*métis*”, os identificamos na documentação textual e os correlacionamos ao contexto em que são apresentados, bem como os sentidos que foram empregados neles. Como aponta Ana Livia Bomfim Vieira, “O ponto de partida não é nem um conceito nem uma só palavra” (VIEIRA, 2005, p.17), mas o conjunto que permeia o entorno dos temas por nós elencados. Decidimos por fazer uso desta forma de análise uma vez que ela nos permite elucidar, de maneira mais consistente, as *representações sociais* construídas pelos helenos.

A imagética possui papel relevante em nosso trabalho. É inegável, como argumenta

Escolhemos a obra de Heródoto pois, como argumenta François Hartog, “as *Histórias* se tornaram conhecidas muito rapidamente, pelo menos em Atenas, bem como se fizeram reconhecidas e afamadas de modo duradouro por toda a Antiguidade” (HARTOG, 1999a, p. 33). Assim, acreditando na relevância desta obra para os atenienses e a maior proximidade de vivência de Heródoto com a ideologia nascente em Atenas do projeto *thalassocrático*, decidimos por incorporá-lo em nossa análise em detrimento de outras obras.

⁷ A autora segue MOUNIN, G. (1969). *Clefs pour la Linguistique*. Paris: Seghers.

Eduardo Paiva, o impacto que a imagem possui sobre os indivíduos e nos grupos sociais; acrescenta-se a isso, também, a carga emocional que se faz presente (PAIVA, 2006, p.27). Não somente a imagem nos é pertinente, com seus signos e significados obtidos através da metodologia, mas a circulação do suporte destas imagens, isto é, os vasos. Acreditamos que “A navegação, o comércio e a colonização foram fenômenos que desde o VIII século a.C., permitiram a circulação de cerâmica, de artesãos e de suas criações em várias culturas dispersas pelo Mediterrâneo” (LIMA, 2011, p.39). Por conseguinte, buscaremos estes dois níveis com relação à documentação imagética: a imagem contida no vaso – com seus signos e significações, isto é, a mensagem – e a circulação – no qual consideramos a expansão dos ideais e valores helênicos através da prática do comércio.

Especificamente para a análise da imagem escolhemos um método advindo da semiótica que nos ajudará perceber “se existem categorias de signos diferentes, se esses diferentes tipos de signos têm uma especificidade e leis próprias de organização, processos de significação particulares” (JOLY, 2008, p.29).

O método, desenvolvido por Claude Bérard (1983), parte do pressuposto de transformar a “narrativa imagética” em uma “narrativa textual”. Para tanto, é preciso realizar um levantamento dos elementos das cenas relacionados ao tema da pesquisa – em nosso caso são o “mar”, a “navegação”, aos “*nautai*” e a “*métis*”. Estes elementos são compreendidos por Bérard como as “unidades formais mínimas”. Ao articularmos as “unidades formais mínimas” é formado o “sintagma”, que por sua vez pode se articular com outras “unidades formais mínimas” ou com outros “sintagmas”. Ao relacionarmos todos estes elementos que compõem a metodologia de Bérard, é constituído a “narrativa”, isto é, a transformação em um conteúdo narrativo que nos permite interpretar a cena (BÉRARD, 1983, p.15).

Tendo isto sido exposto, partiremos, agora, para a apresentação da organização da presente pesquisa. Optamos por dividir a dissertação em três capítulos, o que nos permite apresentar organizadamente nossa argumentação.

No primeiro capítulo, “As representações do meio marítimo no Período Arcaico”, evidenciaremos as construções de *representações sociais* sobre o meio marítimo e a *métis* através da análise da documentação textual, enfatizando sua relação com o processo de difusão helênica na bacia mediterrânea e o papel proeminente do herói Odisseu como o detentor da *astúcia*.

Com o segundo capítulo intitulado “A *thalassocracia* Ateniense: o domínio sobre o mar Egeu”, nosso recorte centra-se no V século a.C. na *pólis* dos atenienses. Neste, discutiremos o processo de *thalassocracia*, salientando o papel das inovações e dos *nautai* para a manutenção da hegemonia alcançada pelos atenienses no mar Egeu. Além disso, buscaremos na documentação textual perceber as mudanças e continuidades nas *representações sociais* sobre o meio marítimo.

Quanto ao terceiro e último capítulo, “: A imagética dos vasos e a *métis* marinha (séculos VI – V a.C.)”, dedicaremos nossa atenção para a documentação imagética, no qual pretendemos analisar as cenas e contrapor suas informações às fontes textuais. Por isso, realizaremos um balanço sobre a questão da imagem, seus usos e contribuições para uma melhor compreensão do imaginário⁸ helênico sobre o mar.

As hipóteses referenciadas ao longo dos três capítulos são as seguintes:

- 1) As poesias épica e arcaica, de Homero a Teógnis, enfatizam a ambivalência do meio marítimo e dos elementos relacionados a ele. O exercício da astúcia, caracterizada pelo herói *polýmetis* Odisseu, reitera no imaginário helênico as habilidades necessárias para a prática da navegação.
- 2) Na narrativa, tanto em Heródoto quanto em Plutarco, Temístocles é representado como o herdeiro de Odisseu, confirmando assim a apropriação da noção de *métis*, no âmbito marítimo, e sua utilização com fins *thalassocráticos* em Atenas na primeira metade do V século a.C.
- 3) Os signos criados pelos pintores do Cerâmico (estilo de figuras negras e vermelhas) representam o uso da noção de *métis* no contexto de navegação e reitera, no imaginário ateniense, a experiência *thalassocrática*.

⁸ Empregamos o conceito de imaginário como sendo “um sistemas de idéias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo. A idéia de imaginário como um sistema remete à compreensão de que ele constitui um conjunto dotado de relativa coerência e articulação. A referência de que se trata de um sistema de representações coletivas tanto dá a ideia de que se trata de um sistema da construção de um mundo paralelo de sianis que se constrói sobre a realidade, como aponta para o fato de que essa construção é social e histórica” (PESAVENTO, 2008, 43)

Capítulo 1

As representações do meio marítimo no Período Arcaico

Salvo os feácios, quem, dentro do mundo de Odisseu, navega? Até certo ponto, todo mundo.

(HARTOG, 1986, p.36)

A navegação era praticada no Mediterrâneo antes mesmo dos gregos ocuparem territórios ao seu redor. Quando os helenos se lançaram ao mar, principalmente ao longo dos séculos VIII e VI a.C., levaram (e disseminaram) consigo sua tradição, valores e ideais. Da tradição helênica do período arcaico, a obra homérica “Odisseia” nos remete a este processo de navegação, reconhecimento da bacia mediterrânica, dos povos que habitavam sua costa e da colonização. Odisseu é o herói que aventura-se no terreno de Poseidon a fim de retornar a seu lar, a ilha de Ítaca. São suas *habilidades* – com as devidas intervenções da deusa Palas Athená – que o possibilitaram retornar. Mais ainda: ele adquire *saberes*.

Neste capítulo temos como objetivo delimitar as possibilidades de compreensão da *métis*, assim como sua relação com as divindades, seus âmbitos de ação e seus sucessos em empreitadas, principalmente as relacionadas ao meio marítimo (*A métis*: o ardil de superação). Mas a *métis* não é restrita aos deuses, o herói da “Odisseia” é um personagem diferenciado, pois Odisseu é o detentor das muitas astúcias, o *polýmetis*. Neste sentido, analisamos a *métis* de um navegante errante (Odisseu *polýmetis*: o herói ardiloso). Visando construir o conjunto das “representações sociais” acerca do meio marítimo no período arcaico, realizamos uma análise da documentação textual, elencando três temas (O mar, a navegação e os *nautai* na literatura do período arcaico). Com isto, ensejamos construir um cenário que nos permita analisar as relações dos helenos com o mar e a prática da navegação e os navegantes. Para além desta análise, pretendemos, no contexto de produção destas obras – o processo de colonização no Mediterrâneo –, verificar a circulação deste conjunto de ideias e valores helênicos, no qual entra em contato com outras sociedades e outras realidades (As narrativas épica e poética na criação de redes pan-helênicas: a circulação das ideias e valores no

Mediterrâneo).

1.1 A *métis*: o ardil de superação

As teogonias e as cosmogonias gregas comportam, como as cosmologias que lhes sucederam, relatos de gênese que expõem a emergência progressiva de um mundo ordenado. Mas são, também, mitos de soberania. Exaltam o poder de um deus que reina sobre todo o universo; falam de seu nascimento, suas lutas, seu triunfo. Em todos os domínios - natural, social, ritual -, a ordem é o produto dessa vitória do deus soberano (VERNANT, 2009a, p.115).

No transcorrer da obra hesiódica “Teogonia”, podemos apresentar passagens em que o uso da *métis* (ardil/astúcia) é evidente. Nestes casos, o seu uso refere-se ao ardil que possibilita a obtenção da soberania divina e a manutenção desta nova ordem.

[Gaia] Disse com ousadia, ofendida no coração: / Filhos meus e do pai estólido [Céu],
se quiserdes / ter-me fé, puniremos o maligno ultraje de vosso / pai, pois ele tramou
antes obras indignas. (vv. 163-166)

Neste sentido tem-se o ardil de Gaia para articular e tramar a queda do Uranida, no qual inflama seus filhos contra o progenitor. Cronos assume o papel de vencer seu pai, agindo na velocidade de um relâmpago, e toma para si a soberania. Este titã passa a ter como denominação o epíteto “de curvo pensar”, remetendo-se ao quão ardiloso era esta divindade titânica, ou seja, tendo sua representação pautada na inteligência ardilosa. A ação no qual “destituiu” o Uranida de sua supremacia divina e assumiu a soberania provém deste seu “curvo pensar”, onde é evidente a ideia de uma racionalidade fluida, que se molda segundo as diversas situações. Nesta ação tem-se a conjugação da prática com a inteligência, a ação rápida com o pensar ardiloso e profundo.

De igual maneira, em outra passagem, Cronos de “curvo pensar” tem sua soberania ameaçada por seu descendente - apesar de engoli-los assim que nasciam, em sinal de prudência ardilosa. Crono engole os filhos, usando-se da astúcia para não ser destronado. Desta forma, a *métis* se apresenta na peleja do titã de manter sua soberania sobre os outros imortais e os mortais.

E engolia-os o grande Crono tão logo cada um / do ventre da mãe descia aos joelhos,
/ tramando-o para que outro dos magníficos Uranidas / não tivesse entre os imortais a
honra de rei. (vv. 459-462)

Com ardil e habilidade, seu filho Zeus o ataca e toma para si a soberania, completando com sucesso a ação contra o titã ao destroná-lo e assumir a soberania sobre deuses e homens. Na rápida luta travada, Zeus pôs em seu favor seus irmãos - que outrora haviam sido engolidos por Crono - e os seus tios paternos. No que se seguem os versos que estão entre a batalha e o começo do reinado de Zeus é a noção *métis* que se destaca, uma vez que as ações passam da prática - o combate em si - à inteligência astuta - a conquista de aliados.

Zeus passa, então, a incitar, através de um discurso, seus irmãos a guerrear e findar com os titãs. A *métis* se constitui porque Zeus usa de um estratagema para inflamar os outros deuses a seu favor e isto resultará na longa luta entre estes e os titânicos. A vitória dos deuses olímpicos e sua soberania são concretizadas, e por sua astúcia Zeus torna-se o soberano-mor.

Nos conflitos supracitados, a oposição de *métis* contra *métis* conjuga a modificação das soberanias, das ordens divinas. Na “Teogonia”, a luta pelo poder, bem como sua obtenção, se dá através do ardil, da inteligência prática. Conquistar é apenas um passo deste ardil: a dificuldade está em mantê-la. Somente Zeus será capaz de tal feito (DETIENNE; VERNANT, 2008, pp.58-69).

Assim como seus antecessores, o deus olímpico é prudente e temeroso de que algum filho o destronasse. Entretanto, ardiloso, ele desposa Métis.

Zeus rei dos deuses primeiro desposou Astúcia [Métis] / mais sábia que os deuses e os homens mortais. / Mas quando ia parir a Deusa de olhos glaucos Atena, / ele enganou suas entranhas com ardil, / com palavras sedutoras, e engoliu-a ventre abaixo (...) Mas Zeus engoliu-a antes ventre abaixo / para que a Deusa lhe indicasse o bem e o mal.”(vv. 886-890; vv.899-900)”.

Nesta ação de Zeus, vemos o uso da *métis* para este manter-se no trono. Segundo Walter Burkert, a deusa Métis é mãe da divindade Athená. Nesta versão, Métis seria a primeira esposa de Zeus; este foi avisado por Gaia e Céu, de que um filho seu poderia destroná-lo. Receoso com o que poderia acontecer-lhe tratou de engolir Métis, evitando assim o nascimento deste filho. No entanto, sentindo fortes dores na cabeça, Zeus ordenou que

Hefestos a abrisse. Quando este lhe desferiu um golpe de machado, nasceu completamente adulta e armada a deusa Athená, apropriando-se da *métis* "maternal". Segundo outra versão, Athená teria sido gerada por Zeus, sozinho, sem qualquer intervenção maternal, e dele próprio absorvido a *métis* (BURKERT, 1993, pp. 283-284). Destarte, há uma oposição entre duas obras literárias: Hesíodo nos apresenta a "maternidade" de Métis com relação a Athená, no qual enfatiza o papel daquela; na "Ilíada" alude-se a uma maior aproximação entre Athená e Zeus (Homero, *Il.*, 5, 875).

O que aqui nos compete é a relação entre a deusa nascida da cabeça de Zeus, adulta e armada, que congrega características do feminino e masculino, com a *métis*. De acordo com Burkert, o mito de nascimento da deusa é enigmático. "Não pode ser deduzido da metáfora natural - nascimento do cume da montanha - muito menos da alegoria de acordo com o qual a sabedoria vem da cabeça, pois para os gregos antigos o pensamento justo reside antes na respiração" (*Ibid.*, p.284).

Concordamos com o supracitado autor que aponta que o significado do mito reside na ligação existente entre pai e descendentes, ou seja, o pertencimento ao pai, tendo uma filiação paterna demarcada. Desta forma, compreendemos que a Athená é capaz de ter ambivalências, do feminino e do masculino, da derrota e da vitória. Assim como a ambivalência que permeia a noção *métis*, ao atuar, a deusa também delineia sua dualidade. Se por um lado Athená intervém e concede a vitória, por outro, imputa a derrota para muitos. Como enfatiza Burkert, a deusa auxilia Hércules, Perseu e Diomedes a obter conquistas e vitórias, porém esta mesma intervenção pode ser perigosa, já que conduz Heitor à morte e destrói Ajax sem receio (*Ibid.*, p.282).

Palas Athená possui diversas potências onde atua a *métis*. Tais como a deusa que usa o freio e domestica o cavalo (Athená *hippía*); a deusa que orienta o navegador no mar (Athená *aíthya*); a deusa que auxilia o condutor de carros nos jogos de competição (Athená *keleútheia*); ou por sua característica mais explícita, a deusa da guerra de estratégia, da guerra como último fim de resolução de disputas, uma guerra "justa" (Athená *khalíoikos*); aquela que atua na tecelagem e no trabalho com o âmbito doméstico (Athená *ergáne*); a protetora da *pólis* (Athená *polías*). Em todas essas "Athenás" a *métis* se faz evidente (DETIENNE; VERNANT, 2008, pp.162-189).

A *métis* em Athená *hippía* se delineia a partir do conflito entre Athená e Posídon. Este

deus cria o cavalo, porém é a deusa que, através da criação do freio (objeto que prende o animal à carroça), domestica o animal, tornando-o útil aos homens. Neste caso, a inteligência de Athená se sobrepõe à força de Posídon. Outra característica desta Athená é sobre o condutor, que necessita da *métis* como uma reação imediata, atento a todas as circunstâncias que possam se desenvolver, um bom reflexo, no qual utiliza o veículo da melhor forma, segundo seus interesses (*Ibid.*, pp.186-189).

Para os condutores de carros de uma competição, Athená *keleútheia* põe sua *métis* na figura do condutor, constituindo-se na habilidade deste de controlar o cavalo e intuir estratégias para a vitória (*Ibid.*, p.187).

No que tange a relação entre Athená e o deus Ares, a *métis* na guerra se arquiteta de maneiras distintas. Configurada como Athená *khalíoikos*, sua *métis* incide na habilidade do guerreiro de utilizar as armas, da rapidez e da tática adotadas, enquanto que Ares se expõe na violência da luta. A divindade nesta configuração também se entrelaça com Hefestos, este fabrica as armas de guerra e Athená irá utilizá-las com agilidade (*Ibid.*, pp.162-165).

A deusa que atua na fiação e na tecelagem, como “inventora e patrona do trabalho com a lã” que constituem uma parte tão essencial da propriedade e do orgulho doméstico recebe o epíteto de *ergáne* (BURKERT, 1993, p.281).

Athená *polías* é a divindade protetora da cidade, onde seu templo adquire centralidade⁹, como ocorreu em Atenas, Tessália, Esparta, Argos. Ela "manifesta-se na imagem plena das tensões da virgem armada, belicosa e intocável. Conquistar uma cidade significa, metaforicamente, 'tirar-lhe o véu'" (*Ibid.*, p.279).

Athená *aíthya* tem seu cenário de atuação no mar, seja como aquela que orienta o navegante nos momentos de dificuldades, seja como a construtora de navios. Suas relações desenvolvem-se com outras divindades marinhas, como Poseidon (DETIENNE; VERNANT, 2008, pp.191-228). Poseidon é o mestre incontestável do mar e do navio, mas é Athená que sabe construir e conduzir a nau (HARTOG, 1986, p.32). François Hartog aponta que “é a *métis* que permite o piloto sobre o mar cor de vinho consudir corretamente a rápida nau toda sacudida pelos ventos” (*Ibid.*, p. 32).

⁹ A idéia de centralidade, “es mesós”, na poesia nos remete à noção de espaço público. Como afirma Detienne, “para toda uma tradição, colocar es mésos significa ‘colocar em comum’ (...) o centro é sempre ‘o que é comum’ e ‘o que é público’”. (DETIENNE, 1965, p. 434)

Destarte, a noção *métis* nos conduz a uma pluralidade de possíveis traduções e compreensões. Presente na documentação desde o período arcaico, a semântica da palavra se mantém estável no transcorrer do tempo, mesmo que nos apresente tal pluralidade de concepções. A noção pode ser compreendida como ardil, astúcia, uma inteligência prática capaz de agir diante de uma dificuldade prevendo até mesmo a resposta a sua ação.

Marcel Detienne e Jean-Pierre Vernant definem *métis* como o uso de uma inteligência ardilosa, onde as habilidades como a agência do espírito frente ao desconhecido ou a um ato inesperado, a sagacidade, o senso de oportunidade e a esperteza são utilizados (DETIENNE; VERNANT, 2008, *passim*).

O engano e a esperteza ou a falsidade não são/estão entre as qualidades dos heróis épicos, pois se encontram em um “lado sombrio” da astúcia. Por outro lado, a sagacidade, a prudência e a sabedoria são qualidades honrosas que um herói possui. Tanto a astúcia, quanto seu sinônimo menos pejorativo a inteligência, podem ser utilizados para ações honestas ou desonestas (STANFORD, 1982, p.1). Esta pluralidade de situações e ambivalências permeia a noção *métis*.

A *métis* não pode ser compreendida como um impulso "leviano", ao contrário, é um planejamento rápido da ação do tempo de um relâmpago, que ao mesmo tempo é paciente o suficiente para esperar a hora certa da ação.

Tal noção abarca, segundo Vernant e Detienne, as "astúcias da inteligência". A *métis* é composta de diversos significados que se complementam, já que, para além de uma astúcia da inteligência, ela também representa a prudência ardilosa e o pensamento rápido que prevê os desdobramentos das ações. Permanecendo nas "fendas" de atuação do cotidiano, a *métis* é um jogo de práticas intelectuais e sociais que se liga à praticidade das coisas, atuando no imprevisto refletido (DETIENNE; VERNANT, 2008, pp.10 -11).

De acordo com os autores supracitados,

A métis é uma forma de pensamento, um modo de conhecer; ela implica em conjunto complexo, mas muito coerente, de atitudes mentais, de comportamentos intelectuais que combinam o faro, a sagacidade, a previsão, a sutileza de espírito, o fingimento, o desembaraço, a atenção vigilante, o senso de oportunidade, habilidades diversas, uma experiência longamente adquirida; ela se aplica a realidades fugazes, móveis, desconcertantes e ambíguas, que não se prestam nem à medida precisa, nem ao cálculo exato, nem ao raciocínio rigoroso. (Ibid., p.11).

Desta forma, a *métis* é, por si, multifacetada e aplicada às situações ambivalentes. Ela representa a fluidez que não para de se modificar, podendo reunir forças opostas e aspectos contraditórios (*Ibid.*, p.27). Na “Odisseia”, Homero nos apresenta esta *métis* instável e heterogênea. Em nenhum momento ela é caracterizada como algo homogêneo e estagnado.

Neste mesmo sentido, segundo Walter Burkert, a *métis* pode ser compreendida como uma sabedoria “de um tipo particular, incluindo, manifestadamente, desvios, intrigas e truques” (BURKERT, 1993, p.283).

Esta noção se constrói a partir dos embates antagônicos de forças, no qual a astúcia se sobrepõe à força física (VIEIRA, 2005, pp.105-106). No mar, podemos ver a luta antagônica constante entre homem e natureza, no qual, com sua astúcia (*métis*), se sobrepõe às forças naturais, como tempestades e altas ondas.

A *métis* preside a todas as atividades em que o homem deve aprender a manobrar forças hostis, mas muito poderosas para serem diretamente controladas, mas que podem fazer atingir por um viés imprevisto o projeto que se meditou. (DETIENNE; VERNANT, 2008, p.54).

Desta maneira, é sobre um terreno móvel, nas situações incertas e ambivalentes que é exercida a prática do uso da *métis* (*Ibid.*, p.21). Ação rápida e prudência; improviso astuto e reflexão de suas ações: o indivíduo possui a *métis*. Esta noção tão presente entre os valores gregos, mantém grande estabilidade por séculos de história, isto é, o conjunto que *métis* representa manteve-se, em sua essência, intacto. (*Ibid.*, p.49). Nela, pode-se aferir que não há um aprendizado, uma maneira de ensiná-la; o homem possui este tipo de sabedoria (VIEIRA, 2005, pp.105- 106).

É fundamental destacar que a *métis* é astuta e usa de artifícios enganosos. O seu possuidor ludibria seu adversário, fazendo com que a *métis* funcione como uma máscara que oculta as verdadeiras intenções de seu detentor, não permitindo que o oponente aperceba-se de seu verdadeiro ser, de suas verdadeiras intenções. Nos desdobramentos entre o que fica aparente e o que é o real, produz-se o efeito da *métis*: a ilusão que induz o oponente ao erro. (DETIENNE; VERNANT, 2008, p.29).

Uma ressalva importante a ser feita, e aqui nos apoiamos em Pietro Pucci, é que existe uma diferença entre a *métis* divina e a *métis* dos homens. Segundo o autor, a passagem em que

esta demarcação fica evidenciada é a chegada de Odisseu em Ítaca e seu encontro com Palas Athená. A *métis* da deusa, associada a seus poderes divinais, lhe permite transfigurar-se e enganar a visão dos homens – uma vez que encobre Ítaca com uma névoa e impede Odisseu reconhecer o lugar em que havia chegado –, enquanto que a *métis* de Odisseu lhe permite o engodo através da falsa história sobre si mesmo – Odisseu tenta ludibriar a deusa afirmando ser um homem de Creta –, sem quaisquer modificações sobre sua aparência ou as percepções do ambiente ao redor. Odisseu é o herói da *métis*, mas não pode inventar ou transformar a realidade como um deus ou um poeta podem fazê-lo – em uma outra esfera (PUCCI, 1986, p.13).

Por fim, cabe enfatizar um último traço da *métis*, que foi empregada por Homero ao longo de seus épicos: “Ela não é una, nem unida, mas múltipla e diversa” (DETIENNE; VERNANT, 2008, p.25). É na ambivalência que atua e que se constitui a *métis*.

1.2 Odisseu *polýmetis*: o herói ardiloso

A viagem de retorno de Odisseu, assim como as aventuras experimentadas nela, representa um tipo de viagem que facilmente é possível identificar com a vida humana. No entanto, é preciso ressaltar o empenho de Homero em nos fazer conhecer seu herói, ainda que psicologicamente de maneira não tão aprofundada: enquanto homem, parece por vezes em lutas em que é ao mesmo tempo uma pessoa indefesa e um modelo de energia (ROMILLY, 2001, p. 52). Odisseu é, na tradição helênica, um herói. Segundo Jacqueline de Romilly, os heróis em Homero

Na verdade, designava normalmente, em Grego, homens divinizados a quem, após a morte, se prestava culto. Ora em Homero – e, por causa de Homero, em toda a literatura que se seguiu – o sentido do termo é diferente. Designa homens perfeitos, os ‘melhores’, que são superiores aos outros, mas que apesar de tudo, continuam a ser simples mortais, até quando são filhos de deuses e deusas. Além disso, não tem qualquer traço distintivo que os afaste da condição humana. (...) estes heróis de Homero possuem até ao extremo as qualidades a que um homem pode aspirar. (*Ibid.*, p.87)

De acordo com Romilly, Homero associa, voluntariamente, duas ideias para

caracterizar seus heróis: de um nobre rei ao de um poderoso guerreiro. Os reis são bravos guerreiros, sendo reconhecidos como tal pela gente aliada e por seus inimigos. Todavia, os heróis homéricos não podem ser compreendidos tão somente pela bravura. Isto deve se associar a outras características, como a piedade aos deuses, respeito pelos juramentos e pela hospitalidade, nunca fugir ou lesar outros, não faltar à sua palavra. Nos poemas homéricos é acentuada a humanidade destes personagens heróicos (*Ibid.*, pp.89-93).

Humanos com habilidades excepcionais. Assim, os heróis são, comumente, belos, fortes e grandes, que, quando aparecem na obra, apresentam-se com referências, tais como o “multiengenhoso Odisseu”¹⁰ (*Ibid.*, p.87). Para Pietro Pucci a deusa Athená é reconhecida entre todos os deuses por sua *métis*, assim como Odisseu é famoso entre todos os homens por suas astúcias ou pelos ardis da deusa que são postas nas ações do herói. Pode-se compreender a deusa como homóloga a Odisseu, uma protetora que faz com que ele se assemelhe. (PUCCI, 1986, pp. 15-20).

Os autores Marcel Detienne e Jean-Pierre Vernant afirmam que Odisseu é “a astúcia feito homem” (DETIENNE; VERNANT, 2008, p.30). Para François Hartog, “Odisseu possui de fato, mais que todos os outros heróis, esta inteligência flexível, pronta para aproveitar a ocasião, esta inteligência que os Gregos chamam *métis*, ele, o homem com mil artimanhas (*polýmetis*)” (HARTOG, 1986, p.32). O herói se disfarça e se acoberta por suas histórias, e prova que ele é o homem detentor da *métis* (PUCCI, 1986, p. 14).

A documentação textual, no que concerne à temática *métis*, nos possibilita compreender a proeminência do herói como o detentor, por excelência, das habilidades multifacetadas dos ardis. Como enfatiza W.B. Stanford “Odisseu (...) é a única figura de destaque nos poemas homéricos que recebeu uma série de epítetos fixos que implicava pura inteligência e versatilidade” (STANFORD, 1982, p.1).

Ao realizarmos a análise da documentação textual por nós selecionada na presente pesquisa, encontramos tanto termos diretamente relacionadas com a *métis* quanto versos que, em seu sentido completo, a ela se conectam.

Destacamos as palavras utilizadas para a caracterização de Odisseu como detentor da *métis*: λαθοίμην (*Od.*, I, vv.65-66), μήτιν (*Od.* III, vv 120-122), ποικιλομήτην (*Od.* III, v.159),

¹⁰ Nas passagens analisadas subsequentes apresentaremos o termo em grego também.

πολύμητις (*Od.* IX, v. 1; XVIII, v. 312; XVIII, v. 365; XXI, vv. 273-274; XXII, v. 60; XXIV, v. 356), δολίοις (*Od.* IX, vv. 281-282) ἐξαπάτησεν/μητις (*Od.* IX, vv. 413-414), δόλους (*Od.* IX, vv. 421-423), πολυμήχαν (*Od.* X, v. 401; X, v. 455-456; X, vv. 503-504; XI, vv. 59-60; XI, v. 92; XI, vv. 403-404; XI, vv. 472-474; XI, vv. 616-617; XVI, vv. 166-167; XIII, vv. 374-375), $\sigma\mu\omega = \text{|| e) / m f r w n}$ (*Teógnis*, I, 1123). Tais termos podem traduzidos como “pluri-hábil”, “sutil”, “plurissolerte”, “astuto”, “multimaquinoso”, “plurimaquinoso”, “multiastuto”, “poliarguto”, “multissinuoso”, “arguto”, “pluri-inteligente”, “pleniardiloso”, “inventivo”, “engenhoso”, “ardiloso”, possui “muitos recursos”, “multiengenhoso”, detém “vastos recursos”, “prudente”, “está em sua mente” e “experimentado”. Esta multiplicidade de traduções e interpretações corrobora com a ideia de multiplicidade da própria noção *métis*.

Dentre os muitos exemplos que podem aqui serem apresentados, destacamos apenas algumas referências presentes na obra homérica que evidenciam a caracterização do herói Odisseu como o homem que é multifacetado nos ardis. Odisseu é apresentado como quem possui saberes maiores que os outros homens, “Como eu me esqueceria de um herói divino cujo intelecto brilha, magno em oferendas aos imortais” (I, vv. 65-66), saberes estes que provém da *métis*. Em outra passagem Nestor fala a Telêmaco que “Não houve quem ousasse comparar-se a teu pai em astúcia, ciente de que o pluri-hábil era imbatível” (III, vv. 120-122). Desta forma, as muitas vitórias nos diversos campos de atuação, conquistas por Odisseus, lhes eram asseguradas pelo ardil que possuía.

Grandes artimanhas se desenvolvem no canto IX da “Odisseia”, na qual há o embate entre Odisseu e Polifemo. Neste, Odisseu percebe, antecipadamente, as más intenções do Ciclope, “Quis me testar, mas eu não sou ingênuo; dolo / foi o que motivou minha resposta” (IX, vv. 281-282), e suas ações seguintes, pautadas em ardis, conquistam a vitória e garantem a vida do herói e de alguns companheiros. É neste contexto da fuga da caverna do Ciclope que também é evidenciada a ligação de Odisseu com a Athená, e conseqüentemente com a *métis* da deusa. Na passagem “queria vingar-me, caso Atena me ajudasse. / E o plano que me pareceu melhor foi este” (IX, vv. 317-318) entrevemos que o herói roga à deusa que lhe conceda a glória da vingança pela morte de alguns de seus companheiros pelo ciclope, ao fazer isto Odisseu tem a ideia que solucionaria sua situação e lhe permitiria sair vivo da caverna, “Entretecia / múltiplas estratégias, como sói ser quando / o sopro da alma corre risco” (IX, vv. 421-423). Com o uso da *métis* Odisseu engana Polifemo, “Pesado da lanugem e de mim

imerso / em pensamento, avança o último carneiro” (IX, vv. 444-445), e ao sair ileso e conquistar vitória, se enaltece e regozija-se pelo seu ardil, “Ri meu coração, / pois meu nome o enganara, e minha astúcia” (IX, vv. 413-414).

Durante a libação feita aos mortos, no qual buscava obter respostas de seu retorno por Tirésias, Odisseu é elogiado por diversos personagens, como Agamêmnon, “Odisseu divino, / Laércio multissinuoso e temerário, / que empresa mais audaz pudeste cogitar” (XI, vv.472-474). Nestes versos vemos o quão mirabolantes são os planos de Odisseu e o quanto se sabe disso, pois é sabido mesmo entre os mortos.

Em outras situações que se desenvolvem na chegada em Ítaca, fica enfatizado que o herói sabe se colocar diante das dificuldades com sabedoria, como visto na passagem “E o herói pleniardiloso respondeu assim” (XVIII, v. 365), e sabe, também, o momento correto de executar seus planos arditos, isto só é possível graças ao uso da *métis*, “O plurissolerte / itácio, curvirreflexivo, disse” (XXI, vv. 273-274).

Ao retomarmos rapidamente as características da *métis* podemos apontar, dentre outras possibilidades, que ela é tomada como o ardil que prevê os desdobramentos de ações e respostas futuras, a prudência astuta que sabe reconhecer a hora certa de agir e a inteligência prática que se sobrepõe à força física. Ora, não são estas as situações que Odisseu vivencia ao longo de sua jornada de retorno a Ítaca, após a Guerra de Tróia?

Detienne e Vernant apontam a comparação de Odisseu com um polvo, que pode assumir diversas facetas para manter-se a salvo,

O modelo proposto é o *polýtropos*, o homem de mil artifícios, o *epístrophos anthrópon*, que volta para cada um outro rosto. Para toda a tradição grega ele tem um nome, Ulisses [Odisseu], o *polýmetis*, aquele mesmo de quem Eustácio dizia: é um polvo. (DETIENNE; VERNANT, 2008, p.45).

Uma questão relevante deve ser aqui colocada. Dois termos aparecem para qualificar Odisseu: *polýmetis* (πολύμητις) e *polýtropos* (πολύτροπος). Ambos estão relacionados à habilidade do herói para gerar engodos, entretanto é necessário distinguí-las. De fato, Homero destaca no início da Odisseia que Odisseu é *polýtropos*. No dicionário Perseus¹¹ a palavra

¹¹ Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/morph?l=TROPOS&la=greek#lexicon>>. Acessado em: 23 set. 2014.

τρόπος (*trópos*) está relacionada à caracterização, à forma no qual um indivíduo se apresenta de um determinado modo. Exemplo disto é a tentativa de Odisseu de ludibriar, quando chega em Ítaca, a deusa Athená, ao tentar se passar por outra pessoa através da invenção de uma história, ou seja, apresenta-se da maneira que deseja, apresentando o *trópos* que inventa. Também permeando o campo da invenção, a palavra μήτις (*métis*) se aproxima da criatividade artilosa, próximo a significação da palavra μηχανή (*mekhané*), que permeia as noções de invenção, artifício para realizar algo, meios de procurar ou providenciar segurança¹². É esta a fórmula de Odisseu com as Sereias, ele não mostra uma de suas muitas faces, não lhes conta uma de suas muitas histórias, não apresenta um novo *trópos*: ele usa a *métis*, uma invenção para ludibriá-las. Acreditamos, assim, que apesar de Homero nomear Odisseu como *polýtropos*, também nos é possível visualizar no Odisseu da “Odisseia” o herói *polýmētis*, da invenção astuciosa.

Como já apontamos, a *métis* permanece no terreno do ambíguo. Assim, é notado, como destaca Stanford, que “Odisseu nunca age com inteligência desonrosa na “Íliada”, embora, como todos os lutadores inteligentes, ele usa uma linguagem enganosa a um inimigo.” (STANFORD, 1982, p.3). Por outro lado, na “Odisseia”, Odisseu adquire claramente uma reputação de astuto e de quem faz uso de artimhas, beirando o vergonho à primeira vista: ele diz muitas mentiras hábeis ou “meias-mentiras”. Concordamos com o autor quando este afirma que as enganações contadas por Odisseu, assim como seus truques artilosos, não devem ser interpretadas como um caráter negativo, uma vez que são utilizadas para sua proteção e de seus companheiros (*Ibid.*, pp. 3-8).

Como já visto, a *métis* de Odisseu é colocada em ação em situações distintas. Em nossa pesquisa optamos por enfatizar a atuação da *métis* do herói relacionada ao mar. Como destacam os supracitados autores, Odisseu assume as habilidades da arte de pilotar a nau e também de construí-la – como é o caso do momento em que constrói uma embarcação para ir embora da ilha onde Calipso o retinha e se põe a guiar, como um bom piloto, a nau (*Ibid.*, p.215).

No entanto, o momento de maior evidência da *métis* de Odisseu no mar ocorre no canto

¹² Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/morph?l=MHXANH&la=greek#lexicon>>. Acessado em: 23 set. 2014.

XII da obra “Odisseia”. Nele podemos divisar a personagem Circe falando a Odisseu sobre novas situações que aguardam este e seus companheiros, dentre os quais a questão com as sereias (versos 37 ao 56). Partindo da ilha Eéia, Odisseu fala do obstáculo ao retorno a Ítaca aos seus companheiros, apresentando-lhes o desafio das sereias. Como dito por Circe, Odisseu dá as ordens a seus *nautai*, de modo a poder ouvir o canto destas enquanto os remadores conduzem a nau em segurança, atravessando incólumes esta provação. Como visto nos seguintes versos:

Antes de tudo exorta-nos / a evitar a campina florescente e o canto / das divinas Sereias. Devo ouvir sozinho / o tom de sua voz. Prendei-me com calabres / firmes, rente à carlinga, em nó inextrincável. / Se eu implorar, se eu ordenar que desateis / cordames, deveis cingi-los mais e mais (*Od.* XII vv. 158-165).

No transcorrer do canto, até o verso 200, Odisseu encontra o lugar onde estão as sereias e, rapidamente, põe cera nos ouvidos de seus companheiros e estes o amarram no mastro do navio. Deste modo, o navio consegue atravessar firmemente o mar e os remadores conduzem todos à segurança.

1.3 O mar, a navegação e os *nautai* nas poesias épica, lírica e elegíaca do Período Arcaico

Um conjunto de relatos míticos – com deuses, heróis e a ordenação de uma ordem cósmica – serviam como base para a educação e formação do indivíduo que participava de um novo modelo de organização social: a *pólis*. A sociedade políade era, substancialmente, uma sociedade que se pautava na oralidade. Seus saberes, suas “leis”, suas tradições eram transmitidas através da comunicação oral, em diversas ocasiões: no cotidiano, em ritos, festas, provas atléticas e banquetes. Desta forma, não se deve simplesmente compreender a literatura grega antiga a partir de pressupostos do paradigma da escrita, como se esta fosse uma sociedade “pré-letrada” ou uma “cultura sem escrita”. Devemos buscar compreender o conjunto de textos doravante o marco principal desta sociedade: a oralidade (MORAES, 2012, p.34).

Com o início da *pólis* e a formulação das leis, a escrita fonética foi introduzida na

sociedade helênica. De acordo com Alexandre dos Santos Moraes, existem divergências historiográficas com relação às transformações na sociedade helênica com a introdução da escrita, a ponto de se creditar à inovação uma revolução transformadora (como defendida por Erick A. Havelock). Contrários a esta compreensão, grande parte dos estudiosos consideram que a “escrita não surgiu de forma avassaladora, alterando bruscamente os hábitos, as relações sociais e as formas de organização do pensamento” (*Ibid.*, p.36). Assim, conviveria, em constante tensão, a oralidade e a escrita. Esta lentamente adquiriu novos empregos para além do uso comercial/econômico/administrativo. Ao longo dos períodos arcaico e clássico, ou seja, durante quatro séculos, os helenos foram se adaptando e convivendo com a cultura escrita, fazendo com que os espaços de uso do alfabeto fossem consolidados.

Como ressalta Moraes, as poesias produzidas e disseminadas oralmente pelos poetas representam parte elucidativa do conhecimento que dispomos da sociedade políade. “Seus conteúdos discursivos possuem uma historicidade muito própria. Trazem as marcas do ambiente em que foram produzidas e as tensões a que seus interlocutores estavam sujeitos no momento de sua enunciação” (*Ibid.*, p.38). Deste modo, nosso objetivo, nesta pesquisa, consiste em compreender, por meio do conceito de representação social, os usos da métris na prática da navegação, bem como a valorização de Odisseu no imaginário helênico, por meio das poesias épica, lírica e elegíaca.

A poesia, na sociedade políade, adquire um espaço próprio, marcando e sendo marcada pelas tensões vivenciadas durante os processos de formação da *pólis* e de novos modelos – social, político, econômico, cultural, religioso.

No início do Período Arcaico (séc. VIII a.C.), a poesia grega atingiu seu auge, consolidou-se e esteve submetida a várias transformações. Marcou tão profundamente a sociedade helênica dos períodos posteriores que, mesmo tendo conseguido estabelecer uma ordenação ao imenso repertório mítico que veio sendo apropriado dos tempos mais remotos, das tradições indo-européias e orientais, prosseguiu sendo recitada em jogos e festas do Período Clássico (séc. V ao IV a.C.) (*Ibid.*, p.39).

Tendo isto sido exposto, as obras que faremos usos são produções de poetas do século VIII ao VI a.C., ou seja, ideias e valores que estão circulando no período arcaico. Dentre os autores destacamos Homero, Hesíodo, Arquíloco, Semônides, Sólon, Hipônax, Ananio e

Teógnis. Suas obras possuem características diferentes umas das outras, uma vez que Homero apresenta a poesia épica e que Sólon, por exemplo, produz elegias e poemas iâmbicos. Dado isto, neste capítulo, nos utilizamos de duas formas distintas de literatura do período arcaico helênico: poemas épicos e poemas líricos.

É relevante destacar que no período arcaico diversas tradições poéticas coexistiam, sem que houvesse domínio de uma sobre a outra. A *tradição aédica* remete-se aos poemas e “Hinos Homéricos”; a *tradição lírica* está relacionada à criação de poesias independentes, como as obras de Sólon e da poetisa Safo; a *tradição rapsódica* apresenta-se de forma mais contundente a partir do século VI a.C. nas recitações de poesias em festivais (*Ibid.*, p.45).

Podemos aferir que os “*cantos* épicos eram obras dos *aedos*, poetas-cantores que transmitiam oralmente as sagas dos heróis míticos, em longos poemas compostos em versos de um único tipo, o hexâmetro datílico” (SILVA; DEZOTTI, 2002, p.58), onde o poeta era o porta-voz das Musas e dos valores sociais, refletindo acerca do coletivo, do herói honroso que morre por sua *pólis*. Este modo de metrificação dos versos em hexâmetro datílico é uma forma de uso tradicional presente nos poemas épicos. Tal métrica ressalta a forte marca da oralidade no transcorrer do processo de textualização dos poemas homéricos, por exemplo. Neste caso, é notória a sobreposição da tradição oral sobre a tradição escrita, enfatizando a oralidade que permeava a sociedade políade (MORAES, 2012, p.43). Além disto, a presença da poesia oral está presente na “Odisseia” através do exercício da atividade dos *aedos* Fêmio e Demódoco. Seus temas são, como os das poesias épicas, a luta dos heróis (ROMILLY, 2001, p.14).

A literatura aédica – que em nossa pesquisa centra-se, sobretudo, na “Odisseia” – era constantemente recriada, uma vez que uma parte do canto advinha da memorização por parte do *aedo* e a outra de sua criação/composição. Deste modo, “cada apresentação mesclava uma parcela de criação e outra de memorização”. Com isto, é possível apontar que “não havia um enredo pronto, fechado” (MORAES, 2012, p.47). No entanto as temáticas abordadas estavam diretamente relacionadas aos deuses e heróis, em um tempo longínquo, distanciado da sociedade dos homens que florescia no início do século VIII a.C. Eram os valores de uma sociedade guerreira heróica e a presença dos deuses entre os homens que demarca fortemente os assuntos expostos nos poemas épicos.

De acordo com Luiz Carlos André Mangia Silva e Maria Celeste Consolin Dezotti, a transformação na literatura do período arcaico deu-se pelas mudanças que ocorriam na

estrutura social, política e econômica das *póleis*. Assim sendo, a poesia passa a ser produzida em vários dialetos gregos, em “contraposição à épica, que se utilizava de uma língua artificial (um amálgama dos vários dialetos gregos, com exceção do dórico), a lírica concede estatuto de expressão artística aos dialetos locais” (SILVA; DEZOTTI, 2002, p.60). Como o hexâmetro datílico marca a oralidade sobre a escrita, a metrificação dos poemas líricos também possuem marcas próprias, no qual os versos são compostos e pensados a partir da escrita. Diversas tradições poéticas permeiam a formulação dos poemas líricos, seguindo métricas próprias temos os chamado *verso alcmânico* (séc. VII a.C.), o *verso arquilóquio* (séc. VIII ou VII a.C.) e o *verso sáfico* (séc. VII a.C.) (MORAES, 2012, p.45).

Os poemas do tipo lírico se apresentam na contraposição dos ideais propostos na poesia aédica, isto é, os poetas apregoavam os valores mais particulares para o indivíduo (SILVA; DEZOTTI, 2002, p.60). Segundo Moraes, a partir do final do século VIII a.C. os poetas passaram a se debruçar sobre temáticas do cotidiano, tornando-se uma poesia de cunho individualizante. “Os enredos dos poemas, que não deixaram de incluir os deuses, começaram a se dedicar a questões tipicamente humanas, incluindo geralmente máximas relativas à boa conduta” (MORAES, 2012, pp.39-40). Nesta forma de poesia, o poeta associava o poema a música, pois a poesia lírica era aquela produzida para ser acompanhada por uma lira.

Considerando as particularidades de cada obra, com suas temáticas, marcas e preocupações próprias, estando sua historicidade presente a partir das tensões evidenciadas no processo de criação e/ou formulação dos poemas, pretendemos compreender as características que compuseram as “representações sociais” sobre três temáticas distintas: o mar, a navegação e os *nautai* (navegantes). De forma sucinta, antes de nos adentrarmos na análise da documentação por nós elencada, expomos as abordagens feitas em cada obra e nossa forma de compreender as mesmas.

A “Odisseia” é uma obra produzida por um conjunto de *aedos* personificados em Homero por volta do século VIII a.C. Esta consiste na narrativa “[d]o retorno de um dos heróis desta guerra [Tróia]: Ulisses, que por haver ofendido o deus Posêidon vagou pelos mares durante dez anos antes de voltar à pátria, a ilha de Ítaca, e à esposa, a fiel Penélope.” (MOSSÉ, 2004, p.171)

Para a historiografia que está calcada nas proposições apontadas pelos filólogos Robert Aubreton e Émile Mireaux a obra supracitada consiste em uma “manual” de navegação e

reconhecimento territorial ao redor do Mar Mediterrâneo. Expondo maneiras de hospitalidade, trocas de presentes – sistema de “dom e contra-dom” –, as relações travadas entre helenos e os povos “bárbaros”. Ou seja, a “Odisseia” representa mais que situações marítimas, representa comportamentos políticos, sociais, culturais. A. Careniro apresenta a ideia de E. Mireaux que coloca obra homérica podendo “ser interpretada como a epopéia das conquistas coloniais e das rotas de estanho, em direção ao ocidente, quer dizer, um poema da colonização coríntia nos mares do Ocidente” (LIMA, 2012, pp.133-134). Ao analisarmos a “Odisseia” a compreenderemos como um produto das representações de diversas esferas de atuação dos indivíduos no período arcaico. De acordo com Moraes, a “Odisseia” – e também sua provável predecessora, a *Iliada* – é resultado de uma longíssima tradição pautada na oralidade (MORAES, 2012, p.27). Entretanto, é preciso salientar uma ressalva evocada por Jacqueline de Romilly, no qual pode-se notar nuances de realidade e de criações do poeta. Desta forma, Homero “gosta de encontrar recordações de um passado longínquo. Na sua falta evoca um mundo mais recente. E, quando se apresenta a ocasião, acrescenta a todas estas maravilhas novas maravilhas, francamente irreais” (ROMILLY, 2001, p. 35).

Outra obra a ser por nós analisada é “Trabalhos e Dias”, de Hesíodo, que consiste nas recomendações feitas por Hesíodo a seu irmão Perses sobre as maneiras de proceder na agricultura e no comércio marítimo, como se portar justamente, como honrar os deuses e ser piedoso. Podemos conceber esta obra como um a espécie de “manual” da agricultura e, em menor medida, da navegação. “Os poemas de Hesíodo também marcam o início dos conflitos associados à emergência do sistema políade” (*Ibid.*, p.28).

Os fragmentos das obras do poeta Arquíloco (século VII a.C.) também serão abordados em nossa pesquisa. Em suas obras ele apresenta uma posição anti-heróica ao valorizar o indivíduo concreto, maldizendo em seus iâmbos aqueles que dele falaram mal (SILVA; DEZOTTI, 2002, p.62). Ao que nos mais interessa, o autor compara o valor das mortes no mar e na guerra. Na guerra há a glória, uma vez que são concretizadas as honras fúnebres, no mar há um esquecimento, no qual o indivíduo morre sem a possibilidade de receber o culto funerário.

A produção dos poemas de Semônides encontram-se na segunda metade do século VII a.C. Segundo Francisco Adrados, o gênero das obras de Semônides aproxima-se de seus contemporâneos. No entanto, por sua obra ser bastante fragmentada, nos é conhecível apenas

um “Semônides incompleto”, isto é, pouco se pode afirmar deste poeta. Apenas é possível apontar que as ideias deste poeta antigo residem, em geral, na pregação da despreocupação que pode gerar o prazer. (ADRADOS, 1990, pp.143-148).

O legislador ateniense Sólon também produziu poemas elegíacos e iâmbicos, nos quais a variação temática é considerável, tais como a subordinação humana aos poderes sobrenaturais, o amor e a instabilidade do destino dos homens. Em seus fragmentos é possível notar o reflexo de sua atuação política, evidenciando suas inúmeras preocupações e inquietudes com a *pólis* dos atenienses (ONELLY, 2006, p.77).

Assim como Solón, o poeta Hipônax tem suas obras datadas no século VI a.C. (segunda metade). Em sua obra, explicita o ambiente das cidades helênicas localizadas na Ásia Menor, tendo sido, muito provavelmente, banido da *pólis* de Éfeso para uma comunidade políade vizinha (ADRADOS, 1990, pp. 11-12). Em seus versos mesclam-se elementos gregos e orientais, buscando destacar antigas aventuras gregas. Sua poesia se caracteriza por uma literatura popular, o uso de termos coloquiais, combinação do mito e desejo à realidade cotidiana e serve de inspiração à comédia (*Ibid.*, pp. 14-23).

Compartilhando de um ambiente próximo ao de Hipônax, pouco se sabe sobre o poeta Ananio. Através de seus iâmbos e tretâmetros, é possível situá-lo no final do século VI a.C.. Este poeta “mescla os colíambos e os iâmbos puros e escreve também em tetrâmetros trocáico” (*Ibid.*, p, 71).

“Escassos e às vezes contraditórios são os dados biográficos do poeta Teógnis de Mégara, decorrentes ora da interpretação feita pelos críticos da própria obra do poeta (v.22-3), ora de informações fornecidas por algumas passagens de autores antigos” (ONELLY, 2009, p.22). Adrados aponta que Teógnis é um aristocrata e que suas obras podem ser datadas de meados do VI século a.C. , perpassando temáticas relacionadas à moralidade e a, em certa medida, religiosidade (ADRADOS, 1990, pp. 138-145).

1.4 O olhar helênico de Período Arcaico sobre o meio marítimo

O mar e a navegação são representados pelos poetas do período arcaico como o espaço do perigo iminente e o *tópos* de aquisição do lucro, isto é, com características ambivalentes.

Não há agregação de valor positivo ou valor negativo tão somente, sendo um *ou* outro. O mar é um *e* outro no mesmo momento. Enquanto o lucro pode ser extraído através da navegação deste mar, o mesmo pode matar o indivíduo. São caracterizados com valores positivos e negativos.

Segundo Ana Livia Bomfim Vieira as representações sobre o mar podem ser compreendidas como ambivalentes. Isto significa dizer que os poetas empregaram valores positivos e negativos. As construções das representações que circulavam no imaginário helênico acerca do mar e da navegação permeavam a intrínseca relação da busca em compreender o “funcionamento” do mar e dos valores que a elite social prestigiava como sendo as mais honrosas.

Como argumenta a supracitada autora, o conceito de ambivalência – concebido por Marc Augé¹³ – pode ser aplicado ao mar, uma vez que compreende em “ser bom e mau, honrado e vergonhoso ao mesmo tempo, tudo isso se ligando a uma diversidade de pontos de vista. É a coexistência de duas qualidades” (VIEIRA, 2008, p.10). Nos poetas arcaicos que analisamos percebemos que, dentre os temas elencados na pesquisa, o mar é a temática que mais referências possui. Dentre os termos que mais comumente são usados para caracterizar o ambiente marinho, a ideia que predomina remete-se a periculosidade do mar devido a sua instabilidade. Assim, elencamos, em cada uma das obras, as palavras e/ou as ideias referente ao mar. Estas nos ajudam a compor o conjunto de “representações sociais” construído pelos helenos acerca deste meio.

A obra homérica, “Odisseia”, é a que mais nos concede referências sobre o mar. Nesta, notamos que Homero, nos quatro primeiros cantos – conhecido como *Telemaquia* – qualifica o mar como algo perigoso, tenebroso, sombrio, local de sofrimento, de morte sem honra. Entre os cantos quinto e décimo segundo – chamado de *Odisseu entre os feáceos* – o mar aparece de maneira mais plural, ambivalente. Nestas passagens a temática tem valores “negativos” – dado as desgraças sofridas por Odisseu até conseguir chegar a região da Feácea – e “positivos” – quando os feáceos divinificam o mar em que navegam. Nos versos décimo terceiro ao vigésimo quarto – nomeado de *O retorno* – não aparecem referências diretas ao mar – somente

¹³ Como aponta Ana Livia Bomfim Vieira sobre o conceito de ambivalência de Marc Augé, “o conceito de ambivalência qualificaria uma pessoa ou um grupo social, mas esta atitude conformaria em si características ou julgamentos contrários porém não excludentes.” (2005, p. 9)

à navegação.

Deste modo, as adjetivações utilizadas por Homero para representar o mar consistem nos seguintes termos ἄλγεα (dor) (I, vv. 3-5), ἄλoς (salgado) (II, vv. 262-264; IV, vv. 708-711), ἀτρύγετον (estéril) (II, vv. 370-371; V, vv. 138-143), ἠεροειδέα (escuro/sombrio) (III, vv. 103-106; IV, vv. 481-483), ἠεροειδέι (escuro/sombrio) (III, vv. 293-294), ὑγρήν (fluido/úmido) (IV, vv. 708-711), εὐρέα (amplo/largo) (V, vv. 138-143) e δῖαν (celeste) (VIII, vv. 34-35). Quando analisados em seus contextos, os versos apresentam-se como “local de sofrimento” (I vv. 3-5; V, vv. 223-224); “perigo” (I vv. 11-12; III v. 192); “sombrio” (II vv. 262-264; III v. 105); “bravo” (II vv. 369-371); “tenebroso” (III vv. 293-294; V, vv. 164-165); “nebuloso” (IV vv. 482-484); “morte sem honra e esquecimento” (IV vv. 708-710); “perigo aos bens” (V, v. 40); “local de atuação de Palas Athená” (V, vv. 108-109; V, vv. 382-385); “indômito” (V, vv. 141-143); “divino” (VIII, vv. 34-35) e “maléfico” (VIII, vv. 138-139).

Como uma das questões que se coloca como central no desenvolvimento do retorno de Odisseu, o mar já é, desde o início, apresentado como um dos sofrimentos enfrentados pelo herói, sendo um constante *locus* de dificuldades. Ao longo da obra, o mar é invocado, seja nas falas dos personagens ou como localidade em que ocorrem os impedimentos de retorno a Ítaca por Odisseu e seus companheiros.

No canto III, Nestor fala a Telêmaco das dificuldades encontradas no regresso de Tróia, mostrando o mar como sombrio e perigoso, “a agrura padecida / pelos argivos valorosos nos confins, / seja em batel no turvo mar distante” (III, vv. 103-105). Em outra passagem, Laodamas, filho do rei Alcínoo, convida Odisseu a participar dos eventos esportivos; elogia o porte físico do herói, mas considera que as dificuldades enfrentadas no mar poderiam ferir violentamente um homem e com isso tê-lo enfraquecido, “Ignoro se há labuta mais atroz que o mar / para anular alguém, ainda que fortíssimo” (VIII, vv. 139-140). Nestas, e em muitas outras passagens, podemos ver o emprego de características negativas nas ideias sobre o mar (CORVISIER, 2008, pp. 40-41).

Todavia, Homero também aponta características “positivas” advindas do mar, como pode ser vista na passagem em que o rei Alcínoo fala aos feáceos, reunidos em assembleia, sobre o regresso do estrangeiro, Odisseu. Dada a constante relação entre o povo feáceo e o mar, atribuem-lhe o caráter de grandioso, “Vamos! / Lancemos no oceano cintilante a nave / escura” (VIII, vv. 34-35). O mar é local de atuação constante dos deuses. É um espaço dos

deuses, de Odisseu e de uso da prática da *métis*.

Em “Trabalhos e Dias”, Hesíodo aborda a temática do mar em cinco momentos distintos, imprimindo-lhe caracterizações diferentes: ἠεροειδέα (escuro/sombrio) (v. 620), ὠραῖος (propício) (vv.663, 665; 670), ἀπήμων (sem prejuízo) (vv.663, 665; 670), ἔθηκεν (perigoso) (vv. 673-77), δεινὸν (terrível) (v. 68/7), πῆματι (miséria) (vv. 689-91). Neste autor, o mar é tido como um local “sombrio”; que ao mesmo tempo é “propício a navegação” e “desfavorável à navegação”; que inflige àqueles que navegam uma “morte sem glória” e, sobretudo, um lugar “instável”.

Na passagem em que o mar é apontado como “sombrio”, a ideia centra-se no momento em que não é aconselhável navegar. Entre os versos 663 e 670, Hesíodo não configura o mar como um “perigo imediato”, nem mesmo sua navegação como sendo difícil. Assim, o mar é propício à navegação, apresentando poucos riscos. Em contrapartida, há momentos inoportunos para a navegação, momento no qual o mar e a natureza não são propícios, o mar torna-se inóspito. Hesíodo argumenta que o comércio marítimo expõe riscos ao indivíduo e à carga comercializada. Podemos visualizar estas ideias nos versos 673-677. Os momentos oportunos e inoportunos estão relacionados às estações, no qual a primavera e o verão são os períodos que melhor possibilita a navegação e o comércio marítimo. Todavia, durante o final do outono e o inverno a dificuldade da prática naval se impõe ao homem (CORVISIER, 2008, p. 55).

No verso 687 Hesíodo é enfático ao afirmar que o mar propicia uma morte sem glórias e que a navegação não vale a vida do indivíduo. Com isto, morrer torna-se um risco constante àqueles que praticam esta atividade. Morrer desta forma não é algo honroso ao homem. O corpo se perde por entre as ondas do mar, não permitindo a realização dos ritos fúnebres, o rito de passagem e a marcação do indivíduo na memória (*minemosyne*).

Por fim, a caracterização do mar como algo instável está contida nos versos 689-691. Ao navegador é imprescindível possuir cautela, pois o mar é algo inconstante, instável.

Nos fragmentos dos poemas de Arquíloco, o vemos associar ideias a(λο\j ((salgado) (4), a\nihra\ (doloroso) (5-6), me/gan (vasto) (124), baqu/s (profundo) e fo/bos (medo) (163). Apresentando de modo negativo o elemento marinho.

O medo, “Veja, Glaucus: o mar é agitado pelas ondas e nas alturas das montanhas Giras fica uma larga nuvem, um sinal de tempestade, de forma inesperada surpreende-nos medo” (v. 163), é algo que aflige constantemente aqueles que estão no mar. De igual modo, a morte, “Mas não haveria nenhuma alegria se as ondas do mar lhe tivessem submergido longe dos amigos, ou pelas mãos dos inimigos” (v. 124), é uma ameaça frequente que pode conduzir à ausência dos ritos fúnebres, pois não é possível conceder as honras fúnebres aos mortos no mar, “Se Hefesto tivesse envolvido em seu vestido a cabeça e os membros dele. Oculta os dolorosos presentes o Senhor Poseidon” (vv. 5-6). Mesmo que se rogue aos deuses pelo retorno, isto pode não ocorrer, “Pedindo muitas vezes o retorno suave a de bela cabeleira no simples mar espumoso.” (4).

O poeta Semônides expõe, em duas passagens, o mar. Nelas evidenciam-se as ideias de “local de morte” (2, vv. 15-19) e “instável” (8, vv. 28-41), em ambos o sentido atribuído ao mar advém da interpretação dos versos. Na primeira passagem, Semônides aborda a questão da morte como algo inevitável pelos mortais, “Outros perecem no mar sob o ataque da tempestade e de inúmeras ondas do ponto espumante quando eles não podem continuar a viver” (2, vv. 15-19), passando a descrever a morte no mar. Na outra, o autor tipologiza as mulheres, comparando-as a animais e outros seres, uma delas remetendo-se ao mar; logo, a mulher do tipo mar é representada como instável, que pode ser às vezes tranquila e em outros momentos perigosa: “A outra foi criada a partir do mar, que tem duas maneiras de se comportar: um dia ri e é feliz; um hóspede que a veja em sua casa, faria elogios dela: ‘Não existe na terra outra mulher melhor nem mais bela que esta’. Mas em outros dias não se pode olhá-la ou se aproximar dela, como uma cadela que defende seus cachorros e se volta áspera e enraivecida para todos, tanto para seus inimigos como para seus amigos; como o mar muitas vezes na temporada de verão ainda não oferece risco – alegria grande para os navegantes –, mas muitas outras vezes enlouquece, fustigada por ondas de rugido abafado” (8, vv. 28 – 41).

Nos poemas fragmentados de Sólon, o mar é a) *truge/toio* (estéril)/*puqme/na* (profundo) (1, vv. 18-20) e, a partir da interpretação dos versos, “instável” (9). Assim, este autor nos mostra que rapidamente Zeus modifica as nuvens e os ventos, revolvendo o mar. Com igual rapidez, o mar pode causar infortúnio aos homens. Com isto, as “nuvens”, isto é, o clima, pode trazer prosperidade ou desastres. Desta forma, apesar de ser “estéril”, o mar apresenta característica ambivalente, isto é, adquire valores “positivos” e “negativos”. Ao

colocar o mar como “instável”, Sólon aponta a instabilidade do mar a partir da comparação com as instabilidades pelas quais passava a *pólis* dos atenienses, “O mar é embravecido pelos ventos; porém se não se altera, é a mais tranquila de todas as coisas” (9). De igual modo, também existe ambivalência de sentido positivo e negativo.

As referências existentes na obra de Hipônax que se remetem à nossa pesquisa são referentes ao mar. Nestas referências temos quatro passagens em que predominam o emprego de características negativas: “lançado de um lado a outro pelas ondas” (115, v. 1) e “E que ao sair da espuma marinha vomite muitas algas e bata com os dentes pelo rigor do clima (...) açoitado pelas ondas” (115, vv. 5-10); “Caríbdis marinho, cujo estômago é uma faca e comer sem fim ou medida” (135, vv. 1-2); e “Para que ‘esse infame’ morra de uma maneira infame, apedrejado por decisão conjunta das pessoas às margens do mar estéril” (135, vv. 3-4). Suas caracterizações são, respectivamente, malefício ao corpo do indivíduo, habitat de monstros (perigos marinhos) e relação com cenário de morte. Somente na última passagem encontramos um termo que diretamente caracteriza o mar, saber: a) *trugeton* (estéril)

Nos pouquíssimos versos de Ananio, temos apenas uma referência. No tetrâmetro que aborda a temática da alimentação, o poeta afirma “Além disso, há um petisco do mar que não é mau, atum, que com mitoto é superior a todos os peixes” (5, vv. 7-8). Duas consideráveis informações podemos atribuir a partir desta passagem: a primeira é a de que o mar era considerado pelos helenos como um local de obtenção de alimentos; a segunda confirma que a prática alimentar dos helenos perpassava a pesca. Mas destaca-se que ele refere-se ao atum, peixe de alto-mar, não ao pescado de rios ou próximos a costa. Marca, portanto, as possibilidades de navegação em alto-mar (VIEIRA, 2005, pp. 38-41).

Em Teógnis encontramos oito passagens que fazem referência ao mar, tanto em sentido denotativo quanto metafórico. Nas características atribuídas pelo poeta, ao mar é diretamente caracterizado como a) *trugeton* (estéril) (I, v. 248), *baquon* (profundo) (I, vv. 511-515), *mega/lou* (vasto) (I, vv. 690-691), *puqme/na* (fundo/inferior) (I, vv. 1033-1035). De modo geral, os versos em que Teógnis aborda as questões sobre o mar, apresentam-se como “misterioso”, “improdutivo”, “amplo”, “estéril”, um “meio para se viajar”, “vasto”, “perigoso” e que traz “preocupação”. O primeiro verso, “E se regozijou o profundo abismo do mar espumoso” (I, v.10), pode denotar o sentido de grandiosidades e mistérios que existem no mar

ou, de um modo mais negativo, os segredos ocultados por ele. Na primeira passagem de cunho metafórico, “é igual a plantar nas águas do mar espumoso. Porque nem colherás uma grande colheita se semeia no mar” (I, vv. 106-107), o poeta mostra que não há retribuição de coisas boas feitas a pessoas vis, além de que o mar é improdutivo para a colheita – em que podemos atribuir a desvalorização do mar diante da agricultura. Em “Eu te dei asas com as quais você vai subir e você vai voar facilmente sobre o mar sem limites e sobre a terra toda” (I, vv. 237-238), Teógnis apresenta a grandeza espacial do mar. O mar é apresentado como não-cultivável e, ao mesmo tempo, que fornece alimento, “Cruzando o mar estéril, povoado de peixes” (I, v. 248). Servindo como ligação entre os helenos, com seus ritos de hospedagem, o mar é retratado na passagem “Chegaste, oh Clearisto, cruzando o mar profundo, (...) nos lados de seu navio, embaixo do banco dos remadores, colocará, oh Clearisto, as coisas que tenho e que os deuses me outorgam.” (I, vv. 511-515). Novamente no campo metafórico, o poeta comparada a alegria de regresso em segurança em uma viagem pelo mar ao fim da pobreza de um homem, “Oxalá, cheio de alegria, acaba felizmente a viagem através do vasto mar e oxalá Poseidon te conduza ao término para alegria de teus amigos” (I, vv. 690-691).

Nas duas últimas passagens sobre o mar, evidenciam-se os perigos e, por conta disto, as muitas preocupações. Metaforicamente, o poeta salienta que dentre as mazelas sofridas pelo homem, como mergulhar no mar profundo ou ir ao Tártaro, o homem deve manter a virtude de sua alma, não importunando seus amigos nem prazer aos inimigos: “um homem não pode evitar facilmente presentes dos deuses, decretada pelo destino, embora mergulhe até o fundo do mar espumante ou tê-lo em seu ventre ao sombrio tártaro” (I, vv. 1033-1035). Em um sentido denotativo, Teógnis afirma que o desconhecimento (ligado a uma ideia de vivência e experiência) do mar é algo bom, pois o mar traz coisas negativas e ruins, “Feliz o que, apaixonado de um jovem, não sabe nada do mar nem o preocupa no meio do cair da noite” (I, vv. 1375-1376).

A ambivalência de valores exaltados e depreciados pelos helenos que permeiam a caracterização do mar também perpassam a temática da navegação. Assim, as características positivas e negativas podem ser averiguadas nas representações criadas pelo poetas e que fazem parte do imaginário helênico acerca do mar.

Na “Odisseia”, Homero aborda a temática da navegação, apresentando diversas características desta prática. Deste modo, quando se remete às embarcações, vemos a

caracterizações das naus como *θοῆσις* (ágil/veloz) (VII, vv. 34-35) e *τάχιστα* (rápida) (XV, vv. 292-294). Essas características se fazem presente nos seguintes versos: “Confiados nos baixéis ágil-velozes, singram o mega abismo, que o permite o Treme-terra” (VII, vv. 34-35) e “que o baixel cruzasse velozmente o mar salino” (XV, vv. 293-294).

Nas demais passagens é necessário recorrer a interpretação dos versos. Nelas podemos encontrar as ideias usadas para descrever a atividade naval como “prática perigosa” (III v. 192); “perigo” (III vv. 289-291); “meio de ligação entre povos” (IX, vv. 125-129); “necessidade de habilidade” (XIII, vv. 165-166); “embate entre o navegante e o mar (XIII, vv.264-265); “observância da natureza” (XIV, vv. 253-257); “atuação de Athena” (XV, vv. 292-294); “comércio marítimo como malefício” (XVII, vv.286-289).

Quando Nestor expõe à Telêmaco as notícias sobre os sobreviventes do regresso de Tróia, no verso “Não houve baixas no alto mar” (III, vv.192), Homero nos apresenta a navegação como uma prática perigosa que pode levar a morte (as baixas). Nestor também fala ao filho de Odisseu sobre o retorno de Menelau, “ressopando o vento rumoroso, / ondeando o mar inchado, símile aos montes. / Alguns batéis dispersos atingiram Creta” (III, vv. 289-291). Através desta passagem fica claro que a navegação é algo que infere perigo constante aos navegadores, passando por caminhos tortuosos e acidentes iminentes.

Para navegar é preciso ter habilidades específicas, como os possuem os feácios, “Palavras-asas intercambiavam feácios / longirremeiros, nautas-ínclitos” (XIII, vv. 165-166). E tal conhecimento da prática da navegação é relevante, pois constantemente a navegação gera o embate entre o *nautai* e o mar, como pode ser vislumbrado na passagem “mar / adverso superando e, em guerra, os inimigos” (XIII, vv. 264-265).

Homero, então, qualifica a navegação como uma prática perigosa. Assim, no momento em que Telêmaco, filho do herói desaparecido, lembra das desventuras do pai, a navegação aparece-lhe como lembrança de dor e tristeza, ou seja, é representada de maneira “negativa”.

Entretanto, nesta mesma obra, a navegação não é, exclusivamente, delimitada com valores “negativos”. Podemos apontar que entre os cantos quinto e décimo segundo há uma ideia de caracterização mais plural, isto é, um qualitativo mais ambíguo. O exemplo mais enfático, que sintetiza esta dupla atribuição, encontra-se em uma passagem do canto IX: “Os Olhicirculares não tem naus de mínia / fronte, nem carpinteiros hábeis em navios / que lhes permitam concluir seus afazeres / em urbes habitadas, como soem agir, / uns com os outros”

(IX, vv. 125-129). Nela vislumbramos que a prática da navegação fomenta ligações fraternas entre os povos “civilizados”¹⁴, para que assim, através da navegação, os homens das *póleis* pudessem comercializar seus produtos com *póleis* distantes. No entanto, se conecta os povos “civilizados”, também poderia ligá-los aos “não-gregos”, nos versos eles são caracterizados como os Ciclopes. E, neste caso, a navegação fazia o contato com o “outro” e suas ideias e práticas. Temos, portanto, um lado “positivo” e outro “negativo” atribuído por Homero à navegação.

Nos cantos décimo terceiro ao vigésimo quarto pouco aparecem as representações da navegação. Nas situações em que aparecem, muitas estão relacionadas ao sagrado, seja por observância da natureza, seja por relacionar-se a divindade Palas Athená. Como pode ser visto nas passagens “Atena olhos-azuis insufla um vento próprio, / penetrando impetuoso no éter” (XV, vv. 292-293) e “Ao sétimo, embarcamos e zarpamos da ampla / Creta, potente e belo Bóreas ressoando / fácil, qual fôramos na correnteza: o rol / das naves nada padeceu, tampouco nós, / sentados” (XIV, vv. 253-257), a intervenção divina se entrelaça a prática e aos conhecimentos adquiridos a partir da observância da natureza.

A navegação também proporciona o comércio de inúmeros produtos desde o período arcaico, por isso é possível verificarmos, na passagem “Não se pode ocultar o ventre e seus reclamos, / ventre funesto, que aos mortais só causa dor. / Navios de traves sólidas, por causa dele, / se armam e aterrorizam no oceano infértil” (XVII, vv.286-289), tal prática. Para Homero, e o grupo da elite social que compartilha esses valores e idéias, o comércio é algo proveniente da necessidade dos homens, mas isso acarreta a prática da navegação, algo temerário.

É possível, enfim, ao recairmos nossa análise na obra de Homero supracitada, identificamos que, para a navegação, são empregados valores tanto “positivos” quanto “negativos”.

Ao analisarmos a obra hesiódica “Trabalhos e Dias”, constatamos duas qualificações que são ambivalentes, que estão presentes nas três passagens que fazem referência à navegação. Se por um lado, Hesíodo aponta que a navegação é uma atividade que possui

¹⁴ A idéia de “civilizado” a partir dos pressupostos helênico, ou seja, aqueles que compartilham algumas prática culturais, falam o grego, vestem-se à moda grega, praticam a hospitalidade, beber o vinho misturado a água (BASLEZ, 1984, p. 33).

“periculosidade” (v. 618); por outro, o mesmo autor mostra que através desta prática é possível ter “obtenção de lucro” (vv. 631-632; v. 644). Podemos elencar como termos que são vistos nestas passagens a ideia de *δυσπεμφέλου* (tempestuoso) (v. 618), *θοῖν* (rápida/ágil) (vv. 631-632) e *μείζων* (maior) (v. 644). No entanto, para maior proveito interpretativo para nossa pesquisa, devemos interpretar os versos, pois eles nos apontam mais possibilidades de compreensão.

No verso 618 há uma atribuição da navegação como sendo uma atividade perigosa – no qual o autor contrapõe as atribuições feitas anteriormente à agricultura, “perigosa navegação” (v. 618). Em outras duas passagens, a navegação é configurada como atividade que pode conceder lucro ao comerciante. Destarte, podemos apontar os versos 631-632 e 644 como expoentes da ideia de Hesíodo de que o comércio proveniente da navegação pode ser lucrativo desde que as “regras da navegação” sejam seguidas pelo navegante, “Então arrasta a rápida nau para o mar e nela coloca a carga adequada, para que regresse a casa com lucro” (vv. 631-32) e “Quanto maior ela [nau] for, maior o lucro sobre o lucro” (v. 644). Somente pode haver lucro com produtos oriundos do comércio marítimo quando se observa a natureza, sabendo os momentos certos de ação¹⁵.

Nos fragmentos dos poemas de Arquíloco podemos apontar duas referências à navegação, nas quais a caracteriza como “uso na guerra” (203, vv. 1-3) das naus e a o quão podem ser “velozes” (*táxi/sthn*) (203, v. 30) no momento do embate.

Arquíloco remete-se ao ataque efetivado por Naxos a Paros, uma vez que teriam utilizado as naus para cercar o litoral e desembarcar mais guerreiros para a guerra, “rodearam de fumaça... com as naus e os agudos (gritos de guerra)” (203, vv. 1-3). Continuando a referência à guerra, a passagem “e outros [a bordo] nas rápidas (naus)” (203, v. 30) nos mostra que as naus utilizadas na guerra deveriam ser velozes, chegando ao local da batalha rapidamente. Estas duas passagens nos remetem a um valor “positivo” dado para a navegação. Guerrear era honroso¹⁶, fazia parte de ser um cidadão. E para alcançar esse objetivo a nau era relevante.

¹⁵ Alfonso Mele caracterizava tal prática como comércio-préxis (MELE, 1979, *passim*).

¹⁶ Significava proteger a terra dos ancestrais, perpassando o ideal da bela morte. Outro poetas também fazem referência a esta morte honrosa, como Tirteu de Esparta e Calíno de Éfeso.

Nos poemas de Semônides não foram encontradas referências à navegação. Nenhum tipo de caracterização foi realizado por este poeta nos fragmentos que tivemos acesso.

Sólon, nos fragmentos de seus poemas, nos revela apenas uma passagem que assinala a caracterização da navegação como algo “negativo”, uma vez que a aponta como causa de *algia* (dor/sofrimento) (4 vv. 40- 42). Ao falar da crise que assola a cidade (*stásis*) e da falta de *eunomia*, Sólon faz uma alusão à questão da navegação. Como um barco que naufraga: assim é a metáfora utilizada pelo autor para abordar a crise ateniense na passagem “Dentro de meu coração há uma grande dor ao ver a mais antiga terra da Jônia que naufraga (...)” (4 vv. 40-42).

Nos poemas que restaram de Hipônax e Anânio não há referências sobre a navegação ou algo diretamente ligado a esta atividade.

Por outro lado, Teógnis possui seis passagens relacionadas à navegação e em toda elas necessitamos recorrer à interpretação dos versos. Para demonstrar os poucos homens que não são facilmente levados pelo desejo de enriquecimento, o poeta utiliza a imagem do barco, mostrando que não chegaria a enchê-lo com esses homens, “por em cima do que pode transportar um só barco” (I, v. 85). Esta alusão nos permite acreditar na grande proximidade que o poeta possuía com a temática, bem como podendo ser facilmente entendida entre seus ouvintes/leitores. A fuga da pobreza através desta prática é a caracterização empregada em duas passagens da poesia, “Para fugir dela [pobreza] há que lançar-se ao mar, povoado de monstros, ou atirar-se do alto de escarpadas rochas” (I, vv. 174-176) e “Há que se buscar, oh Cirno, a libertação da cruel pobreza, de igual modo sobre a terra e das amplas costas do mar” (I, vv. 179-180). A ideia de periculosidade está na passagem em que, usando metáfora, alude a vida miserável a um barco que navega por águas perigosas e desconhecidas; da pobreza deve o homem tentar salvar-se, “que agora vamos a deriva com as brancas velas recolhidas, para além do mar de Melos, no meio da noite obscura; a tripulação não quer saltar na água, o mar se lança por cima de ambas as bordas e apenas é possível salvar-se” (I, vv.671-674). Na última passagem, “Muitas vezes esta cidade, pela incapacidade de seus chefes, tem navegado ao longo da costa como um barco a deriva [keklime/nh]” (I, vv. 855-856), o poeta compara, a partir da metáfora, os riscos da cidade ser arruinada por um mau-governante ao perigo de se navegar muito próximo a costa (recifes), também por conta da incapacidade do

piloto/governante.

Por fim, cabe-nos apresentar o cotejamento das referências acerca do *nautai* (navegantes). Nas obras analisadas poucas foram as referências encontradas acerca da caracterização dos navegantes. De fato, apenas em cinco passagens das obras analisadas aparecem os *nautai*: nas obras de Homero, Arquíloco, Sólon e Teógnis.

Assim sendo, na “Odisseia” somente em uma passagem pode-se vislumbrar referência a este grupo. Nos versos 653-654 do canto quatro, Homero atribui valor de honra a esses homens. Segundo Homero, em Ítaca, os pretendentes de Penélope conversam sobre a recém-descoberta viagem empreendida por Telêmaco a Pilos e à Esparta. Apontam, com isto, os navegantes que foram chamados por Mentor (Palas Athená) como sendo os melhores dentre os cidadãos jovens, “Seguem-no os rapazes mais / brilhantes [α]ριστεύουσι]do país [δῆμον], excetuando nós” (IV, vv. 653-654). Temos, indubitavelmente, uma dupla figuração dos *nautai*, pois estes podem ser os melhores jovens da cidade ou os mais capacitados e habilitados para a prática da navegação. De todo modo, o valor empregado permanece a enaltecer este grupo, já que são reconhecíveis como bons na comunidade.

Outras duas passagens encontram-se nos poemas de Arquíloco, no qual evidencia a “necessidade de habilidades” (112; 163) para navegar. Na primeira passagem temos “prático no manejo do tridente e hábil [σοφο/ς] piloto.” (112). O poeta trata dos navegantes que enfrentaram as dificuldades impostas pelas tempestades, além disso, faz possível referência à Posidon. A segunda passagem “as rápidas naus avançam no mar... carreguemos o... grande número de velas... afrouxando as cordas da nau; reflete um vento favorável e poupa nossos companheiros, para que possamos lembrar de você... afasta o medo e não conte a ninguém... uma terrível onda sobe girando... Tome cuidado... valor...” (163) apresenta a ideia de que para vencer o mar em meio a tempestade é fundamental ter o conhecimento e as habilidades de um navegante. Através destas passagens, reconhece-se que há um conjunto de saberes pertencentes aos *nautai*, e que eles possuem as habilidades necessárias à superação das dificuldades encontradas no mar e na prática da navegação.

Nos fragmentos de poemas de Sólon, encontramos a ideia de que o navegante era um ser “ganancioso e descuidado com a vida”, que busca apenas os ganhos (κε/ρδος), evidenciado na passagem “um, desejoso de levar à sua casa a ganância, percorre com as naus o

mar cheio de peixes, empurrado por ventos e tempestades e não se importa com sua vida” (1, vv. 44-46). Aqui, o autor descreve o trabalho da “gente comum” (em oposição aos *αγατοί* – *αριατοί* – aristocracia). Assim caracteriza o navegante como aquele que busca enriquecimento sem medida, arriscando a própria vida. Ou seja, caracteriza com um valor “negativo” o grupo dos *nautai*.

Entre os poemas de Hesíodo, Hipônax e Ananio, não vislumbramos referência aos navegantes.

Somente há uma passagem na obra do poeta Teógnis em que se aborda os *nautai*. Na passagem de cunho metafórico, os maus saqueiam sem preocupar com as consequências futuras de seus atos, retirando o bom guia para usurparem os bens, “Mas eles agem: retiraram o mando do hábil piloto que com sua arte vigiava o navio e se dedicaram a rapina” (I, vv. 675-676). Fica patente aqui a oposição entre as atividades relacionadas à *chora* – a agricultura – e àquelas ao comércio. Teógnis é uma voz dos ricos proprietários de terra. No entanto, o poeta usa o termo *ε)σq1o/n* (bom/hábil) para caracterizar os *nautai*, sem que isso possa caracterizar todos os que navegam.

A navegação era realizada por uma “categoria social inferior” de acordo com os discursos de elites aristocráticas helênicas. Assim, como afirma Hesíodo, a navegação era algo tido como muito arriscado, mesmo que dela possibilitasse obter riqueza. Somente aqueles que por algum motivo estivessem impossibilitados de trabalhar na sua própria terra é que deveriam se voltar para as atividades da navegação e do comércio.

Ao contrário do que era exposto nos discursos de uma elite social políade – que valorizava a agricultura e diminuía outras atividades, assim como aqueles que delas participassem –, acreditamos que isto não condizia com qualquer questão do cotidiano deste grupo, já que eles possuíam um papel relevante na manutenção da *pólis* e que estes não se concebiam como membro de um grupo “inferior” na sociedade¹⁷.

Além disto, embasando-nos no que foi exposto nesta análise, podemos sustentar o caráter ambíguo atribuído pelos poetas supracitados ao grupo dos *nautai*, uma vez que divisamos valores negativos e positivos empregados na caracterização do grupo.

17 Atualmente, a historiografia dedicada às pesquisas sobre economia antiga aponta para um desenvolvimento, desde o período arcaico, das práticas do comércio e do artesanato (BRESSON, 2008, *passim*).

A partir de nossa análise da documentação textual do período arcaico, o mar e a navegação são representados com valores positivos e negativos por um mesmo poeta. Em nossa pesquisa, a noção de ambivalência é essencial para compreendermos as representações construídas pelos atenienses sobre o mar e a navegação.

Opondo ideias, Homero apresenta a navegação como um meio de ligar os povos “civilizados” (os helenos), entretanto, o comércio advindo deste meio pode ser um malefício – caso este aumente as riquezas de pessoas injustas. De igual modo, Hesíodo aponta a navegação como possibilidade de enriquecimento pela prática do comércio, enquanto que a mesma é postulada como perigosa e ameaçadora. Ao mar é comumente atribuído a ideia de esterilidade, ao mesmo tempo em que é local de obtenção de alimentos. É evidente, e indubitável, notar estas ambivalências. Ser ambíguo permite que ideias opostas não se eliminem, mas sim sejam capazes de tamanha mabeabilidade que se tornam complementares ao invés de simplesmente excludentes.

Assim como a questão da navegação, estes autores apresentam duas visões sobre o mar, uma que podemos classificar como positiva e outra como negativa. Os caracteres positivo e negativo não devem ser compreendidos como “dois lados de uma mesma moeda”, mas como uma “mesma face da moeda”, uma vez que a ambivalência reside na pluralidade de ideias e compreensões diferenciadas. Hesíodo expõe que existem momentos em que o mar é propício à navegação, e neste sentido não apresenta perigos, e outros em que a navegação não é recomendada, a tal ponto que o mar se torna um enorme perigo aos bens e à própria vida. Homero também constrói estas visões plurais: o mar é posto como divino, um local elogiado como sagrado, e ao mesmo tempo é representado como tenebroso e nebuloso. Ao longo dos poemas homéricos, “o mar é uma ocasião de sofrimentos para o homem, ele é um lugar de naufrágio e um espaço de morte” (HARTOG, 1986, p.29).

As dificuldades inerentes ao mar e à navegação apresentam-se sob diversas formas, sendo a mais extrema a questão da morte. Este é, sem dúvida, um dos principais perigos enfrentados pelos *nautai* na prática da navegação. Como aponta François Hartog, “A morte no mar é uma morte solitária e ‘sem glória’” (*Ibid.*, p. 38). O corpo que se perde no mar, e não recebe os devidos ritos fúnebres, está habitando o “entre”, pois não está mais vivo para habitar o mundo “de cima”, nem pertence ainda ao mundo subterrâneo: “o morto não pode passar as portas do Hades.” (*Ibid.*, p. 38).

Os discursos feitos pelos poetas analisados representam ideais de elites aristocráticas e intelectuais e por isso reafirmam um dado conjunto de valores que compõem seus referenciais. Não obstante, os valores que são apresentados sobre o mar e a navegação partem dos pressupostos deste grupo social. Assim, tanto o mar quanto a navegação são desprestigiados quando comparados às atividades que são empreendidas na terra, a agricultura. O navegante, também é desqualificado quando comparado a um grande proprietário de terra, que pode usufruir do ócio e em seu tempo livre participar da vida política. Como apresentamos, são múltiplas as *representações sociais* feitas pelos poetas que circulam no imaginário helênico. Deste modo, o mar é representado como algo instável, no sentido de possuir diversas qualificações.

Acreditamos que, mesmo com os valores da elite social sendo exaltados e apresentados por estes e outros poetas, a população mais pobre tornou este mar o seu lugar de atuação e fez da navegação a sua forma de sobrevivência. Ainda que a circulação de valores permeasse a população, onde o grande proprietário de terra era exaltado, não era algo determinante nesta organização social. Os *nautai* eram tão necessários quanto aqueles homens que permaneciam na terra.

Em nossa análise, concordamos com Vieira quando afirma que a base da relação entre os helenos e o mar foi construída (VIEIRA, 2005, p.75). Como nos expõe esta autora, os helenos construíram uma relação com o mar: buscaram aprender sobre ele, imprimiram-lhe diversos sentidos e explicações, divinizaram este mar como morada de diversas divindades e o rechaçaram pelas inúmeras agruras que podia causar.

A partir da análise dos poetas arcaicos percebemos que o imaginário helênico estava saturado de representações ambivalentes sobre o mar e a navegação. Tais representações foram cruciais para preparar os helenos e, em especial, os Atenenses nas atividades marítimas. Todas essas poesias eram contadas e cantadas em ocasiões ritualísticas e em festas (*symposia*). Suas mensagens circularam entre as elites gregas e serviram de estímulo à navegação. *Aedos* e *rapsodos*, inspirados pelas Musas, mostraram aos jovens as potencialidades do mar, bem como alertaram sobre os perigos da navegação. Todo esse “conteúdo pedagógico” também circulou entre os artesãos. Pintores e escultores representaram Odisseu, as Sereias e embarcações (BOARDMAN, 1986, *passim*). Dessa forma, o que estamos demonstrando aqui é que a experiência da navegação e a prática cotidiana da *métis* pelos *nautai* foram representados por

poetas, artesãos e vivenciadas pelos próprios viajante. Essa “bagagem” pôde ser utilizada pelos Atenienses no V século a.C. por meio de sua frota. Os *nautai* Atenienses, chefiados pelo experiente Temístocles, colocaram em prática toda a *métis* dos gregos na esfera da navegação.

1.5 As narrativas épica e poética na criação de redes pan-helênicas

Antes de trabalharmos com o fenômeno da colização, iremos situar o leitor no contexto histórico no qual se desenvolveu tal processo, nos primórdios do século VIII a.C.

Como destaca Neyde Theml (1998), foram muitas as transformações entre os séculos VIII e VI a.C., dentre as quais podemos destacar o aumento populacional, que em dadas regiões são evidentes, tanto no meio rural quanto no meio urbano, gerando uma efetiva ocupação do território, passando à especialização do trabalho nos centros urbanos (realizando, neste sentido, uma crítica ao modelo de economia antiga de Finley¹⁸); as inovações técnicas que podem ser verificadas através da iconografia, onde se nota um novo tipo de barco, as trirremes, que traziam três níveis de remadores, bem como o uso da vela móvel e da âncora, indicando um meio de transporte e de guerra ainda mais veloz, seguro e novo, assim diversos ofícios foram formados com intuito de suprir os empreendimentos navais; o alfabeto e a escrita fonética provocaram mudanças nas formas de compreender, pensar, avaliar e analisar, argumentar e criticar; a formação hoplítica concedeu um exército ainda mais poderoso aos helenos, incitando ainda mais a ideia de coletividade em detrimento do ideal herói-indivíduo; a multiplicação da vida cultural; a publicação das leis, permitindo um acesso aos saberes políticos a um número maior da população; o synoecismo; a colonização (THEML, 1998, p. 26-32).

Neste ponto, que é o nosso foco, destacamos que Theml compreende que o processo de colonização foi

a dominação e ocupação de terras no sul da Itália, leste da Sicília e no litoral do mar Negro [no qual] diminuía os conflitos e as tensões, no interior das *póleis* que se implantavam, agindo principalmente sobre aqueles problemas que não pudessem ser administrados pela nova ordem *políade* (THEML, 1998, p.31).

¹⁸ A autora N. Theml critica a abordagem primitivista proposta por M. Finley em sua obra “*Economia Antiga*. Porto: Ed. Afrontamento, 1986”.



Figura 1 – Colonização helênica – séculos VIII ao V a.C.¹⁹

Inicialmente, é necessário ressaltar que o termo “colonização” é, na presente pesquisa, compreendido no afastamento de qualquer relação com significações do processo colonial e a expansão marítima europeia a partir do século XVI. Seguiremos Jean Nicolas Corvisier que compreende a colonização grega sendo um fenômeno de considerável amplitude, tanto no tempo como no espaço (CORVISIER, 2008, p.67-68). Com isto, entendemos este processo como um movimento expansionista sem qualquer finalidade imperialista de uma dada *pólis*.

Desde meados do século VIII a.C., os gregos desenvolveram um processo de expansão ao redor do Mediterrâneo, fundando, em sua maioria, *apoikiai* (colônia como uma cidade-Estado) e, em alguns casos, *emporía* (entrepostos comerciais). Como afirma Claude Mossé, a *apoikia* goza “da mais total autonomia política em relação à sua ‘metrópole’, inclusive quando subsistem laços de natureza essencialmente religiosa” (MOSSÉ, 1989, p.99).

De acordo com Mossé, duas teses acerca do fenômeno da colonização predominam no

¹⁹ O mapa, acessado em 25 de outubro de 2013, está disponível em http://www.larousse.fr/encyclopedie/divers/histoire_de_la_Gr%C3%A8ce_antique/185874

cenário historiográfico. O primeiro remete-se a fatores “comerciais”, onde os gregos buscaram obter o controle dos mercados para poder escoar sua produção artesanal, que começou a desenvolver-se, em larga escala, a partir do século IX a.C. (*Ibid.*, p.101). Podemos evidenciar que nesta caracterização das motivações para o empreendimento colonial predomina a questão do comércio. Na segunda tese o foco dado é a falta de terras. Assim, pela ausência de mais terras para a agricultura, os primeiros povoamentos coloniais tinham um caráter agrícola, tendo sido estabelecido em regiões com terras férteis (*Ibid.*, pp.101-102). Essa problemática poderia ser, então, oriunda de crescimento demográfico, do assenhoriamento das terras pelos mais poderosos e/ou divisão das propriedades, o que incapacitaria uma boa produção ou mesmo para subsistência – como evidenciado na obra hesiódica “Trabalhos e Dias”. Nesta maneira de entender a iniciativa da colonização, o predomínio do âmbito rural torna-se evidente.

A supracitada autora concebe o processo de colonização helênica como um movimento em duas fases. A primeira expansão entre meados do VIII século a.C. e as primeiras décadas do VII século a.C., coligada a outros fatores de ordem local, fomentou o surgimento de uma Grécia ocidental, notadamente na Sicília e no sul da península itálica. (*Ibid.*, pp.107-108). A segunda fase ou segunda vaga de colonização, entre os séculos VII e V a.C., teria uma amplitude ainda maior que a primeira, uma vez que ocorreu uma rápida multiplicação dos povoamentos, “como também os fundadores vêm doravante de todas as partes do mundo grego, inclusive das primeiras colônias” (*Ibid.*, p.108). “Se os fatores da expansão grega nas margens do mediterrâneo já eram múltiplos, no período seguinte a sua diversidade não parou de aumentar” (*Ibid.*, p.109).

De um lado há, durante o século VII a.C., *stásis* ocorrendo no interior de diversas *póleis*, fomentando as tiranias e expatriações; por outro lado, o desenvolvimento comercial está na formação de certas *apoikiai*. Mossé busca não separar, de maneira tão rígida, as formas de povoamento entre “colônias agrárias” e “colônias comerciais”. No entanto, afirma que existe certa proeminência às fundações que respondem às necessidades de grãos e sementes (para abastecimento) ou de metais, ou mesmo pelo controle de certas regiões de importantes passagens (*Ibid.*, p.109). Neste sentido, a colonização grega não teria um caráter imperialista. Ao contrário, existiria entre as colônias e as metrópoles um ideal comercial de trocas, em diversos níveis (*Ibid.*, p.116).

Na tentativa de compreender esse amplo processo, a autora propõe o estudo de casos particulares, sem que se criem grandes esquemas em que há predomínios de um determinado fator. Haveria, desta forma, tanto necessidades mercantis, quanto de abastecimento de produtos, falta de terras, crise (*stásis*), fome e miséria. Cada caso estudado forneceria seus próprios problemas e suas especificidades com relação às motivações.

Opondo-se a esta interpretação no processo de colonização, Jean-Nicolas Corvisier afirma que tradicionalmente a historiografia distinguiu dois períodos de colonização: um de caráter agrário e demográfico de meados do VIII século a.C até meados do século VII a.C.; e uma colonização de caráter comercial, de meados do VII século a.C. ao século V a.C. Assim, critica esta forma de se entender o processo colonizador, pois com essa distinção tão delimitada, o processo torna-se demasiadamente sistemático, perdendo-se suas especificidades (CORVISIER, 2009, p.69).

Assim, para este autor, o período do processo de colonização grega deu-se entre os séculos VIII e VI a.C., não ultrapassando este último, e a abertura ao exterior significou, para os gregos, a aquisição de novos conhecimentos e o alargamento do campo cultural (*Ibid.*, p.68).

Corvisier enfatiza que, qualquer que fosse a razão para a criação de colônias – a falta de terras, busca de novos produtos e novas oportunidades, escassez, ou simplesmente o gosto pela aventura –, a colonização nem sempre foi a tentativa de criar cidades independentes, pois, para ele, haveriam três formas de colônias. A primeira, a *apoikia*, compreenderia a instalação vinda do exterior, no qual se estabeleceria como independente. Neste caso, a *apoikia* não implicaria na ideia, obrigatoriamente, de comércio marítimo, porém na de território e, logo, na agricultura (*Ibid.*, p.68). Em segundo, o *emporion*, que indubitavelmente seria uma instalação comercial e estaria ligada ao porto, sendo dependente de sua *pólis-mãe*. Estas fundações davam-se por duas motivações: a não permissão da fundação de uma colônia pelo governo local (como é o caso de Naucratis, no Egito) e uma região onde os gregos não poderiam explorar diretamente um recurso de seu interesse, realizando as trocas comerciais com os nativos (*Ibid.*, p.74). A terceira são as “colônias das colônias”, onde essas fundações foram mais frequentemente associadas às necessidades de se fazer negócios, ao desejo de adquirir um território ou ao interesse em dada região marítima – não por motivos demográficos (*Ibid.*, p.68).

Destarte, Corvisier propõe uma análise da colonização a partir da diferenciação do

lugar de origem (*pólis-mãe*) para o lugar de chegada (colônia), evidenciando o jogo de interesses com a(s) região(ões) explorada(s) pela “metrópole” (*Ibid.*, p.69). Aponta, ainda, que três foram as principais direções de expansão durante o processo de colonização: o sul da península itálica e a região da Sicília, a região da Calcídea, e o nordeste da Grécia. As principais cidades que iniciaram o processo de colonização foram Mégara, Mileto, Corinto, Focia, Erétria e Chalcis (Ilha de Eubéia).

Com o empreendimento da colonização, as disputas marítimas-comerciais entre gregos e fenícios se intensificaram, uma vez que o comércio com a região ao sul do Mediterrâneo se estabelecia para os gregos trazendo os produtos oriundos do Egito; ao norte, até o Mar Negro, a abertura do comércio com esta região; e na rota leste-oeste, com a fundação de Al-Mina, a possibilidade de não mais depender dos portos fenícios para efetuar o comércio com as caravanas orientais. (*Ibid.*, p.77).

Concordamos com Jean-Nicolas Corvisier no que se refere a não distinguir duas fases de colonização, uma vez que acreditamos não ser possível fazer tamanha sistematização de um *processo*. Assim, concebemos a colonização helênica como um processo misto concomitante, isto é, haviam interesses de cunho econômico e de cunho político, desde a busca de produtos para a manutenção da *pólis*, até como tentativa de solução para *stásis* proveniente de escassez de terras.

No que se refere a distinção entre *apoikia* e *emporion*, não há dúvidas das suas diferentes formas de se relacionarem com a “cidade-mãe”, oriundas das suas diferentes formas de organização. Entretanto, é preciso fazer uma ressalva – pouco abordada pelos autores aqui apresentados – no que se refere às motivações para se criarem as colônias e os entrepostos. Estas não dependiam, exclusivamente, das decisões tomadas pelos colonos-colonizadores, uma vez que nos territórios tomados para se tornarem a nova colônia já haviam grupos sociais organizados, ou seja, um território ocupado. Assim, tomando Naucratis como exemplo, o poder de colonizar grego não foi suficientemente forte para impor uma nova cidade-estado dentro do território egípcio, necessitando de negociação e permissão do governo faraônico para se concretizar um *emporion*. Logo, as questões políticas são relevantes para se decidir qual o modelo a ser utilizado, afinal os gregos e os egípcios já comercializavam antes mesmo da fundação do entreposto, pois tal política econômica favorecia a ambos os lados. Enfrentar o Egito representaria um problema a ser resolvido, por isso a necessidade de negociações até a

obtenção de permissão, por parte do governo faraônico, de um ponto comercial crucial para a manutenção de diversas *póleis*.

Compreendemos, também, que as *apoikias* não estariam restritas a um caráter agrícola. Tais empreendimentos coloniais realizavam comércio, tanto com suas *ciudades-mães*, quanto com outras colônias e mesmo povos locais e ao redor do Mediterrâneo.

Evidente que não estamos propondo compreender a colonização apenas a partir de motivações econômicas, entretanto, é preciso reconhecer que os interesses comerciais já estavam presentes no momento da colonização a partir de meados do século VIII a.C. Acreditamos que este processo de intensificação comercial ampliou-se ao longo da colonização, tornando-se mais evidente no século VI a.C.

Destarte, ao longo do processo de colonização os helenos circularam em suas naus, carregando consigo mais do que os produtos comerciais: carregavam sua própria cultura, seus valores e ideias. Neste sentido, Mossé expressa que o processo de expansão grega no mediterrâneo fomentou a difusão do *helenismo* pela bacia do Mediterrâneo, fosse pelas práticas religiosas ou pelas práticas sociais (MOSSÉ, 1989, p. 113). Nesta mesma perspectiva, Corvisier enfatiza que ao final do século VI a.C. os gregos eram “*mestres*” do Mediterrâneo (CORVISIER, 2009, p.77).

Em parte é possível concordar, já que os gregos disseminaram sua cultura ao longo do Mediterrâneo ao criar diversos núcleos em que continuavam suas práticas – fosse religiosa, política, cultural, econômica. Todavia, Mossé aponta que o processo de *helenização* foi pacífico em alguns casos, assim elencando graus diferentes com relação aos contatos e trocas culturais. Como fica evidenciado na ideia por ela exposta

pois há ainda que tentar determinar quais as vias de penetração das influências gregas, a maior ou menos permeabilidade dos autóctones ao helenismo, as modificações que contactos mais ou menos regulares possam ter provocado nas estruturas das respectivas sociedades. Os resultados das investigações levadas a cabo revelam bem a extrema diversidade das situações (MOSSÉ, 1989, p.115)

Podemos perceber nesta colocação que há uma relação, no mínimo, desigual entre os contatos, isto é, os helenos emanavam sua cultura aos nativos e estes receberiam, em escalas diferenciadas, suas “influências”. Mesmo que a autora demonstre a possibilidade do contrário também ocorrer, ela enfatiza o processo de *helenização*.

Durante um longo tempo na historiografia da Grécia antiga predominou a ideia de *helenização* no que se referia aos contatos entre os gregos e outras sociedades mediterrânicas. A ideia de “helenização” pressupõe uma superioridade cultural dos helenos, no qual – nas fundações de *apoikia* e/ou *emporion* – as sociedades locais passavam por um processo em que adquiriam a cultura helênica. Com isto, os nativos eram tidos como “aculturados” e “bárbaros”. A partir desta “helenização”, tais populações que viveriam na *barbárie* teriam sido beneficiadas pela adoção da cultura dos gregos em detrimento de suas práticas culturais, sendo assim conduzidos a um novo grau social, o de “civilizados” e, conseqüentemente, prósperos.

No que tange o marco de separação entre gregos e “bárbaros”, segundo John Boardman, é a língua falada. Do mesmo modo que esta servia de forte ligação entre os gregos, e assim reconheciam-se e respeitavam-se, era também a marca de distinção entre estes e os nativos, pois eram os que não falavam o grego (BOARDMAN, 1986, p.13).

Neste modelo *helenocêntrico*, entende-se que há “um processo unilateral e de aceitação incondicional por parte das populações indígenas, como se tal inevitável fosse” (TACLA, 2001, p.15). Com a passividade destas populações, teriam sido os nativos dominados e helenizados, ou seja, educados/ensinados aos moldes dos valores e ideais helênicos. Boardman utiliza este conceito quando trata das relações empreendidas pelos gregos no movimento de colonização no Mediterrâneo, marcando que em tais contatos os gregos teriam de “aprender no Leste e no Sul; ensinar no Oeste e no Norte. A história está equilibrada, e suas duas partes andam em par.” (BOARDMAN, 1986, p.15).

A autora Susan Frankenstein é enfática ao criticar a vertente historiográfica que se utiliza do conceito de “helenização”, bem como de “aculturação” e “bárbaros”, apontando as inconsistências presentes nestas terminologias. Usando-se de Antony Snodgrass, corrobora sua concepção de que a utilização de uma lógica binária, que consiste em colonizador *versus* colonizado ou explorador *versus* explorado, oculta, em verdade, uma realidade muito complexa, que proporciona instabilidades e fragilidades nas relações de poder (FRANKENSTEIN, 1997, p.XII).

Os historiadores buscaram repensar o conceito de “helenização” diante das interações desenvolvidas na Antiguidade. Destacamos um dos novos modelos interpretativos que tentaram analisar sociedades distintas sem figurarem uma hierarquia entre as duas sociedades. Com isto, a aplicação do “modelo de *sistema mundial*” foi uma das tentativas de correlacionar

e indicar contatos iguais entre duas culturas diferentes. Entre os autores que defendem tal modelo interpretativo estão S. Frankenstein (1997), P. Brun (1992; 1995) e B. Cunliffe (1998), no qual propõem a utilização de definições/conceitos de “centro”, “semi-periferia” e “periferia”. A localidade onde estariam os gregos estabelecidos era tida como o *centro* do sistema colonial, a partir do distanciamento deste centro teríamos a *semi-periferia*, como setor intermediário de contatos entre gregos e nativos, e a *periferia*, que consistiria no maior distanciamento dos nativos com relação aos helenos. Assim, apregoa-se uma interdependência, social e econômica, entre as populações gregas e as nativas, em uma dialética *centro-periferia*.

As críticas que são feitas atualmente ao *sistema mundial* é a de que aqueles que se usavam deste modelo acabam por construir uma análise de caráter colonialista, tendo em vista que o *centro* da fundação helênica (dominador) se sobreporia à *periferia* população local (dominado). Vemos, portanto, que constitui uma tendência reducionista, estruturalmente determinista que conclui por reforçar a concepção de “helenização” (DIETLER *Apud* STEIN, 2005, p.55-68).

Com isto, buscando nos afastar de um modelo que infere uma hierarquização, onde há a valorização de uma cultura/sociedade em detrimento de outra, empregamos em nossa pesquisa ideias como hibridismo e apropriação, que buscam repensar o “outro” a partir das compreensões e valores desse “outro”. Assim, o contato entre culturas diferentes gera apropriações de ambos os lados, formando um *terceiro espaço*.

Sem nos aprofundarmos nestas questões de hibridismo, o que nos é relevante para a pesquisa é pensar que estas trocas culturais se desenvolveram em todo o Mediterrâneo através dos contatos que foram, em grande medida, fomentados pelo processo de colonização, e que foram materializados nas trocas comerciais, por exemplo.

Paralelo à expansão helênica no Mediterrâneo, verificamos o “fenômeno orientalizante”, ou seja, trocas culturais entre helenos e sociedades próximo-orientais (hititas, assírios). Artefatos, signos e temas iconográfico foram assimilados e re-interpretados pelos artesãos gregos no VII século a.C. Leões, grifos, panteras, esfinges, entre outros motivos, começaram a povoar o imaginário helênico nesse período. O consumo de tais representações e de objetos orientais (ou com “inspiração” oriental) demonstra uma rivalidade no seio das elites helênicas. A circulação de objetos e imagens só foi possível graças à navegação do Mediterrâneo. O mar e sua exploração proporcionaram a circulação de aedos e de artesãos.

Ideias, valores e representações foram consumidas graças à *métis* dos *nautai* no período arcaico.

No entanto, Mossé alerta que não se deve pensar, ao menos para o período arcaico, um Mediterrâneo com comércio periódico, pois “o comércio grego era ainda um comércio ‘aventureiro’” (MOSSÉ, 1989, p.127). Concordamos que não haveria, ainda, um esquema de rotas amplamente exploradas, mas que este comércio existia e se ampliava gradualmente.

De todas as possibilidades de investigação, o mais relevante em nossa pesquisa é o meio que permite todos estes acontecimentos: o mar. É através da navegação que pintores, oleiros, *aedos* e artesãos circulam no Mediterrâneo, fomentando as trocas de caráter cultural. Centramos em dois modos de difusão deste conjunto de valores: a cerâmica, por conta das imagens presentes em alguns vasos ou pelo estilo “helênico” de produção e uso, e os *aedos*, que circulavam em diversas *póleis* recitando histórias da tradição grega.

Com isto, John Boardman afirma que por três motivos a cerâmica grega pintada foi disseminada na Antiguidade. Primeiramente, a principal e mais evidente, seria a impossibilidade dos gregos no exterior de reproduzir – pela ausência de fornos – a cerâmica ou porque suas demandas não foram satisfeitas pela produção local não-grega. Em segundo lugar, os vasos que circularam através do comércio podem ter adquirido um valor comercial devido ao seu conteúdo (que em muitos casos foram, muitas vezes, reutilizados ou até mesmo reexportados) ou a ele mesmo como “obra de arte” (a ornamentação iconográfica, em vasos de perfume ou em taças, por exemplo). Por fim, os achados isolados que podem ser encontrados, longe de qualquer assentamento ou posto comercial, fora do alcance grego e sem ter sido especificamente solicitado (BOARDMAN, 1986, p.26-30).

Desta forma, podemos compreender que a cerâmica circulava tanto entre gregos nas colônias quanto entre nativos, já que se encontram artefatos longe dos assentamentos helênicos. Mostra-se, desta forma, a circulação de ideias e valores gregos entre diversos grupos sociais consumidores – mesmo que estes sejam reapropriados.

“Com a falência da organização social centrada nos palácios e no poder político e econômico dos *basileis*, os poetas deixam de praticar sua arte em ambientes privados e estabelecem definitivamente a sua participação em jogos e festas públicas” (MORAES, 2012, p.40). A partir disto é possível pensarmos que há uma facilitação de circulação destes poetas entre diversas *póleis* (disseminação mediterrânea) e que a oralidade em festivais públicos

possibilitava uma maior circulação em grupos sociais políades de distintos status sociais (disseminação intra-social). Com esta dupla associação de modos de disseminação, percebemos o quão compartilhado eram os valores existentes nestas poesias. Todavia, ressaltamos que a aceitação de ideais passava por uma “filtragem” de cada indivíduo, que podia ou não concordar e compartilhar determinado valor – como defendemos acima ao abordarmos a questão do processo de “helenização”.

Dentro de todo este cenário, a obra homérica “Odisseia” aparece como uma grande síntese das problemáticas abordadas até então. Para estudiosos como E. Mireaux, R. Aubreton e I. Malkin, o épico representa o reconhecimento do Mediterrâneo, bem como a presença do processo de colonização e os contatos que ocorriam nestes processos.

De acordo com Elaine Hirata, para além de uma sistematização do panteão grego, as obras homéricas nos apresentam um conjunto de princípios e comportamentos que nortearam a conduta dos gregos. Seguindo as propostas de Jeffrey Hurwitt, para Hirata, Homero serve não só como a atribuição de um nome ao responsável que compôs os poemas, mas como uma espécie de “rótulo” que representa os bardos pré-literários que pertenciam a uma tradição que culmina na criação dos poemas do início do século VIII a.C. (HIRATA, 2009, pp.1-2). “A literatura – que tem em Homero seu ‘pai fundador’ – não surgiu pela máxima inspiração de um gênio criativo que dominava o alfabeto: é o resultado de séculos e séculos de tradição de oralidade” (MORAES, 2012, p.34)

A “Odisseia” provém, segundo Sarah Pomeroy, de uma tradição antiga, uma vez que seus enredos eram já conhecidos. Os *aedos* recorriam a “fórmulas” que eram memorizadas, porém flexíveis caso a ocasião necessitasse. Quando as obras foram escritas, é provável que houvesse certo grau de proteção contra uma nova alteração (POMEROY, 2004, p.14). Já para Moses I. Finley a obra foi composta na Jônia, em meados do século VIII e início do VII por poetas diferentes que compartilhavam de uma mesma tradição. Estes se formaram a partir da experiência com poesia oral praticada por bardos profissionais que faziam longas viagens pelo “mundo grego” colhendo tradições locais com temas heróicos (FINLEY, 1990, p.89).

Pomeroy aponta que o código de conduta seguido pela sociedade homérica era típico das sociedades guerreiras e, em uma sociedade de honra e vergonha como a políade, a elite aristocrática buscava ser reconhecida publicamente, especialmente seus valores, lugar de honra em festas e maior pedaço dos espólios. Os poemas homéricos para Évelyne Scheid-

Tissinier pertencem ao gênero da poesia épica que é centrada na guerra, sobre os modos de comportamento e valores que ela suscita (SCHEID-TISSINIER, 1999, p.34). A poesia apresentada nos momentos de recitação, como banquetes, estavam correspondendo ao interesse de uma aristocracia que desejava escutar os relatos de suas realizações e filiações guerreiras (MORAES, 2012, p.18).

Além disso, as obras tinham um caráter pan-helênico, segundo Hirata, auxiliando na definição do “ser grego”. Sobretudo Homero possibilitou confinar ideais heróicos em uma “época dourada” que emanava uma distância segura que se opunha aos novos ideais e comportamentos “polísticos” da sociedade grega. De modo parecido, Paul Cartledge acredita que os épicos homéricos são, em si, produtos da ascensão da sociedade grega de cerca de 750 a.C., em um período em que os comerciantes gregos começaram ir para o leste do Mediterrâneo buscando comércio, e passaram a criar *apoikia* e *empóron* no processo de colonização, primeiro para oeste e em seguida para nordeste (Mar Negro) (CARTLEDGE, 2009, p.8).

Como afirma Moraes,

A monumentalidade dos temas decorridos em Tróia criou para os *aedos* da *Odisseia* uma excepcional matéria de canto: um evento que envolvia toda a Hélade deveria ter um apelo fortemente sentido pelas diversas regiões do Mediterrâneo, que sofriam necessariamente as repercussões que o fortalecimento dos gregos e a derrota dos troianos trariam para as diversas *póleis*, seja em seus aspectos políticos, sociais ou econômicos (MORAES, 2012, p.72).

A ampla temática abordada na dupla “Ilíada” e “Odisseia”, para além de um reconhecimento do Mediterrâneo, mostra um processo de incorporação das diversas *póleis* que se formavam ao redor de uma cultura helênica. A transmissão e a posterior fixação escrita das obras não somente seria um “reflexo-representacional” das experiências vivenciadas, mas também uma “liga” entre os povos helênicos que se expandiam pelo Mediterrâneo. Podemos aferir que a circulação destas histórias dava-se pela identificação com as temáticas e pela manutenção da cultura helênica (sobretudo no processo de colonização). Corroborando com estas proposições, Moraes aponta que “as récitas dos *aedos* transcendiam a função social de divertir e alegrar os banquetes: eram igualmente importantes pelo seu caráter informativo” (*Ibid.*, p.72).

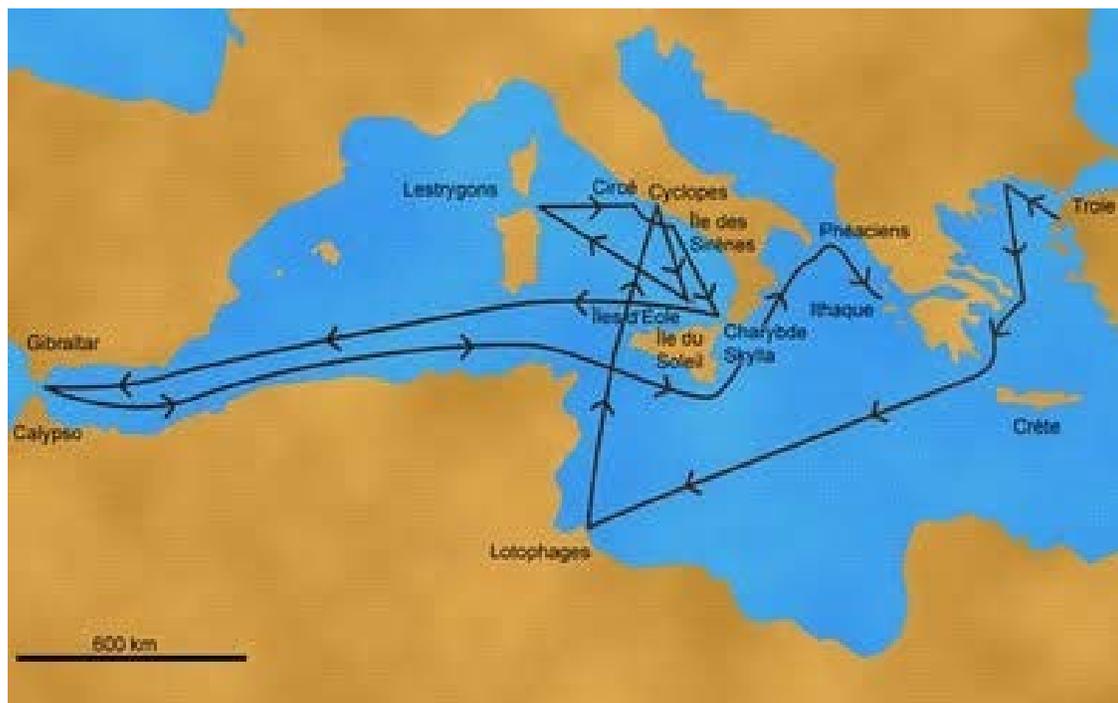


Figura 2 – Traçado no mar Mediterrâneo do caminho percorrido durante o retorno do herói Odisseu²⁰

Neste mesmo sentido, Irad Malkin aponta que a mitologia acerca dos *nostoi*, da qual a “Odisseia” faz parte, foi compartilhada pelas sociedades helênicas por um longo período, que perpassa do arcaico ao clássico (VIII- IV a.C). Tal mitologia deu origem a histórias, rituais, imagens, interpretações historiográficas e questões sobre etnicidade. Assim, os *nostoi* não eram “histórias” simplesmente, eram ideias no qual imagem e pensamentos eram condensados (MALKIN, 1998, p.23).

Assim, por exemplo, o mito de Odisseu gerou não somente a narrativa épica da “Odisseia”, mas também versões alternativas e outras possibilidades de narrativas correlacionadas a ela, ou mesmo imagens pictóricas através de pinturas em vasos ou moedas, nas formas dos cultos, nas ofertas anuais (*Ibid.*, p.25). Seria, portanto, concebível afirmar que o mito do herói Odisseu permeava o imaginário dos poetas, dos artistas, do público, dos

²⁰ O mapa, acessado em 14 de novembro de 2013, está disponível em <http://www.webletters.net/blogs/?w=penker5AC&page=2&thisy=&>

espectadores, dos colonizadores e membros das *póleis*.

Segundo Malkin, a partir da “Odisseia” podemos refletir – como o fazemos nesta pesquisa – acerca do período de expansão, comércio e colonização helênica, uma vez que para além de uma obra literária, pode nos fornecer elementos do conjunto de ideias e valores (por meio oral ou, *a posteriori*, textual) que circulavam entre os grupos que possuíam contato com os poemas – tanto na sua construção, quanto em sua “apreciação”. Todavia, esses poemas, principalmente quando nos remetemos a uma poesia que era transmitida oralmente, eram constantemente transformados e intercalados com outras histórias, a ela correlata. Fosse através das escolhas excludentes daqueles que cantavam/narravam o épico, fosse por sublinharem um feito, as mudanças que ocorriam nos permite compreender a multiplicidade de interações entre objeto (poesia épica), o narrador (o bardo ou *aedo*) e o espectador (diversos grupos, de regiões distintas). Por isso, assim como afirma Malkin, o que foi textualizado não representa as muitas interpretações concedidas pelos antigos ao épico, caso da “Odisseia”. Assim, esses *aedos* não repetiam os poemas antigos com exatidão, contudo, também não os alterava a ponto de não serem reconhecidos. É preciso, ainda, considerar que tradições locais influíam nesses poemas orais e que, de fato, há um aspecto “líquido” na oralidade.

A marca da itinerância dos *aedos* se faz presente nos épicos homéricos. Neles percebe-se a multiplicidade de dialetos (ático, jônico, arcado-cipriota e alguns arcaísmos). Desta forma, cabe salientar que até mesmo o nome do herói *polýmetis* é alterado, variando de Odisseus a Ulíkses. Buscando possíveis explicações para tal diversidade, há duas possibilidades: a primeira é que dada a existência de *aedos* de diversas regiões que compartilham de uma mesma tradição oral, suas peculiaridades linguísticas podem ter influenciado na redação, compondo uma fusão de regionalismos; a segunda hipótese seria a de que é possível apontar que tal variação dialetal é proveniente das inúmeras viagens e novas incorporações linguísticas (de regiões específicas) promovidas pelos *aedos*. Em ambos os casos, nota-se a mobilidade que os *aedos* gozavam. Tanto na construção das tradições quanto no(s) momento(s) de textualização da tradição oral, observamos a grande difusão promovida, também, pelos *aedos* ao longo de todo o Mediterrâneo (MORAES, 2002, pp.73-74). Esta movimentação dos *aedos* é algo constante, a fixação junto a um ambiente aristocrático era algo puramente momentâneo. Não seria, portanto, adequado acreditar em um *aedo* estabelecido permanentemente em um único lugar, afastado de seus pares. Como é destacado por Moraes, “A errância, portanto, não

é apenas adequada a esses *aedos*: é provável que tenha sido um meio indispensável para a ampliação de seu repertório e a aquisição de novos materiais e canções” (KRAUSZ *apud* MOARAES, 2012, p.73).

A questão, então, que nos é colocada se refere à fixação dos textos homéricos, em especial a “Odisseia”. Desta forma, a proposta de Gregory Nagy (*apud* MALKIN, 1998, p.27) pretende explicar a fixação dos textos homéricos através de um processo de difusão pan-helênico. A perspectiva de Nagy nos mostra que os *nostoi* poderiam ter sido considerados, pelos próprios helênicos, como uma experimentação na navegação por novas regiões, do noroeste (Épiro, o Estreito de Otranto, por exemplo) ao sul (península itálica), fomentando uma interação entre o local e o pan-helênico. Destarte, entre a Ítaca literária e a Ítaca real e evocando um conjunto de *nostoi* – Odisseu, Nestor, Agamêmnon – as navegações de eubeus e coríntios funcionaram como um ponto inicial do processo colonizador, que ampliou as distâncias de comércios marítimos e as trocas culturais. E, que, sobretudo, os saberes reunidos na “Odisseia” permitiram aos helenos conhecerem e reconhecerem o mar Mediterrâneo, seu entorno e as sociedades que o habitavam. Com isto, segundo Corvisier, o retorno de Odisseu introduz um verdadeiro imaginário do mar, que seria ainda anterior a sua formulação, uma vez que desconhecemos outra evidência (CORVISIER, 2008, p.50).

Capítulo 2

A thalassocracia ateniense: o domínio sobre o mar Egeu

ἀκταὶ δὲ νεκρῶν χοιράδες τ' ἐπλήθουν, φυγῆ δ' ἄ
κόσμῳ πᾶσα ναῦς ἠρέσσετο, ὅσαιπερ ἦσαν βαρβάρου στρ
ατεύματος. τοὶ δ' ὥστε θύννους ἢ τιν' ἰχθύων βόλον
ἀγαῖσι κωπῶν θραύμασιν τ' ἐρειπίων ἔπαιον, ἐρράχιζον: ο
ἰωγῆ δ' ὁμοῦ κωκύμασιν κατεῖχε πελαγίαν ἄλα, ἕως κελ
αινῆς νυκτὸς ὄμμ' ἀφείλετο.²¹

(Ésquilo, *Os persas*, vv. 421-427)

Nos primórdios do século V a.C., o mar Egeu é revolto em batalhas entre gregos e persas. Os persas, um império que agregava milhares de pessoas, com poderosos exércitos e uma grande quantidade de naus, tropeça diante da união helênica. As ameaças de Dario (490 a.C.) e de Xerxes (480 a.C.) são afastadas, e Atenas constrói seu poder e hegemonia diante de outras cidades gregas. Tal pujança deve-se, sobretudo, aos ardis de Temístocles e as habilidades dos navegadores e remadores durante a batalha naval em Salamina. Os atenienses, com todo o conhecimento e um imaginário construído durante os séculos anteriores, transformaram o mar em um *locus* de seu poder.

Neste segundo capítulo temos dois objetivos: 1 – analisar a possibilidade de interseção entre a *métis* e a vitória ateniense em Salamina, os ardis de Temístocles e dos navegantes; 2 – compreender, a partir da documentação textual, o conjunto de representações sociais sobre o meio marítimo no V século a.C., momento em que Atenas exerce hegemonia a partir de sua poderosa frota. Assim, perquirindo o início da construção do poderio naval e a execução de um domínio nas *póleis* egéias (“A hegemonia vinda do mar: saberes e ardis no domínio do mar Egeu”), nos deteremos na análise de uma nova perspectiva empreendida pelos helenos, sobre o

²¹ “o mar desaparecia sob um amontoado de destroços e de cadáveres ensanguentados; as praias e os arrecifes ficaram coalhados de mortos, e os que sobreviveram nas naveas bárbaras remavam com toda a força, numa fuga desordenada, enquanto os gregos, como se fossem atuns, peixes despejados da rede, batiam nos inimigos, e prostravam-nos, utilizando restos de remos e fragmentos de destroços. No mar, ao largo, reinavam apenas gemidos misturados a soluços, até a hora em que a noite, de face sombria, veio pôr um fim a tudo.” Disponível em <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/searchresults?q=the+Persians> e acessada em 17 de junho de 2014.

mar e as astúcias usadas para a vitória naval ateniense (“Heródoto e a História: um novo olhar acerca da navegação e do mar” e “Uma voz da segunda sofística: Plutarco sobre Temístocles”). Deste modo, pretendemos apresentar a proximidade com o mar e as novas representações que permeiam o imaginário helênico (As novas percepções do meio marítimo: a proximidade com o mar conhecido).

2.1 A hegemonia vinda do mar: saberes e ardis no domínio do mar Egeu

Para compreendermos o desenvolvimento da *pólis* dos Atenienses no V século a.C. é necessário voltar nosso olhar para o Oriente, o contínuo crescimento de um Império. Em meados do século VI a.C., Ciro empreende um movimento de expansão territorial e de subordinação de cidades pelo Império persa (LENFANT, 2011, *passim*). Como nos informa Mossé, a região da Lídia foi dominada em 546 a.C., mesmo período em que as *póleis* litorâneas – como Halicarnasso, Mileto e Éfeso – e de algumas ilhas – Quios, Lesbos e Rodes – foram submetidas ao poder persa. Todavia, tal jugo pode ser considerado ameno, uma vez que foram “chamadas a coexistir pacificamente com o senhor do país” (rei persa) e que não sofreram problemas com a manutenção pujante das rotas comerciais que eram escoadas por seus portos (MOSSÉ, 1992, p. 24). Cambises, sucessor de Ciro, ampliou o império ao dominar o Egito. No entanto, com o assassinato de Cambises seguiu-se conflitos internos por conta do poder, e isto retardou a expansão empreendida pelos persas.

Com Dario, que assume o título de imperador, o processo expansionista é reiniciado, dispondo-se a subjugar as sociedades no norte do mar Egeu, nas regiões da Trácia e da Macedônia. Neste contexto, é fomentada uma primeira indisposição entre atenienses e persas: as regiões dominadas por Dario eram de interesse ateniense, pois desde o período dos Pisistrátidas, Quersoneso (na Trácia) e as ilhas de Lemnos e Lesbos, tinham se empenhado em controlá-las. Situada no caminho entre a Jônia e a região da Hélade, Dario não conseguiu sitiar a *pólis* de Naxos, muito em parte por conta do fracasso do tirano de Mileto Aristágoras. Este, buscando aliar-se inicialmente com Dario, visando concretizar uma aliança política e assim permanecer como líder político de Mileto. Entretanto, por razões pouco conhecidas, após a derrota para Naxos, Aristágoras dirige-se à Hélade buscando auxílio contra os persas e, ao

mesmo tempo, incitando as *póleis* da Jônia a se rebelarem (*Ibid.*, pp. 24-25).

Foram os atenienses, juntamente com Erétria, que atenderam a solicitação de Aristágoras. Assim, ambas enviaram uma expedição, com vinte naus, às cidades da Jônia que estavam em revolta. Inicialmente os helenos conquistaram algumas vitórias, como a tomada de Sardes. Contudo, Dario reagiu rapidamente, tomando Chipre e, após longo cerco, Mileto. A grande ofensiva do Império persa conduzida por Dario fez com que a revolta das *póleis* da Jônia se tornasse desastrosa. Como ressalta Mossé, “Os atenienses desempenharam um papel relativamente modesto no evento, mas sua participação na revolta da Jônia iria acarretar-lhes conseqüências funestas” (*Ibid.*, p. 25).

Este ocorrido mostrou-se como um atenuador do interesse de dominar as cidades da Hélade continental, uma vez que Dario havia percebido que sua dominação das *póleis* na Jônia também dependeria da conquista persa nas outras *póleis* do continente, sobretudo isto se mostrava pertinente dada a intervenção de Atenas e Erétria na revolta. Deste modo, em 490 a.C., Dario inicia sua investida contra os helenos e, para tanto, envia uma esquadra persa partindo de Cilícia. Primeiramente tomou as Cíclades e, seguindo para Eubéia, cercou e apoderou-se de Erétria, deportando os cidadãos para a Pérsia (*Ibid.*, p. 25).

Com a tomada de Eubéia, a costa oriental da região Ática encontrava-se diretamente ameaçada pelos persas. Neste período Milcíades era o *estrátego* de Atenas e nutria um desejo pessoal de derrotar os persas²². Desta forma, diante de uma grave ameaça, Milcíades solicitou auxílio aos espartanos. Mesmo havendo divergências, “face à ameaça ‘bárbara’, parece que os gregos esqueceram as diferenças que os separavam, para se lembrarem de sua origem comum” (*Ibid.*, p. 25).

Os persas desembarcaram em uma região próxima a Atenas, em uma planície em Maratona. Os atenienses acamparam nas proximidades do acampamento persa, aguardando a chegada de reforços militares prometidos pelos espartanos, para assim poderem iniciar os combates. Entrementes, os atenienses viram-se obrigados a lutar, pois os persas lançaram-se ao ataque. E, somente auxiliados pelos plateenses, após longo conflito, com indefinições, os atenienses conquistaram a vitória na batalha. Com isto, os persas viram-se obrigados a

²² “Sobrinho-neto do fundador da colônia ateniense do Quersoneso da Trácia, da qual ele próprio foi governador, até ser obrigado a fugir diante dos citas (MOSSÉ, 2008, p. 44).

embarcar em seus navios e se retirarem. “Para Atenas, isto representava um imenso aumento de seu prestígio e, para Milcíades, a glória. De fato, era ele quem comandava o exército ateniense, no dia decisivo, e a quem tocou a deliberação de contra-atacar, a despeito da exortação de alguns de seus colegas” (*Ibid.*, p. 25). Este confronto é conhecido como a Primeira Guerra Médica, ocorrida em 490 a.C., com vitória grega. Mas, entusiasmado pela vitória, Milcíades organiza uma campanha contra os persas no mar Egeu, para retomar Paros. De acordo com Jean Rougé, aparece durante a batalha de Maratona, mas apenas em segundo plano, o *estratego* Temístocles. Enquanto Milcíades tratava de pilhar e punir certas ilhas que haviam colaborado com os persas, Temístocles fazia triunfar, em Atenas, sua política voltada para o meio marítimo. Sempre existindo oposição, ele persuadiu outros membros da *pólis*, apontando que os persas retornariam para realizar uma revanche. “Eles foram mais humilhados que verdadeiramente vencidos” (ROUGÉ, 1986, pp. 146-147). Tomando outro posicionamento com relação a preocupação de Temístocles para sua política marítima, Mossé aponta os conflitos existentes entre Atenas e Egina, uma vez que sua esquadra devastava a costa da Ática (MOSSÉ, 1992, p. 26). Em todo caso, com a campanha falha, Milcíades, após a prestação de contas para a cidade de Atenas, é multado em cinquenta talentos; e Temístocles passa a adquirir proeminência na política da cidade.

Dario foi sucedido por seu filho Xerxes em 485 a.C., que possuía o ensejo de conquistar os territórios não dominados por seu pai. Os conflitos entre gregos e persas passaram por uma década de paz, somente em 480 a.C. que Xerxes lançou-se contra os helenos, buscando submeter a península balcânica.

No entanto, cabe-nos enfatizar que em Atenas, no âmbito político, a paz não fazia parte deste cenário. Em 483/2 a.C. , o cargo de arconte – que nesta época era sorteado – havia sido conquistado por Temístocles, que apesar de possuir muitos bens e riquezas, tinha, em parte, descendência estrangeira (*Ibid.*, p.26). Temístocles, que já se encontrava no cenário político ateniense há algum tempo²³, visava fortalecer seu projeto marítimo. É durante seu arcontado que são descobertas ricas jazidas de prata (HERÓDOTO. *Histórias*, VII, 143-144). Disto pode-se apontar que “Esta política é favorecida a partir de 483 pela descoberta e a exploração

²³ Segundo Jean Rougé, Temístocles havia sido eleito, em 493 a.C., arconte *éponyme* e, logo de início, preocupou-se com os problemas marítimos e a construção de um porto em águas profundas e de mais fácil defesa.

de novos depósitos – extremamente ricos – de minério argentífero das minas do Láurion, no sudeste da Ática” (ROUGÉ, 1986, p. 147). Aristóteles, na obra “constituição dos Atenienses”, remete-se à política de Temístocles com relação ao uso das riquezas obtidas a partir do Láurion da seguinte maneira:

(...) descobriram-se as minas de Maronéia, de cuja exploração a cidade retirou cem talentos. Alguns propuseram que o dinheiro fosse distribuído ao povo, porém Temístocles os impediu; sem revelar no que aplicaria os recursos, insistiu apenas que se desse, em empréstimo, um talento a cada um dos cem atenienses mais ricos e, então, caso seu emprego fosse aprovado, a despesa correria por conta da cidade, e caso contrário, o dinheiro seria cobrado aos que o haviam recebido emprestado. Dispondo dos recursos nessas condições, providenciou a construção de cem trirremes, com cada um daqueles cem ricos construindo um navio, e foi com essas trirremes que eles combateram os bárbaros em Salamina. (*Constituição dos Atenienses*, XXII, 7)

Todavia, diferentemente do que nos mostra Aristóteles, as disputas sobre a prata do Láurion se tornaram profundas querelas políticas entre os atenienses. Como pode ser visto no excerto acima citado, há oposições de opiniões do emprego da prata. De acordo com Rougé, Aristides, um dos *estrátegos* da época da batalha de Maratona e um dos principais líderes políticos do momento, ensejava repartir a prata entre todos os atenienses; contudo, Temístocles queria direcionar os recursos das minas de prata para a construção de uma frota e, finalmente, poder realizar seu projeto de longo tempo. Dada acirrada disputa, Temístocles propôs o ostracismo²⁴ de Aristides. Assim, com seu principal adversário ostracizado, Temístocles conseguiu que a Assembléia adotasse um decreto que atribuía aos cem cidadãos mais ricos a soma de um talento sobre os rendimentos do Láurion, incumbindo-os de construir, cada um, uma trirreme (ROUGÉ, 1986, p. 147). Inicia-se a construção de uma esquadra ao mesmo tempo em que Temístocles, confiante na obtenção de apoio da população, afastava seus adversários, fazendo constantemente uso da prática do ostracismo (MOSSÉ, 1992, p.26). As embarcações escolhidas para comporem a frota ateniense eram as trirremes. Como enfatiza

²⁴ O ostracismo era uma prática da democracia, conhecida sua realização apenas em Atenas. Durante a reunião da Assembléia, na sexta prítania, era decidido se recorreriam ao ostracismo. Se sim, em uma nova reunião era depositado o voto (*óstrakon*) em uma urna, contendo o nome do que seria ostracizado. O quórum mínimo era de seis mil votos. Se algum cidadão recebesse uma quantidade considerável de votos deveria ser banido da cidade por dez anos, mas matéria seus bens e a qualidade de cidadão em seu retorno. Este dispositivo visava afastar cidadãos que ameaçassem a democracia, tentando instalar uma tirania (MOSSÉ, 2004, pp. 218-218).

Christopher J. Haas, “a fim de construir trirremes em grandes quantidades, o Estado teve de assumir a liderança, devido à enorme despesa envolvida” (HAAS, 1985, p. 46).

A criação de uma frota de trirremes concedeu um grande poderio militar aos atenienses. A trirreme, um navio projetado, assegurou que Atenas se tornasse a mestra do mar Egeu. Estas embarcações eram muito longas e muito estreitas – contava com cerca de 35 metros de comprimento e 5,5 metros de largura –, pouco elevada sobre a água e sem um convés originalmente. Uma “máquina de guerra que nós podemos comparar a uma lança com seu esporão de bronze na altura da linha de flutuação” (ROUGÉ, 1986, p. 148). Na construção deste navio, comumente se utilizava o abato ou o pinho, mas, quando se podia importar a madeira, utilizava-se o cedro (CORVISIER, 2008, p. 142).

De fato, a trirreme representou grandes inovações à época, sobretudo seu desempenho nas batalhas travadas sobre o mar. Inovação no uso pelos atenienses, pois, como destaca Haas, durante a revolta das *póleis* na Jônia, o auxílio prestado pelos atenienses contava com uma frota composta de penteconteras. Assim como Haas, nos propomos a seguinte questão: “Por que a ‘frota’ ateniense ainda era composta por penteconteras, quando os persas e os Estados jônicos estavam usando a superior trireme?” (HASS, 1985, p. 45). De fato, Atenas não havia se envolvido em conflitos navais de grande envergadura, exceção a isto são as constantes batalhas travadas, no final do século VI e princípios do V a.C.²⁵ (NOUREUX, 2001, p. 636), contra os egípcios. Neste conflito, ambos os lados fizeram uso de penteconteras. Como é válido ressaltar, a pentecontera é “acessível o suficiente para ser propriedade de particulares, como comerciantes e aristocratas; seria a embarcação ideal para corso, uma atividade útil ao Estado e rentável para o indivíduo” (HAAS, 1985, p. 46). Todavia, com o acirramento das disputas navais, Atenas compra de Corinto vinte naus (que se supõe serem trirremes). Em parte, o vislumbre do poder das trirremes – ainda que possuam suas limitações – por Temístocles pode tê-lo incentivado ao projeto de criação de uma frota composta por trirremes.

Como seu nome já indica, a “tri – reme” contava com três níveis de remadores que são diferenciados em *thranites*, *zygites* e *thalamites*, cada um dispondo de um remo que media 4,40 metros (era variável segundo a localização do barco, ou seja, encurtava-se alguns centímetros se estava próximo a proa). Os remadores que se encontravam no primeiro nível, os

²⁵ O Mediterrâneo Oriental desde a época arcaica é bem conhecido pelos marinheiros.

thranites, estavam em uma posição pouco instável e eram os mais experientes, recebiam um soldo pouco maior que os outros remadores. No nível intermediário encontravam-se os *zygites* e no nível inferior os *thalamites*, que tinham as “saídas” dos remos pouco acima do nível de flutuação (*Ibid.*, pp. 140- 143). Cada fileira de remadores era ligeiramente deslocada da linha superior, adentrando mais para o centro da embarcação – como pode ser visualizado na figura abaixo.

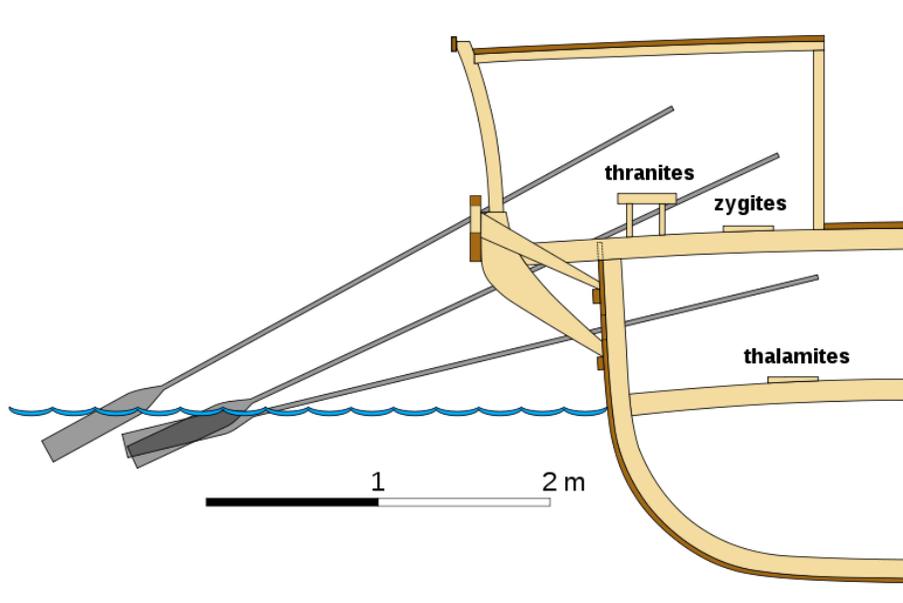


Figura 3 – Trirreme. Foco na disposição dos lugares dos remadores²⁶

Os projetores da trirreme sacrificaram a estabilidade da embarcação pelo alcance de alta velocidade. Com seus três níveis de fileiras, sua velocidade podia alcançar os dez nós – aproximadamente 18 quilômetros por hora (CORVISIER, 2008, p. 127). Toda a velocidade dependia dos 170 remadores, dispostos como acima apresentamos (62 *thranites*, 54 *zygites* e 54 *thalamites*).

²⁶ Disponível em http://es.wikipedia.org/wiki/Trirreme#mediaviewer/Archivo:Trirreme_cut-es.svg

Além dos 170 remadores na embarcação, também faziam parte da tripulação 14 homens da infantaria (no caso ateniense eram 10 hoplitas e 4 arqueiros), 13 marinheiros (que eram os responsáveis para executar as manobras relativas à navegação com vela) e 1 carpinteiro (para realizar consertos no navio); a chefia da nau era dividida entre seis membros, o trierarca²⁷ (que financiava a manutenção da embarcação e o pagamento dos soldos), o contra-mestre (que dava ordens à tripulação e ao timoneiro), o piloto-chefe (*Kubernetes*, comandava os remadores, guiando o navio e as manobras das velas), o proreute (o homem em segundo no comando e fica responsável por indicar o caminho ao visualizar o mar), o pentekontarca (auxiliar do trierarca e oficial de suprimentos) e o chefe dos remadores (desempenha a função manter o ritmo das remadas, comumente usa um *aulós*). Assim, a tripulação de uma trirreme totaliza 200 homens (*Ibid.*, pp. 143-146).

A arma de guerra é a trirreme, mas para a organização de uma frota a estratégia de batalha é altamente relevante. Assim, de acordo com Rougé, os atenienses, tanto quanto outros gregos, conheceram comandantes de frotas especializados. No caso ateniense, comumente um dos dez *estrátegos* é quem comanda uma expedição marítima. No entanto, durante o combate é preciso considerar os saberes do piloto e o valor dos homens nas embarcações, ou seja, é necessário que a estratégia de batalha esteja aliada à astúcia da navegação e do combate. A escolha da tática depende essencialmente das circunstâncias em que se dá a batalha. Deste modo, são dois os principais movimentos utilizados pelos atenienses como tática de ataque:

a “passagem através” (*diéklous*), que consiste, forçando a velocidade, passar através da linha inimiga, depois retornar para vir esporar o adversário antes que ele tivesse tempo de fazer a meia-volta, ou “o cerco” (*périplous*), durante o qual os navios rodam em fila entorno do inimigo, até que estes, para contra-atacar, venham a se desunir. Neste momento, eles atacam com o esporão. (ROUGÉ, 1986, p. 150)

Todo este poderio e conhecimento naval foram utilizados pelos atenienses durante a Segunda Guerra Médica. Como já apontado anteriormente, Xerxes deu continuidade ao

²⁷ O trierarca custeava uma das liturgias mais cara e importante entre os atenienses. A trierarquia consistia na equipagem, financiamento da tripulação, manutenção da nau pelo período de uma no. “Os trierarcas eram escolhidos anualmente, pelos estrategos em exercício, dentre os atenienses mais ricos. Eram também encarregados do comando do navio” (MOSSÉ, 2004, p. 279).

projeto de conquistas territoriais e, assim sendo, projetou-se contra os helenos em 480 a.C. O rei persa havia reunido um exército e uma esquadra com números consideráveis, para que deste modo pudesse, concomitantemente, atacar por terra e por mar. Segundo nos informa Mossé, após a deserção dos tessalianos a Grécia central ficou exposta para a entrada do exército persa. Coube aos espartanos se tornarem a primeira defesa da Hélade. Liderados por um dos reis de Esparta, Leônidas, um exército de aproximadamente 6.000 homens, dentre os quais somente 300 hoplitas espartanos, situaram-se nas Termópilas enquanto aguardavam o posicionamento da frota grega no cabo Artemísio. Após a traição e a tentativa de defesa nos desfiladeiros, a derrota grega em terra ampliou o caminho de dominação persa. Os helenos acreditavam que a última linha de defesa possível seria formada no istmo de Corinto, ou seja, as regiões da Beócia e da Ática poderiam ser tomadas pelos persas (MOSSÉ, 1992, p. 27).

A ameaça persa se aproximava de Atenas. Temístocles, tomando o comando, se dispôs a interpretar a sua revelia um prodígio²⁸, considerando que a cidade ficaria sob a proteção de Athena, no momento em que era evacuada – exceto alguns idosos que permaneceram na acrópole –, enquanto que a frota ateniense se posicionava em Salamina (*Ibid.*, p. 27). Enquanto a frota ateniense permanecia entre a ilha de Salamina e a costa da Ática, a frota persa mantinha campanha em Falero, possuindo superioridade numérica aos atenienses. A opinião geral era a de que a frota ateniense deveria ser deslocada para o istmo de Corinto, formando uma segunda linha de defesa. No entanto, Temístocles, usando da astúcia, recorre a um plano para forçar os helenos à batalha: “ele teria avisado Xerxes das intenções dos Gregos para o incitar a atacar antes da execução de seu projeto” (ROUGÉ, 1986, p. 151). Acreditando em sua vitória, Xerxes coloca seu trono na costa da Ática, de onde podia visualizar o estreito de Salamina, e vê, no início da manhã, um destacamento da frota persa fechando a saída ocidental do canal, enquanto a outra parte da frota penetra nas águas de Salamina.

Segundo Rougé, “a desproporção numérica joga contra os persas, que não podem desenvolver corretamente suas linhas e se expõe aos ataques das trirremes gregas, mais móveis” (*Ibid.*, p. 151). A batalha mostra-se como uma briga confusa. De acordo com Mossé, a manobra que teve papel decisivo, permitindo a vitória dos atenienses, foi o movimento de

²⁸ Um dos prodígios interpretado por Temístocles foi o fato da serpente, no Erectêion, não ter saído de sua cova sagrada por alguns dias. A interpretação dada seria a de que a própria deusa aconselhava o abandono da cidade.

ataque *diekplous* (MOSSÉ, 2004, p.195). A quantidade das embarcações persas se mostrou irrelevante diante da estratégia adotada por Temístocles. Com parte da esquadra persa destruída, Xerxes ordena a retirada de seu exército. Mas, sob o comando de Mardônia, uma parte do exército persa permaneceu na Tessália, retomando, em 479 a.C., a ofensiva. Inicialmente invadiram a Beócia, em seguida a Ática, fazendo com que novamente a cidade fosse abandonada por seus habitantes. O envio de reforços por Esparta, sob o comando de Pausânias, uniu-se às tropas atenienses, logrando vitória em Platéia. Com esta vitória, os helenos afastaram as ameaças dos persas (MOSSÉ, 1992, p.29).

Outrora auxiliadas por Atenas, as *póleis* na costa da Jônia pouco participaram da Segunda Guerra Médica, como indica Sébastien Thiry, esta participação foi modesta. Para o autor, o distanciamento destas cidades “do teatro das operações, e sua associação a um universo bem distinto daquele da Grécia Egéia e Balcânica, não as tornavam estrangeiras” (THIRY, 2001, p. 133). Outra cidade que tardiamente participou deste conflito foi Cócira. Sua frota, que contava com 60 navios e era uma das mais poderosas à época, estava estacionada no sul do Peloponso; com a batalha ocorrendo no estreito de Salamina, as naus foram enviadas, no entanto chegaram muito tarde. A vitória já havia sido conquistada pelos atenienses (*Ibid.*, p. 133).

Os atenienses precisaram reconstruir a cidade, mas as vitórias os haviam engrandecido diante de outras *póleis*. A ressonância das conquistas teria desdobramentos e, logo de início, sobre o pretexto de impedir uma possível ofensiva dos persas e de libertar as cidades localizadas na Jônia, os atenienses se estabeleceram nas costas orientais do mar Egeu, apoderando-se, em 478 a.C., Sestos. Outro relevante ocorrido foi a criação da “Liga de Delos” (MOSSÉ, 1992, p.29). Como aponta Corvisier, após o abandono da guerra contra os persas por parte dos espartanos, em 478 a.C., numerosas cidades, em sua maioria insulares, se aliaram aos atenienses e lhes prestaram juramento para a continuidade da guerra. Esta aliança dispunha de um conselho comum, onde havia os representantes das cidades aliadas. A preservação da *symachia* era assegurada pelo *foros*, uma contribuição ou tributo em dinheiro ou em naus para serem utilizadas (CORVISIER, 2008, pp. 133-134).

Inicialmente a Liga de Delos se constituía como uma aliança militar que congregava algumas *póleis* em torno do santuário de Delos, local em que seria depositado o erário das contribuições das cidades participantes. A liderança manteve-se com Atenas, que assegurou

importantes vitórias contra os persas e que lhe garantiram autoridade no mar Egeu, a partir, sobretudo, de 470 a.C. A hegemonia que ia sendo alcançada por Atenas era percebida por outras cidades, a ponto de acreditarem que sairiam do jugo persa para o ateniense. Por este motivo, tanto Naxos quanto Tasos foram sitiadas pelos atenienses. Durante o governo de Címon, 470/469 a.C., além de sitiar outras cidades, “conseguiu colocar sob o controle da esquadra ateniense quase toda a costa oriental do Egeu” (MOSSÉ, 1992, p. 29).

Como ressalta Rougé, “gradualmente, esta Liga se transforma em um Império ateniense controlando o Egeu. Esta unidade deve ser mantida pela força. (...) É a seus barcos que Atenas deve seu império” (ROUGÉ, 1986, p. 152). Em contraponto Mossé afirma que é preciso cuidados ao se abordar a questão de “imperialismo” para a antiguidade, uma vez que o conceito está impregnado de ideias relacionadas aos séculos XIX e XX. Sendo assim, deve-se tratar o poder exercido por Atenas ao longo do século V a.C. como hegemonia, já que, a partir de Tucídides, é o termo *hegemon* o usado para definir o papel de Atenas na Liga de Delos e hegemonia para definir o poder legado pelos aliados aos atenienses (MOSSÉ, 2008, pp. 93-94)²⁹. No entanto, em meados do V século a.C., esta hegemonia livremente legada à Atenas pelos participantes da Liga se transformaria em uma “*arché*, uma dominação cada vez mais intolerável. É a essa dominação, exercida essencialmente por intermédio da frota, que chamamos imperialismo” (MOSSÉ, 2004, p.175).

E, tendo tudo isto organizado e adquirido o conhecimento de estratégias de batalha no mar e sua liderança diante de outras *póleis*, os atenienses empreenderam a *thalassocracia*. Segundo Corvisier, a *thalassocracia* é uma noção que compreende não somente uma forma de dominação exterior em que o poder do Estado se baseia essencialmente no controle dos mares. Se assim o fosse, não seria adequadamente aplicável ao mundo antigo, dado seu grande número de aplicabilidade a situações que, de modo algum, podem ser compreendidos como um processo de *thalassocracia*³⁰. Assim sendo, concordamos com o autor supracitado ao considerar que a *thalassocracia*, além do domínio do mar,

²⁹ Não pretendemos adentrar nas discussões sobre imperialismo ou hegemonia ateniense, uma vez que é um longo debate, com extensa bibliografia e que nos retiraria do foco da presente pesquisa. Salientamos a questão no texto como meio de demonstrar o papel de destaque que gradativamente era conquistado por Atenas e que, associado a *thalassocracia*, permitiu profundas transformações internamente à cidade.

³⁰ Como os casos do período arcaico de Mileto, Corinto, Naxos, Focéia ou Samos

requer pontos de apoio externo, de instalações para a permanência, uma frota cujos navios não sejam somente numerosos mas mantidos e renovados sem cessar, diferentemente de certas frotas arcaicas construídas para uma ocasião precisa mas que em seguida cai no esquecimento (CORVISIER, 2008, pp. 131 -132)

É na *pólis* dos Atenenses, nas primeiras décadas do século V a.C. , que vemos a construção de uma frota visando o benefício da cidade e os meios de mantê-la a longo prazo. Os pontos de apoio, que auxiliavam a frota ateniense cruzar o mar, de um lado ao outro, eram conquistados ao submeterem outras *póleis*. As clerúquias, amplamente intensificadas no período pós Segunda Guerra Médica, eram instalações de atenienses permanentemente em outras regiões, que “eram de uma certa forma prolongamentos da metrópole” (MOSSÉ, 2004, p.68). Deste modo, a noção acima apresentada permite-nos compreender a empreendimento promovido pelos atenienses, a partir de Temístocles, como *thalassocracia*.

De acordo com Paola Ceccarelli, o poder marítimo exercido por Atenas possui grande representatividade na vida política da cidade e na vida dos cidadãos, transformando-as profundamente. A autora aponta que ocorreram modificações nas relações políticas no que concerne à democracia – ainda que os autores antigos não reconhecessem tal relação, pois, através da análise de documentação textual dos séculos V e IV a.C., a hegemonia exercida pelos atenienses lhes permitia vantagens, mas não gerava uma dependência da democracia com relação a estes benefícios (CECCARELLI, 1993, p. 450)

As intenções atenienses ao fazer uso de seu poder marítimo, subordinar os aliados da Liga e efetivar sua hegemonia no mar Egeu, é o de alçar benefícios de cunho político e militar. Como nos expõe Moses I. Finley, as condições criadas pelos atenienses não desenvolveu um ‘imperialismo’ econômico, mas político e militar (FINLEY, 1985, pp. 102-103). Neste mesmo sentido, Mossé amplia o debate e afirma que os tributos oriundos das *póleis* aliadas da Liga de Delos integravam a renda anual dos atenienses, ou seja, os recursos eram incorporados ao tesouro da cidade e em benefício da cidade ateniense.

Admite-se inclusive que o império era o corolário indispensável ao bom funcionamento da democracia, já que era ele que assegurava aos pobres, com o salário de remador da frota e com as distribuições de terras nas clerúquias, vantagens materiais tangíveis que proporcionavam o equilíbrio social da cidade, condição *sine qua non* para a sua ordem (MOSSÉ, 2004, pp. 175-176)

Desde a batalha de Salamina e a vitória ateniense, depois com a formação da Liga de Delos e o desenvolvimento de uma *thalassocracia*, a pujança ateniense estava presente na vida dos cidadãos que não desempenhavam funções na navegação ou que, de algum modo, estava a ela relacionada. As peças teatrais nos festivais que ocorriam na cidade mostravam aos atenienses e estrangeiros presentes, a luta entre gregos e persas e as conquistas atenienses. Desta forma, como Simon Byl afirma

Alusões às guerras médicas são extremamente numerosas na maioria comédias de Aristófanes (...). Isso ocorre principalmente porque o poeta, que ele mesmo sabia dos sofrimentos de uma guerra que durou 27 anos, sentiu a mais profunda admiração pelas conquistas de seus antepassados e sua coragem apesar dos contratempos que ele apenas aludiu (BYL, 2001, p. 46).

Este poder de domínio e “policiamento” do mar Egeu somente é possível pelo número de cidadãos que acorrem para integrar a frota ateniense, se lançando aos perigos e ameaças da vida marítima, usando de conhecimentos navais e artimanhas.

Como já apresentado, o mar é o lugar ambivalente, das rápidas mudanças, da inconstância. Neste meio severo, os *nautai* precisam do conhecimento, dos saberes pertinentes à navegação. No entanto, não só os saberes seriam capazes de salvaguardá-los, seria preciso ter a habilidade do pensamento, do ardil, da astúcia, isto é, a *métis*. O caráter ambíguo do mar, orientado por *týkhe* (mudança e mobilidade do mar), imputa a compreensão do *kairós* (oportunidade propícia) pelo navegador, apresentando-nos uma marca fundamental da navegação: a necessidade de existir uma cumplicidade entre o piloto e o meio marinho. Como afirmam Detienne e Vernant,

A excelência do navegador não se mede pela extensão de seu saber, ela se reconhece por sua capacidade de prever e de descobrir, de antemão, as armadilhas do mar que são também as ocasiões que ela oferece à inteligência do piloto. (2008, pp. 201-202).

O piloto da nau é, então, no pensamento grego, um personagem central e fundamental para a prática da navegação, já que possui uma qualidade maior que a de seus companheiros. Esta qualidade que o possibilita superar as dificuldades e orientar corretamente a embarcação é a *métis*. Foi partilhado aos pilotos de naus a *métis* da própria deusa Athená. Assim, cabe ao

piloto prever as mudanças repentinas dos ventos, opondo sua astúcia à astúcia da natureza – e as vontades dos deuses –, espreitando a ocasião propícia e invertendo as relações de forças, conquistando a vitória com a superação das dificuldades e sabendo a hora certa de ação diante dos navios inimigos, tornando o mar favorável para si. A deusa age ao lado do piloto. “Todas as intervenções de Athená se situam do lado do piloto, de sua parte ativa na navegação, de sua inteligência astuta e técnica, na qual a filha de Zeus pode legitimamente reconhecer um reflexo de sua própria *métis*” (*Ibid.*, pp. 203-204).

A *métis* deve estar constantemente em transformação, ser flexível diante das situações, para que assim possa se sobrepor a elas. Desta maneira, “ela [*métis*] precisa sem cessar adaptar-se à sucessão dos acontecimentos, dobrar-se ao imprevisto das circunstâncias para melhor realizar o projeto que ela concebeu” (*Ibid.*, p.27). O piloto da nau faz uso desta astúcia para conduzir o navio e orientar seus remadores. Coloca seus saberes sobre uma realidade em transformações.

Entendemos, portanto, que apesar da *métis* ter sua "origem" em um âmbito sagrado, na prática, no mundo dos homens, a *métis* não conduzia os navegantes a um status de privilégio ou valorização social. Ao contrário, estes indivíduos que viviam no mar eram vistos com alto grau de desconfiança.

Os homens do mar necessitavam de suas habilidades para sobreviver em seu cotidiano, independentemente se estas habilidades seriam reconhecidas pela *pólis*. Um guerreiro precisa de astúcia, da inteligência prática, e por isso, por conquistar uma vitória para sua cidade, seria exaltado, ou seja, o status de guerreiro lhe concedia honrarias. No entanto, a condição social dos navegantes, daqueles que viviam a partir do mar, era negativa. O mar trazia a contaminação à terra, as habilidades que ali se empenham era a luta do homem contra a natureza. Os remadores de uma trirreme ateniense eram os de classes mais baixas na ordem censitária social – os *thetes*. O papel destes era de impulsionar os barcos de guerra da *pólis*, isto era tão relevante que estes foram adquirindo um poder político referido na constituição cada vez maior. Entretanto, no cerne dos valores da sociedade ática, os remadores eram mal-vistos pela função que desempenhavam, “considerava-se como algo não muito ‘masculino’ remar numa trirreme, enfrentando o inimigo invisível no momento do impacto e às vezes se retirando taticamente em vez de avançar com firmeza para enfrentar” o inimigo frente a frente, como o faziam os *hoplitai*. (CARTLEDGE, 2009, p. 268). Desta forma, a navegação, bem

como a guerra naval, era uma luta estratégica, em que prevaleceria a astúcia. Além disso, a *métis* é, antes de qualquer coisa, a enganação que se desenvolve quando um indivíduo busca sair vitorioso em determinada situação. Enganar e ludibriar não são, *a priori*, características valorizadas socialmente.

Se enumerarmos algumas das circunstâncias em que se viam aqueles que do mar proviam seu sustento³¹ notaremos o quão à margem estavam no conjunto de valores da *pólis*: pertenciam a camada mais baixa da sociedade e não podiam participar da guerra por não poder financiar o *hóplon* ; estavam em contato e conviviam com o “outro” e poderiam disseminar ideias e valores que poderiam “contaminar” a *pólis*; permaneciam constantemente próximos aos limites e margens, dividindo-se entre o mundo de uma cultura *políade* rural e o mundo sob domínio das forças da natureza e do mar; faziam uso de artimanhas para superar as dificuldades no mar e vencer batalhas. Enfim, os navegantes seriam considerados, por uma elite intelectual ateniense, uma camada social ‘inferior’.

Todavia, a manutenção do poder hegemônico de Atenas em sua política *thalassocrática* dependia da navegação, e cabia aos remadores, sobretudo, a força motriz que mantinha o pleno funcionamento da cidade. Os mais pobres dentre a população atuavam no mar e dele também dependia sua sobrevivência. Os *nautai* eram fundamentais para a sociedade *políade*.

Os saberes daqueles que navegam são importantíssimos, dentre eles as suas habilidades. Com elas “o piloto usa da astúcia com o vento para levar, a despeito dele, o navio a bom porto” (DETIENNE; VERNANT, 2008, p.28). Independentemente de sua valorização ou não, os que atuavam no mar possuíam saberes concernentes a uma atividade fundamental na *pólis*. Como destaca Mossé, um autor anônimo reconheceu, na obra *República dos Atenienses*, a relevância da marinha ateniense e de sua mão-de-obra:

‘Graças às suas possessões fora das fronteiras e aos encargos que vão exercer além-mar, os atenienses adquiriram insensivelmente o manejo dos remos ... Formaram-se assim bons pilotos pela experiência marítima e pelo exercício ... A maior parte deles logo que entra em um barco é capaz de manejá-lo, por ter-se exercitado nisto durante toda a sua vida’ (I, 19-20)” (MOSSÉ, 2004, 195).

³¹ Um grande número de cidadãos passaram a retirar seu sustento do mar a partir de sua incorporação na frota ateniense e o ganho de seu soldo.

Acreditamos que apesar do desprestígio social dado aos que viviam do mar, é possível supor que este grupo não se via desta forma. Eles possuíam saberes que os diferenciavam de outros grupos, conheciam as mudanças dos ventos e a mobilidade do mar, sabendo o momento certo para cada ação. E através do uso da *métis* capacitavam-se ainda mais e melhor para enfrentar as problemáticas no ambiente marinho.

É esta convivência [da *métis*] com o real que assegura sua eficácia. Sua flexibilidade, sua maleabilidade dão-lhe a vitória nos domínios onde não há, para o sucesso, regras prontas, receitas fixas, mas onde cada prova exige a invenção de uma exibição nova, a descoberta de um recurso (*póros*), uma saída escondida (DETIENNE; VERNANT, 2008, p.29).

O estatuto daqueles ligados ao mar possui um caráter ambíguo – ainda presentes no período clássico –, e que apesar de sofrerem algumas depreciações sociais, eles eram imprescindíveis para o poder exercido pelos atenienses ao longo do século V a.C.

Como aponta Ceccarelli,

Durante a primeira metade do século V existe novamente, em Atenas, a complementaridade entre as estratégias terrestres e marítimas. Atenas se apresenta como uma alternativa para Esparta, e a frota adquire durante este período crescente importância; mas ideologicamente a escolha não foi feita entre frota e exército hoplita. A mudança pode ser vista na segunda metade do século V: a marinha está agora na base do poder da cidade, e a importância dos hoplitas diminui proporcionalmente (CECCARELLI, 1993, p. 468).

2.2 Heródoto e a História: um novo olhar acerca da navegação e do mar

Heródoto é originário de Halicarnasso, tendo nascido durante a Segunda Guerra Médica, por volta de 480 a.C. Todavia, o historiador recebeu a cidadania da cidade de Túrios, localizada no sul da Península Itálica, onde acabou falecendo na década de 420 a.C., local em que lhe é atribuído, a partir de uma tradição, um túmulo na *agorá* – de acordo com outras tradições, ele teria sido enterrado em Atenas ou ainda em Péla, na região da Macedônia. A grande especificidade de sua vida está nas possíveis viagens realizadas. Durante algum tempo

permaneceu em Samos, exilado; efetivou diversas viagens no Oriente Próximo, especialmente ao Egito; para a região norte, em direção ao mar Negro; para o Mediterrâneo ocidental, no sul da península itálica; e também na Grécia continental. Sua vida é balizada por dois grandes conflitos: de nascimento a guerra entre helenos e o Império Persa e de morte a Guerra do Peloponeso, que opunha as Ligas lideradas, por um lado, por Atenas e, por outro, Esparta. (HARTOG, 1999a, p. 32)

A grande obra de Heródoto, e que analisamos aqui, é “História”. Uma forma diferente de construir uma narrativa que, segundo Arnaldo Momigliano, “No conjunto, é bastante claro que Heródoto optou por construir a sua história fundamentando-se em evidência oral e que seu próprio método repousa neste tipo de evidência e não na documentação escrita”. É perceptível que ao longo de sua obra ele realiza constantes menções sobre seus informantes (MOMIGLIANO, 2004, p. 65). A obra composta por Heródoto possui nove livros, cada qual nomeado segundo o nome de uma das nove Musas. “Mas nem a divisão, nem o patrocínio se devem ao próprio Heródoto” (HARTOG, 1999a, pp. 32-33).

É possível dividir a obra herodotiana em duas partes. Na primeira, que abarcam os quatro primeiros livros, as narrativas se ocupam extensamente dos “outros”, os não-gregos, ou seja, dos lídios, líbios, persas, massagetas, egípcios, babilônios, citas, entre outros. A segunda parte, que agrega os cinco últimos livros, são, em sua maior parte, dedicados às narrativas sobre as Guerras Médicas (WATERS, 1996, pp. 50-61).

A História aparece, então como um novo modelo de narrativa, que requer um “cuidado metodológico” diferenciado de até então. Deste modo, o princípio basal do modelo historiográfico proposto por Heródoto reside no fato de que, de acordo com Momigliano, “O que me parece ser tipicamente grego é a atitude crítica com relação ao registro de acontecimentos, isto é, o desenvolvimento de métodos críticos que nos permitem distinguir entre fatos e fantasias.” (MOMIGLIANO, 2004, p. 55). É a crítica capaz de distinguir o que seriam narrativas de fatos e narrativas de contos fantasiosos. Assim,

Ao combinar a pesquisa com a crítica da documentação, Heródoto amplia os limites da investigação histórica para abraçar a maior parte do mundo então conhecido. Nesta pesquisa tão complexa, a cronologia torna-se um problema maior. Ele tinha que construir um quadro cronológico capaz de incluir várias tradições nacionais diferentes que nunca tinham sido colocadas lado a lado e para as quais não havia medida comum de tempo. (MOMIGLIANO, 2004, p. 64)

É desta forma que a proposta de Heródoto se apresenta como uma inovação para o século V a.C. Concordamos com Momigliano quando este afirma que não acredita em uma continuidade de Homero a Heródoto, no qual Homero e Hesíodo teriam contribuído para as especificidades da historiografia. Ele não nega, por outro lado, que “contos como aqueles contados por Homero serviram de modelo para a narrativa histórica.” (p.55). As mudanças na política – a lei como meio de diferenciação nas sociedades – e as mudanças filosóficas – a “contra-tradição” que buscava a explicação das coisas a partir de novos princípios e novos questionamentos – contribuíram fortemente para a descontinuidade da tradição literária do início do século VII até Heródoto. Dessa maneira, a “proposta de Hecateu [de Mileto] diante dos mitos simboliza um trabalho de revisão e confronto entre a tradição que ele havia aprendido em sua formação e sua experiência de investigador do mundo, pela qual exprimia sua liberdade de espírito” (KOIKE, 2013, p. 92).

Corroborando este posicionamento, Fabrício Possebom nos coloca que

Nas epopeias, o próêmio é sempre composto de um verbo (narrar, dizer, cantar, etc.), no imperativo, dirigido às Musas ou às Deusas (ou à Calíope, em particular), evocando sua presença para a narrativa que vai se iniciar. Esta fórmula significa a ausência de autoria, pois na épica o poeta é um intermediário das Musas e a veracidade do canto está assegurada pela presença divina. O gênero historiográfico que se inicia com Heródoto vai desenvolver uma metodologia própria para garantir a verdade da narrativa, pois não mais as Musas o garantirão, mas o próprio autor. (POSSEBON, 2004, p. 31)

Com isto, o sucessor de Hecateu, seu discípulo Heródoto, inicia sua obra, que refere-se ao sua proposta, declarando que pretende preservar a memória das realizações feitas pelos homens e impedir, assim, que as grandiosas ações de gregos e bárbaros renunciassem as devidas glórias que deveriam ser dadas pelas gerações seguintes. Assim como para muitos gregos, a preocupação de Heródoto residia na efemeridade das ações humanas, “ele acreditava que a memória das ações passadas era o único (imperfeito) remédio que o homem tinha contra a sua própria mortalidade”. Portanto a tarefa tornava-se dupla, pois deveria preservar a tradição, já que isso era necessário para a manutenção das lembranças, e também desejava encontrar a verdade a respeito desta tradição, que perpassava a sua crítica (MOMIGLIANO, 2004, p. 60).

No entanto, Heródoto vai além de seu mestre Hecateu, tanto no que se refere aos princípios quanto em seus interesses. São dois os princípios fundamentais encontrados em Heródoto, e não em Hecateu. “O primeiro é o dever de dar prioridade a registrar e não a criticar. (...) O segundo princípio é a separação daquilo que ele viu com os próprios olhos daquilo que ele ouviu.” (p. 62). No que remete ao método crítico de Heródoto, uma de suas principais características são as constantes afirmativas que faz sobre a confiabilidade de um relato, dando ênfase a probidade de sua informação. Sobre seu interesse, enquanto Hecateu permaneceu apenas no “já conhecido”, Heródoto toma como fundamental o registro das tradições a partir da investigação do que é desconhecido e do que já foi esquecido. “Diferentemente de Hecateu, ele já não era primordialmente um juiz do que ouvia mas sim um descobridor de novos fatos” (MOMIGLIANO, 2004, p. 63).

É nesta nova forma de construir uma narrativa que as “representações sociais” são fixadas por Heródoto, que comungava de um imaginário helênico, sobretudo com muita proximidade dos Atenienses, a quem valorizava – como fica evidente ao longo de sua obra. Sobre o mar e a navegação, são inúmeras as referências forjadas pelo autor, tanto que em nossa análise não elencamos todas as vezes que aparece a palavra “mar” ou “navegação”, mas apenas quando seu contexto nos mostra alguma informação contundente³².

Nesta análise rapidamente percebemos duas questões, que devem ser assinaladas logo de início: a pluralidade de atribuições e a construção de representações em um sentido mais literal que metafórico³³. Sendo assim, passemos à análise das passagens destacadas a partir do emprego da metodologia utilizada por François Frontisi-Ducroux.

As quatro primeiras passagens destacadas remetem-se ao tema da navegação e com elas formamos três grupos que denotam sentidos distintos. Na primeira passagem (1.1.1) notamos um tom negativo empregado, pois demarca a navegação como um *tópos* de contaminação, já que os males/disputas entre os gregos e os demais povos teriam sido provenientes da mobilidade e ocupação territorial dos fenícios, povos do mar e do comércio. O

³² Eliminamos, por exemplo, as passagens em que Heródoto apenas utiliza a palavra “mar”, ou como comumente aparece “costa do mar”, para apenas referir-se as fronteiras limítrofes de cidades que estava apresentando naquele momento de sua narrativa.

³³ Diferindo consideravelmente do modelo representacional que foi percebido após a análise do *corpus* documental referente ao Período Arcaico.

segundo sentido refere-se à ideia de que a prática da navegação permite a aquisição de bens e produtos (1.1.1). O último sentido, visto nas passagens da obra herodotiana 1.2.1 e 1.2.2, é de que a navegação é uma prática comum, uma vez que os gregos navegavam desde muito cedo, tendo em vista que os raptos realizados pelos helenos utilizaram a navegação.

Na expansão territorial lídia sobre os milésios, há a suposição de uso do mar como meio de fuga para o cerco terrestre (1.17.3). Vemos, novamente, a navegação empregada em um sentido bastante prático, próximo ao cotidiano vivenciado (1.24.1). Em outra passagem, Arion, da “corte” coríntia de Periandro, enseja realizar uma viagem e, para tanto, usa a navegação; aqui a navegação é apresentada como um meio de ligação entre regiões. Para realizar o retorno, Arion freta uma embarcação coríntia. Durante a viagem, a tripulação planeja roubar todos os bens de Arion. Mesmo implorando por sua vida, pouco oferecem de opção. Percebe-se a maldade que circula entre estes navegantes. Após tramar astutamente, Arion convence-os a permitir que se vista com seus melhores trajes, cante e depois entregar sua vida à eles. Mas quando termina, lança-se ao mar e consegue chegar à terra, indo até a “corte” de Periandro, em Corinto. Quando os marinheiros aportam nesta *pólis*, são interrogados pelo tirano coríntio e percebem que Arion ainda vive³⁴. Aturdidos, foram pegos pela maldade que fizeram (1.24. 2-7). Vemos, também, a caracterização dos navegantes de maneira negativa, no qual Heródoto os mostra como não-confiáveis.

A ideia de construção de uma dominação extra-territorial avançando por mar é representado por Heródoto como um prática comum. Os Lídios, sob o governo de Creso (apr. 550 a.C.), já tendo dominado diversas *póleis* na região da Jônia e recebendo os tributos destas, planejaram expandir seu território dominado. Assim, optaram por avançar para as ilhas próximas, fazendo uso de uma frota que seria construída. Tal ideia pode ser vista na passagem 1.27.1 na obra de Heródoto.

Através da prática naval geram-se conflitos de cunho naval. Assim, Heródoto narra que com a chegada de Pitaco em Sardes, o rei Lídio Creso, pronto a iniciar a construção dos navios para invadir as ilhas próximas, pergunta-o sobre as notícias dos Gregos. Informa ao rei sobre o poderio terrestre que os ilhéus dispunham e, em sua resposta, questiona se atacá-los com as

³⁴ O comércio, a navegação e a pirataria são práticas que se confundem no Período Arcaico. (LIMA; TML; MENDES, 2012, p. 135)

naus é prudente, pois estes revidariam de igual modo. A passagem 1.27.4 nos denota que isto geraria um conflito naval, já que os ilhéus tomariam para si o encargo de vingar os gregos subjugados por Cresos.

Rememorando ao período do legislador Sólon em Atenas, Heródoto representa a navegação como meio de transporte sendo comum desde o Período Arcaico. Vemos em “Entre eles, o mais famoso foi o ateniense Sólon; que, tendo constituído um código de leis por ordem de seus cidadãos, se colocou a navegar e explorar diferentes países” (1.29.1) que após Sólon concretizar as leis reformadoras em Atenas, retirou-se para outros lugares. Para tanto, fez uso da navegação como meio de locomoção.

Heródoto narra que, quando do tratado de aliança entre Cresos e os Lacedemônios, estes enviaram de presente ao rei lídio uma grande taça bem decorada. Esta taça teria desaparecido no caminho de Esparta para a Lídia (Hdt., 1.70.2 e 1.70.2). Duas histórias se falam, ambas envolvendo a navegação como meio de roubar, em uma espécie de pirataria.

Duas referências são feitas à navegação. Uma a mostra como meio de realizar viagens e se locomover (1.94.6). Esta se desenvolve em meio a crise alimentar que ocorria na Lídia, onde foi decidido que o povo se separaria em dois grupos, um permaneceria e o outro deveria partir. Os que partiram utilizaram a embarcação para guardar seus bens e buscar um novo lugar. A segunda referência (1.152.2), destaca-se a tipologia do barco e o modo de navegá-lo (com cinquenta remos). Esta passagem é narrada a partir do temor de uma invasão persa pela Confederação Jônica, que acaba por pedir auxílio aos espartanos. Estes enviaram uma *pentekontera* para avaliar a real situação.

Na passagem sobre os *nautai*, Heródoto os representa de modo negativo, pois os caracteriza como pessoas que se vendem por ouro. A partir da passagem 1.154.1, percebemos que, ao promover um levante lídio contra a dominação persa de Ciro e aproveitando-se da ausência deste em Sardes, Pactias usa do ouro para angariar membros para seu exército. Dentre eles homens da marinha, que se vendem pelo valor oferecido.

Heródoto atribuiu aos Foceus o pioneirismo, entre os gregos, da prática da navegação. A nau utilizada era a *pentekontera*, que contava com cinquenta remadores. Esta ideia é vista na seguinte passagem “convém saber que os primeiros Helenos que fizeram longas viagens por mar foram os foceus, os quais descobriram o mar Adriático, a Tirrenia, a Ibéria e Tarteso, não valendo-se de naus redondas, senão somente de suas *pentekonteras* ou naus de cinquenta

remos” (1.163.1-2).

O abandono de uma cidade, onde seus cidadãos levem seus bens e familiares em embarcações, é narrado por Heródoto. Tendo sido sitiada pelas tropas persas lideradas por Hárpago, os cidadãos de Quios deliberaram e optaram por abandonar a cidade, levando consigo os seus bens. Para tanto, colocaram tudo no navio e partiram da cidade, deixando-a vazia para a tomada persa. “Então, quando Hárpago retirou seu exército das muralhas, os foces lançaram seus navios de cinquenta remos, embarcaram seus filhos e mulheres e todos os seus bens móveis, além das estátuas dos templos e tudo dedicados neles exceto bronze ou pedra ou pintura, e, em seguida, embarcou-se e partiu para longe de Quios” (1.164.3). Vemos, portanto, que no imaginário helênico, que vivenciava à época de produção da obra herodotiana o poder naval ateniense, a navegação era empregada no abandono da cidade – assim como fizeram os atenienses quando da invasão persa em Atenas, pouco antes de conquistarem uma vitória, juntamente com outras cidades helênicas, na batalha naval em Salamina.

Heródoto narra a batalha que teria sido travada entre os Foces e seus vizinhos, que haviam se unido, Tirrenos e Cartagineses. Mesmo após a vitória na batalha naval, os foces retiraram-se de Córcega e partiram, levando seus parentes e seus bens em naus (1.166.2). Vemos, portanto, que a prática de utilizar o mar como um espaço de batalha e a navegação como um meio de realizar combates são representadas por Heródoto como algo comum.

Importante, mas quase de modo despercebido, percebemos que Heródoto reconhece os tipos diferentes de barcos e os diferencia em “As naus que navegam rio abaixo até a Babilônia, são de forma redonda e são feitas couro.” e em “Os habitantes da Armênia, povo situado acima dos Assírios, fabricam as naus primeiro cortando as estruturas de salgueiro, em seguida esticando couros sobre estas para uma cobertura, para mantê-las firmes, eles nem alargam a popa nem limitam a proa, mas o barco é redondo, como um escudo.” (1. 194.2).

Comumente a navegação é utilizada para mapear e realizar medições de distâncias. Para o primeiro caso (1.202.4), o autor realiza um mapeamento dos mares e, com isto, nos mostra o avanço da distância de navegação alcançada pelos helenos. Para o segundo (1.203.1), evidencia-se a utilização da prática da navegação para mapear o comprimento do mar Cáspio, mostrando que a navegação, a sua época, era uma prática comum que permitiria àqueles que

leem ou ouvem sua História uma medida reconhecível da distância. Do mesmo modo, quando fala sobre o Egito e o primeiro a reinar, Menes, o autor mostra que o quão irregular estava as terras egípcias, sendo antes da ordem um lugar alagadiço, sem organização.

Seguem-se sequências de passagens em que Heródoto utiliza a navegação como meio de medição. A medição de distância é feita através da contagem dos dias de navegação (2.4.3); continuando a descrição das terras do Egito, Heródoto novamente realiza a medição de distância em dias de navegação, mas agora faz a equivalência a outras medidas da época (2.9.1); para mostrar as dimensões deste golfo, que de fato é o mar Vermelho, é utilizado a medição de distâncias a partir da navegação (2.11.2).

Com a passagem 2.43.3, Heródoto narra a questão de proximidades entre gregos e egípcios e as trocas de nomes de divindades, como Hércules e os Dióscuros. Deste modo, acredita que por conta da prática da navegação ser bastante antiga entre os gregos, essas trocas de conhecimentos ocorriam.

Na navegação, as tempestades representam um dos perigos enfrentados (2.113.1). Nesta passagem, retomando uma narrativa antiquíssima, o autor mostra um momento de dificuldade no retorno para casa, no qual sua embarcação é assolada pela tempestade que não diminui sua intensidade.

Psamético, que tornou-se rei do Egito e que anteriormente já havia sido privado de seu poder e desterrado e confinado nos pântanos por seus companheiros, buscava a vingança. Ao procurar respostas junto ao oráculo de Latona, foi-lhe informado que a vingança que tanto queria viria do mar através de homens de bronze. Pouco tempo se passou até que Jônios e Cários que viviam do curso chegaram ao Egito (2.152.3). Percebemos que os helenos praticavam a pirataria e que, de modo mais metafórico, o mar trazia malefícios/benefícios.

Duas passagens nos evidenciam o poder do mar com relação ao desaparecimento, em 3.30.3 o mar aparece como um lugar vinculado à ideia de morte escondida, no qual não há evidências. Na segunda passagem, 3.41.2, o lançamento do objeto ao mar representa um lugar de onde as coisas não retornam e não são mais vistas.

De acordo com Heródoto, excetuando-se os tempos fabulosos em que o rei Mino havia obtido domínio dos mares, foi Polícrate, entre os helenos, o primeiro que demonstrou interesse em construir uma *thalassocracia*. Na passagem “Polícrates foi o primeiro dos gregos que conhecemos a visar o domínio do mar (...)Polícrates foi o primeiro grego com a esperança

de realizar seu governo sobre a Jônia e as ilhas próximas” (3.122.2) percebemos a referência de um termo caro a nossa pesquisa, *θαλασσοκρατέειν*, pela primeira vez.

Duas passagens referem-se a navegação, apresentando questões distintas e do cotidiano. A primeira apresenta a expansão do território feito pelo rei Dario, no qual o autor mostra que a navegação é, também, uma prática comum entre os persas (4.44.3). Na segunda (4.47.2), fica evidenciado que o conhecimento da navegabilidade dos rios do Egito são conhecidos e passam a ser difundido através desta obra escrita por Heródoto.

Nesta passagem a temática é a dos *nautai*. Assim temos na obra herodotiana em 4.110.1-2, o autor recobrando um acontecimento (mítico) enquanto narrava a união dos Escitas com outros povos na tentativa de deter Dario. Nesta passagem, as Amazonas teriam sido capturadas e levadas em uma nau, mas após matar todos os homens (os *nautai*) não conseguiram navegar. Para navegar é necessário um conjunto de saberes e conhecimentos do qual não dispunham as Amazonas, relacionadas com a vida na terra e das batalhas.

Novamente retorna a temática do mar como um lugar em que se desaparecem as coisas, sem que haja evidências. Induzido por sua nova esposa de que sua filha era prostituta, Estearco pede a seu hóspede, Temison, que jogue sua filha ao mar. O pai quer se livrar da filha e, para tanto, escolhe o mar como um local de morte sem rastros como vemos em “e o manda que a jogue no mar.” (4.154.3).

Na passagem 5.23.2, Megabazo alerta Dario a não colocar um grego no governo da Trácia, pois ele poderia conduzir os cidadãos à revolta. Os benefícios que se encontram na cidade estão, também, relacionados a navegação, uma vez que se encontra marinheiros, a madeira para construir navios e a prata para os devidos pagamentos.

Na rebelião levada a cabo por Aristágoras em Mileto contra Dario, ele busca convencer os outros de suas propostas, entre eles assegurar-se do mar através de seu domínio (5.36.2). Estas e outra proposta não foram levadas a cabo. Mas é perceptível que a dominação do mar é uma questão em voga. Acreditamos que aqui possa se confundir o intento de narra um acontecimento com a experiência praticada por Atenas no período de produção desta obra.

Durante a tirania dos Pisistrátidas em Atenas, os Lacedemônios investiram contra a cidade. Para tanto, conduziu seu exército através do mar, usando naus. “Eles enviaram estes homens por mar a bordo de embarcações. Anquimolio os colocou em Falero e desembarcou seu exército lá.” (5.63.2-3). A navegação é tomada como prática

cotidiana comum, sem que haja estranhamentos ou questionamentos acerca disto. É apresentado por Heródoto como um “fato dado”. Também neste mesmo sentido, o poder naval é representado como comum, como evidencia-se na passagem “Vendo-se os Eginetas com grande número de naus, foram levantando-se as maiores, e negando sem razão alguma obediência aos Epidaurios, empenharam em fazer-lhes tanto mal como a seus maiores inimigos; e sendo-lhes superiores na marinha, sucedeu que puderam roubar dos Epidaurios aqueles ídolos de Damia e de Auxésia.” (5.83.1-2), no qual as cidades de Egina e Epidauro compartilhavam o mesmo foro de justiça, já que estava dominava aquela. No entanto, percebendo-se do poderio naval que possuíam, os eginetas fizeram uso disto, roubaram Epidauro e findaram com o seu subjugo.

Ainda na proposição acima, no conflito entre Egina e Atenas, conta-se que esta possuiria um poder naval maior que os eginetas, apesar do conflito de informação que é declarado por Heródoto. Com a passagem “Assim se referem a esta história os de Atenas: mas não dizem os Eginetas que foram lá em um só nau os Atenienses, pois que uma, e a algumas mais, bem eles teriam resistido no caso de não terem naus próprias senão que os inimigos, com uma boa armada, fizeram um desembarque em Egina, cedendo-lhes a entrada da cidade sem expor-se a uma batalha naval. Bem que nem os Eginetas mesmos sabem assegurar se o motivo de ceder-lhes a entrada seria por reconhecer-se inferiores no mar ou com a pretensão de colocar em prática o que depois com os invasores executaram.” (5.86.1-2), acreditamos que a representação que vai sendo construída mostra uma Atenas com interesse no mar – mais uma representação das ideias de poder que circulavam no Mediterrâneo por conta da *thalassocracia* ateniense que por ter, de fato, uma frota poderosa já na época destes conflitos.

A batalha naval, principalmente se considerarmos o embate de Salamina ocorrido décadas antes da escrita do documento³⁵, é representada como “tema-comum”. Mais uma vez ela aparece em uma passagem, “Porém se preferes combater por mar com os Fenícios, é necessário colocar as mãos a obra. Escolha uma das duas, para que assim contribuas por vossa parte a liberdade da Jônia e de Chipre.” (5.109.2). Apesar de referir-se a Revolta de cidades da Jônia (anterior a Salamina), precisamos articular que foram usadas naus durante este levante

³⁵ Outras também ocorreram, mas nosso enfoque é na de Salamina, por conta da preponderância do poderio ateniense.

contra a dominação persa (os fenícios estavam submissos) por parte de *póleis* jônicas e, no tempo de investigação e escrita da obra, a dominação e poderio ateniense instigava as ideias vinculados ao mar e seu domínio.

A maioria das passagens elencadas e analisadas até o momento servem-nos de argumento para a hipótese que defendemos. O imaginário helênico estava repleto de ideias vinculadas à dominação do mar e tomava a navegação como prática comum, tendo isto sido “cristalizado” por Heródoto em sua obra. Este autor apresentava as batalhas travadas no mar e a utilização da navegação como transporte e deslocamento de tropas durante os conflitos em terra mesmo para períodos muito anteriores ao século V a.C. Evidencia-nos, assim, como as ideias navais de sua época o serviram para “rememorar” tempos anteriores, empregando neles sua própria experiência e imaginário social.

Após a conquista de Mileto pelos persas, estes atracaram com suas naus na cidade. Como a região era ponto estratégico importante, a utilizaram para ir subjugando as cidades nas ilhas mais próximas, ampliando o domínio territorial persa (6.31.1).

Nesta passagem, além ao que nos referimos acima, acrescenta-se um adendo relevante: a mistura, tomada como real, do “mítico-fantástico” com o “fato-vivenciável”. A passagem (6.44.2-3) nos permite perceber, a partir da narração de uma empreitada persa contra os Macedônios partindo de Taso no qual uma grande frota persa foi mobilizada, a mescla no imaginário sobre os perigos no mar. Nesta passagem, após a destruição de parte da frota por conta dos ventos desfavoráveis que lançaram as naus contra os rochedos, Heródoto levanta as possibilidades da morte dos que estavam embarcados: mistura-se os monstros marinhos com a hipotermia. Vemos, portanto, que no imaginário que circulava entre os helenos, as criaturas marinhas míticas monstruosas eram tão perigosas na realidade quanto o frio que congelava ao estar na água ou mesmo o desconhecimento de nadar e se afogar.

Ainda tratando da temática da guerra – temática central a partir do livro V –, em 6.48.2, Dario pretende enfrentar as cidades gregas para subjugá-las. Enquanto envia emissários para estas cidades optarem por se renderem ou se desejam lutar, ele ordena que se construa nas cidades marítimas sob seu domínio naus específicas para seu propósito. Compreendemos, portanto, a relevância dada a guerra de caráter naval e a especialização das cidades marítimas na construção das naus. O saber da construção é dada, por Heródoto, às cidades marítimas do Império Persa.

A navegação não é desvinculada da religiosidade helênica (6.76.2). Os lacedemônios por não conseguirem passagem no rio Erasino, pois seus sacrifícios não o agradaram, precisaram mudar o caminho para tentar tomar Argos. Assim, buscaram este caminho pelo mar, onde também lhe ofereceu sacrifício. Este, por sua vez, permitiu a passagens das naus dos espartanos. Mesmo que afirmemos que o discurso narrativo de Heródoto caracterize o mar e as práticas a ele agregadas como permeando o campo do real/concreto/vivenciável do que o metafórico/fabuloso, este não está ausente da obra. Além disso, a religiosidade helênica é experimentada nas práticas do cotidiano, logo funciona como uma ligação entre real e sobrenatural/fabuloso.

Na passagem 7.10B.2, Artabano alerta Xerxes sobre o perigo de invadir a Grécia, mostrando-lhes situações que podem colocar em risco a vitória persa. Assim, aponta a batalha naval e as estratégias para uma guerra provenientes dela. Percebemos o quão importante é a estratégia e como a navegação é igualmente relevante nesta estratégia. Na sequência desta história, vemos o oposto ser feito, quer dizer, se nesta primeira passagem “o real” predomina, já que se remete à estratégia de batalha, na segunda o metafórico se sobrepõe. Com a passagem 7.16A.1, denotamos o uso do mar como uma metáfora em que Artabano, ainda no debate com Xerxes, compara o mar ao rei persa que, sendo naturalmente bom, é mal guiado e torna-se violento por conta da influência de outros elementos, como o vento/conselheiros.

Em outra passagem, Xerxes recebe o recado de que, por conta de uma tempestade, a ponte que estava sendo construída no Helesponto, e que serviria de passagem para os Persas continuarem avançando em direção aos helenos, foi completamente destruída. Por este motivo, lança diversos maldizeres contra o rio e mostra a ele a superioridade persa de Xerxes (7.35. 1-3). Vemos, portanto, que eram feitos, comumente, sacrifícios ao mar e aos rios para que lhes dessem passagem segura, sem perigos. E aqui, novamente, tem-se a relação com a religiosidade, presente no cotidiano e que permeia o campo do real/vivenciado.

Ainda na questão da construção da ponte no Helesponto (7. 36. 1-2), nos é possível perceber como o conhecimento dos ventos, das correntes do mar e da prática da navegação foram usadas a favor da construção da ponte. Este conhecimento permitiu que a ponte fosse concluída. Deprendemos, então, o quão relevante se fazia o domínio dos saberes navais para benefício próprio.

As intempéries e a estratégia adotada são fundamentais para se alcançar uma vitória

(7.49.1-3). Compreendemos que na batalha naval e na formação de um grande e poderosa frota, é preciso estratégia e organização. É neste sentido que Artabano alerta Xerxes, que o mar, assim como a terra, pode se tornar um inimigo a ser combatido, pois com uma grande quantidade de naus é preciso saber onde e como guardá-las para não sofrer com as intempéries do mar e do clima.

Na continuidade de sua narrativa, Heródoto apresenta que se decidindo, por fim, avançar contra as cidades helênicas do continente, Xerxes prepara seu exército e suas naus para avançar (7.54.2-3). Todavia, antes desta empreitada, realiza as libações ao sol lançando-as no mar, pedindo que os deuses lhe sejam favoráveis. Todavia, uma indagação é feita por Heródoto, era uma libação ao sol ou uma expiação ao mar, por ter mandando anteriormente açoitar o Helesponto. De todo forma, o mar aparece como um local de realização de libações e sacrifícios, um lugar vinculado a deuses.

Como em uma passagem anterior, em que Dario teria ordenado às cidades marítimas que compunham seu Império a construïrem naus, Heródoto demarca a diferenciação no emprego das pessoas em seu exército persa, uma vez que aqueles que habitam cidades marítimas estavam acostumados a prática da navegação, participavam da frota, enquanto que aqueles que viviam em cidades distantes do mar e vinculadas a terra, deveriam participar do exército (7.110.1).

Aqui a temática destacada modifica-se. “Ele alegou que o intérprete do oráculo havia interpretado incorretamente todo o oráculo e argumentou que, se os versos realmente pertenciam aos atenienses, que teriam sido formulados em linguagem menos suave, chamando Salamina de ‘cruel’ em vez de ‘divina’ ao ver que seus habitantes estavam a perecer. Corretamente entendido, oráculo dos deuses não estava falando dos atenienses, mas de seus inimigos, e seu conselho foi para que acreditassem em seus navios como sendo a parede de madeira e assim fazerem-se prontos para lutar no mar. Quando Temístocles apresentou esta interpretação, os atenienses julgaram ser um conselheiro melhor do que o intérprete do oráculo, que teria dito a prepararem-se para nenhuma luta mar, e, em suma, não oferecem resistência em tudo, mas deixassem a Ática e se estabelecessem em algum outro lugar.” (7.143.1-3). Nesta longa passagem, percebemos como Temístocles utiliza os versos do oráculo a seu favor. Interpretando a sua maneira, ele incentiva os atenienses enfrentarem os persas por mar, mostrando que a ruína em

Salamina não seria dos atenienses, mas dos persas. Deste modo, Temístocles lança mão de um arдил buscando apoio entre os cidadãos, para que assim possa realizar a guerra naval conforme seus planos. Assim, a temática está relacionada a *métis* de Temístocles, que é representado como sendo ardiloso.

Mais uma vez a *métis* é evidenciada – ainda que o termo, na passagem, não apareça em grego – a partir do conjunto de ação. Com isto, dando sequência a seu plano de levar Atenas a enfrentar os persas no mar, Temístocles, usando de astúcia, antes de iniciar a Segunda Guerra Médica, havia convencido seus concidadãos, também usando de interpretações oraculares, a necessidade de construção de uma frota. Para tanto, fez uso das riquezas extraídas nas minas de prata no Láurion, como está expresso em “O conselho de Temístocles havia prevalecido em uma ocasião anterior. As receitas provenientes das minas do Láurion trouxe grande riqueza para o tesouro dos atenienses, e quando cada homem deveria receber dez dracmas para a sua parte, Temístocles persuadiu os atenienses a não fazer tal divisão, mas para usar a recita para construir duas centenas de navios para a guerra, isto é, para a guerra com Egina. Esta foi, de fato, a guerra, o foco de que salvou a Hélade por compelir os atenienses se tornarem marinheiros. Os navios não foram utilizados para a finalidade para a qual eles foram construídos, mas mais tarde veio a servir a Hélade em sua necessidade. Estes navios, então, tinham sido feitos e já estavam lá para o serviço dos atenienses, e agora eles tiveram que construir ainda outros. Em seu debate, após a entrega da oráculo, eles, em conformidade, resolveram que iriam colocar a sua confiança nos deuses e conhecer o invasor estrangeiro da Hélade, com todo o poder de sua frota, navios e homens, e com todos os outros gregos que estavam apoiando-os.” (7.144.1-3).

O conhecimento é imprescindível à navegação. Saber as mudanças climáticas que influem diretamente no mar e que gera a necessidade de rápidas ações na navegação são essenciais. Na passagem “mas um pouco antes do dia, estando o céu sereno e o mar tranquilo, levantaram-se de repente em uma grande tempestade, aumentando a água com a fúria do vento, que as pessoas da região chamam de Helespontias. Aconteceu que todos que observavam que o vento crescia e que a ordem de levar as naus para terra firme as preveniu da tempestade, todos permaneceram a salvos com ela. Mas todos os outros navios que o vento havia encontrado ancorado, foi carregando furiosamente, e jogado uns a um lugar que está esm Pelios chamado Ipnos (...)” (7.188.2-3) é evidenciado que a tempestade pode ser formar a

qualquer momento, revolvendo as águas do mar violentamente. É preciso saber a melhor maneira de manter as naus seguras. Arrastá-las para terra foi a salvação de parte da frota persa. Ao gregos creditam este vento ao parentesco entre os atenienses e o vento Bóreas, pois estes haviam rogado a esta divindade que gerasse uma tormenta aos inimigos e mantivesse o vento a seu favor.

A partir desta passagem, ou seja, o livro VIII, há o enfoque de Heródoto no desenvolvimento da batalha ocorrida em Salamina. Iniciamos com duas passagens que denotam a astúcia de Temístocles. Seguem-se em “Em seguida, os Eubeus, notando tal forma que eles estavam fazendo planos, suplicou Euribiades que esperasse um pouco até que se retirassem as crianças, as famílias e a si próprio. Quando eles não podiam convencê-lo, eles tentaram outro caminho e passaram a negociar com Temístocles, o comandante de Atenas, com que pactuaram um suborno de trinta talentos na condição de que a frota grega permanecesse em Eubéia, defendendo-a em batalha naval.” (8.4.2) e em “Esta foi a maneira pela qual Temístocles fez os gregos ficar onde estavam: ele deu a Euribiades por sua parte cinco talentos dessa riqueza como se estivesse dando de seus próprios bens. Já tendo persuadido e ganhado este general com suas dádivas, faltava conquistar Adimanto, filho de Ocito e chefe dos coríntios, que era o único que o resistia, empenhado em içar a vela e desamparar o Artemísio. Temístocles o encarou e fez um juramento falando assim: ‘Não, você de todos os homens não nos abandonará, pois eu vou te dar um presente maior do que o rei dos medos iria enviar-lhe para abandonar seus aliados.’ Com isso, ele enviou três talentos de prata para navio Adimanto. Estes dois, então, foram conquistados pelos presentes, os Eubeus conseguiram o que queriam e ele próprio, Temístocles, foi o ganhador. Ninguém sabia que ele tinha guardado o resto do dinheiro, e aqueles que tinham recebido uma parte supuseram que havia sido enviado pelos atenienses.” (8.5.1-3). A partir delas acreditamos que o caráter ardiloso é destacado por Heródoto, pois ardilosamente Temístocles converte os ganhos com os Eubeus para subornar e conquistar o apoio de outros líderes da frota composta por diversas cidades para enfrentar, no mar, os persas. Deste modo, permanecem próximos a Eubéia, formando uma linha de defesa para a cidade e Temístocles faz parecer que Atenas desprende bastante riqueza, ao “financiar o convencimento” dos outros líderes, como Euribiades e Adimanto.

Elencamos três passagens que se seguem, “Mas os gregos, quando o sinal foi dado a

eles, primeiro tirou as proas de seus navios em conjunto, as suas proas voltadas para os estrangeiros; em seguida, no segundo sinal de que colocar as mãos à obra, apesar do fato de que eles foram encurralados dentro de um espaço estreito e estavam lutando face-a-face.” (8.11.1), “Quando a escuridão veio, a estação sendo então o verão, houve abundância de chuva durante toda a noite e violentos trovões do Pelion. Os mortos e os destroços foram levados em direção a Efetas, onde foram enredadas com proas dos navios e atrapalhadas as pás dos remos. As tripulações dos navios que lá estavam, ficaram consternadas com o barulho, e considerando seu atual estado ruim, esperavam pela completa destruição; pois antes havia se recuperado do naufrágio e da tempestade em Pelion, eles próxima suportou um mar-luta obstinada, e depois o mar-luta, correndo chuva e poderosas torrentes despejando em direção ao mar e trovões violentos.” (8.12.1-2) e “Isto é como a noite lidou com eles. Para aqueles que estavam designados a navegar ao redor de Eubéia, no entanto, aquela mesma noite foi ainda mais cruel, uma vez que os pegou em alto-mar. O fim deles foi horrível, pois quando a tempestade e a chuva caíram sobre eles quando estavam em Cela na Eubéia, eles foram levados pelo vento em uma direção desconhecida e foram conduzidos para as rochas. Tudo isso foi feito pelos deuses para que o poder persa fosse mais igualado ao poder grego, e não muito maior do que ele.” (8.13.1). Algumas questões relevantes são colocadas nestas passagens. A primeira que se destaca é a necessidade do saber da navegação, pois mesmo estando em menor número de naus que os persas, os helenos usaram de estratégia naval para conseguir afundar embarcações inimigas. O conhecimento sobre a região e a tática adotada permitiu que eles afetassem mais naus que foram afetadas as suas. O segundo ponto importante é a oposição a isto: a falta de conhecimento dos persas da região em que travavam a batalha, juntamente com a tempestade que os assolou, gerou o desespero entre os tripulantes do navio e não permitiu que conseguissem manter ordenadamente seus barcos, salvando-os da destruição. Por fim, a crença na intervenção dos deuses a favor dos helenos fica evidente em Heródoto. Assim, o desastre persa, que devia-se sobretudo a tempestade, poderia ter sido uma atuação das divindades diretamente no resultado da batalha.

Heródoto enfatiza, nas seguintes passagens “De todos os helenos os que fizeram o melhor serviço naquele dia foram os atenienses” (8.17.1) e “os atenienses forneceram mais do que todo o resto, cento e oitenta navios, sozinhos.” (8.44.1), o poder da frota ateniense. respectivamente vemos que na batalha naval em Eubéia há o destaque deste poder dos

atenienses entre todos os gregos e dentre aqueles que participariam da batalha naval em Salamina contra os persas, Heródoto aponta que eram os atenienses os que mais possuíam naus.

A noção *métis* retorna, continuando relacionada ao *estrátego* ateniense. Temístocles, incentivado por Mnisefilo, buscar refazer o que os líderes das frotas haviam acordado, ou seja, retirar-se de Salamina e realizar combate próximo ao Peloponeso. Assim, discursa habilmente, mostrando as desvantagens de se lutar no lugar escolhido anteriormente. Propõe, então, permanecer e lutar em Salamina, fazendo uso da geografia da região e levando em conta a quantidade e o tipo de embarcação. Deste modo, mostra-se conhecedor das estratégias navais, usando de ardil para convencer os companheiros e de astúcia para se sair melhor com a estratégia traçada. Podemos ver estas ideias na passagem “Mas se você fizer o que eu digo, você vai achar que é útil nessas maneiras: primeiro, por envolver muitos navios com nossos poucos no estreito, vamos ganhar uma grande vitória, se a guerra acaba razoavelmente, pois é a nossa vantagem para lutar em um estreito e a sua vantagem para lutar em uma área ampla.” (8.60B.1).

O fabuloso torna-se real nas representações herodotianas, como podemos ver nas seguintes passagens “Se, no entanto, ele se volta para os navios em Salamina, o rei estará em perigo de perder a sua frota.” (8.65.3) e “Assim, ele aconselhou, e depois que a poeira e o grito vieram em uma nuvem, que subiu no alto e voou de volta para Salamina ao acampamento dos helenos. Desta forma, eles entenderam que a frota de Xerxes estava indo para ser destruída.” (8.65.6). Enquanto os persas saqueavam a cidade abandonada de Atenas, Diceu e Demarato ouviram sons de milhares de vozes vindo da região de Eleuses. Inquietos com isto, Demarato questiona o significado e Diceu o interpreta como presságio negativo aos persas. Novamente, fica evidente que Heródoto, apesar de seu compromisso com a narração de fatos, considera a questão de intervenção dos deuses e presságios. No imaginário helênico, a religiosidade compõe a realidade e nela age.

A passagem “morreram igualmente outros muitos oficiais de renome, assim como os persas, os Medos e demais aliados; porém nela pereceram muito poucos gregos porque como estes sabiam nada, se alguma nau fosse destruída, os que não haviam perecido na mesma ação aportavam em Salamina nadando.” (8.89.1) mostra o momento da batalha em Salamina. Heródoto representa os gregos com uma proximidade maior com o mar, pois estes sabiam

nadar e poderiam se salvar quando a nau fosse a pique. Esta ideia vem ao encontro com aquilo que defendemos: a ideia já difundida da estreita relação entre helenos e o mar. O projeto thalassocrático, vem, então, no bojo destas ideias, no qual os atenienses compartilham de seus valores navais com outras *póleis*, principalmente aquelas banhadas pelo mar Egeu.

Por fim, a última passagem destaca remete-se a Temístocles e seu reconhecimento. Após a vitória naval em Salamina. Temístocles passa a ser reconhecido em alto grau entre os gregos, como vemos em “Temístocles foi elogiado, e por toda de Hélade foi considerado o homem mais sábio, de longe, dos gregos.” (8.124.1).

2.3 Uma voz da segunda sofística: Plutarco sobre Temístocles

As *póleis*, que tratamos até então, mudaram consideravelmente sua forma de organização em diversas esferas. Estas mudanças transformaram substancialmente as relações empreendidas pelos atenienses. Se Atenas, no século V a.C. era uma potência, uma hegemonia entre as *póleis*, principalmente por conta de seu poderio naval, no período romano, era mais uma cidade que compunha o vasto Império. Ao longo de cinco séculos, do V a.C ao I d.C., novas formas literárias e novos movimentos foram efetivados, respondendo às transformações e novas necessidades sociais, políticas, econômicas, culturais, religiosas. No século I d.C. vê-se surgir um novo movimento, a Segunda Sofística.

De acordo com Maria Aparecida de Oliveira Silva (2007), é a marca deste movimento o renascimento de temáticas e da retórica grega, no qual tinha como objetivo maior apresentar a relevância dos homens que se empenhavam e se ocupavam em gerar credibilidade nas palavras de um discurso, que poderia gerar convencimento. Assim, Silva afirma que

Nesse caldeirão literário, fervem pensamentos atribuídos aos gregos, mas em sua maioria, escritos por membros de diversas sociedades que se viam como herdeiros dessa cultura, embora habitassem em terras distantes do continente grego. A esse despontar da tradição literária grega foi dado o nome de Segunda Sofística, expressão cunhada por Flávio Filóstrato. O termo aparece pela primeira vez na obra filostratiana *Vida dos Sofistas*, datada entre os anos de 231 e 237 d.C. (SILVA, 2007).

Os sofistas buscavam, sobretudo, ensinar a persuasão através do discurso. Como nos apresenta Gérman S. Henríquez, a educação nos séculos I a III d.C. tinha um caráter

pedagógico e formativo, no qual baseava-se, principalmente, na teoria de imitação dos modelos clássicos (“teoria da *mimesis*”). Este modelo educativo partia do livro, onde era lido e recitado em voz alta. A retórica seria o último nível de formação do indivíduo, que realizava exercícios onde se praticava seu domínio sob os recursos literários dos textos clássicos. Uma vez que este aprendizado fosse fixado pelo aluno, ele seria capaz de preparar seus discursos, recorrendo a uma vasta gama de recursos, e envolver outros membros a compartilhar seu ponto de vista (2005, p. 638).

Deste modo, seguindo este modelo educacional, os sábios da Segunda Sofística, elaboraram uma linguagem cuidadosa a partir dos escritores da época clássica grega. Agora, fazendo uso dos modelos do passado para ensinar segundo os valores da própria época. O importante no ensino da “arte do bem falar e argumentar”, de acordo com o modelo da segunda sofística, reside no poder de influenciar e cativar outros, e “pouco importa o que se tem a dizer, o preferencial é dizê-lo do melhor modo possível. Interessa ganhar o público, ganhá-lo a seu favor, e com eles obter grandes benefícios” (HENRÍQUEZ, 2005, p. 368).

Um dos expoentes de origem helênica deste movimento foi um biógrafo nascido na região grega da Beócia, aproximadamente na metade do século I d.C.. Plutarco viveu sob o domínio do Império Romano e escreveu uma grande quantidade de textos, com grande inspiração das obras de Heródoto e Tucídides. Os textos de Plutarco estão repletos de seu intento pedagógico; especialmente o conjunto de textos sob o nome de “Vidas Paralelas”, em que é visível a redação de forma educativa e um final de caráter moralizador (Idem.). Destarte, “as *Vidas Paralelas* de Plutarco (...) de onde se confrontam valores mediante a comparação de figuras extraordinárias da história com o propósito de explicar os mecanismos do caráter humano (*éthos*)” (Ibidem, p. 637). Comparando um renomado grego a um renomado romano, Plutarco usou das narrativas sobre estas figuras públicas consideradas importantes na história de ambas as sociedades para ensinar os grandes feitos e suas ações e para abominar as más ações. Assim, por exemplo, Plutarco escreveu sobre as vidas de Teseu e Rômulo, Nícias e Crasso, Demóstenes e Cícero.

Plutarco nos mostra a ética como o esforço constante para alcançar a excelência na maneira de viver, atingindo-a quando se consegue canalizar as faculdades e os sentimentos mediante a moderação e a equidade. Daí a importância de evitar excessos e defeitos no comportamento. O indivíduo ético goza com o bem e se aflige

com o mal, mesmo que sua vida esteja marcada por três condições: a natural, a instrução e a prática (*Ibidem*, p. 639).

Essas “Vidas Paralelas” são não somente narrativas, mas construções de representações do *éthos* destes personagens. Como já evidenciamos na “Introdução”, nosso interesse recai sobre a narrativa da vida de Temístocles e as representações construídas por Plutarco que perpassaram os séculos. Ou seja, mesmo após quatro séculos, Temístocles é representado como sendo um dos grandes homens que conquistou a vitória diante dos persas para os helenos. Esta vitória foi conquistada, principalmente, por conta de sua capacidade de convencimento, oriunda de sua astúcia na vida política.

Percebemos, após a análise do texto que narra a vida de Temístocles, que Plutarco concentra-se nas qualidades e defeitos de caráter deste antigo *estratego*, enfatizando as qualidades, sobretudo suas habilidades políticas. Logo de partida, Plutarco manifesta o caráter “natural” de Temístocles para a sagacidade, pois como evidencia em “e de tudo o que foi dito para o cultivo de sagacidade ou eficiência prática, ele mostrou claramente uma indiferença muito além de seus anos, como se ele colocasse sua confiança em seus dons naturais” (2.2). Temístocles demonstrava, desde pequeno, a crença em si mesmo, em suas habilidades de sagacidade prática.

Em uma única passagem, das que foram por nós elencadas, há a referência que relaciona precocemente Temístocles com as trirremes/navegação. Nela, o logógrafo demarca a ligação entre Temístocles e as trirremes, o mar e a navegação, “há alguns que dizem que seu pai tentou com carinho desviá-lo da vida pública, apontando para ele trirremes velhas na praia do mar, tudo destruído e abandonado, e dando a entender que as pessoas tratavam seus líderes de igual modo, quando estes eram passado no trabalho” (2.6). Aqui o que nos é relevante não é a tentativa do pai, mas a representação construída, por Plutarco ou proveniente de uma tradição, entre o *estratego* que arquiteta uma frota de trirremes e conquista importante vitória na guerra contra os persas. A relação demarcada entre estes dois permaneceu no imaginário.

O início da sequência de atitudes astuciosas por parte de Temístocles com relação aos persas reside em sua antevisão de perigos e ameaças, mesmo após a vitória dos helenos na Primeira Guerra Médica (490 a.C.). Temístocles agiu de modo precavido ao supor que não havia terminado a ameaça persa a Hélade, mesmo após a vitória em Maratona, por Milcíades.

Deste modo, usa de astúcia para angariar adeptos ao seu projeto, não explorando o medo pelos persas, mas um medo real que havia contra Egina, uma cidade com que Atenas travava intenso combate naval. Temístocles fortalece, usando da prata recém-descoberta nas minas da região do Láurion, a marinha ateniense. É esta marinha que serve ao projeto de Temístocles contra os persas na batalha de Salamina. Duas passagens nos permitem tal entendimento, “Temístocles pensou que fosse apenas o começo de mais disputas, e para isso ungiu-se, por assim dizer, para ser o campeão de todos na Hélade, e colocou a cidade em formação, porque, enquanto a guerra ainda estava longe, ele esperou o mal que estava vindo” (3.4) e “Por isso tudo Temístocles mais facilmente tentou levar [as pessoas] para seu lado, não tentando aterrorizar os cidadãos com imagens terríveis de Dario ou dos persas (estas foram longe demais e não inspiraram medo muito grande em sua vinda), mas fazendo uso oportuno do ciúme amargo que eles acalentavam por Egina, a fim de garantir o armamento que ele desejava. O resultado foi que, com esse dinheiro [da prata das minas do Láurion] eles construíram uma centena de trirremes, com os quais eles realmente lutaram em Salamina [480a.C.] contra Xerxes” (4.2). Nesta segunda passagem vemos, também, algo caro aos sofistas: o poder de convencimento através do discurso, de saber fazer uso astuciosamente da situação e explorá-la a seu favor. Na continuidade, essa ideia fica ainda mais evidente: “E depois disso, atraindo a cidade em forma gradual e conduzindo seu progresso em direção ao mar, incitando que com esta infantaria não eram páreo até para seus vizinhos mais próximos, mas, com o poder que se obteria de seus navios, não podiam apenas repelir os bárbaros, mas também assumir a liderança na Hélade” (4.3). Com astúcia, Temístocles conquista adeptos para seu lado e incita-os a empreender a dominação no mar Egeu (thalassocracia), que será concretizada menos de três décadas depois.

É a astúcia lançada por Temístocles para empreender seu projeto voltado para a navegação que permitiu que a pólis dos atenienses adquirisse renome frente aos aliados e superasse seus inimigos. Plutarco constrói esta ideia ao afirmar que “Portanto, ele [Temístocles] é pensado como tendo sido o homem mais fundamental para alcançar a salvação da Hélade, e acima de tudo em liderar os atenienses até o alto renome de superar seus inimigos em valor e de seus aliados na magnanimidade” (7.3). O longo conflito entre helenos e persas, que será fundamental para tal reconhecimento dos atenienses diante de outras póleis, teve batalhas travadas na terra e no mar. De fato, Plutarco minimiza a importância cabal das batalhas navais, cedendo maior relevância para as lutas em terra na obtenção do resultado final.

O escritor não desconsidera o âmbito naval no resultado final, apenas ameniza-o. Sobretudo, destaca que o aprendizado da guerra naval foi realizada através da prática, da atuação no mar, aprendendo enquanto se lutava. O autor nos aponta, desta forma, que “As batalhas que foram travadas naquela época com os navios dos bárbaros nos estreitos não foram decisivos para a questão principal, é verdade, mas eles eram do maior serviço para os helenos, dando-lhes a experiência, uma vez que eles foram, assim, ensinados por realizações reais em face do perigo” (8.1). Todavia, devemos destacar que, em especial para os atenienses, já ocorriam conflitos navais, tendo em vista que o próprio caso das disputas com Egina nos mostram isso. Mas também é bem verdade que a grande quantidade de navios que foram vistos na batalha de Salamina, e em escala helênica no Istmo de Corinto, haviam sido as maiores até então – excetuando-se o imaginário relacionado à Guerra de Tróia narrada na “Íliada”. Isso não significa que Plutarco tenha descartado o conhecimento dos atenienses com relação ao meio marítimo, à navegação ou mesmo às práticas e táticas de batalha marítima, mas apresentou-nos que a proporcionalidade deste novo conflito necessitou novas aprendizagens, realizadas no momento do conflito.

Em duas passagens podemos ver claramente o uso do ardil por Temístocles. Ele usa do ardil para convencer os seus concidadãos a optarem por seu projeto de evacuação da cidade por conta da ameaça persa. Para tanto, usou-se de sinais divinos, como o caso da serpente sagrada que ficava na Acrópole e uma previsão do oráculo. Interpretou-as a seu modo, para incentivar a saída da cidade e para conquistar o maior número de homens para remarem nas trirremes. Ardilosamente, e novamente, conquistou as pessoas para o apoiarem em seu projeto. Vemos este emprego da astúcia em “Então, na verdade, foi que Temístocles, desesperado para trazer a multidão mais para seu ponto de vista a partir de qualquer raciocínio humano, criou mecanismos, por assim dizer, para introduzir os deuses para eles como um gerente teatral faria para uma tragédia, e exercia sobre eles sinais vindos do céu e dos oráculos. Como um sinal do céu ele tomou o comportamento da serpente, que é realizada por desaparecidas nessa época do recinto sagrado na Acrópole. Quando os sacerdotes descobriram que as ofertas diárias feitas a ele foram deixadas intocadas, eles proclamaram à multidão, – Temístocles colocando a história em suas bocas – que a deusa tinha abandonado sua cidade e foi mostrando-lhes o caminho para o mar” (10.1) e em “Além disso, com um oráculo bem conhecido ele tentou novamente ganhar as pessoas para seu ponto de vista, dizendo que sua ‘parede de madeira’ significava

nada mais do que a sua frota; e que o deus neste oráculo chamou Salamina ‘divina’, não ‘terrível’ nem ‘cruel’, pela simples razão de que a ilha iria algum dia dar o seu nome a uma grande peça de boa sorte para os helenos. Por fim, a opinião dele prevaleceu, e então introduziu uma lei providenciando que a segurança da cidade fosse confiada “à Athená protetora de Atenas”, mas que todos os homens em idade militar embarcassem nas trirremes, depois de encontrar para os seus filhos, esposas e servos, a melhor segurança que cada um podia dar” (10.2).

Como podemos ver até então, grande parte do ardil de Temístocles é utilizado na adesão de pessoas para compartilhar de seus projetos, adquirindo apoio e se fortalecendo enquanto político. No entanto, esta astúcia também é empregada para a prevenção – como no caso de criar uma frota por conta dos persas. É neste sentido que Plutarco, na passagem “Quando ele viu que os cidadãos ansiavam por Aristides, e temia que por conta da ira ele poderia juntar-se aos bárbaros e assim subverter a causa da Hélade, – ele havia sido condenado ao ostracismo, antes da guerra, em consequência da derrota política nas mãos de Temístocles – ele apresentou um projeto de lei que prevê que aqueles que tinham sido retirados por um tempo seriam autorizados a voltar para casa e dedicar as suas melhores competências para o serviço da Hélade, juntamente com os outros cidadãos” (11.1), nos apresenta que Temístocles faz uso de um ardil, que prevê desdobramentos das ações, precavendo-se de antemão. É por isso que, prevendo possíveis desdobramentos decorrentes do ostracismo imputado a Aristides – que havia sido amplamente incentivado por Temístocles por conta de seus interesses e disputas políticas –, Temístocles articula o retorno do político ostracizado, pois temia que por vingança Aristides se unisse aos persas, passando-lhes informações preciosas.

A astúcia de Temístocles é usada constantemente. O *estratego* sempre busca gerar situações que lhes sejam favoráveis, convencendo os cidadãos de que seu projeto e suas ideias são as melhores medidas a serem adotadas ou adotando as melhores táticas e estratégias para conquista de algo. Plutarco nos mostra, em duas passagens, o ardil associado à tática; esta associação é que permite a vitória em Salamina sobre a frota persa. O primeiro ardil realizado remete-se a seu estrategema para atrair a frota persa para o estreito de Salamina. Temístocles prepara uma armadilha ao rei bárbaro: envia-lhe um informante, que deveria contar que os gregos estavam tentando escapar e que ele, Temístocles, desejava ficar ao lado de Xerxes., como visto em “Esse homem foi enviado para Xerxes secretamente com ordens para dizer:

‘Temístocles, general dos Atenenses, elege a causa o Rei e é o primeiro a anunciar-lhe que os helenos estão tentando escapar e aconselhava-o a não deixá-los escapar, atacando-os com conhecimento de causa, enquanto se mantinham perplexos e atemorizados, longe do seu exército de terra, de forma a destruir-lhes de um golpe, todo o seu poder no mar’” (12.4). O segundo, já no decorrer da batalha, Temístocles demonstra saber a hora certa para agir, fazendo uso dos ventos favoráveis às embarcações helênicas e desfavoráveis ao modelo de nau dos persas. Em um meio inóspito como o mar, ele ardilosamente soube fazer uso das práticas de navegação, como escreve Plutarco “Não foi Temístocles menos sábio e avisado em escolher o tempo, do que o foi na escolha do lugar do combate, porque ele esperou para alinhar seus barcos em formação de batalha até a hora em que costumava levantar-se, ordinariamente, um grande vento do lado do mar, agitando enormes vagas dentro do canal. Este vento não prejudicava as galeras gregas, chatas e baixas como eram, mas para os navios barbarescos com proas levantadas, altos bordos e pesados de manejo, o vento causava grandes estragos porque os fazia dar o flanco aos gregos que os iam atacar imediatamente, batendo-os com ligeireza, com os olhos sempre prontos para ver o que lhes ordenava Temístocles, como sendo ele quem entendia melhor do que nenhum outro o que se devia fazer” (14.2).

Todos os ardis que Temístocles utilizou lhe trouxeram a fama entre os helenos. Assim, há o reconhecimento dos helenos, inclusive os espartanos, da sabedoria depreendida durante a guerra contra os persas por Temístocles. O logógrafo se refere a tal engrandecimento do *estratego* através da passagem “Os próprios Lacedemônios o levaram a Esparta onde atribuíram a Euribíades, a honra da coragem e a Temístocles a da sabedoria e prudência, em razão do que lhe deram um ramo de oliveira juntamente com o mais belo carro existente em toda a cidade, enviando trezentos dos seus jovens para comboiá-lo até o limite de suas terras” (17.1). Mas esse reconhecimento promovido pelos Espartanos não impede que Temístocles vire contra eles seu ardil, pois visava o benefício da cidade ateniense. A partir da passagem “Mas depois de ter feito as coisas que aqui expusemos, ele ensaiou imediatamente reconstruir a cidade e as muralhas de Atenas, corrompendo por dinheiro os oficiais da Lacedemônia, para que eles não criassem empecilhos, assim como escreve Teopompo, ou, como todos os outros dizem, ludibriando-os com a seguinte artimanha: ele foi a Esparta, como embaixador, enviado expressamente por se terem queixado, os da Lacedemônia, que os Atenenses fechavam outra vez sua cidade com muralhas. Um orador chamado Poliarco os acusava diante do conselho de

Esparta, tendo sido especialmente mandado para esse fim, pelos egípcios. Temístocles negou tudo com força e firmeza, dizendo-lhes que para se informarem da verdade, enviassem sua gente ao local, querendo, com essa dilação ganhar o tempo necessário ao acabamento das muralhas, e também que os Atenenses retivessem como reféns, pela segurança de sua pessoa, aqueles que fossem enviados a Atenas para a verificação, como de fato aconteceu, porque, informados os Lacedemônios sobre a verdade do que ocorria, não lhe fizeram nenhum mal, mas dissimulando o descontentamento de se verem assim ludibriados por ele, o devolveram sãos e salvos” (19. 1-2), depreendemos que para reconstruir as muralhas da cidade de Atenas, Temístocles lança mão de mais um ardil, agora diante dos Espartanos. Ludibria-os como um embaixador enviado por Atenas, que promete não “fechar” novamente a cidade, enquanto, de fato, as obras da muralha já se iniciavam. O ardil de Temístocles para enganar os Espartanos, permite que, além de sair em segurança de Esparta, os muros de Atenas sejam reconstruídos para a segurança dos cidadãos.

A última passagem presente na obra de Plutarco que evidencia o ardil de Temístocles nos apresenta que o *estratego* faz, em sua política pós-segunda guerra médica, a cidade voltar-se para o mar. O projeto para a cidade passa a ser enfatizado na prática naval, tornando, poucas décadas depois, o Pireu como parte fundamental da cidade de Atenas. A passagem “Temístocles não adaptou assim o porto do Pireu à cidade de Atenas, como disse o poeta cômico Aristófanes, mas antes ajustou a cidade ao Pireu, e a terra ao mar. Com essa orientação ele aumentou o poder do povo contra os nobres e tornou o *dêmos* mais audacioso, em virtude do que veio a autoridade a cair em mãos de marinheiros, embarcadiços, pilotos e demais gente da marinha, razão pela qual a própria tribuna das arengas, situada na praça de *Pnix*, olhava para o mar” (19. 3-4) nos revela a importância dada ao mar e as benesses provenientes dele durante o período clássico que permaneceu no imaginário social, mesmo séculos depois.

De todo modo, quando realizamos esta análise da documentação produzida por Plutarco sobre a vida de Temístocles, nos atentamos para duas coisas, principalmente: 1) as representações construídas por este escritor são reminiscências de um imaginário social cultivado durante séculos e que foi perpetuado e fixado no século I d.C.; 2) este texto, por conta dos interesses dos sofistas e da própria época do Império, destaca o caráter de Temístocles, em especial o ardil empregado em diversas situações.

Durante toda a exposição de análise deste texto usamos a ideia de ardil e astúcia de

Temístocles, mas não fizemos uso do termo *métis*. Onde e como, então, poderíamos relacionar estas duas noções? Acreditamos que podemos ver a *métis* como a esperteza política empreendida por Temístocles. De acordo com Hubert Martin Jr., Plutarco atribui a ele duas características naturais: σύνεσις (*synesis*) e φιλοτιμία (*philotimia*). Estas duas características são qualidades intelectuais e morais listadas constantemente pelo poeta como parte da *physis* de Temístocles e também são os componentes básicos de seu *éthos* (1961, p. 326). Deste modo, segundo o autor supracitado, a

“associação de *synesis* com a política e a *práxis*, bem como a definição da *sophia* ensinada por Mnesífilo como sendo ‘*deinotês politikê kai drastêrios synesis*’ (Plutarco, *Tem.* 2.4) sugerem a tradução para *synesis* como ‘inteligência prática’. Para Plutarco *philotimia* é compreendida como o desejo de ser reconhecido como ótimo (*meas*) e muito poderoso (*pleiston dynamenos*)” (MARTIN JR., 1961, p. 327).

A este ideia soma-se a proposta de Detienne e Vernant que apontam que “ele [Temístocles] tinha herdado de Sólon o que se chamava então a sabedoria (*sophia*), isto é, a habilidade política (*deinóteta politikén*) e a inteligência que preside à ação (*drastérion súnesin*)” (2008, p.283). Em toda a narrativa plutarquiana não aparece o termo *métis*, mas σύνεσις e φιλοτιμία (e suas derivações gramaticais). Mas a ideia presente nestes termos³⁶ e a forma como são empregados, além de uma bibliografia que nos dá apoio, podemos compreender que as ações de Temístocles permeavam ações compreendidas dentro do campo da *métis*.

Esta *métis* desenvolve-se entre Temístocles e seu mestre, Mnesifilo. É com este duplo, a natureza astuciosa de Temístocles e os ensinamentos e conselhos de seu pedagogo Mnesifilo, que as ações do *estrátego* passam a converter a situação e a converge a se favor. Como apontam Detienne e Vernant,

Quando, em Salamina, se trata de estender uma armadilha para a frota dos persas, Mnesífilo está presente, sob os traços do sábio conselheiro, para soprar a Temístocles o que Ésquilo, na sua narrativa, chama ‘a astúcia de um grego’. Mas na narração de

³⁶ O termo *philotimia* (φιλοτιμία) depreende os seguintes significados de acordo com o dicionário LJS no site Perseus: amor à honra ou distinção, ambição, vaidosa obstinação, visão ambiciosa, ostentação, esforço pródigo para fins públicos, magnificência. O termo *synesis* (σύνεσις), segundo o já citado dicionário, tem entre seu conjunto de significados união, unificador, faculdade de compreensão rápida, sagacidade, inteligência em uma coisa e sagacidade em relação à ela, consciência, conhecimento, decisão.

Heródoto, o mesmo sofista aparece como uma espécie de duplo discreto da inteligência de Temístocles, do homem cujos contemporâneos chamavam Ulisses, por causa de sua grande prudência, de sua *phrónesis*. (pp. 283-284)

Não temos dúvidas ao afirmar que a destreza no uso de artimanhas, não somente em Salamina, mas durante toda sua vida pública, era a capacidade de alguém detentor da *métis*. É essa *métis*, apesar de não estar nomeada, que Plutarco desenvolve ao longo de sua narrativa sobre Temístocles. A *métis* reside na capacidade de Temístocles convencer através da persuasão (*peisanta*) as póleis a deixarem de lado as inimizades que marcam suas disputas e unirem-se diante de um inimigo comum; está também na batalha travada em Salamina, onde fornece conselhos astutos (*gnômê kai deinotês*) e consegue orientar corretamente o desenvolvimento da batalha até conquistar a vitória (MARTIN JR., 1961, p. 329); também está no modo prudente de sua atuação e na sua capacidade de prever desdobramentos e antever ações, quando, por exemplo, não negou uma retomada, por parte dos persas, de uma guerra contra a Hélade ou mesmo quando preveniu-se de uma ação irada de Aristides por ter sido ostracizado.

As demonstrações, que foram elencadas nas passagens que acima retirados do texto de Plutarco, do modo de agir de Temístocles nos indicam que ele era um detentor dos que os gregos consideravam a *métis*. Juntamente a estas qualidades provenientes da *métis*, unia-se um faro político excepcional. De acordo com Tucídides, Temístocles

sobressaía-se ao dar, sobre os problemas imediatos, a melhor opinião, graças à reflexão mais breve e, relativamente ao futuro, sabia conceber a idéia mais justa sobre as perspectivas mais longínquas. Se um assunto estivesse em suas mãos, sabia também expô-lo; se não tivesse experiência, não trazia por isso um julgamento menos válido; enfim, se as vantagens e os inconvenientes ainda estivessem dissimulados no invisível, sabia prevêê-los da melhor forma. Em resumo, pelos recursos de sua natureza e o pouco de esforço de que tinha necessidade, este homem foi sem igual para improvisar o que era necessário (Tucídides *apud* Detienne; Vernant, 2008, p. 284).

Como mostramos no primeiro capítulo desta dissertação, a noção *métis* possui em seu conjunto de atribuições a sagacidade, a prudência, a previsão de desdobramentos, a ação rápida diante de algo inesperado, uma inteligência astuta. Assim como os nautai e Odisseu usavam a *métis* em um terreno inóspito e repleto de imprevisibilidades, Temístocles também o faz em um terreno de constantes mudanças e nuances variável: o campo político. É neste lugar

de atuação, talvez excetuando-se o momento de ardil com relação direta a navegação, no qual usou de seu conhecimento prévio dos ventos e das correntes juntamente com sua astúcia para tornar o estreito de Salamina favorável à navegação grega e desfavorável aos persas, que se desenvolvem as principais artimanhas de Temístocles. Ainda segundo o autor da “Guerra do Peloponeso”, a clarividência política de Temístocles reside na segurança de seu golpe de vista, em sua inteligência rápida que emprega nas situações novas, na agilidade de espírito frente ao desconhecido. Estas características, para os contemporâneos de Temístocles, são aquelas que permitem seu domínio sobre os discursos dos outros. Desta maneira, Temístocles é “aquele que melhor conjectura” (*áristos eikastés*) nas diversas situações (Detienne; Vernant, 2008, p. 284) e, como foi bem observado por Plutarco, os helenos seguem/obedecem a Temístocles porque “ele viu melhor o que era vantajoso” (MARTIN JR., 1961, p. 328-329)

Para Aristóteles, a “justeza do golpe de vista”, a *eustokhía*, atinge o mesmo resultado: ela permite adivinhar uma similitude entre as coisas à primeira vista profundamente diferentes. É uma operação intelectual que se situa no meio do caminho entre o raciocínio por analogia e habilidade em decifrar os sinais que atam o visível ao invisível. Seu horizonte temporal é aquele mesmo que descobre, desde sua aparição na *Iliada*, a personagem do conselheiro prudente. Quer se trate de Polidamas, de Nestor ou de Haliterses, a fórmula é a mesma: ver ao mesmo tempo o que está na frente e o que vem atrás (*háma prósso kai ópisso*), isto é, de início ter a experiência do passado para adivinhar o que vai produzir-se, mas também, aproximar o futuro dos acontecimentos passados, caminhar de um ponto a outro do horizonte através do invisível, como fazem, de seu lado e com seus próprios meios, os adivinhos, estes homens cujo saber é, na mesma época, definido por Eurípides como uma habilidade em adivinhar, *eikázein*, em formular a mais justa idéia sobre as perspectivas mais longínquas (Detienne; Vernant, 2008, pp. 284 -285).

É esta a base de raciocínio que permite empreender a *métis* nas situações, como o faz Temístocles. Seu campo de atuação – o político – é, assim como o mar, multifacetado e imprevisível, onde é preciso mostrar faces diferentes segundo a situação necessitar, ou seja, ser *polýtropos*. Também é preciso estar precavido e agir com prudência, atentando-se para desvios e armadilhas traçadas por desafetos, ao mesmo tempo em que consegue usar corretamente a seu favor a situação que, a princípio, poderia lhe ser contrária, ou seja, ser *polýmetis*. Não obstante que essas características nos recorda um outro equivalente, mitológico, que fazia uso da *métis* e era bem-sucedido: Odisseu. Os autores Detienne e Vernant corroboram nossa proposição pois afirmam que “Como o herói da Odisséia, Temístocles era sempre ‘tal qual as circunstâncias o exigiam’; na assembléia e nos conselhos, ele era o orador que sabia melhor

que ninguém adaptar-se ao tempo, ao lugar, a seus interlocutores e responder em toda ocasião da melhor maneira (Ibidem, p. 284). Dessa forma reiteramos a nossa hipótese de que poetas, historiadores, logógrafos e sábios gregos, do VIII ao I d.C., forjaram representações acerca dos astutos navegadores gregos. Odisseu e Temístocles foram figuras/*nautai* que acumularam valores relacionados à experiência náutica grega, portanto, forneceram exemplos e modelos a serem seguidos pelos jovens atenienses do V século a.C.

2.4 As novas percepções do meio marítimo: a proximidade com o mar conhecido

A “História” de Heródoto não somente inovou quanto a forma e o método de escrever no século V a.C., tanto que causou uma ruptura na tradição, mas também construiu representações sobre o meio marítimo e suas práticas com um olhar diferenciado. Deste modo, a partir da análise realizada sobre a obra herodotiana, percebemos, de maneira mais evidente, o emprego e as caracterizações dos elementos que compõem o meio marítimo muito mais próximos ao que realmente consistiam na prática cotidiana.

Dentre as temáticas cotejadas aquela que mais se destaca quantitativamente em número de referências é a navegação. As ideias que fundamentam as construções de “representações sociais” perpassam questões como a navegação como meio de contaminação através da prática do comércio (tomado de modo negativo); meio de obter produtos de outras regiões; uma prática comum (a diversos povos citados por Heródoto); meio de ligação entre as regiões, o que fomentam as trocas não só de produtos mas também de religiosidades, histórias míticas e práticas sociais; um meio para transportar pessoas e bens, fugindo ou não de conflitos; um meio de realizar batalhas navais; meio de medição de distância; entre outros³⁷. Sobretudo, é reconhecido por Heródoto que a prática da navegação requer um conjunto de saberes, relacionando-os, em alguns casos, aos perigos enfrentados cotidianamente no mar, como as tempestades e os ventos que geram mudanças no mar. Estes saberes são associados a estratégias, quando de conflitos navais ou perigo iminente.

³⁷ Que podem ser verificados juntos ao “Apêndice A” desta dissertação, no qual destacamos as atribuições a cada tema elencado a partir da metodologia que nós adotamos para a leitura e análise da documentação textual, as “grades de leitura”.

Em segundo nível de referências temos o mar. Entre suas caracterizações destacamos predominância de uma multiplicidade das ideias vinculadas a ele, dentre as quais o mar como um lugar de “não-retorno”, onde desaparece aquele ou aquilo que é jogado nele sem que haja evidências; as constantes instabilidades geradas pelas tempestades, o que acarreta um perigo para os indivíduos e para seus bens; tentando aplacar a fúria das divindades, são realizados sacrifícios e libações para que elas permitam – o mar permita – uma navegabilidade tranquila; o lugar onde se desenvolvem os conflitos navais, enfatizando em alguns casos a proeminência do poderio de Atenas.

Os navegantes (*nautai*) também são referenciados por Heródoto. O autor, ao representar este grupo, não nega que eles possuem saberes referentes a prática da navegação, mas no conjunto destas representações vemos predominar o caráter negativo. Apesar de seus saberes para navegar e seu conhecimento empregado nas construções de naus, eles fazem uso da astúcia para sobreviver, aparentando usá-la para a realização de maldade – o rapto do navio em que estava Arion (Hdt. 1.24. 2-7) – ou vendendo-se para adquirir riquezas – com ouro rapidamente Ciro consegue formar suas tropas navais (Hdt. 1.154.1).

Destes três temas, grande parte das representações residem no campo do real, não no metafórico ou fabuloso. E consideramos que a questão religiosa, a realização de sacrifícios e libações para o mar ao pedindo uma boa navegação, está inserida na esfera do real, pois a religião grega era a “religião-em-prática” e as práticas religiosas gregas permearam todas as esferas da vida (ZAIDMAN, 2010, *passim*). São poucas as vezes que a representação herodotiana perpassou o campo do imaginário helênico ligado ao fabuloso – como os monstros que devoram os marinheiros mortos na batalha em alto-mar –, como pode ser visto na análise da obra. No entanto, isto não significa afirmar que as representações são monolíticas, ou seja, nelas percebemos valores diferentes, em alguns casos é mais notório o caráter positivo ou negativo, em outros a neutralidade – apresentada como apenas como algo informativo – é o que transparece. A ambivalência, tão bem perceptível nas obras analisadas no primeiro capítulo, diminui a evidência, mas não desaparece, apenas transfigura-se mais para questões do “real”.

Em todo caso, na obra de Heródoto não aparece somente referência a estes três temas. A *métis*, fundamental em nossa pesquisa, é relacionada ao *estrátego* ateniense. Apesar de utilizarmos a obra de Plutarco para nos referirmos ao ardil de Temístocles – que foi

previamente analisado no subcapítulo anterior –, Heródoto também vincula a astúcia de Temístocles o desenvolvimento da Segunda Guerra Médica. Em cinco passagens Heródoto se refere a *métis*, das quais três apresentam sua utilização por Temístocles para obter apoio de seus concidadãos e aliados para seu projeto ou empreitada. Assim como apresentou Plutarco, a habilidade relacionada à *métis* de Temístocles está vinculada ao seu discurso e suas ações políticas, o poder de convencimento que tão destacado foi por Plutarco também é visto em Heródoto, salvo as devidas proporções. A outra atribuição empregada na obra “História” sobre a *métis* temistocleana se refere ao artil usado pelo *estratego* para ludibriar Xerxes, rei persa, no momento da iminência da batalha em Salamina. Nela predomina o sentido de enganação para obter vantagens a favor dos gregos, o que torna este engodo algo “não-negativo” – apesar de Heródoto não empregar julgamentos quando se trata da *métis*, colocando-a como positiva ou negativa. Por último, todo o uso de ardis e astúcias alçou Temístocles ao reconhecimento e, também fazendo uso de artil junto aos lacedemônios, a aquisição de glória e honrarias prestadas.

Deste modo, como nosso subtítulo propõe, acreditamos que Heródoto constrói suas representações pautando-se grandemente na prática cotidiana, apesar de remeter-se constantemente ao passado. Seu olhar sobre o passado, filtrado pela realidade experimentada ao longo de suas viagens, deixa-se permear pelo grande poder exercido por Atenas através do mar. Quando Heródoto se refere a um passado longínquo, ele mantém a prática da navegação como algo completamente comum e até mesmo demonstra conhecimentos do que pode ocorrer – e aqui reside o amplo conhecimento adquirido em suas viagens e que emprega na formulação do passado. O mar não é desconhecido, é um lugar que requer cuidados, pois ainda permanece – desde as representações formuladas no Período Arcaico – como sendo inóspito, mas dominável. É nesta dominação que pode ser empreendida que a ideia de assenhorear-se do mar aparece na obra herodotiana antes de sua execução por Atenas – e novamente recorda o passado a partir de suas questões vividas no cotidiano.

Foi uma escolha pertinente trabalhar com Heródoto para compor nosso *corpus* documental, pois como bem salienta Momigliano, “Ele [Heródoto] teria ganhado um belo presente dos atenienses por seus escritos favoráveis a Atenas (...) Sua popularidade junto aos atenienses foi notável” (2004, p.66). Ainda que Heródoto não fosse um cidadão ateniense, mostrou-se favorável a eles, mergulhando suas construções representacionais nos valores

exaltados pelos de Atenas. Isto significa que, permeado pelo discurso empreendido pelas lideranças de Atenas para a legitimação de sua prática *thalassocrática*, Heródoto compartilha socialmente das representações que estes desejavam forjar a seu favor.

O mar e as práticas executadas nele são tomados com proximidade por Heródoto, o que nos instiga a confirmar que também seria próximo de muitos de seus leitores. O mar, que antes era tomado como um lugar desconhecido e que emanava um complexo imaginário na esfera do “fabuloso” ou de seu emprego de modo metafórico, aqui aparece como aquele para práticas reais, sem que se desconsiderem os perigos inerentes a ele e os saberes fundamentais para a navegação. Por esta maneira, defendemos que entre os gregos, especialmente para os atenienses, os conflitos de maiores proporções que envolveram os helenos e o Império Persa trouxeram à tona, de modo mais evidente, questões concernentes ao uso do mar e da navegação, sobretudo aqueles ligados à guerra naval³⁸. Além disto, o empreendimento ateniense de um governo que conduz uma dominação no mar Egeu, a época de escrita da obra de Heródoto, fomenta reflexões e debates neste sentido. Se o indivíduo, leitor/receptor da obra herodotiana, não conhecesse na prática a navegação ou o mar, havia a probabilidade de questões relacionadas a estas temáticas estarem sendo constantemente debatidas, principalmente com o acirramento das disputas entre as *póleis* das Ligas ateniense e espartana na segunda metade do século V a.C. O mar e a navegação são tornados, então, comuns e próximos.

³⁸ Não desconsideramos a relevância das batalhas travadas em terra, pois a que ocorreu nas Termópilas representa um ponto essencial para o transcorrer da Segunda Guerra Médica. mas optamos por enfatizar nosso recorte espacial, o mar.

Capítulo 3

A imagética dos vasos e a métis marinha (séculos VI – V a.C.)

“No começo havia a imagem.”
(JOLY, 2008, p. 17)

A partir da compreensão das imagens como suporte de um discurso próprio e portadoras de mensagens cognoscíveis, as mudanças e novas possibilidades interpretativas ampliam substancialmente os horizontes das pesquisas, sobretudo daquelas sociedades mais antigas e que poucos textos nos chegaram. Passamos a empreender novas problemáticas às pesquisas, que nos imputaram novas indagações e reflexões, como teoria e metodologia pertinentes a esta nova documentação. A imagem, juntamente com outros testemunhos, instigou novas interpretações e permitiu que muito do que produziu-se até então fosse revisto e, em alguns casos, reescrito.

Assim sendo, buscamos inicialmente apresentar um balanço sobre o estudo da imagem, seus usos e as contribuições deste tipo de fonte para a História da Grécia Antiga e para nossa pesquisa (“A imagem: uma nova forma de conhecer e disseminar valores”). Uma vez tendo sido exposta a base da qual parte nossas proposições acerca da iconografia dos vasos gregos, nos deteremos na análise de nosso *corpus* imagético. As cenas selecionadas são de produção ática e tem como delimitação o encontro entre Odisseu e as Sereias, segundo a difundida tradição grega que perpassou os séculos, do arcaico ao clássico (“Odisseu e as Sereias em cenas: os signos, as significações e as interpretações”). A partir desta análise, torna-se compreensível as representações contruídas pelos atenienses sobre um momento particular presente em sua tradição que demarca o uso da *métis* em contexto marítimo. Não por acaso a seleção destas cenas, pois eles tiveram sua produção datada em um período específico: quando do processo de empreendimento da *thalassocracia*, o policimaneto do mar Egeu e sua

subsequente dominação. Buscamos, portanto, relacionar estes dois casos, de um lado a produção com temática marítima e, de outro, o domínio do mar e do largo uso da prática naval (“A veiculação do projeto *thalassocrático* nos vasos: uma recuperação dos mitos e da prática cotidiana’). Pretendemos, por fim, analisar por meio de uma abordagem cultural, a prática *thalassocrática* ateniense.

3.1 A imagem: uma nova forma de conhecer e disseminar valores

As historiografias do século XIX, historicistas e da escola metódica, alemã e francesa respectivamente, enfatizavam o estudo de fenômenos (fatos) políticos e priorizavam em suas pesquisas os documentos textuais (DOSSE, 2012, pp. 30-39). Eram os textos que serviam ao historiador como via de acesso ao passado e, através deles, se “iluminavam os fatos”. Com o contínuo desenvolvimento da disciplina e com as novas abordagens e diálogos com disciplinas afins (principalmente na segunda década do século XX, com a formação da chamada *Escola dos Annales*), novas documentações, para além da textual, passaram a ser inseridas como fontes³⁹ e permitiriam a ampliação do nosso conhecimento do passado e possibilitaram novas interpretações. Ao documento escrito se junta as imagens (em vasos, em mosaicos, em afrescos, por exemplo), o maior diálogo com a arqueologia permite a análise da cultura material (como estatuária e sítios arqueológicos). Uma renovação nos estudos históricos se inicia no século XX e amplia-se cada vez mais.

Centrando-nos na imagética de vasos como uma tipologia documental relevante em nossa pesquisa, é no âmbito dos estudos iconográficos que se ampliam as novas possibilidades interpretativas. Como Eduardo Paiva bem destacou, “O uso da imagem, da iconografia e das representações gráficas pelo historiador vem propiciando a apresentação de trabalhos renovadores e, também, instigando novas reflexões metodológicas” (PAIVA, 2006, p. 19). Portanto, necessitamos demarcar nossas posições quanto a compreensão do que é a imagem, seus usos e seus limites. Tomamos, logo de partida, a ideia de que a iconografia é uma forma de “registro histórico realizado por meio de ícones, de imagens pintadas, desenhadas, impressas ou imaginadas e, ainda, esculpidas, modeladas, talhadas, gravadas em material

³⁹ A ideia de “fonte” não é utilizada como manancial de uma verdade, como um documento que contém e detém uma verdade.

fotográfico e cinematográfico” (*Ibidem*, p. 17).

Tal mudança foi renovadora, sobretudo, para os estudos da Antiguidade. Durante um longo tempo os documentos preferenciais dos historiadores da antiguidade também foram de caráter textual⁴⁰. Todavia, tais historiadores, que já mantinham diálogo em suas pesquisas com a arqueologia e a antropologia, buscaram aproximar-se das teorias da Comunicação e da Semiótica. Deste modo,

a cultura material e as imagens produzidas pelas sociedades antigas passaram a ser consideradas como suportes de informação, ao mesmo nível da dos textos escritos, ou seja, com as imagens os historiadores podem obter informações diferentes e novas das dos textos ou mesmo levantar novos problemas. (THEML, 1998, p. 305)

O diálogo com a Semiótica, sobretudo a partir dos anos de 1960, promoveu uma profunda transformação nas abordagens realizadas até então. Com a perspectiva semiótica buscou-se “uma lógica do significado e o estudo da imagem como elemento de comunicação”. Esta forma de pesquisa “privilegia a procura pelo significado em vez da orientação estética que dominava o campo da história da arte até então” (LISSARRAGUE, 2013, p. 29). Portanto, seguimos em nossa pesquisa um modelo metodológico advindo da semiótica, uma vez que buscamos o significado das mensagens transmitidas pelo comunicador (no caso os pintores dos vasos) ao receptor da imagem (um público variado em idade, gênero, status, tradição cultural, por exemplo).

Um novo tipo de documento – aqui trataremos das cenas nos vasos áticos – nos impõe, enquanto historiadores, novos métodos para a análise destas imagens, uma vez que é necessário ir além do que está visível, ou seja, não nos basta observar a imagem e dela tirarmos suposições ou simplesmente aplicar métodos de análise textual, é preciso conhecer as especificidades da “questão imagética” (PAIVA, 2006, p. 19). E a primeira que se coloca diante de nós é “o que é imagem?”.

Não pretendemos resolver em definitivo esta questão, mas pretendemos apresentar nosso embasamento sobre a mesma. É a partir da reflexão destas proposições que empreendemos a análise de nosso *corpus* imagético, de forma a termos um conhecimento prévio sobre teoria e metodologia da imagem.

⁴⁰ Podemos indicar Fustel de Coulanges e sua obra “A cidade Antiga”.

Partimos, assim, de um pressuposto fundamental, apontado por diversos pesquisadores: uma imagem não é o real nem um reflexo deste, nem mesmo um testemunho isento de discurso. Deste modo, concordamos com Pauline Schmitt-Pantel quando esta afirma que a imagem “se vale, pois, de elementos do real, escolhendo-os e selecionando-os, para operar montagens, transposições e implementações. A imagem é, nesse sentido, um sistema de signos” (SCHMITT-PANTEL, 2013, p. 23). Portanto, uma imagem mantém-se relacionada ao real, mas calcada em uma interpretação do real que é experimentada pelo produtor da imagem. Uma imagem é *construída* a partir de um conjunto social de códigos e signos compartilhados por um grupo ou sociedade. É neste sentido que Paiva afirma que “A imagem, bela, simulacro da realidade, não é a realidade histórica em si, mas traz porções dela, traços, aspectos, símbolos, representações, dimensões ocultas, perspectivas, induções, códigos, cores e formas nela cultivadas” (PAIVA, 2006, pp. 18-19). Mesmo que a imagem contenha elementos da realidade, não devemos tomá-la como algo que ilustra o real, pois a imagem é um *produto*.

Seguindo esta compreensão, Schmitt-Pantel e Françoise Thelamon escrevem que “a imagem não é ilustração do real, ela não é realista. Ela toma elementos do real, os escolhe, os seleciona, opera montagens, transposições, os prepara” (SCHMITT-PANTEL; THELAMON, 1983, p.19). A imagem é produto pois depende de alguém que a crie, como bem argumenta Martine Joly “Compreendemos que [a imagem] indica algo que, embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz ou reconhece.” (JOLY, 2008, p. 13)

Já evidenciamos que a imagem não é o real e, assim, não podemos tomá-la como uma “janela para o passado”, pois estaria muito mais para um “buraco de fechadura para o passado”. Esta metáfora nos auxilia a entender uma questão fundamental para fazer uso da imagética como documentação histórica: a decodificação dos signos. Destarte, para abrirmos uma porta precisamos de uma chave. A chave é um código, uma forma/maneira, para acessar o que há do outro lado, e sem ela a porta permanece trancada. Ao encontrarmos tal código, ou seja, uma possibilidade de leitura, é possível abri-la e ver o que existe além da limitação imposta pelo buraco da fechadura. Desta maneira, precisamos entender os códigos presentes nas imagens para irmos além do que está plenamente visível – a imagem em si mesma. Ao reconstruirmos o contexto histórico no qual a imagem foi produzida e consumida, podemos

apreender e compreender os códigos imagéticos e depreender sua significação para tal sociedade. Vamos, então, além da imagem, partindo para sua decodificação e formulando uma interpretação da mesma.

A partir deste modo de compreender as imagens, proveniente da semiótica, concordamos quando Paiva explicita que “Cabe a nós decodificar os ícones, torná-los tangíveis o mais que pudermos, identificar seus filtros e, enfim, tomá-los como testemunhos que subsidiam a nossa versão do passado e do presente” (PAIVA, 2006, p. 19). Tornar os signos compreensíveis nos é possível pois eles são compartilhados entre as pessoas, isto é, os códigos que compõem uma imagem são produtos de operações mentais, tanto individual quanto coletiva, que constroem representações de um mundo real/concreto. Tal elaboração tem aspectos psicológicos e sociológicos, ou seja, as imagens devem ser compreendidas a partir da imbricação do mental e do social. (JOLY, 2008, p. 21). Neste ponto a ideia principal remete-se a “imaginário social”. Os signos e os significados atribuídos a eles pelos indivíduos de uma sociedade permanecem intrínsecos ao conjunto de valores e de ideias partilhados entre eles, daí a dificuldade de interpretarmos as imagens produzidas no passado.

O contexto histórico no qual a imagem está inserida, isto é, o contexto de sua produção, lhe imprime caracteres próprios, que estão relacionados aos valores compartilhados por seus produtores. Desta forma, a imagem funciona como um meio de traduzirmos e compreendermos o imaginário social de dada coletividade. (SCHMITT-PANTEL, 2013, p. 19). Como defendem Schmitt-Pantel e Thelamon,

as imagens são construções do imaginário social e sua relação com a cidade é de ordem simbólica (...) as imagens são um ‘espetáculo social’ que colocam em cena um conjunto de valores que são aqueles da cidade e elas podem ser também, numa certa medida, a expressão das tensões, das mudanças que afetam a cidade. (SCHMITT-PANTEL; THELAMON, 1983, pp. 19 - 20)

A imagem é, ao mesmo tempo, uma construção e produção social e, deste modo, mudanças de ordem social (inclui-se política, economia, cultura, religião) podem estar evidenciadas nestas imagens. Os discursos que permeiam a vida do produtor da imagem podem ter implicações no momento de produção de dada imagem. Assim, como afirma Schmitt-Pantel, “não se deve tratar a imagem como um documento bruto, mudo, sem discurso

próprio” (*Ibidem*, p. 19). Ela carrega um amálgama de conflitos sociais, onde perpassam representações, visões de mundo, posicionamento/status social, interesse dos consumidores da imagem, enfim, um complexo conjunto de relações.

Esse discurso que permeia a construção de uma imagem e a mensagem transmitida por ela, torna-se cognoscível para os que compartilham daquele contexto histórico. Como enfatiza François Lissarrague, “O espectador antigo está imerso na cultura da qual a imagem faz parte e por isso supõe-se que ele sabe o que a imagem está representando ou pelo menos é capaz de explicá-la – uma narrativa verbal que dá sentido à imagem” (LISSARRAGUE, 2013, p. 36). Como nos apresenta Alexandre Carneiro Cerqueira Lima, as imagens são produtos da *pólis* ao mesmo tempo que se configura como parte delas, implicando práticas e relações com a imagética e os vasos que lhes servem de suporte (LIMA, 2011, p. 39).

Outra questão comum entre muitos pesquisadores é a de caírem na falácia de tornar a imagem uma ilustração do texto antigo ou de comprovar o que diz o texto com uma imagem. A imagem teria, então, apenas a finalidade de legitimar, comprovar, como se esta fosse uma verdade absoluta do real – ideia que já desconstruímos. O texto e a imagem não detêm uma verdade, mas ambas necessitam de uma análise a partir de metodologia adequada, tornando-se meios para reconstruir algum momento histórico. No entanto, por utilizarmos a imagem não desprezamos o texto⁴¹, pois ele é relevante para também se compreender a imagem. Como destacado por Lissarrague,

mas é preciso manter no espírito que se os textos que possuímos nos abrem a via de interpretação, isso não significa necessariamente que o pintor antigo tinha presente em mente esse mesmo texto, nem sequer um texto qualquer. Ou para dizê-lo de outra forma, se o texto é para nós uma chave de compreensão, a imagem não é necessariamente uma ilustração desse texto. (LISSARRAGUE, 2013, p. 36)

A imagem não deve ser compreendida como uma simples reprodução das informações textuais. A imagética possui seus próprios significados, contrários ou não à documentação textual. Como afirma Lima, “Os artesãos circulam em suas comunidades, viajam e se relacionam com os outros artífices. Eles estão abertos às ideias e signos estrangeiros também”. No interior de uma oficina, o *ergasthérion*, havia uma grande multiplicidade de referências,

⁴¹ Tanto que até o momento nossa análise das representações pautou-se na documentação textual.

das mais diversas, “que iriam compor algo a ser assimilado e compartilhado pelo coletivo” (LIMA, 2011, p. 38). Ainda de acordo com este autor, “A imagem é concebida como uma construção abstrata. Os pintores se utilizam de elementos e de signos da vida cotidiana, eles realizam uma seleção e elaboram algumas representações simbólicas da pólis” (*Ibidem*, p. 37). Como já afirmado por nós anteriormente, a imagem possui seu próprio discurso.

Concordamos com Lissarrague ao expor que a via, ou pelo menos o início, da análise de um *corpus* imagético deve ser processado a partir da leitura prévia dos documentos à época da produção da(s) imagem(ns), no qual poderemos perceber os códigos e significados de certos símbolos/signos para aquela sociedade, e que nos elucidará a decodificar as imagens. E ainda acrescentamos que, como no caso de Odisseu por exemplo⁴², as narrativas e tradições orais eram variadas de acordo com a região mediterrânica. Logo, não é possível afirmar que a versão atual de um texto que utilizamos, como a “Ilíada” ou a “Odisseia”, fosse a mesma versão do pintor (SNODGRASS, 2004, *passim*). Assim, podemos elencar que não é possível considerar que uma cena de vaso produzida por um pintor em uma oficina na antiga Hélade estivesse com o intento de ilustrar uma passagem de um texto. Para tanto, é preciso considerar as muitas tradições orais que circulavam entre as inúmeras *póleis*, o conhecimento apurado de um dado texto pelo pintor, a seleção e o filtro (consciente ou nem tanto) por parte do produtor da cena, a consideração do mercado consumidor (gregos ou não-gregos, consumo interno nas *póleis* ou externo a sociedade políade). Por este motivo nos atentamos, como alertado por Lima, para a pluralidade das cenas que eram produzidas pelos oleiros e pintores nas oficinas. A polissemia das imagens implicava em discursos e recepções diferenciados ao longo de todo o Mediterrâneo (*Ibidem*, p. 39). Se o processo de colonização ampliou o espaço alcançado pela cerâmica grega (especialmente produção coríntia nos séculos VII-VI a.C.), a pujança política e comercial alcançada pela *pólis* dos atenienses no início do período clássico (com maior ênfase no século V a meados do século IV a.C.) ampliou ainda mais o consumo e a multiplicidade de interesses e discursos presentes nas mensagens das cenas de vasos. “Evidentemente que o uso dos vasos e a interpretação das cenas serão compartilhados de formas distintas” (*Ibidem*, p. 39). A apropriação destas mensagens contidas nas cenas ocorrerá de uma maneira própria, onde os signos pintados serão ressignificados e as interpretações irão variar de acordo com a realidade

⁴² Como já exploramos, a partir das proposições de Irad Malkin (1998), no capítulo 1 desta dissertação.

vivida pelos consumidores do vaso.

Neste momento é válido enfatizarmos que em uma sociedade de preponderância da cultura oral e de um pequeno nível de difusão do domínio da leitura e escrita, as imagens nos vasos adquirem um papel fundamental na comunicação de informações e saberes. De fato, nem todos os vasos possuíam uma cena pintada, mas aqueles que possuíam imagens estavam em diversos contextos diferentes. Brian A. Sparkes nos apresenta uma longa descrição dos contextos de uso dos vasos, perpassando os âmbitos masculino e feminino, da vida pública e privada, dos momentos esportivos, políticos, de diversão, para as tarefas diárias (1994, pp. 73-78). A cerâmica contendo cenas circulava em diversos meios e acompanhavam os indivíduos em diversas fases de suas vidas, desde crianças até o enterramento.

Atualmente, um grande número de pesquisadores desenvolveram modelos para a realização da análise imagética, dentre eles podemos destacar Claude Bérard, Claude Calame, Alain Schnapp e François Lissarrague. No entanto, alguns pressupostos são comuns para que se possa iniciar a análise imagética. Primeiramente é necessário que se monte, segundo o tema da problemática da pesquisa, um conjunto de cenas em vasos, o *corpus* imagético. O importante é poder analisar todas as faces do vaso, pois “o pintor cria o tema/mensagem de forma global e de acordo com a forma da superfície e dos esquemas de composição conhecidos e que dispõem para executar o desenho” (THEML, 1998, p. 306). Não devemos selecionar somente os signos ou face do vaso que corroboram com nossa argumentação, pois estaríamos incorrendo em falsificação do resultado. É preciso que o vaso seja analisado de forma completa, uma vez que assim era visualizada a imagem/mensagem pelos antigos consumidores. A mensagem deve estar completa, não “selecionada” por nós.

Tendo tudo isso sido observado por nós, aplicaremos para a análise das cenas da cerâmica ática o método sugerido por Claude Bérard. Em seu artigo intitulado “Iconographie-Iconologie-Iconologique”, de 1983, este autor defendeu a ideia de que os pintores helênicos construíram, através das cenas, narrativas pictóricas. Tais narrativas estariam calcadas em um repertório de signos compartilhados pela sociedade. O método sugerido por Bérard consiste em encontrar as “unidades formais mínimas” de uma cena – podendo sê-los algum mobiliário ou adereços, um signo isolado. Ao concatenarmos as “unidades formais mínimas” formamos um “sintagma”, que nos permite identificar personagens e/ou a temática da cena. Quando articulamos os “sintagmas” compomos uma “narrativa”, que tem por objetivo transformar uma

narrativa imagética em textual. Somente a partir desta textualização da imagem é que podemos gerar interpretações. Esta decomposição da cena possibilita identificarmos os códigos utilizados pelos antigos e os significados empregados a eles.

3.2 Odisseu e as Sereias em cenas: os signos, as significações e as interpretações

A temática naval existe entre os artesãos atenienses e é tanto utilizada nos vasos de cerâmica na própria *pólis*, quanto comercializados para outras regiões – como já demonstramos no capítulo 1. Todavia, nosso enfoque recai sobre as astúcias de Odisseu no mar e sua posterior recuperação pelo governo democrático ateniense durante o empreendimento da *thalassocracia*. Por este motivo, ao realizarmos o levantamento do *corpus* imagético nos atentamos, sobretudo, para a necessidade dos vasos serem de produção ateniense.

Também como já expusemos anteriormente nesta dissertação, é durante o encontro entre Odisseu e as Sereias que percebemos o uso da *métis* do herói em um cenário naval. Em nosso *corpus* imagético possuímos quatro exemplares em que aparecem Odisseu e as Sereias.

Como apontado na Introdução desta dissertação, faremos uso da metodologia proposta por Claude Bérard, a partir da qual identificaremos os signos (“unidades formais mínimas”) que compõem a cena e que formam um ícone com significado (“sintagma”), os ícones nos permitem a construção de uma compreensão da mensagem da imagem (“narrativa”).

Nossa primeira cena é de uma *oenochóe* com técnica de figuras negras, datada de 520 a.C – final do século VI. A imagem é limitada, a direita e a esquerda, por dois rochedos que se estendem na parte superior até aproximar-se do centro da cena. No rochedo direito existem três Sereias enfileiradas, sem portarem instrumentos musicais e também sem braços, suas faces estão voltadas a Odisseu. O herói está representado no centro da cena. Nu e barbado, Odisseu possui três braços, dos quais dois estão amarrados ao mastro e um esticado em direção às Sereias. A cena se completa com a embarcação e os companheiros de Odisseu. No conjunto dos signos que representam a nau, podemos notar o conjunto de cordas sem a vela, os remos, o aríete e a embarcação em si. Foram representados apenas cinco companheiros, dos quais quatro estão remando, dispostos em duas filas subsequentes e perfilados em pares, e um

conduzindo o barco.



APÊNDICE II. Imagem 1

Ao observarmos a cena da *oenochoé*, nosso olhar é imediatamente capturado pela figura central do herói e a dinâmica de seus braços e pelo seu olhar. Desnudo – é possível ver os detalhes de seus músculos na perna e no braço –, dois braços de Odisseu estão firmemente amarrados por cordas, mas não ao mastro, pois ele não está presente na cena. Um terceiro braço aparece, esticado em direção as Sereias. Se recorrermos à documentação textual,

lembraremos que Odisseu está agitado, tentando se soltar para ir em direção às Sereias e permanecer ouvindo seus cantos. A descrição contida no *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae* propõe que a intenção do pintor ao realizar tal representação dos braços de Odisseu está remetendo-se a tentativa de soltura do herói. Concordamos com esta proposição e podemos ir um pouco além na argumentação, uma vez que um dos braços se direciona às mulheres-pássaros, o que poderia nos indicar a intenção do herói: seguir em direção a elas para ouvir em seu canto os muitos saberes. Além da agitação dos braços, seu olho está arregalado, um olhar de desespero fica claro na representação do pintor. O desespero da situação em que se encontra Odisseu é indiscutível, pois ao realizar tal feito, coisa que nenhum outro mortal havia feito, arriscava seu retorno à Ítaca, porém sua curiosidade e sua necessidade de conhecer o que ainda não estava nos domínios de seus saberes e experiências o conduziam a escutar a voz encantadora das Sereias. Coloca-se diante de um perigo real que pode levá-lo, juntamente com seus companheiros, à morte.

As Sereias são compreendidas, como aponta Dayreu, como símbolos da morte no meio marinho (DAYREU, 2000, p. 1208). Elas estão no limite da cena à direita, posicionadas sobre um dos rochedos, e seus corpos voltados na direção de Odisseu. Vemos que a preocupação do pintor ao representá-las foi a de empreender detalhes em suas asas e garras, uma delas claramente prende-se a rocha. Não vemos seus rostos, eles não foram definidos. Não há olhos ou bocas, apenas uma vaga definição de seus perfis e que estão posicionadas de modo a “encarar” o herói. Deste modo, não nos é perceptível a presença de canto e música inerente a estes seres, já que sem instrumentos ou bocas, caberá a nós supormos, por toda a documentação e construção simbólica que as envolvem, que na cena há sim uma atração promovida por elas através de seu canto. A agitação de Odisseu pode servir para evidenciar isto.

Enquanto as Sereias tentavam envolver Odisseu e o herói lutava para desvencilhar-se das cordas e ir de encontro a elas, seus companheiros continuavam na condução do barco. Da embarcação e dos companheiros podemos destacar algumas questões relevantes na cena. A força motriz neste momento são os remos impulsionados pelos *nautai*, as cordas estão presentes na imagem, mas não as velas. Assim como aparece na “Odisséia”, o pintor optou por não representar as velas.

“Em pé os companheiros dobraram os velames / e os depõem no baixel. Sentados, branqueavam / a água, remando com as pás de abetos rútilos.”⁴³ (Od. XII, vv. 170 – 172)

O posicionamento da embarcação demonstra seu movimento em sentido contrário de onde se encontram as Sereias, mostrando que se afastavam delas. O aríete, que fica localizado na frente da embarcação, está do lado esquerdo da cena. Não nos é possível distinguir por meio da fotografia qual cabeça de animal dá forma ao aríete, somente vislumbramos um olho. O posicionamento dos remadores demonstra que estão concentrados em desempenhar corretamente sua atividade, seus rostos não estão voltados para as Sereias nem para Odisseu, aparentam preocupação – provavelmente para sair da região.

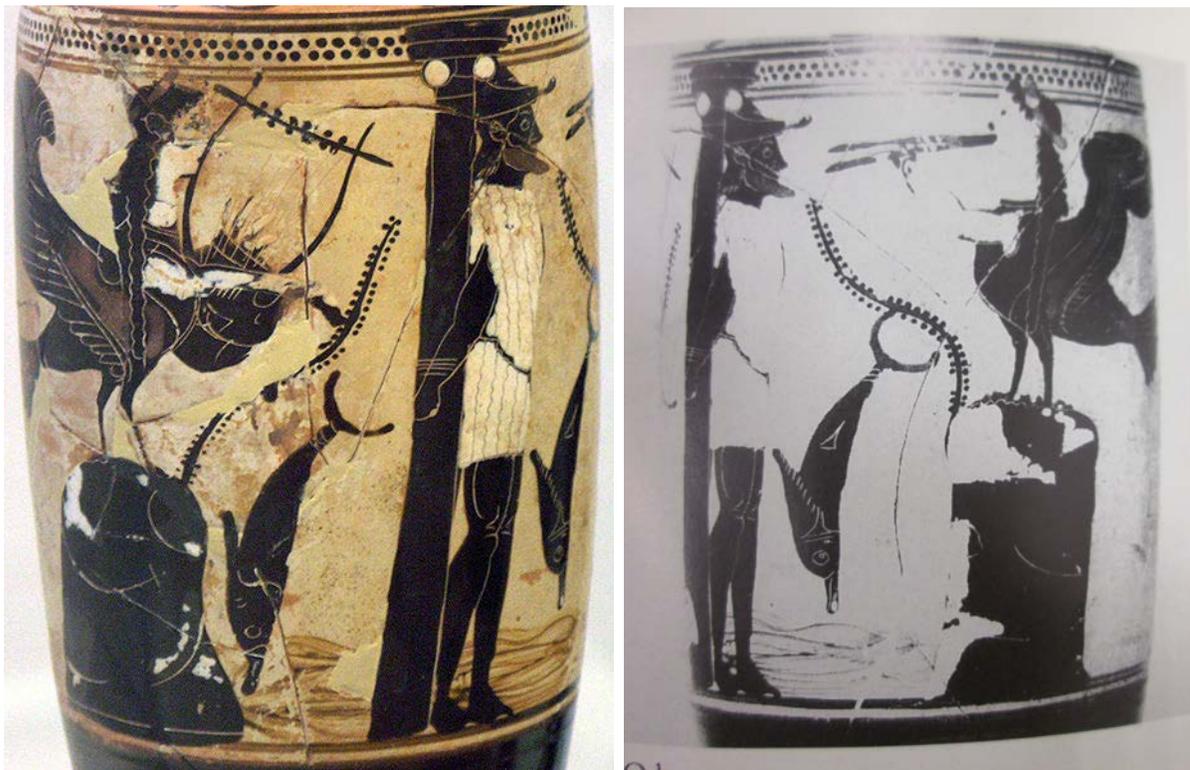
Os signos contidos nesta cena nos remetem a tradição grega que narra o encontro do herói Odisseu com as Sereias. Percebemos que há similitudes e diferenças com relação à tradição que foi cristalizada no texto homérico, que pretendemos acentuar no final desta análise imagética. Por ora, apenas enfatizamos que o pintor demarcou uma diferença entre meio marinho e meio terrestre e que foi pintada a quantidade de três Sereias.

A segunda cena de vaso que analisamos encontra-se em um lécito. Sua datação diverge levemente, o LIMC⁴⁴ propõe a datação de final do século VI a.C., enquanto que Beazley⁴⁵ data entre 525 e 475 a.C., ou seja, na virada do período arcaico para o clássico. Neste vaso é utilizada a técnica de figuras negras com fundo branco. A cena apresentada recobre todo o vaso, tendo uma face única. Assim como na cena anterior, a delimitação, na esquerda e na direita, é a realizada pelos rochedos. Nestes rochedos encontram-se duas sereias que ladeiam o personagem central que é Odisseu. As sereias portam instrumentos musicais, um *barbitos* e um *aulós*. Dois ramos de folhagens estão próximos ao rochedo, assim como há dois golfinhos entre os rochedos e o herói. Odisseu está com as mãos amarradas por cordas junto a uma coluna, vestindo um *chiton* branco e na cabeça um pétaso e aos seus pés temos ondas que representam o mar.

⁴³ “ἀνστάντες δ’ ἔταροι νεὸς ἰστία μηρύσαντο/ καὶ τὰ μὲν ἐν νηὶ γλαφυρῇ θέσαν, οἱ δ’ ἐπ’ ἐρετμὰ / ἐζόμενοι λεύκαινον ὕδωρ ξεστῆς ἐλάτησιν.”

⁴⁴ *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae* (LIMC), v.VI (1 e 2). Kentauroi et kentaurides – Oiax. Artemis Verlag Zürich und München, 1992.

⁴⁵ Disponível em <http://www.beazley.ox.ac.uk/record/363C4D2D-16AF-48FF-BC4F-B25390686AD4>



APÊNDICE II. Imagem 2

Nesta cena são notórias algumas divergências com relação à primeira imagem analisada. Aqui Odisseu, que continua estando na centralidade, está vestindo um *chiton* branco, plissado, curto e preso em sua cintura por um cinto; uma vestimenta comum entre os helenos. Em sua cabeça está o *pétaso*, uma espécie de chapéu com abas comumente utilizada por viajantes⁴⁶. Este atributo não deve passar despercebido nesta cena, uma vez que, se seguirmos a proposta interpretativa de Junito de Souza Brandão, podemos compreender o

⁴⁶ O pétaso é um símbolo relacionado a Hermes, um deus que possui diversos campos de atuação, dentre os quais há a proximidade com os caminhos e viajantes. Dentre os ícones comumente utilizados para representá-lo na imagética helênica encontra-se o pétaso com asas. De acordo com Junito de Souza Brandão, “O chapéu (...) Seu simbolismo, como o da coroa, é o poder e a soberania. Embora se julgue que o chapéu, substituindo os cabelos, como instrumento receptor de influência celeste, configure o fecho do processo iniciático, uma coisa não invalida a outra e nem, tampouco, interrompe a função mediadora do cabelo, uma vez que as pontas ou pequenos cornos que se colocavam sobre os chapéus e as pontas da coroa são concebidos como cabelo, à imagem dos raios de luz.” (1987, p. 205).

pétaso como um símbolo relacionado ao conhecimento. De acordo com o autor, “Cobrindo a cabeça, sede da psiqué e da inteligência, o chapéu é um símbolo de *identificação*. Segundo Jung, trocar de chapéu é trocar de idéias, ter uma outra visão do mundo.” (1987, p. 205). Desta forma, podemos conceber que nesta cena Odisseu é marcado com um símbolo de saber, em que adquire novos conhecimentos. De uma forma ou de outra, o *pétaso* pode, então, ser entendido de duas maneiras, que não se opõe, mas se complementam. Por um lado Odisseu é o viajante, que labuta para retornar à sua casa; por outro lado, Odisseu é aquele que busca conhecimento e os e pratica a *métis* em seu contato com as Sereias.

O herói está com as mãos atadas a uma coluna e mantém-se ereto junto a ela. A representação da coluna não está demarcando a espacialidade. De acordo com Claude Bérard e J-L. Durand, a utilização de colunas em cenas delimita espacialidades ambivalentes, como público e privado, interior e exterior (BÉRARD; DURAND, 1984, pp. 27-29). Podemos estender para a ambivalência vida e morte, pois o lécito de fundo branco e a temática nele nos remetem para estas esferas. Acreditamos, portanto, que a utilização da coluna no lugar de um mastro demarca a passagem da vida para a morte.

Não vemos uma embarcação, onde estariam, além de Odisseu, os *nautai* companheiros do herói. No entanto, é possível notar a demarcação da espacialidade através da existência de ondulações aos pés, que claramente podem ser entendidas como o mar. Soma-se a isto a existência dos golfinhos. Podemos tomar a existência dos golfinhos, nesta cena, de duas formas. A primeira como demarcador do espaço marinho; a segunda, que acreditamos ser também plausível, é de demonstrar a presença do deus Poseidon na trama da cena. Os golfinhos são signos que representam a vinculação com o deus Poseidon, – e estão também relacionados a Nereu e ao mundo marinho (LIMA, 2010, 100-101). Assim, os dois golfinhos pintados na cena deste vaso mostrariam ao receptor da imagem que aquele momento de dificuldade enfrentado por Odisseu possui relação com o deus. Basta nos lembrarmos que, na tradição homérica, por vontade de Poseidon Odisseu enfrentava dificuldades em seu retorno à ilha de Ítaca, onde era rei. O receptor da imagem, ao compartilhar destas tradições, reconheceria não somente a cena, mas as relações e demais implicações nela e a partir dela.

A demarcação dos espaços, terrestre e marinho, também é realizada pelo pintor a partir de outros dois elementos. O primeiro são os dois ramos de folhagens, presentes um de cada lado de Odisseu. Não há uma tipologia que especifique a planta que foi representada e, por

este motivo, não é possível inferir relações e vínculos para além de sua ligação com a esfera terrestre – ainda que hajam plantas subaquáticas e estas possam ser representadas. O segundo são os dois rochedos em que as Sereias estão posicionadas. Rochedos podem ser encontrados a esmo no mar, não exclusivamente próximos a costa e, por isso, refletiria uma ambivalência entre terrestre e marinho. No entanto, acreditamos que, apesar de não ser algo diretamente relacionado à terra (continental), há uma solidez, uma firmeza terrestre que se opõe a fluidez da água, uma mobilidade aquática. Esta demarcação espacial pode denotar, em um sentido metafórico, a transição da situação do defunto. Os elementos ambíguos de vida e morte, a presença do mar e dos golfinhos em um lécito, aliado ao canto das Sereias remete ao mundo os mortos também. Somam-se as ambivalências terra e mar, vida e morte.

O último conjunto para ser analisado nesta cena remete-se às Sereias. Neste vaso o pintor representou duas, ambas portando instrumentos musicais e com adornos nos cabelos soltos. Como já afirmado, as Sereias representam perigo aos navegadores. A diferença nesta cena, para a anterior, são os instrumentos que cada sereia carrega. A que está mais a direita da cena e a frente de Odisseu, face a face, está tocando um *aulós*. De acordo com Alexandre Lima,

A dupla flauta – *aulós* –, além de ser um instrumento dionisíaco, é *gorgônico*: o instrumento foi inventado por Atená, para simular os sons emitidos pela Górgona e suas serpentes. Tocando a flauta, o músico não pode se valer da palavra, como o citarista. O rosto fica desfigurado pelo movimento do ar dos pulmões à boca e daí as emissões do tubo e dos orifícios (LIMA, 2007, p. 38)

A segunda Sereia, que está do lado oposto, a direita, pode fazer uso da sua voz, pois porta um *bárbitos*. Como nos informa Talita Nunes Silva, “O *barbitos* é um instrumento associado ao mundo dionisíaco e ao vinho, e, por conseguinte, ao *sympósion*. Estando desta maneira ligado ao prazer.” (2011, p. 136). O uso deste instrumento por uma das Sereias da cena representa a sua tentativa de seduzir Odisseu, induzindo-o a permanecer ali, junto a elas. Com isto, além de sua canção e os saberes contidos nela serem encantadores, elas utilizam instrumentos musicais que auxiliam no arrebatamento dos navegantes. Pelo pintor mostrá-las com instrumentos musicais necessitou pintá-las com braços, diferentemente do que ocorreu com a primeira cena. E também diferente da primeira cena deste conjunto de análise, somente foram pintadas duas Sereias.

A terceira cena está em uma oenochoé do século V a.C. (499-475 a.C.) – a datação

realizada por Beazley diverge levemente da datação, nos apresentando a delimitação entre 525 – 475 a.C.⁴⁷ –, pintada com a técnica de figuras negras, havendo somente uma única cena em todo o vaso. Nela estão retratados Odisseu e três Sereias. A cena é delimitada pelas Sereias, do lado esquerdo, e Odisseu, do lado direito. Sobre o rochedo estão três Sereias, das quais duas portam instrumentos musicais, um *aulós* e um *barbitos*. Acima delas encontra-se escrito SEREN (*SEREN*) e do *barbitos* há letras, mas que não são identificadas na descrição do LIMC e não conseguimos perceber se há a formação de alguma palavra ou se são apenas letras soltas. No barco que possui velas abertas e aríete com cabeça de javali, estão quatro companheiros remando e Odisseu amarrado ao mastro. Próximo a Odisseu, escrito da direita para a esquerda, lê-se OLUTEUS (*OLITEUS*) e, saindo da sua boca, pode-se ver [L]USN (*lusn*).



⁴⁷ <http://www.beazley.ox.ac.uk/XDB/ASP/recordDetails.asp?id=EC1E2E7A-E889-4D4B-88B4-90B540DC7C83>

APÊNDICE II. Imagem 3

Diferentemente das duas cenas anteriores, não há uma centralidade na cena, mas a oposição dos dois principais personagens. Antagônicos em suas posições assim como em seus objetivos: enquanto as Sereias buscam o naufrágio do navio e a morte dos homens, Odisseu resiste e escuta, sem sucumbir, os saberes presentes no canto das Sereias. Como na primeira cena, Odisseu está nu, sem qualquer tipo de adereço, todavia está com seu tronco amarrado ao mastro, não somente suas mãos. Sua face, representada de perfil, está diretamente voltada para o lugar onde estão posicionadas as Sereias. Ao escutá-las, Odisseu busca se desvencilhar das amarras que o mantêm preso e seguro no barco. Para representar esta dinâmica o pintor apresentou uma “fala” do herói ao escrever, saindo da direção de sua boca, [L]USN. De acordo com o *LIMC*, esta deve ser compreendida como “livre-me”. Sem dúvidas este era o intento desesperado de Odisseu, ensejava poder permanecer escutando-as e, para tanto, deveria livrar-se das cordas que o prendiam. Dizia ele aos seus companheiros [L]USN. Além disto, o herói é nomeado OLUTEUS, é identificado para que o receptor da imagem não tivesse dúvidas de quem se tratava e/ou para demonstrar a relevância do herói e seu feito.

Os quatro companheiros de Odisseu, perfilados, seguem remando, apesar da vela da embarcação encontrar-se inflada pelo vento – diferentemente do que vemos na primeira imagem analisada deste grupo e da narrativa textual homérica. A nau segue em direção às Sereias, uma vez que na sua proa há um aríete. O aríete da embarcação, para além de sua função de enfrentamento no mar e causar danos aos inimigos, foi representado como tendo o formato de uma cabeça de javali. Este animal estava relacionado com a aristocracia, isto é, um símbolo aristocrático. Deste modo, é preciso lembrar que Odisseu é um *basileus* (“rei”), ou seja, é um *aristói* (“melhor”) e seu status está, sobretudo, relacionado à terra e à agricultura. A caça era uma atividade de um *aristói*, e o javali um dos principais animais caçados. A caça do javali marca bem a *andreia* (virilidade/coragem) do jovem *aristós*⁴⁸.

É com coragem que os navegantes seguem em direção às Sereias, que encontram-se sobre um largo rochedo, diante da nau. Uma ao lado da outra de maneira sobreposta, a Sereia

⁴⁸ É possível, ainda, associar a representação do javali a uma cena de banquete, no qual a embarcação se assemelha a uma *kliné*, o javali remete a aristocracia e as Sereias aos músicos.

mais a esquerda está tocando um *aulós*, a que se encontra no meio mantém suas mãos livres e a terceira, mais à direita, possui um *barbitos*. Como nos informa Fábio Cerqueira Vergara, o *bárbitos* foi introduzido em Atenas durante a “corte” do tirano Hípias e tornou-se um relevante instrumento entre a elite social. Na imagética Ática, a predileção para a representação, e mesmo uso, do *bárbitos* foi mais marcante entre 525 e 470 a.C., tendo um grande desuso na imagética Ática nas duas últimas décadas do século V a.C. (2005, p. 39). É válido ressaltar que a cena que estamos analisando encontra-se em um vaso que é dos primórdios do século V a.C., ou seja, momento de grande uso deste instrumento e que está vinculado a um status de elite. Próximo ao *barbitos* há uma inscrição, algumas letras; no entanto, não há qualquer menção disto na descrição realizada pelo LIMC, nem a imagem está suficientemente clara para que possamos realizar uma leitura. Todavia, é possível especular que as letras ou a palavra está relacionada a música ou a musicalidade produzida pelo instrumento ou pelas sereias. O outro instrumento representado pelo pintor foi o *aulós*, ligado ao encantamento. “A flauta é assim, por excelência, o instrumento de transe, do orgiasmo, dos delírios, dos ritos e danças de possessões” (VERNANT *apud* LIMA, 2007, p. 38). Um transe que as Sereias evocam para iludir e conquistar os navegantes que por elas passam. Assim como na cena anterior, a musicalidade representada através dos instrumentos associada ao canto dessas mulheres-pássaros amplia seus poderes de sedução e de atração dos *nautai*. Elas também estão adornadas, aumentando sua beleza, seu poder de encanto. As três possuem uma fita no cabelo e as duas que estão tocando os instrumentos musicais possuem brincos e cordões.

Novamente a demarcação espacial é realizada na oposição terrestre e marinho, onde se destacam o rochedo e a embarcação para representá-los, respectivamente. Na formação da “narrativa” imagética desta cena o que mais se destaca é a existência de oposições, seja entre a terra e o mar, seja entre as Sereias e Odisseu. Em ambos os casos isto se dá pela forma da constituição da cena, onde o pintor de um lado coloca a terra e do outro o mar, as Sereias opostas a Odisseu. Se por um lado a terra tem a característica de estabilidade, o mar, por outro lado, é, sobretudo, o lugar do instável; as Sereias representam o perigo e a ameaça que atacam os navegantes, já Odisseu e seus *nautai* mostram-se incólumes a este assédio.

A quarta cena analisada está em um *stamnos* datado de 475-460 a.C. – a datação realizada por Beazley diverge da que é proposta no LIMC, pois coloca sua produção em 500-450 a.C. –, com a técnica de figuras vermelhas e atribuída ao pintor das Sereias. Este vaso

possui duas cenas, uma em cada face do *stamnos*⁴⁹. Na face A, a que pretendemos analisar, vemos Odisseu, barbudo e nomeado OLITEUS, é preso contra a parte inferior do mastro, de frente para a popa, com os braços atrás das costas amarradas a ele. Sua cabeça está jogada para trás, olhando para em direção às Sereias. Em cada lado da cena um promontório rochoso se projeta sobre o mar, com uma Sereia em cada topo. A que está a esquerda da cena tem escrito, sobre sua cabeça, HIMEΠOΠA. Uma terceira Sereia, de olhos fechados cai em direção do barco. A embarcação navega para a esquerda, sendo impulsionada pelos remadores. Na proa da embarcação, o aríete tem desenhado um olho.

⁴⁹ Na face B deste *stamnos* existem três Eroles voando sobre o mar. O mar é representada como na face A. Os Eroles voam em fila única para a direita, sobre o que está na extrema direita está inscrito HIMEΠOΣ (Himeros, nome de um dos erotes da mitologia) e leva em ambas as mãos um longo tainía (fita utilizada para amarrar na cabeça dos vencedores dos Jogos Olímpicos) decorado e as extremidades com franjas. Ele olha para os outros, que carregam uma longa mecha e uma lebre, respectivamente da direita para a esquerda. O tipo dos Eroles é o de um menino maduro, com longos cabelos enrolados acima do pescoço e pendurado sobre a orelha, com uma fita em volta da cabeça. Ao lado dos Eroles da esquerda e do centro está escrito KAΛOΣ (“belo”). (Descrição disponível em http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=399666&partId=1). Sem nos determos nesta análise, os signos nos remetem a uma narrativa do contexto de sedução, dos quais destacamos os Eroles como símbolo da sexualidade e da beleza (“kalos”) e a nomeação de Himeros, Erote relacionado ao desejo sexual (SUTTON JR., 1952). Deste modo, quando relacionamos as “unidades formais mínimas” das duas faces do *stamnos*, a saber: Sereias e erotes, podem indicar signos relacionados à sedução em uma espacialidade marinha. Acreditamos, portanto, que o contexto de Odisseu é reforçado: tudo se remete a sedução sofrida pelo herói.



APÊNDICE II. Imagem 4

Nesta face do vaso, a figura de Odisseu encontra-se situada no centro do barco e também de toda a cena. Estando amarrado ao mastro mantém-se rígido ao escutar o canto, o que pode ser notado pelo posicionamento de sua cabeça, voltada para o alto, onde se encontram as Sereias. Barbado e desnudo, podemos visualizar escrito próximo ao herói seu nome OLITEUS, assim como na cena do vaso anterior. Acreditamos que esta nomeação de Odisseu evidencia-nos a relevância de sua identidade e da percepção desta pelo receptor da imagem. Desta forma, com a centralidade de sua posição e a sua nomeação, percebemos que o pintor concede grande destaque a Odisseu. Dois outros signos voltam-se para ele, o seu companheiro que está remando próximo a popa da embarcação e o *kubernetes* que orienta a

nau com uma das mãos e com a outra aponta em direção a Odisseu. Não há dúvidas que este é um grande momento para o herói pluriardiloso: significa o risco iminente da morte e, ao mesmo tempo, a aquisição de saberes inimaginados a um mortal. Como apontado por François Hartog,

Pois, estas “Musas Lá-de-Baixo”, ou “reversos” de Musas vêm minar, ou arruinar a economia do *kleos* (...) Prometem o prazer (*terpsamenos*) a quem delas se aproxima e o saber que detém é em todos os pontos semelhante ao das Musas, as quais, sempre presentes, sabem tudo. (...) Mas, o viajante imprudente que se deixasse capturar pelo seu doce canto, preveniu Circe, perde tudo: o retorno e a glória. Desaparecido para sempre, suas carnes apodrecem e seus ossos branqueiam na praia. Em lugar e vez do *kleos*, encontra apenas o esquecimento. (HARTOG, 1999b, p. 17)

Essas “Musas Lá-de-Baixo” referidas por Hartog são as Sereias que cantam aos seus ouvintes, mas, diferentemente das Musas que inspiram os *aedos* a entreterem com histórias os convivas, as Sereias induzem à morte sua plateia. Por este motivo, o autor refere-se a estes seres como “Lá-de-Baixo”, remetendo-se aos domínios de Hades, ligando sua representação e significado a morte. Nesta cena existem três Sereias, uma de cada lado no alto dos rochedos e uma que se lança em direção ao barco. Nenhuma delas porta instrumentos, tendo somente a cabeça humana enfeitada por uma fita. A primeira ressalva que devemos fazer consiste na nomeação de uma delas. Junito de Souza Brandão afirma que “as *sereias* eram, a princípio, duas: Partênope e Ligia; depois, três: Pisínoe, Agláoipe e Telxiépiá, também denominadas Partênope, Leucósia e Ligia; por último, quatro: Teles, Redne, Molpe e Telxíoipe.” (1987, p. 310). De acordo com Gerald K. Gresseth existe uma variação de número e nomes das Sereias, Thelxiepeia [ou Thelxiope e Thelxinoe]⁵⁰, Agláoipe [ou Agláoipone]⁵¹, Peisinoe⁵² [ou Molpe] e Himerope⁵³. Esta última é que aparece nomeada, a Sereia que se encontra no alto à esquerda da cena. Sobre sua cabeça podemos ler HIMEΠΟΙΑ. As outras não possuem seus nomes indicados. De fato ainda há uma discussão com relação ao número de Sereias existentes, pois é possível que a que está caindo sobre o barco de olhos fechados esteja, de fato, lançando-se a

⁵⁰ Na tradução para o português a equivalência dá-se pelo nome de Telxiépiá.

⁵¹ Na tradução para o português a equivalência dá-se pelo nome Agláoipe.

⁵² Na tradução para o português a equivalência dá-se pelo nome Pisínoe.

⁵³ Na tradução para o português a equivalência dá-se pelo nome Himéropa.

morte por não conseguir conduzir Odisseu e seus companheiros ao óbito. Nesta cena especula-se que esta Sereia, vista mergulhando para a morte, baseia-se em uma tradição de uma história mais antiga encontrada no poema “Alexandra” de Licofron⁵⁴ (vv.712-715), que alegou para um final suicida das Sereias quando os navegantes resistiam a sua música e não sucumbiam à morte (NUGENT, 2008, p. 45). Deste modo, é provável que, como propõe a descrição do LIMC, ajam somente duas Sereias na imagem, ou seja, a Sereia que está caindo seria, de fato, aquela que está à direita. A mesma Sereia representada duas vezes, onde o pintor intentou apresentar o movimento de suicídio e a vitória na sobrevivência de todos, Odisseu e seus companheiros. O barco atravessa, então, incólume a região onde estão as Sereias.

A nau navega em direção à esquerda da cena. A embarcação possui seu próprio conjunto de velas e cordas, estando sua representatividade pautada na navegação, uma vez que são importantes ao campo náutico empreendido no Mediterrâneo (TAILLARDAT, 1968, 15). Mas, como pode ser facilmente visualizado, a vela está recolhida e a força motriz da embarcação é provida pelos remadores. Estes estão em número de cinco, um em cada fileira da direita para a esquerda e na última é possível perceber a existência de dois remadores. O primeiro, como já apontado, não está tão concentrado em sua tarefa, outrora designado por Odisseu. Ao contrário, move sua face na direção contrária, observando o herói e as dificuldades que enfrentava. Quem também está com o rosto voltado para Odisseu é o *kubernetes*, que estende sua mão em sua direção enquanto guia o barco. Por fim, o aríete está situado a frente da nau e tem como objetivo colidir em uma embarcação inimiga, para que assim possa levá-la a pique. Nela vemos apenas um olho, sem que nos seja possível identificar se é o aríete possui a forma de uma cabeça de animal.

Do mesmo modo como nas cenas anteriores, é possível divisar a diferenciação entre o meio marítimo e o terrestre. A água (comumente uma linha ou ondulações) e a terra (através dos rochedos) se fazem presentes também nesta cena. Não há dúvidas, para o receptor da imagem, da localidade onde se desenvolve a cena.

O encontro de Odisseu e as Sereias que foram pintadas nos vasos também pode ser visto na obra de Homero. Na “Odisseia” tal encontro se desenvolve entre os versos 35 e 205

⁵⁴ Licofron era um poeta do período helenístico que escreveu, dentre outros, um poema intitulado “Alexandra” (outro nome para Cassandra). Neste poema, o poeta teria informado sobre a possibilidade de suicídio das Sereias.

do canto XII. Como defende Pauline Nugent (2008), Homero divide em três momentos a narrativa das Sereias. Concordamos com este posicionamento e, por isso, assim iremos apresentá-los. O primeiro ocorre quando da previsão de Circe e seu aviso a Odisseu de que o herói encontraria a região habitada pelas Sereias.

“Então me disse a venerável Circe: ‘Tudo / cumpriu-se assim, mas ouve o que direi agora, / e um deus há de lembrar-te: encontrarás primeiro / Sereias. Quem quer se aproxime delas se / fascina. O ingênuo que de perto escute o timbre / de suas vozes, nunca mais terá por perto / a esposa e os filhos novos, que se alegrariam / com seu retorno à residência, pois Sereias / o encantam com a limpidez do canto. Sentam-se / no prado: empilham-se ao redor os ossos de homens / apodrecidos com a pele encarquilhada. / Não chegues perto! Amolga a cera dulcime / e fixa nas orelhas dos teus sócios. Não / as ouça ninguém mais além de ti (se o queres): / te amarrem à carlinga do navio veloz / mãos e pés apertados nos calabrês, reto, / para que o canto das Sereias te deleite. / E se rogares e ordenares que os marujos / te soltem, devem retesar as cordas mais. / Depois que os remadores deixem a paragem, / não serei exaustiva ao te indicar a rota / que seguirá: que te aconselhe o coração!”⁵⁵ (Od. XII, vv. 36 – 57)

Circe, além de informar ao herói o que ele encontraria nesta nova empreitada de retorno, indica como superá-las sem perecer. Ouvir o canto das Sereias era ir de encontro a morte, ou seja, o desejo de Odisseu de retornar a sua casa, esposa e filho poderia ser interrompido por estas divindades de cantos maravilhosos. O cenário apresentado pela feiticeira remonta a um cemitério de corpos largados sobre as rochas, corpos que se putrefazem esquecidos e perdidos, sem ritos fúnebres realizados a estes incautos navegantes. Homero, então, contrasta o cenário de horror ao encantamento produzido pelo canto dessas

⁵⁵ “καὶ τότε δὴ μὲν ἐπέεσσι προσηύδα πότνια Κίρκη: / ‘ταῦτα μὲν οὕτω πάντα πεπεύρανται, σὺ δ’ ἄκουσον, / ὡς τοὶ ἐγὼν ἐρέω, μνήσει δὲ σε καὶ θεὸς αὐτός. / Σειρήνας μὲν πρῶτον ἀφίξειαι, αἶψά τε πάντας / ἀνθρώπους θέλγουσιν, ὅτις σφραγὸς εἰσαφίκεται. / ὅς τις ἀιδρεῖη πελάση καὶ φθόγγον ἀκούσῃ / Σειρήνων, τῷ δ’ οὐ τι γυνὴ καὶ νήπια τέκνα / οἴκαδ’ ἐνοστήσαντι παρίσταται οὐδὲ γάνυνται, / ἀλλὰ τε Σειρήνες λιγυρῆ θέλγουσιν ἀοιδῆ / ἤμεναι ἐν λειμῶνι, πολλὸς δ’ ἄμφ’ ὀστεόφιν θίς / ἀνδρῶν πυθομένων, περὶ δὲ ῥίνοι μινύθουσι. / ἀλλὰ παρεξέλααν, ἐπὶ δ’ οὔατ’ ἀλείψαι ἐταίρων / κηρὸν δευήσας μελιηδέα, μὴ τις ἀκούσῃ / τῶν ἄλλων: ἀτὰρ αὐτὸς ἀκουέμεν αἶψά κ’ ἐθέλησθα, / δῆσάντων σ’ ἐν νηὶ θοῆ χειρᾶς τε πόδας τε / ὄρθον ἐν ἱστοπέδῃ, ἐκ δ’ αὐτοῦ πείρατ’ ἀνήφθω, / ὄφρα κε τερόμενος ὄψ’ ἀκούσῃς Σειρήνων. / εἰ δέ κε λίσσηαι ἐτάρους λῦσαι τε κελεύης, / οἱ δὲ σ’ ἔτι πλεόνεσσι τότε ἐν δεσμοῖσι διδέντων. / ἀτὰρ ἐπὶν δὴ τάς γε παρέξ ἐλάσωσιν ἐταῖροι, / ἔνθα τοι οὐκέτ’ ἔπειτα διηνεκέως ἀγορεύσω, / ὅποτέρη δὴ τοι ὁδὸς ἔσσειται”

mulheres-pássaros. Como é enfatizado por Nugent, é nesta passagem que Homero utiliza a palavra grega *thelgein* para se referir ao som emitido pelas Sereias (2008, p. 47). O termo $\kappa\epsilon/\lambda\gamma\epsilon\iota\upsilon\sigma\iota\upsilon\kappa$, que aparece no texto como $\kappa\epsilon/\lambda\gamma\omicron\upsilon\sigma\iota\upsilon\kappa$ (v. 40 e v. 44), tem como significado, atribuído pelo dicionário do site Perseus⁵⁶, “encanto relacionado/produzido por feitiçaria”. O instrumento para realizar o encantamento e enfeitiçar os navegantes é a voz das Sereias com sua estridente canção.

Neste *nostos* mais um impedimento se coloca diante de Odisseu. Desde o fim da guerra de Tróia, o desejo que mantém o herói vivo durante toda sua jornada até regressar a Ítaca é voltar ao lar. Basta lembrar que Odisseu recusa a imortalidade oferecida por Calipso, pois prefere retornar a sua esposa mortal e seu filho (*Idem*). Por outro lado, agora, diante da possibilidade de sucumbir ao encontrar com as Sereias, Odisseu opta por poder ouvir mais saberes, escolhe o conhecimento, decide por algo para si mesmo. Arrisca, portanto, o seu retorno a sua casa. Contrasta, aqui, o seu desejo verídico de reencontrar sua esposa Penélope e seu filho Telêmaco ao passo de conhecer novos saberes e ter novas experiências vivenciadas neste *nostos*. Como será visto neste segundo momento, as narrativas apresentadas pelas Sereias não são apenas canções, mas saberes de caráter divino.

O segundo momento da narrativa ocorre quando Odisseu conta a seus companheiros o que está por vir. Já longe da ilha de Circe, e contando com a deusa para lhe dar um vento favorável na viagem, o *polýmetis* decide por contar e adverti-los sobre as Sereias.

“A previsão de Circe, não desejo que um / ou dois apenas a conheça. Ou morreremos / todos nós ou então nós todos fugiremos / de Tânatos e Quere! Antes de tudo exorta-nos / a evitar a campina florescente e o canto / das divinas Sereias. Devo ouvir sozinho / o tom de sua voz. Prendei-me com calabres / firmes, rente à carlinga, em nó inextrincável. / Se eu implorar, se eu ordenar que desateis / cordames, deveis cingi-los mais e mais”⁵⁷ (Od. XII, vv. 153 – 164)

⁵⁶ Significados disponível em <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/morph?l=qe%2Flgein&la=greek>

⁵⁷ “διή τούτ’ ἐγὼν ἐτάροισι μετηύδων ἀχνύμενος κῆρ: / ὧ φίλοι, οὐ γὰρ χρὴ ἕνα ἰδμεναί οὐδὲ δύο οἴους / θέσφαθ’ ἄ μοι Κίρκη μυθήσατο, δια θεάων: / ἄλλ’ ἐρέω μὲν ἐγὼν, ἵνα εἰδότες ἦ κε θάνωμεν / ἢ κεν ἀλευάμενοι θάνατον καὶ κῆρα φύγοιμεν. / Σειρήνων μὲν πρῶτον ἀνώγει θεσπεσιῶν / φθόγγον ἀλευάσθαι καὶ λειμῶν’ ἀνθεμόεντα. / οἶον ἔμ’ ἠνώγει ὄπ’ ἀκούεμεν: ἀλλά με δεσμῶ / δήσατ’ ἐν ἀργαλέφ, ὄφρ’ ἔμπεδον αὐτόθι μίμνω, / ὄρθον ἐν ἱστοπέδῃ, ἐκ δ’ αὐτοῦ πείρατ’ ἀνήφθω. / εἰ δέ κε λίσσωμαι ὑμέας λῦσαι τε κελεύω, / ὑμεῖς δὲ πλεόνεσσι τούτ’ ἐν δεσμοῖσι πιέζειν.”

Este é um resumo do que Circe disse a Odisseu, que sabiamente esconde de seus companheiros o alto grau de mortalidade promovido pelas Sereias, referindo-se apenas como “florescente campina”. Além de indicar-lhes como deveriam proceder quando chegassem ao devido local, no qual poriam cera no ouvido e atariam firmemente Odisseu ao mastro da nau.

Retornando ao canto das Sereias, Homero as chama pelo termo *thespesios*. Através do dicionário do site Perseus⁵⁸, temos que o significado de *qespesios* remete-se à uma sonoridade divina, divinamente doce. No poema é no verso 158 do canto XII que aparece *qespesia/wn*, caracterizando as Sereias como divinas, tornando seu canto também divino. É neste sentido que discordamos de Nugent quando esta afirma que “No entanto, no texto grego são as sereias, e não a sua canção, que são assim descritas”.(2008, p.48), principalmente quando partimos para o terceiro, e derradeiro, momento.

O terceiro momento ocorre no encontro, de fato, de Odisseu e as Sereias. Após contar a seus companheiros o que os aguardavam no caminho, a nau do herói chega a região onde habitam as Sereias. Odisseu põe-se rapidamente a produzir os tampões de cera e os coloca nos ouvidos de seus *nautai* para, em seguida, estes o prenderem no mastro, com mãos e pés atados. Com a vela abaixada e somente tendo como força motriz do navio os remos ágeis, as Sereias os percebem a uma curta distância.

“Cristal na voz, entoam o canto: / ‘Aproxima, Odisseu plurifamoso, glória / argiva. Escuta nossa voz, a voz das duas! / Em negra nau, ninguém bordeja por aqui / sem auscultar o timbre-mel de nossa boca / e, em gáudio, viajar, ampliando sua sabença, / pois conhecemos tudo o que os aqueus e os troicos / sofreram na ampla Ílion – numes decidiram-no. / Quanto se dê na terra amplinutriz, sabemos.’ / A bela voz assim ressoou. Meu coração / queria ouvir. Mandei que os sócios me soltassem / sobrelevando as celhas, mas, em arco, mais / remavam. Perimede e Euríloco se alçaram / a fim de reapertar os cabos. Bem distantes, / a ponto de não mais ouvir

⁵⁸ Significados disponível em <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/morph?l=qespesios&la=greek>

rumor algum / e o canto das Sereias, meus fiéis marujos / tiram a cera que amolgara em suas orelhas, / desatam os liames em que me prenderam”⁵⁹ (Od. XII, vv. 183 – 200)

Finalmente encontram-se as Sereias, suas vozes e a canção para envolver os navegantes. Algumas questões merecem destaque nesta passagem. A primeira é a forma com que as Sereias recebem Odisseu, enaltecendo-o por sua glória e a fama que o antecede (πολύαιν). O herói já passa a ser envolvido por elogios. A atração promovida pelos seres mulheres-pássaros também pode ser notado na falta de descrição do ambiente tecido por Homero, não há nos versos próximos referências aos corpos encarniçados largados nas pedras, a não ser um mar calmo singrado apenas pelos remos da nau de Odisseu. Como afirma Nugent “Tudo é agradável, lisonjeiro e muito tentador” (2008, p. 49). Por fim, destacamos o que as Sereias oferecem a Odisseu: sabedoria e conhecimento.

Ao se aproximar do reino das Sereias, o herói é imediatamente identificado pelas cantoras, que o chamam pelo nome e pelo epíteto *poluainos*, “muito elogiado” ou “muito famoso”. Este adjetivo composto é reservado na Odisseia exclusivamente para Odisseu e, portanto, ajuda a enfatizar a singularidade de seu encontro com as Sereias. Também é possível que a descrição contenha uma referência subliminar ao apetite do herói para os novos contos sobre suas próprias virtudes heróicas. Afinal, as sereias prometem cantar as músicas de Tróia - a arena onde o nosso herói mostrou suas qualidades viris, sua *areté*, e proporcionar uma saber de tudo o que acontece no cenário global. (NUGENT, 2008, pp. 49-50)

Ao homem não é dado todo o conhecimento, não o saber de “Quanto se dê na terra amplinutriz”. As Sereias, como visto nos versos, possuíam tais domínios de conhecimento. Eram divinas e aquilo que detinham também permeava o campo do divinal. Seu canto e o conteúdo presente nele devem ser compreendidos como divinos. As Sereias são apresentadas por Homero, portanto, como seres divinos, que detêm saberes divinos e os expõe em um canto divino.

⁵⁹ “λιγυρήν δ’ ἔντυνον ἀοιδῆν: / ‘δεῦρ’ ἄγ’ ἰών, πολύαιν’ Ὀδυσσεῦ, μέγα κῦδος Ἀχαιῶν, / νῆα κατάστησον, ἵνα νωιτέρην ὅπ ἀκούσης. / οὐ γάρ πώ τις τῆδε παρήλασε νηὶ μελαίνῃ, / πρὶν γ’ ἡμέων μελίγηρυν ἀπὸ στομάτων ὅπ’ ἀκούσαι, / ἀλλ’ ὅ γε τερψάμενος νεῖται καὶ πλείονα εἰδώς. / ἴδμεν γάρ τοι πάνθ’ ὅσ’ ἐνὶ Τροίῃ εὐρείῃ / Ἀργεῖοι Τρῳῆς τε θεῶν ἰότητι μόγησαν, / ἴδμεν δ’, ὅσσα γένηται ἐπὶ χθονὶ πουλυβοτείρῃ. / ὧς φάσαν ἰεῖσαι ὅπα κάλλιμον: αὐτὰρ ἔμὸν κῆρ / ἦθελ’ ἀκουέμεναι, λῦσαί τ’ ἐκέλευον ἑταίρους / ὀφρῦσι νευστάζων: οἱ δὲ προπεσόντες ἔρεσσον. / αὐτίκα δ’ ἀνστάντες Περιμήδης Εὐρύλοχός τε / πλείοσι μ’ ἐν δεσμοῖσι δέον μᾶλλον τε πίεζον. / αὐτὰρ ἐπεὶ δὴ τὰς γε παρήλασαν, οὐδ’ ἔτ’ ἔπειτα / φθογγῆς Σειρήνων ἠκούομεν οὐδέ τ’ ἀοιδῆς, / αἴψ’ ἀπὸ κηρὸν ἔλοντο ἔμοι ἐρήρηες ἑταῖροι, / ὄν σφιν ἐπ’ ὤσιν ἄλειψ’, ἐμέ τ’ ἐκ δεσμῶν ἀνέλυσαν.”

Odisseu, é válido lembrar, era o herói pluriardiloso. A *métis* lhe permitia um amplo leque de ações para sair de situações complicadas ou para tramar maquinações que lhe dessem alguma vantagem. Mas as Sereias lhe ofertavam algo diferente: *πλείονα εἰδώς* (mais saber). Concordamos com Nugent quando afirma que “Para alguém como Odisseu, a promessa de novas informações deve ter soado de modo irresistível” (2008, p. 49). Odisseu era experimentado, conheceu diversas cidades e aprendeu sobre elas, mas poderia facilmente ter se encantado com a possibilidade de ampliar ainda mais seus conhecimentos. Lançando mão do retorno ao lar, a promessa feita pelas Sereias de lhe conceder um conhecimento a nível “mundial” seduziu definitivamente o herói, mesmo tendo sido advertido por Circe anteriormente.

Aparentemente, não era a doçura de suas vozes ou a novidade e a diversidade de suas músicas que encantavam os navegantes, mas era o conhecimento contido nelas que era utilizado para atrair os viajantes. Como constatou Cícero, era a paixão por adquirir conhecimento que conduzia as pessoas ao derradeiro fim de ficarem “enraizadas” nas costas rochosas das Sereias. Era este o convite feito por elas para Odisseu (Cícero. *De Finibus* 5.18.49 *apud* NUGENT, 2008, pp. 50 – 51). O encontro com as sereias reflete esse mesmo desejo de Odisseu por mais: mais conhecimento, mais experiência, completa e profunda realização.

A tradição grega, que foi cristalizada na narrativa homérica, foi também utilizada pelos pintores na formulação de suas ideias para forjar cenas em vasos – já debatemos sobre a construção de uma imagem, o conjunto de valores, as ideias, a tradição e as escolhas pessoais do pintor que juntas compõem uma cena. Deste modo, a análise realizada sobre o conjunto de vasos com a temática de Odisseu e as Sereias nos permite compreender a recuperação destes ideias de superação no mar – ainda que relacionado a uma figura mítica – em momentos que antecederam e que perduraram ao longo do processo de *thalassocracia* empreendido pelos atenienses. Portanto, utilizamos apenas vasos que foram produzidos em Atenas, de olarias que estavam “mergulhas” nas ideias promovidas entre os atenienses.

Destarte, ao analisarmos tais imagens e o texto homérico podemos levantar algumas questões que nos auxiliam a elucidar a amplitude de alcance e circulação destas cenas e relatos e as mensagens que elas transmitiam. De caráter mais técnico, nos detemos (1) na tipologia e locais de uso dos vasos e (2) no esquema pictórico empreendidos pelos pintores. No que

concerne as cenas, averiguamos (1) a motivação de nomear Odisseu, (2) a oposição criada entre a terra e o mar e (3) as divergências de uma tradição helênica para a imagem, sobretudo no que concerne a *métis* e as Sereias.

Os tipos de vasos permitem-nos compreender os possíveis locais de circulação destas imagens. Assim, temos nestes vasos de Odisseu e as Sereias duas *oinochoes*, um lécito de fundo branco e um *stamnos*. Cada tipologia possui seus contextos de uso. Assim, as *oinochoes*, pintadas com a técnica de figuras negras, são “vertedores de vinhos”. De acordo com Brian A. Sparkes, a *oenochoe* é um “jarro” de vinho que possui muitas variedades, podendo ser côncavo, cônico ou convexo. Mas que geralmente possuía uma única alça vertical e a boca arredondada, em forma de trevo ou de bico (SPARKES, 1991, p. 84). Este tipo de vaso é um dos mais comuns e mais variáveis em sua forma entre aqueles produzidos pelos gregos. O autor R. M. Cook nos informa que os tamanhos de uma *oinochoe* são aproximadamente de 30 centímetros, podendo ser mais alta. Até o início do século VI a.C. havia muitas *oinochoes* que, em escala, são comparáveis a ânforas e, em alguns lugares (*póleis*), parecem tê-las substituído.

Os dois exemplares de nossa pesquisa enquadram-se na tipologia nomeado por Cook como “one-piece *oinochoe*”. Cook afirma que este tipo tem o seu predecessor e talvez ancestral na ólpe Ática, tem uma barriga generosamente curva, um pescoço curto que se funde com a boca e o corpo. Ele toma forma na Ática durante o terceiro quarto do século VI a.C., porém se populariza com a técnica de figuras-vermelhas no quinto. Todavia, não deve-se descartar a existência, bastante comum, de *oinochoe* com a técnica de figuras-negras, como é o caso dos exemplares de nosso *corpus*. Seu uso, já que eram jarros que vertiam vinhos, dava-se sobretudo, em contextos festivos, desde um *symposion* até festivais, como o das Antestérias (COOK, 1997, pp. 214-216).

A outra tipologia de vaso que faz parte de nosso *corpus* é o lécito. Segundo Cook, os lécitos eram frascos para óleo e para óleos perfumados, basicamente a toilet, e em alguns casos eram usados para guardar condimentos. Estes se distinguem pela estreita abertura de sua boca, que são pequenas. No entanto, o lécito atico de fundo branco eram, ao contrário destes, maiores, pois eram potes feitos especialmente para o ritual funerário.

Existem dois tipos principais de Lécito. O primeiro é um protogeométrico; o segundo possui uma nova forma, oriundos da Ática e de Corinto, desenvolvidos no início do século VI a.C., era um pote de cerca de 15 centímetros de altura com o corpo oval, pescoço curto, boca

redonda e estreita e uma alça. Durante o segundo quarto do século V a.C. os pintores que utilizavam a técnica de figuras-vermelhas adotaram os léцитos e o tornaram característico com o estilo de fundo branco. Uma vez que os léцитos de fundo branco foram feitos para uso funerário, sua decoração poderia ser em cores pouco perceptíveis e seu tamanho não foi limitado pela praticidade (COOK, 1997, p. 221). Não dispomos do contexto de achado do léцитo com cena de Odisseu e as Sereias, mas, por suas características, podemos presumir que ele pertencia a um enterramento, principalmente porque ele foi encontrado em Atenas e nessa região o uso comum dava-se em contexto mortuário.

Por fim, o último tipo de vaso em nosso *corpus* é o stamnos. De acordo com Sparkes, convencionalmente esta tipologia de vaso designava um artefato para armazenamento e para realizar misturas, cotendo duas alças horizontais pequenas ligadas a um corpo compacto bulboso, além de possuir um pescoço curto e uma tampa (SPARKES, 1991, p. 86).

Em grego 'stamnos' parece ser mais ou menos equivalente a "ânfora". A distinção moderna é arbitrária. Às vezes, em alguns momentos, ele também era usado como uma cratera. A forma, o que propriamente pertence a figura-vermelha, estabelece-se durante o último quarto do século VI a.C. e torna-se popular em todo o V século a.C. O nome é, por vezes, de maneira livre e imprudentemente aplicadas em vasos com o corpo mais ou menos semelhante, terminando em um aro de baixo (COOK, 1997, pp. 219-220). Assim como a ânfora e a cratera, seu uso ocorria, sobretudo, em contexto de misturar água e vinho ou mesmo de armazená-los. Os stamnoi em Atenas no V século a.C. acolhiam as cenas com as bacantes (LIMA, 2011, *passim*).

O artesão do stamnos de Odisseu e as Sereias poderia estar pintando para um contexto de sedução, principalmente pela escolha da temática da face B do vaso, os Erotes. No entanto, sem também possuímos o contexto de achado deste vaso, apenas a localização, em Vulci, não podemos afirmar qual a reapropriação dada a este produto adquirido em Atenas. O que podemos afirmar é que este não seria um vaso usado no cotidiano, pois fora comprado e importado de outra cidade, provavelmente pela elite de Vulci (Etrúria).

Podemos apontar, a partir deste levantamento, que a circulação destes vasos foram em distintos ambientes, desde o contexto mortuário de Atenas até usado como produto de luxo em Vulci. Das duas oenochoes não dispomos de localização de achado, mas podemos pressupor,

pelo tipo de utilização esperado dos vasos, que ocorreram em contexto de festividade, privada ou pública. Vemos, assim, a circulação visual destas cenas e os diferentes usos empregados a elas. Ou seja, a cena de encontro entre Odisseu e as Sereias servia de significado para o tema da morte e da festa, uma história de ampla circulação que também foi ressignificada por povos não-helênicos.

Outro fator relevante para nossa análise do *corpus* imagético reside na construção da cena, isto é, na disposição dos signos dados pelos pintores. Após a análise imagética destes quatro vasos áticos podemos, inicialmente, notar a repetitividade de certos signos que compõem as cenas. Além de Odisseu e as Sereias, que são centrais para o desenvolvimento das ações narradas, a demarcação da esfera terrestre e a esfera marinha é evidenciada pelos pintores, seja pelas “unidades formais mínimas” que compõem a caracterização da embarcação, mas principalmente pela representação do mar (água) e da terra (rochedo ou parte terrosa).

Os esquemas das cenas são basicamente os mesmos: Odisseu como figura central, os rochedos fazem a demarcação da localidade em que transcorre a cena, as Sereias mantêm-se voltadas para o herói. Isto se aplica a modelos diferentes de vasos, pois era necessário que o pintor tivesse consciência da forma e do espaço disponível para pintar, adequando a construção das cenas segundo o formato do vaso, e não somente a adequação para os lugares de circulação e uso.

Desta maneira, acreditamos que havia uma certa esquematização de códigos comuns difundidos entre os oleiros no período de passagem do século VI ao V a.C., o que manteve uma proximidade entre a apresentação da imagem e um fácil reconhecimento entre os consumidores do vaso adornado. Não somente de signos em si, pois a base da metodologia utilizada é o compartilhamento dos signos no imaginário. Nos referimos ao modelo de disposição de toda a cena, a manutenção de números das Sereias, a centralidade de Odisseu e a demarcação entre os ambientes terrestre e marítimo. É possível notar, quando comparamos as quatro cenas, sua grande semelhança na disposição dos elementos pictóricos.

Além disso, todas as figuras são representadas de perfil. Mesmo sem nos aprofundarmos na metodologia proposta por Claude Calame para a análise das imagens, é possível afirmar, a partir de suas assertivas, que esta característica de personagens de perfil significa que aquele que é o receptor da imagem (mensagem) do vaso não é convidado a

participar da ação que se desenvolve, mas os personagens devem servir de exemplo a ser seguido quando o receptor estiver em situação semelhante (CALAME, 1986). Isto não significa dizer que os gregos encontrariam Sereias, mas estas representariam as dificuldades múltiplas encontradas durante a navegação, como tempestades, relevo da costa e correntes marinhas, por exemplo. É uma transmissão de uma mensagem que não se limita a narrativa de uma tradição homérica, é uma mensagem de superação em meio marítimo. Meio este que se expandia consideravelmente nos primórdios do século V para Atenas, momento de suas vitórias navais contra os persas e o empreendimento de um projeto *thalassocrático* sobre o mar Egeu.

Especificamente no que concerne as mensagens contidas nas cenas pintadas, a primeira questão que se torna evidente para nós remete a presença de escrita nas imagens. No que tange a nomeação de Odisseu acreditamos ter como resposta que a circulação do mito do herói, como apontado por Irad Malkin, ocorre por diversas regiões do mediterrâneo (MALKIN: 1998, 32). Logo a imagem poderia ser consumida por outras sociedades, mesmo que não-gregas. É na *oenochóe* e no *stamnos*, ambos do século V a.C., que se pode ver tal identificação, tendo sido o *stamnos* encontrado fora da Hélade, em Vulci, região da Etrúria. Assim, seria necessário que o pintor identificasse alguns signos para evidenciar do que a cena se tratava. Os códigos de signos adotados pelos gregos poderiam divergir dos signos ou dos significados de outras sociedades banhadas pelo Mediterrâneo. Para Anthony Snodgrass, “A interação da imagem e da palavra tinha sido longamente onipresente na cultura da Grécia antiga. Mas existem muito poucos lugares onde os dois estão tão próximos como nas inscrições pintadas em vasos gregos”, em alguns casos, a escrita não é apenas para o preenchimento de lacunas existentes entre as imagens da cena, mas fazem, de fato, parte da imagem. (SNODGRASS, 2000, p. 22).

Nomear Odisseu era, portanto, permitir a compreensão do conjunto de valores e significados por outro grupos. Além disto, torna-se notório a existência de comércio no período arcaico e sua intensificação no início do clássico, principalmente para Atenas – como defendemos no primeiro capítulo. Outra possibilidade de interpretação é compreender a nomenclatura do herói mítico como meio de destacá-lo, evidenciá-lo na cena. Seu feito é digno de um herói, nunca antes realizado por um mortal. Nomeá-lo é mantê-lo na memória, recordar a astúcia de um heleno: ver no ardil de Odisseu a superação e a vitória de um herói.

Além da nomeação de Odisseu, vemos a identificação das Sereias de maneira ampla na

oenochóe e a identificação em particular de uma das Sereias, Himeropa⁶⁰, no stamnos. Percebemos a necessidade destes pintores de identificar os personagens da cena, vinculando-a a uma tradição helênica. Também é possível ver, ao que Snodgrass chamou de “bubble-inscriptions”⁶¹, o desespero de Odisseu que se transforma em fala “[L]USN”. Concordamos quando Jesper Svenbro salienta o papel do leitor como o “libertador” da mensagem do escritor, principalmente em uma sociedade de cultura oral. No caso das inscrições que aparecem nas cenas de vasos, será claramente os proprietários e usuários desses vasos que assumem tal papel. Sua importância será aumentada, principalmente, quando o uso do vaso normalmente tiver lugar na presença de mais de uma pessoa (SVENBRO *apud* SNODGRASS, 2000, pp. 25-26), como é o caso de locais de circulação de nossos vasos com cenas que contém escrita.

Além da escrita, outra questão nos chamou a atenção na interpretação das cenas: a formulação da ambientação onde se desenvolvem. Destacamos, logo de início, que notamos que em outros vasos gregos é possível ver a representação do ambiente marítimo sem que o pintor recorresse ao uso do signo “terra/rocha”. Outros signos são, então, adotados para que a referência ao mar se tornem evidentes.

O contrário ocorre nos vasos de nosso *corpus*, nos quais os pintores delimitaram a oposição terrestre e marítimo fazendo uso de signos específicos para cada ambiente. Para o caso terrestre, nos quatro vasos vemos a inserção de rochas, onde, geralmente, estão apoiadas as sereias. Para caracterizar o ambiente marítimo, e aqui desconsideramos a embarcação em si que representaria a necessidade de estar no mar, vemos que em todos os vasos foram usados ondulações para representar as ondas do mar.

Ainda é possível que se pudesse questionar que o pintor representou o *sólido* para permitir um lugar para as sereias serem colocadas. Caso fosse isto, elas poderiam estar voando (como ocorre na Imagem 4) ou estarem localizadas no barco. Não descartamos por completo esta possibilidade, no entanto, defendemos a existência de uma relação entre a tradição

⁶⁰ O sentido de sedução e desejo, que podemos relacionar Himeropa à Himeros, é reiterado pelas inscrições.

⁶¹ Dentre um conjunto de tipologias de escritas que aparecem em cenas de vasos antigos, esta “bubble-inscription” aparece como a quarta. De fato, o próprio autor utiliza este caso de Odisseu “falando” *lusn* para ilustrar o que é uma “bubble-inscription”. Esta compreende em um espaço destinado a fala de um personagem ou de uma citação musical, por exemplo (SNODGRASS, 2000, p. 25).

literário do período arcaico que ainda está presente no início do V século a.C. e a construção de cenas em vasos.

Hesíodo se utiliza da comparação entre terra e mar para valorizar a primeira; Sólon usa a metáfora naval para aludir a situação de caos e “deriva” em que Atenas se encontrava; Semônides aponta a existência da mulher tipo mar como a volúvel. Como apresentado ao longo desta pesquisa, o mar tem o caráter do inconstante, do ambivalente. A terra é a segurança em Hesíodo e o mar a insegurança; a *stásys políade* é a desgovernança da embarcação em Sólon; a mulher que deveria ser a reclusa na tipologia ideal torna-se voluntariosa quando comparada ao mar em Semônides.

Acreditamos que isto também possa ser visto na imagética helênica, onde existem comparações para a formulação de ideias. Desta maneira, opor terra e mar é muito mais que informar ao receptor da imagem que a cena se desenvolve em um ou em outro lugar. Significa demarcar a ambivalência existente entre estes dois lugares, estando inserido no conjunto de valores e ideias disseminados entre os gregos: enquanto valoriza a fixidez terrestre, desvaloriza a fluidez da água. E é neste contexto que a *métis* é necessária e se desenvolve, nos momentos de instabilidades, de “liquidez”.

Estas cenas evidenciam o ardil de Odisseu que se coloca no terreno do ambíguo, do instável, do volúvel, do confronto entre mar e terra. É neste mesmo momento, segundo a tradição, que o herói usa de *métis* e realiza um feito cantado a gerações futuras. A oposição entre terra e mar, sólido e fluido, constante e inconstante também serve para complementar a ideia de uma cena onde perpassa o caráter da ambivalência, das incertezas; um lugar de atuação da *métis*, pois é nestas situações onde prevalece a indefinição que se utiliza o ardil para alcançar uma conquista.

É neste ambiente de disputas e incertezas que vemos o herói que possui muitas artimanhas lançar-se a mais uma: escutar o canto das Sereias que lhe conta muitos saberes. Como nos aponta Brandão,

Cotejando-se a vida com uma viagem, as sereias traduzem as emboscadas, provenientes dos desejos e das paixões. Como se originam de elementos indeterminados do *ar* (pássaros) ou do *mar* (peixes), configuram criações do inconsciente, dos sonhos alucinantes e aterradores em que se projetam as pulsões obscuras e primitivas do ser humano. Foi necessário, por isso mesmo, que Ulisses se agarrasse à dura realidade do mastro, que é o centro do navio e o eixo vital do

espírito, para escapar das ilusões da paixão. (BRANDÃO, 1987, p. 311)

Aqui reside uma divergência, que nos mostra, de modo bastante concreto, como o pintor possui liberdade de criação pautando-se na tradição legada. Na “Odisseia” o número de Sereias que estão presentes na cena são duas, como pode ser visto em “νῆα κατάστησον, ἵνα νοιτέρην ὄπ ἀκούσῃς”⁶² (Od. XII, v. 185). Esta é uma das discordâncias que existem entre a imagem e a tradição épica.

Como já discorremos neste capítulo, poesia e imagem podem divergir, pois um não depende exclusivamente do outro, além de muitas variáveis existirem no momento da criação de uma imagem. O número de Sereias, que varia durante o período arcaico e clássico, adotados na tradição literária – a versão que nos chegou – remete-se a existência de duas. Estas são as responsáveis por findar com Odisseu e seus companheiros. Somente no lécito que vemos duas, nos demais vasos contamos sempre três, uma das quais nomeadas.

Outra diferença também pode ser vista: nenhum dos quatro pintores optaram por retratar os corpos empilhados dos *nautai* que morreram e apodreciam nas rochas próximas as Sereias: “πολὺς δ’ ἄμφ’ ὀστεόφιν θις / ἀνδρῶν πυθομένων, περὶ δὲ ῥινοὶ μινύθουσι”⁶³ (Od. XII, vv. 45-46). As cenas permaneceram centradas na dificuldade de Odisseu e seu consecutivo sucesso, não rememorando que outros antes do herói tentaram e fracassaram.

Muitos são os signos que formam a cena em que o herói *polýmetis* usa de sua astúcia para se sobrepôr a mais uma dificuldade. E neste ponto retomamos a questão central: o uso da *métis* como meio de superar as dificuldades. Em nenhum momento de nossa análise dos vasos que contém cenas de Odisseu e das Sereias nos referimos a um signo ou um ícone que remete diretamente a esta noção. A *métis* é apreendida a partir do desenrolar da cena, da tradição de saberes legados aos helenos. Como afirmaram Detienne e Vernant, a ação da *métis* ocorre nas “fendas” do cotidiano.

Não há um signo referente a *métis*, pois, como já mostramos, ela atua nas “fendas” das ações. No entanto, sabemos que a façanha de Odisseu só foi possível graças ao engano que tramou – indicado por Circe –, ou seja, pelo uso da *métis*. Podemos apenas depreender sua

⁶² “Escuta nossa voz, a voz das duas!”

⁶³ “empilham-se ao redor os ossos de homens apodrecidos com a pele encarquilhada.”

existência a partir da compreensão da cena, juntamente com a tradição poética, quando identificamos ao que se refere. A identificamos, além do contexto em si, pois a dificuldade enfrentada em um terreno inóspito e ambíguo, em momento de incertezas, imprime a necessidade de uso de um ardil, do uso da astúcia para sair vitorioso – como o faz Odisseu.

Concebemos, portanto, que na imagética a *métis* centra-se exclusivamente em Odisseu, desconsiderando a participação de Circe para o desenvolvimento e a superação das Sereias⁶⁴. Aqui, os pintores fizeram suas escolhas, selecionaram aquilo que desejavam, enfatizando a figura *polýmetis* de Odisseu. Na documentação textual há uma dualidade da *métis*: a *métis* do planejar a ação, de Circe, e a *métis* do agir, de Odisseu; somente pela junção destas “duas *métis*” é que ocorre a superação das Sereias, permitindo que a nau de Odisseu passasse incólume por elas. Na imagética, é Odisseu que detém a *métis* e dela faz uso.

O fato peculiar é que Odisseu passa pelas Sereias, ouve seus saberes em seu canto, mas, assim como os seus companheiros, ficamos sem saber do que se tratava. O ápice do encontro entre o herói e as Sereias permanece no fato da superação sem sucumbir. A nós, meros mortais – os *nautai* de Odisseu, os ouvintes dos *aedos* e nós mesmos –, não coube realizar o feito de Odisseu: escutar a voz das Sereias e ir além do que é cabível ao ser humano. Como bem salienta Nugent, o verdadeiro encanto das Sereias, para Odisseu, não residia em sua beleza ou em sua onisciência, “nem mesmo ao seu encanto feminino evasivo, ao qual ele era uma presa tão fácil, mas simplesmente a esperança já desesperada de romper os laços de mera possibilidade humana”. (NUGENT, 2008, p.53).

3.3 A veiculação do projeto *thalassocrático* nos vasos: uma recuperação dos mitos e da prática cotidiana

As temáticas que foram pintadas pelos oleiros em Atenas, durante os períodos arcaico e clássico, foram diversas. Deste modo, realizamos um levantamento quantitativo da produção de vasos pela *pólis* dos Atenienses, através do site do projeto Beazley. É bem verdade que este

⁶⁴ No canto XII é Circe que fala a Odisseu as dificuldades que ele e seus companheiros enfrentarão. Nesta passagem podemos compreender que inicialmente o ardil é de Circe, pois esta diz como o herói deverá agir quando encontrar com as sereias. Somente quando ocorre tal encontro é que Odisseu usa de sua *métis*, ao colocar o que foi planejado em ação.

catálogo produzido e disponibilizado em “www.beazley.ox.ac.uk/pottery/default.htm” não contém todos os vasos que foram encontrados e catalogados por museus e centros de pesquisa, mas serve como uma amostragem que permite-nos inferir algumas conclusões.

A primeira tabela que organizamos foi com intuito de identificar a produção de vasos com temática relacionada ao meio marítimo. A partir dela podemos verificar a quantidade e o período de produção, nos possibilitando conferir o crescimento da produção. Segue-se a tabela.

Data/ Tema	Navio/Embarcação/Barco	Mar
600 – 550 a.C.	1	-----
575 – 525 a.C.	9	2
550 – 500 a.C.	26	11
525 – 475 a.C.	10	2
500 – 450 a.C.	7	6
475 – 425 a.C.	15	5
450 – 400 a.C.	32	2

Tabela 1 – Contagem de vasos com tema marítimo

Seguindo a datação proposta por Beazley, elencamos apenas dois signos referentes ao meio marítimo, a presença do mar e de naus (navio, embarcação e barco). Quantitativamente, entre os séculos VI (momento da primeira ocorrência de um dos signos) e final do V a.C (respeitando o recorte de nossa pesquisa), há um número maior de signos navais que a representação tão somente do elemento marinho. O signo do mar totaliza 28 vasos produzidos em Atenas, enquanto que a representação de naus aparecem em 100 cenas de vasos.

O tema “mar” mantém uma constância mais regular. No entanto, a variação da presença de naus é visível. A intensificação da produção de vasos com tema naval se inicia na segunda metade do século VI a.C., onde podemos constatar uma rápida elevação de 9 vasos produzidos na primeira metade do século VI para o número de 26 vasos. De fato, a datação proposta por Beazley dificulta um pouco nossa análise, pois sua datação é intercalada em ciclos de cinquenta anos e sobrepostas por vinte e cinco anos. Logo, quando nos remetemos à segunda metade do século VI a.C. necessitamos ter em mente que a próxima data proposta por

Beazley engloba um quarto desta metade e um quarto do período seguinte. Em suma, quando afirmamos que entre 550 -500 a.C. Atenas teve uma produção de 26 vasos em que constam signos de naus, precisamos considerar que a periodização seguinte, que conta com a existência de 10 vasos, encerra os anos de 525-475 a.C.

Optamos, por este motivo, visualizar a tabela de forma mais ampla. Dos sete períodos de datação, a partir de aproximadamente meados do VI século a.C. percebemos um aumento na produção desta temática, com certa variação, até o final do século V a.C. Em um período de um século e meio está concentrado noventa por cento dos vasos em que suas cenas possuem algum tipo de embarcação. Esta crescente se relaciona diretamente ao interesse ateniense pelo meio naval, dada as disputas com Egina e o Império Persa e, posteriormente, o empreendimento da *thalassocracia*.

A segunda tabela montada foi recortada segundo o personagem Odisseu. Consideramos o mesmo grupo de períodos que na tabela anterior. Elencamos seis possibilidades de temas em que Odisseu aparece relacionado, a saber: com o ciclope Polifemo, que por vezes aparece a fuga de Odisseu e seus companheiros; em meio marítimo, que em todas as amostras contam com a presença das Sereias; com a feiticeira Circe, onde também é possível ver os companheiros do herói, podendo estar se transformando em animais, e animais; com guerreiros ou em contexto de conflito/batalha, onde vemos a *panóplia*, escudos e lanças ou mesmo um combate acontecendo; com a princesa Nausícaa, comumente Odisseu aparece nu com ramos implorando a Nausícaa; em contextos diversos, onde não é possível nomear os outros personagens que aparecem, com diversas divindades e seres míticos ou onde se vêem mortais e imortais em uma mesma cena. Deste modo, a tabela assim ficou organizada.

Data/Cena	Odisseu e Polifemo	Odisseu em contexto marítimo e/ou com as Sereias	Odisseu e Circe	Odisseu em contexto de guerra e/ou com guerreiros	Odisseu com Nausícaa	Contexto com outras pessoas e/ou divindades
600 – 550	1	-----	-----	1	-----	-----

a.C.						
575 – 525 a.C.	5	-----	2	-----	1	-----
550 – 500 a.C.	11	2 (um deles está com Polifemo)	1	8	-----	-----
525 – 475 a.C.	36	2	4	21	-----	-----
500 – 450 a.C.	4	1	3	22	-----	3
475 – 425 a.C.	-----	-----	5	3	1	-----
450 – 400 a.C.	-----	-----	1	-----	2	4

Tabela 2 – Contagem de cenas de Odisseu

A partir de uma simples contagem, temos “Odisseu e Polifemo” contabilizando 57 vasos, “Odisseu em contexto marítimo e/ou com as Sereias” com 5 (um destes também está presente na contagem do grupo anterior), “Odisseu e Circe” com 16 vasos, “Odisseu em contexto de guerra e/ou com guerreiros” com um total de 55 cenas, “Odisseu com Nausícaa” conta com 4 vasos e “Contexto com outras pessoas e/ou divindades” possui 7 cenas. Totaliza-se 143 vasos em que Odisseu aparece.

Percebemos que durante dois séculos, o último do período arcaico e o primeiro do clássico, o maior interesse dos oleiros era pintar vasos que remetessem a Odisseu em duas situações: o encontro e a fuga com o ciclope Polifemo e cenas guerreiras e/ou com guerreiros; juntos totalizam 112 vasos, aproximadamente setenta e oito por cento da quantidade total. No entanto, o conjunto que nos interessa é um dos menores. Apontamos que as cenas que representam o encontro de Odisseu com as Sereias são cinco, mas uma delas aparece uma parte ínfima de um navio, uma parte de uma Sereia e o corpo gigante de Polifemo. Por ser

apenas um fragmento, descartamos esta cena de nosso *corpus* e assim analisamos as quatro cenas restantes.

Apesar do pequeno número, acreditamos que a relevância deles reside no fato da época de suas produções por Atenas: a virada do século VI ao V a.C., momento também da “virada” para o mar empreendida pelo governo políade. Acreditamos que a mudança de posicionamento da *pólis* influenciou nas temáticas que foram pintadas em suas oficinas, principalmente com a proximidade de um novo meio a ser explorado, o mar. Exemplo disto é o exponencial aumento, entre 525-475 a.C., de Odisseu com Polifemo; já que o ciclope representa o “outro”, o que não compartilha das práticas helênicas. A larga representação do ciclope pode estar relacionada ao contato que também foi amplamente empreendido pelos Atenienses durante o início da dominação do mar Egeu e do aumento da navegação. Como bem argumenta Schmitt-Pantel,

O simbolismo político também estaria expresso na imagem. As cenas mitológicas e o gesto dos heróis se prestam a esse tipo de leitura (...) Ninguém chega a falar em propaganda mitológica de forma consciente, mas alguns vêem nos temas míticos o reflexo de mudanças históricas muito precisas. (SCHMITT-PANTEL, 2013, p. 17)

Acreditamos que as mudanças para uma política de proximidade com a prática naval e a ampliação territorial sobre o mar Egeu podem ser percebidas no interesse ateniense pela temática: é neste momento que se intensificam a produção com temática naval e marinha (Tabela 1) e aparecem as cenas de Odisseu no meio marítimo (Tabela 2). As imagens, algumas exportadas (dado seu lugar de achado), articulam uma nova mensagem, empregam novas ideias. Estes oleiros, que também poderiam fazer uso da navegação para mover-se entre as *póleis* e que estavam próximos de uma grande diversidade de pessoas com diferentes *status* social, estavam receptivos e eram sensíveis às mudanças que ocorriam em Atenas. Consideramos que existe um vínculo entre as mudanças sociais e políticas da *pólis* e a inserção das cenas com temáticas marinhas e/ou navais.

Essa proximidade com o mar, que irá se ampliar ao longo do período clássico por conta do domínio do mar Egeu, impôs mudanças sociais. A *thalassocracia*, comumente explorada a partir de suas implicações políticas e econômicas, implementou uma nova organização da sociedade. Com a inclusão dos mais pobres na marinha ateniense e com o grande afluxo de mercadorias ao porto do Pireu, os *nautai* tornam-se fundamentais para a manutenção desta

nova configuração social. Estes homens do mar circulavam na *pólis*, traziam para o centro da vida cotidiana da *ásty* seus saberes e experiências.

Indubitavelmente, a caracterização daqueles que estavam relacionados ao mar perpassa o campo da ambivalência, das incertezas, das mudanças inconstantes, do desconhecido. Se por um lado a navegação praticada pelos *nautai* são capazes de manter um fluxo de bens trazidos de outras regiões ao longo do Mediterrâneo, por outro lado esse contínuo contato pode “contaminar” o corpo políade e “desarticular” a *pólis*. Por isso, os indivíduos que desempenhavam funções em atividades ligadas ao mar, eram vistos, pelo corpo social, com um olhar de desconfiança. Assim como o mar, os *nautai* travavam relações com o “outro” e podiam “contaminar” a *pólis*. No entanto, como vimos na documentação textual e na imagética, é necessário àqueles que navegam habilidades, tanto o conhecimento inerente a prática da navegação quanto as artimanhas para driblar e superar as dificuldades no mar.

A *métis* para uso dos navegadores era a mesma que Homero dizia ser Odisseu o detentor. Esta astúcia foi usada tanto pelo herói *polýmētis* ao longo de seu *nóstos* de retorno à Ítaca, quanto por Temístocles para conquistar a vitória em Salamina e conseguir empreender seu projeto *thalassocrático*. Do campo mítico arcaico à concretização de domínio do mar no período clássico, a *métis* está sempre presente; na narrativa textual ou na mensagem de uma cena em vaso, o mar e a prática da navegação imputam a necessidade da *métis*; da mudança de atenção dos atenienses para a prática naval à disseminação de discursos pró-*thalassocracia* vinculados nas imagens de vasos áticos, a *métis* funciona como uma possibilitadora de suas realizações.

Esse olhar para o mar e as possibilidades de sua dominação iniciada, sobretudo, por Temístocles, na *pólis* dos Atenienses, permitiu uma política que a fortaleceu diante das outras cidades. Como bem salienta Claude Mossé,

A única thalassocracia real da história grega foi aquela que exerceram os Atenienses durante três quartos de século, do fim das guerras médicas ao fim da guerra do Peloponeso (ap. 478-404), quando, dispondo de uma frota poderosa, eles conseguiram, sob o pretexto de se proteger contra os Bárbaros, impor sua hegemonia nas ilhas e cidades gregas da costa setentrional e da costa oriental do Egeu. Cobrando tributos, estabeleceram guarnições, controlavam a vida política e judiciária destas cidades, impondo-lhes suas medidas e moedas, Atenas estende seu domínio até a vitória do espartano Lisandro em Egospótamos (~405), quando provoca o colapso do império, o que só será parcialmente restaurado e por um curto período de tempo no IV século (MOSSÈ, *Encyclopædia Universalis*).

Conclusão

No imaginário helênico, o mar era ambíguo. Nas obras épica e poética do Período Arcaico constatamos representações acerca do mar positivas e negativas. De igual maneira, havia um caráter paradoxal na visão dos gregos com relação aos que desempenhavam funções no mar. Por um lado os *nautai* possuíam coragem, domínio e força sobre o mar quando iam à guerra, defendendo a *pólis*. Por outro, os navegantes eram vistos com certa desconfiança pelas elites intelectuais das *póleis*, já que estavam em contato direto com o “outro”, se relacionavam com diversas culturas, circulavam pelas margens e poderiam “contaminar” a comunidade (*koinonia*) Estes navegantes precisaram *aprender* a lidar com um meio inóspito e estranho ao “homem da terra”.

No Período Arcaico, os helenos lançaram-se ao mar à procura de produtos que não existiam ou encontrava-se em pouca quantidade em suas regiões e diversas *póleis* empreenderam uma expansão pela bacia do Mediterrâneo, criando novas *póleis* e *emporía*. Assim, defendemos que o comércio de cunho marítimo já era desenvolvido por helenos no Mediterrâneo, entre as *póleis* e com outras sociedades, desde o Período Arcaico. Esta prática, apesar de necessária para a subsistência das *póleis*, era minimizada e depreciada no conjunto de valores sociais que circulavam na sociedade helênica. A prática da navegação, fundamental para este comércio, também compartilhava dos caracteres ambíguos dispensados pelos gregos para o mar e os *nautai*.

Ainda que permeando um conjunto polivalente de caracterizações, aos navegantes era reconhecida a necessidade de possuir um conjunto de habilidades e saberes. Estas habilidades iam além do conhecimento dos saberes da navegação. Era preciso, para sobreviver em meio tão inóspito, de ardil, da *métis*.

Entre os helenos a noção *métis* foi difundida desde o século VIII a.C. e perdurou ao longo do Período Clássico com certa estabilidade semântica. Ela compreende um complexo conjunto de significações, que perpassam a astúcia e o ardil até uma inteligência prudente. É usada, sobretudo, quando se está frente ao inesperado, em uma situação flexível e em que se precise de certa rapidez na ação. Uma noção que advém do mundo divino, já que os deuses

são detentores desta astúcia, principalmente Palas Athená. Esta divindade compartilha de sua *métis* com mortais, entre eles Odisseu, o *polýmetis*. Estas habilidades são empregadas pelo herói ao longo de toda sua odisseia para retornar à Ítaca, inclusive no mar.

O canto XII da obra homérica figura o embate entre Odisseu e as Sereias, ou seja, a luta entre os *nautai* e as dificuldades existentes no mar e na prática da navegação. Neste conflito fica evidenciado o uso de um arдил para a sobrevivência do herói e de seus companheiros no mar. A *métis* é para os *nautai*, antes de tudo, um meio de sobreviver às dificuldades encontradas nos domínios de Poseidon. Contudo, é também por ela que aumenta a desconfiança social sobre este grupo, uma vez que eram *ardilosos*.

Deste modo, no imaginário helênico, as representações do meio marítimo e dos elementos vinculados a ele foram revestidas pelo sentido de ambivalência, do emprego de valores positivos e negativos. Todo este conjunto de características foram sendo constantemente transmitidos às gerações sucessoras e, por este motivo, este conjunto de representações sociais chegou ao Período Clássico permeando as ideias de diversas *póleis*.

Nos primórdios do século V a.C., o *estrátego* ateniense Temístocles efetiva sua política *thalassocrática* e o empreendimento de um domínio sobre o mar Egeu. Com esta nova política, a *pólis* dos Atenienses adquire proeminência entre as *póleis* da Hélade, chegando ao ponto de sobrepor seu poder no mar Egeu e sobre outras *póleis*. Este projeto foi precedido pelas Guerras Médicas, em 490 e 480 a.C., tendo grande relevância para o desenvolvimento de Atenas sobre o mar.

É um pouco antes do início da Segunda Guerra Médica que Temístocles começa a conquistar apoio de seus concidadãos para seu projeto: a construção de uma frota de trirremes. Neste sentido, Plutarco nos apresenta os ardis (*métis*) comumente utilizados pelo *estrátego* para conseguir por em prática tal construção. Os contemporâneos de Temístocles chegaram a compará-lo a Odisseu, por conta de suas muitas astúcias. A noção *métis* permanece no imaginário e servindo para caracterizar as pessoas. A importância da frota mostra-se durante a batalha de Salamina, em 480 a.C., no qual os atenienses, através de subsequentes ardis de Temístocles, conquistam uma vitória sobre a numerosa frota do Império Persa e ajudam afastar tal ameaça do “mundo helênico”.

No que concerne à documentação textual, é perceptível a nova representação do mar: na obra “História” de Heródoto este meio aparece como um *tópos* de intermediação entre

povos e pessoas, no qual a prática da navegação torna-se um transporte que liga distâncias. O mar, a navegação e os *nautai* passam a compor o cotidiano de muitas *póleis*, a proximidade com o mar é algo experimentado por muitos cidadãos.

O imaginário construído sobre o mar ao longo do Período Arcaico e a proximidade nas relações travadas entre este meio e as *póleis*, evidenciado nas obras analisadas, serviram como base cultural para o empreendimento da *thalassocracia* por Atenas. Não descartamos os interesses políticos e econômicos que haviam neste projeto iniciado por Temístocles, mas enfatizamos nesta pesquisa a relevância do âmbito cultural, no campo das representações e do imaginário, na política *thalassocrática*.

Esta hipótese torna-se ainda mais evidente quando analisamos as cenas de Odisseu na cerâmica ática. A produção ateniense sobre a temática naval aumenta nas décadas finais do século VI e primórdios do século V a.C., momento de conflitos navais, fortalecimento da frota de guerra, execução do projeto *thalassocrático* e dominação do mar Egeu (meados do século V a.C.). É resgatada pelos pintores do Cerâmico a temática presente no imaginário da tradição helênica de Odisseu com as Sereias. Nesta temática, assim como Temístocles precisou de ardil para vencer os persas, Odisseu necessitou da *métis* para sobreviver ao encanto das Sereias.

As imagens nos vasos apresentam uma linguagem específica e que produziu sua própria compreensão do embate do herói com as “mulheres-pássaros”. Os oleiros foram sensíveis a diversas tradições e criaram uma nova narrativa pictórica. As mensagens que eram difundidas pela política *thalassocrática* – considerando a tamanha aproximação de Atenas com o porto do Pireu e a inclusão do mar Egeu como parte de seu território – foram incorporadas também pelas cenas de vasos, onde os oleiros optaram por destacar Odisseu com as Sereias e com Polifemo, o encontro do “outro”. Acreditamos que com a análise dos vasos enfatizamos que a *thalassocracia* também pode ser encontrada nos signos criados pelos artesãos do Cerâmico. Dessa forma, uma pesquisa inserida no campo da História Social da Cultura permite mapear códigos e representações acerca de uma temática tão estudada na historiografia.

Para tanto, demonstramos através da análise da documentação textual que há uma mudança na forma de compreender o mar, a navegação e os *nautai*: no Período Arcaico há o predomínio do caráter ambíguo e da desconfiança, no Período Clássico há uma maior proximidade, tornando-os elementos do cotidiano. A partir da análise imagética percebemos

um outro nível de relação entre os atenienses e o mar: o regate de uma história da tradição grega para evidenciar os perigos e a necessidade do uso da *métis* para se sobrepôr às dificuldades e conquistar a vitória; carregando consigo uma mensagem das novas experiências da *pólis*. A *métis* percorre, assim, de Odisseu a Temístocles, de um reconhecimento do mar Mediterrâneo até a dominação do mar Egeu.

REFERÊNCIAS

A – Documentação textual

ANANIO In: **Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos II (Siglos VII-V a.C)**. 3 ed. Tradução de Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.

ARISTÓTELES. **A constituição de Atenas**. Tradução de Francisco Murari Pires. São Paulo: Hucitec, 1995.

ARQUÍLOCO In: **Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I (Siglos VII-V a.C)**. 3 ed. Tradução de Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.

HERÓDOTO. **Historia**. Volumen I: Libros I-II. Tradução de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

HERÓDOTO. **Historia**. Volumen II: Libros III-IV. Tradução de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1987.

HERÓDOTO. **Historia**. Volumen III: Libros V-VI. Tradução de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1988.

HERÓDOTO. **Historia**. Volumen IV: Libro VII. Tradução de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

HERÓDOTO. **Historia**. Volumen V: Libros VIII-IX. Tradução de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1989.

HERODOTUS. **The Histories**. (ed. A. D. Godley). Versões em Inglês e Grego. Disponível em:

<<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0126>> e

<<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0125>>.

HÉSIODE. **Théogonie - Les Travaux et les Jours - Le Bouclier**. Tradução de Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1993.

HESÍODO. **Trabalhos e Dias**. Tradução de Ana Elias Pinheiro; José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

HESÍODO. **Teogonia**. Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2006.

HIPPONAX In: **Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos II (Siglos VII-V a.C)**. 3 ed. Tradução de Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.

HOMERO. **Odisseia**. 2 ed. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012.

HOMERO. **Odisséia: Telemaquia**. Tradução de Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2007.

HOMERO. **Odisséia: Regresso**. Tradução de Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2007

HOMERO. **Odisséia: Ítaca**. Tradução, introdução e análise de Donaldo Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2007.

PLUTARCH. **Themistocles** (ed. Bernadotte Perrin). Versões em Inglês e Grego. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:2008.01.0066>> e <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:2008.01.0074>>.

SEMÓNIDES In: **Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I (Siglos VII-V a.C)**. 3 ed. Tradução de Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.

SÓLON In: **Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I (Siglos VII-V a.C)**. 3 ed. Tradução de Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.

TEOGNIS In: **Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I (Siglos VII-V a.C)**. 3 ed. Tradução de Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.

B – Documentação imagética

Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC), v. VI (1). Kentauroi et kentaurides – Oiax. Artemis Verlag Zürich und München, 1992.

Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC), v. VI (2). Kentauroi et kentaurides – Oiax. Artemis Verlag Zürich und München, 1992.

C – Obras Gerais

ARNAUD, P. (2005). **Les routes de la navigation antique: itinéraires en Méditerranée**. Paris: Éditions errance.

ARRUDA, A. (2002). **Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero**. Cadernos de Pesquisa, n. 117, novembro. p. 127-147.

AUSTIN, M.; VIDAL-NAQUET, P. (1986). **Economia e Sociedade na Grécia Antiga**. Lisboa: Edições 70.

BASLEZ, M.-F. (1984). **L'étranger dans la Grèce antique**. Paris: Le Belle Lettres.

BÉRARD, C. (1983). **Iconographie-Iconologie-Iconologique**. Études de Lettres. Fasc. 4.

BÉRARD, C.; DURAND, J-L. (1984). “Entrer en Imagerie” In: BÉRARD, C. (ORG.). **La cité des images**. Paris: Fernand Nathan.

Brandão, Junito de Souza. (1987). **Mitologia Grega**. v.2. Petrópolis: Editora Vozes.

BRESSON, A. (2008). **L'Économie de La Grèce des Cités I: Les Structures et La Production**. Paris: Armand Colin.

BOARDMAN, J. (1986). **Los griegos en ultramar: comercio y expansión colonial antes de la era clásica**. Madrid: Alianza Editorial.

BURKERT, W. (1993). Os deuses configurados. In: BURKERT, W. **Religião Grega na Época Clássica e Arcaica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 241-368.

BYL, S. (2001). Aristophane et les guerres médiques In: **L'Antiquité Classique**, T. 70, pp. 35-47. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/41660760>>. Acesso em: 8 set. 2013.

CARTLEDGE, P. (2009). **Ancient Greek Political Thought in practice**. Cambridge University Press.

CERTAU, M. de. (1994). **A invenção do cotidiano: 1 – Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes.

CECCARELLI, P. (1985). Sans thalassocratie, pas de démocratie? Le rapport entre thalassocratie et démocratie à Athènes dans la discussion du Ve et IVe siècle av. J.-C. In: **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, Bd. 34, H. 1 (1st Qtr., 1985), pp. 29-46. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4436305>>. Acesso em 8 mai. 2013.

CORVISIER, J.N. (2008). **Les Grecs et la Mer**. Paris: Les Belles Lettres.

DETIENNE, M. (1965). **Grèce Archaïque: Géométrie, Politique et Société**. Annales: Économies, Sociétés, Civilisations, 20 année, no. 3, mai-juin.

DETIENNE, M; VERNANT, J-P. (2008). **Métis: as astúcias da inteligência**. São Paulo: Odysseus.

DOSSE, F. (2007). **História do estruturalismo. V. 1: O campo do signo – 1945/1966**. Bauru, SP: Edusc. Tradução de Álvaro Cabral.

_____. (2012). “O Historiador: um mestre da verdade” In: DOSSE, F. **A História**. São Paulo: Ed. UNESP, pp. 7-40.

ÉTIENNE, R. (2010). **La Méditerranée au VIIe. Siècle av. J.C. (essais d’analyses archéologiques)**. Paris: De Boccard.

FINLEY, M. I. (1985). **A política no mundo antigo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1990). **Grécia Primitiva: Idade do Bronze e Idade Arcaica**. São Paulo: Martins Fontes.

FISCHER, N. (2009) Trabalho e lazer In: CARTLEDGER, P. (Org.) **Grécia Antiga**. São Paulo: Ediouro.

FRANKSTEIN, S. (1997). Arqueología **del colonialismo – El impacto fenicio y griego en el sur de la península Ibérica y el suroeste de Alemania**. Barcelona: Crítica.

FRONTISI-DUCROUX, F. (1975). **Dédale ou la Mythologie de l’Artisan**. Paris: François Maspero.

GRESSETH, Gerald K. (1970). **The Homeric Sirens. Transactions and Proceedings of the**

American Philological Association. Vol. 101, pp. 203-218. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/pdfplus/2936048>>. Acessado em: 8 de dez. 2014.

HARTOG, F. (1986). Ulysse et ses marins In: MOSSÉ, C. (Org). **La Grèce ancienne – présentation par Claude Mossé.** Paris: Édition du Seuil, pp. 29-42.

HARTOG, François. (1999a). “Introdução – O nome de Heródoto” In: **O Espelho de Heródoto – Ensaio sobre a representação do outro.** Belo Horizonte: Editora UFMG, pp. 31-36.

_____. (1999b). “Primeiras figuras do historiador na Grécia: Historicidade e História” In: **Revista de História – FFLCH/USP.** n.141. pp. 9-20. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18880>>. Acessado em: 8 dez. 2014.

HASS, C. J. (1985). Athenian Naval Power before Themistocles In: **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte,** Bd. 34, H. 1 (1st Qtr., 1985), pp. 29-46. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4435909>>. Acesso em: 12 ago. 2013.

HENRÍQUEZ, Germán S. (2005). “La Educación de Alexandro en las Vidas Paralelas: La Paideia Griega en Plutarco” In: JUFRESA, M.; MESTRE, F.; GÓMEZ, P.; GILABERT, P. **Plutarc a la seva época: Paideia i societat (Actas del VIII Simpósio Internacional de la Sociedade Espanhola de Plutarquistas, Barcelona, 2003).** Barcelona, pp. 637-646.

HIRATA, E. F. V. **Quem foi Homero?** (2009). Disponível em: <http://labeca.mae.usp.br/media/pdf/hirata_quem_foi_homero.pdf>. Acesso em: 26 set. 2013.

JODELET, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão IN: **As Representações Sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ.

JOLY, M. (2008). **Introdução à análise da imagem.** 12 ed. Campinas: Papirus Editora.

KOIKE, K. (2013). **Hecateu de Mileto e a Formação do Pensamento Histórico Grego.**

Coimbra, Faculdade de Letras/Universidade de Coimbra. Tese do doutorado em Estudos Clássicos.

LENFANT, D. (2011). Introduction. In: LENFANT, D. (org) **Les Perses Sur par les Grecs: Lire des Sources Classiques sur L'Empire Achéménide**. Paris: Armand Colin.

LIMA, A. C. C. (2010). **Ritos e festas em Corinto Arcaica**. Rio de Janeiro: Apicuri.

_____. (2011). “A Pólis e suas imagens: produção, circulação e ‘censura’” In: LIMA, A. C. C. **Pintura e Imagem: Representações do Mundo Antigo**. Rio de Janeiro: Apicuri. pp. 37-45

_____. (2007). “Pintores de vasos em Corínto: *métis* e alteridade” In: **Phoïnix**. Laboratório de História Antiga /UFRJ. Ano XIII. Rio de Janeiro: Mauad Editora.

_____. (2012). “Ciro Cardoso: Historiador de Antiguidade Clássica” In: ARAÚJO, S. R. R de; LIMA, A.C.C. **Um combatente pela História: Professor Ciro Flamarion Cardoso**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, pp. 125-146.

LIMA, Márcio Mendes de. **Representações do Corpo das *Backai* no Teatro e na Imagética. (Atenas Vº século a.C.)**. Niterói, UFF/PPGH. Dissertação de mestrado em História. Disponível em: < <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1482.pdf>>. Acesso em: 5 out. 2014.

LISSARRAGUE, François. (2013). “Ler e olhar a imagem: balanço e perspectivas de pesquisa sobre a imagética Grega” In: LIMA, A. C. C. L. **História e Imagem: múltiplas leituras**. Niterói: Editora da UFF. pp. 29-40

MALKIN, I. (1998). **The returns of Odysseus – colonization and ethnicity**. London: University of California Press.

MARTIN JR, Hubert. (1961). **The Character of Plutarch's Themistocles.** *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*. V. 92. pp. 326-339. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/283819>>. Acesso em: 13 de dez. 2014.

MELE, A. (1979). **Il commercio Greco Arcaico: Prexis ed Emporie.** Naples: Cahiers du Centre Jean Bérard IV, Institut Français de Naples.

MOMIGLIANO, Arnaldo. (2004). “A tradição herodoteana e tucidideana” In: **As raízes clássicas da historiografia moderna.** Bauru: Edusc, pp. 53-83.

MORAES, Alexandre Santos de. *O ofício de Homero.* Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

MOSSÉ, C. (2008). **Péricles: o inventor da democracia.** São Paulo: Estação Liberdade.

_____. (2004). **Dicionário da Civilização Grega.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1992). **L’Histoire de une démocratie: Athènes.** France: Éditions du Seuil.

_____. (1989). **A Grécia Arcaica de Homero à Ésquilo (séculos VIII-VI a.C).** Lisboa: Edições 70.

_____. “THALASSOCRATIE”, **Encyclopædia Universalis.** Disponível em: <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/thalassocratie/>> . Acesso em: 7 dez. 2014.

NOUREUX, J. (2001). Essai de reconstitution des routes maritimes en Méditerranée orientale d’après les données météo-océanographiques modernes. In: BRUN, J.-P.; JOCKEY, Ph. (ed.) **Techniques et Sociétés em Méditerranée. Hommage à Marie-Claire Amouretti.** Paris: Maisonneuve et Larose.

NUGENT, Pauline. (2008). **The Sounds of Sirens: “Odyssey” 12. 184-91.** *College Literature*, Vol. 35, No. 4, Homer: Analysis & Influence. pp. 45-54. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/25114373>>. Acessado em: 25 out. 2014.

ONELLY, G. B. (2006). Os conflitos na pólis: um diálogo entre Tógnis e Sólon In: **Anais da XXV Semana de estudos clássicos – Intertextualidade e pensamento clássico**. Ana Thereza Basílio Vieira e Auto Lyra Teixeira (Orgs.). Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/pgclassicas/SEC-Textos-2005.pdf#page=77>>. Acesso em: 4 out. 2013.

PAIVA, E. F. (2006). **História & Imagens**. Belo Horizonte: Autêntica.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. (2008). **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica.

POMEROY, S [et al]. (2004). **A brief history of ancient greece: politics, society, and culture**. New York: Oxford University Press.

POSSEBON, Fabrício. (2004). “Da épica à historiografia” In: Revista da Pós-Graduação em Letras – UFPB. v. 6. n 2/1. pp. 31-44. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/viewFile/9532/5180>>. Acessado em: 2 dez. 2014.

PUCCI, P. (1986). Les figures de la Métis dans l’Odyssée In: **Metis: Anthropologie des monds grecs anciens**. v.1, n1, pp. 7-28. Disponível em: <www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/metis_1105-2201_1986_num_1_862>. Acesso em: 21 mai. 2014.

ROMILLY, J. de. (2001). **Homero – Introdução aos poemas homéricos**. Lisboa: Edições 70.

ROUGÉ, J. (1986). Les galériens d’Athènes: marine et démocratie In: MOSSÉ, C. **La Grèce ancienne**. Paris: Points, pp. 145-156.

SCHEID-TISSINIER, Évelyne. (1999). **L’Homme Grec aux Origines de la Cité (900-700 av. J.-C.)**. Paris: Armand Colin.

SCHMITT-PANTEL, Pauliene Schmitt. (2013). “Imagens e História Grega” In: LIMA, A. C. C. L. **História e Imagem: múltiplas leituras**. Niterói: Editora da UFF. pp. 9-28

SCHMITT-PANTEL, P.; THELAMON, F. (1983). “Image et Histoire: Illustration ou Document” In: Lissarrague, F. et Thelamon, F. **Image et Céramique Grecque. Actes du Colloque de Rouen 25 - 26 novembre 1982**. Rouen: Publications de l’Université de Rouen.

SÊGA, R. A. (2000). **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Revista Anos 90, Porto Alegre, n. 13, pp. 128-133. Disponível em: < www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf > Acesso em: 14 set. 2012.

SILVA, L. C. A. M. S.; DEZOTTI, M. C. C. (2002). **A poesia Lírica Grega: do séc. VII ao séc. I a.C.** Revista Letras & Letras, Uberlândia, n.18 (2), jul./dez., pp. 57-67.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. (2007). “A Segunda Sofística; Movimento, fenômeno ou exagero?” In: **Praesentia – Revista Venezuelana de Estudos Clássicos**, n. 8. Venezuela. Disponível em: <http://vereda.saber.ula.ve/sol/praesentia8/maria.htm>>. Acesso em: 18 de set. 2014.

SILVA, Talita Nunes. (2011). **As Estratégias de Ação das Mulheres Transgressoras em Atenas no século a.C.** Niterói, UFF/PPGH. Dissertação de mestrado em História. Disponível em: < <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1507.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2014.

SNODGRASS, Anthony. (2000). “The uses of writing on early Greek painted pottery” In: RUTTER, N. Keith; SAPARKS, Brian A. **Word and Image in Ancient Greece**. Edimburgo: Edinburgh University Press. pp. 22- 34.

_____. (2004). **Homero e os artistas**. São Paulo: Odysseus.

STANFORD, W. B. (1982). Astute hero and ingenious poet: Odysseus and Homer In: **The**

yearbook of English Studies. v. 12: Heres and the heroic special number. Modern Humanites Research Association, pp. 1-12. Disponível em: < www.jstor.org/stable/3507394>. Acesso em: 28 nov. 2014.

STEIN, G. J. (2005). **The archaeology of colonial encounters: comparative perspectives.** Santa Fe: School of American Research Press.

SUTTON JR., Robert F. (1992). “Pornography and Persuasion on Attic Pottery” In: RICHALIN, A. **Pornography and Representation in Greece & Rome.** Oxford Universit Press.

TACLA, A. B. (2001). **Diplomacia e Hospitalidade – Um estudo dos contatos entre Massália e as tribos de Vix e Hochdorf.** Rio de Janeiro: UFRJ/PPGH. Dissertação de mestrado em História.

TAILLARDAT, J. (1968). La trière athénienne et La guerre sur mer aux Ve et IVe siècles. In: VERTNANT, J.-P. **Problèmes de La guerre en Grèce ancienne.** Paris: Éditions de l’École dès Hautes Études en Sciences Sociales, pp. 242-272.

THEML, N. (1998). **Público e privado na Grécia do VIIIº ao IVº séc. a.C: o modelo ateniense.** Rio de Janeiro: Sette Letras.

_____. (1998). “Ordem e transgressão do corpo nos vasos atenienses” In: Silva, Francisco Carlos Teixeira da. **História e Imagem.** Rio de Janeiro. pp. 305-320.

THIRY, S. (2001). Aspects géopolitiques de l’histoire des îles ioniennes aux époques classique et hélienistique In: **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, Bd. 50, H. 2 (2nd Qtr., 2001), pp. 131-144. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4436608>>. Acesso em: 19 set. 2013.

VERGARA, Fábio Cerqueira. (2005). “Música e Gênero no banquete: o registro da iconografia Ática e nos textos antigos (séc. VI-V a.C.)” In: LESSA, F. de S.; BUSTAMANTE,

M. R. (Orgs.). **Memória e Festa**. Rio de Janeiro: Mauad Editora.

VERNANT, J.- P. (2006). **Mito e Religião na Grécia Antiga**. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2009a). **As Origens do Pensamento Grego**. 18 ed. Rio de Janeiro: Difel.

_____. (2009b). **A travessia das fronteiras: Entre Mito e Política II**. São Paulo: Edusp.

VIEIRA, A. L. B. (2005). **Os Pescadores Atenienses: A Métiis da Ambivalência na Atenas do Período Clássico**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGH. Tese de doutorado em História.

_____. (2008). “Entre a ‘métiis’ da pesca e a honra da caça.” In: **PHOÏNIX-Laboratório de História Antiga/ UFRJ**. Ano XIV. Rio de Janeiro: Mauad.

WATERS, K. H. (1996). **Heródoto el Historiador: sus problemas, métodos y originalidad**. México: Fonde Cultura Económica.

ZAIDMAN, Louise Bruit. **Os gregos e seus deuses: práticas e representações religiosas da cidade na época clássica**. 2010.

Apêndice A

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
Odisseia (HOMERO. Odisseia. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012)	Mar	Local de sofrimento	πολλά δ' ὁ γ' ἐν πόντῳ πάθεν ἄλγεα ὃν κατὰ θυμόν, ἀρ νύμενος ἦν τε ψυχὴν καὶ νόστον ἐταίρων. (I, vv. 3-5) “as muitas dores amargadas no mar a fim de preservar o próprio alento e a volta dos sócios.”	Homero inicia o canto expondo uma ‘síntese’ das problemáticas enfrentadas por Odisseu. Entre seus apontamentos está o mar, local de sofrimentos para Odisseu.
	Mar	Perigo	ἐνθ' ἄλλοι μὲν πάντες, ὅσοι φύ γον αἰπὸν ὄλεθρον, οἴκοι ἔσαν, πόλεμόν τε πεφευγότες ἠδὲ θάλα σσαν: (I, vv. 11-12) “Não há um só herói que não se encontre agora em seu solar, a salvo do mar cinza e guerra.”	A periculosidade do mar é comparando ao da própria guerra, no caso entende-se a ‘Guerra de Tróia’. Assim, aqueles que conseguiram regressar desta guerra estavam salvaguardados dos perigos que a guerra e o mar possuíam.
	Métis	Valor positivo	πῶς ἂν ἔπειτ' Ὀδυσῆος ἐγὼ θεῖο οιο λαθοίμην (I, vv. 65-66) “Como eu me esqueceria de um herói divino cujo intelecto brilha”	Após um discurso em defesa de Odisseu feito por Athena, Zeus responde com elogios àquele. Dentre os elogios está a valorização de um saber que é para além dos mortais,

				ou seja, divino.
Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
Odisseia (HOMERO. Odisseia. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012)	Mar	Sombrio	Τηλέμαχος δ' ἀπάνευθε κιὼν ἐπὶ θῆνα θαλάσσης, χεῖρας νιν ἄμενος πολιῆς ἀλὸς εὐχεται Ἀθηναίην : (II, vv. 262-264) “Telêmaco se afasta ao longo da orla oceânica; depura a mão no mar escuro e invoca Atena”	Telêmaco invoca a divindade Palas Athena em prece. Busca, assim, um conselho da deusa com relação a viagem marítima que o indicara realizar.
	Mar	Bravo	οὐδέ τί σε γρή πόντον ἐπ' ἄτρύγετον κακὰ πάσχειν οὐδ' ἀλάλησθαι . (II, vv. 370-371) “Não saias do solar! Poupa a ti mesmo e a nós do teu sofrer de errar no mar tão infecundo!”	A serva, que administrava o tesouro mais escondido do palácio, argumenta contra a viagem de Telêmaco à Pílos e à Esparta. Dentre os apontamentos, afirma o perigo que o mar representa, sendo uma via perigosa.
	Mar	Sombrio	ἦν ἐν ἐκείνῳ δήμῳ ἀνέτλημεν μένος ἄσχετοι υἱεὶς Ἀχαιῶν, ἦμ ἐν ὅσα ξὺν νηυσὶν ἐπ' ἠεροειδέα πόντον (III, vv. 103- 106) “a agrura padecida pelos argivos valorosos nos confins, seja em batel no turvo mar	Nestor fala a Telêmaco das dificuldades encontradas no regresso de Tróia.

			distante”	
--	--	--	-----------	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
Odisseia (HOMERO. Odisseia. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012)	Métis	Valor positivo	<u>ἔνθ' οὐ τις ποτε μῆτιν ὀμοιωθῆμεναι ἄντην ἦθελ', ἐπεὶ μάλα πολλὸν ἐνίκα δῖος Ὀδυσσεὺς παντοίοισι δόλοισι</u> (III, vv. 120 -122) “Não houve quem ousasse comparar-se a teu pai em astúcia, ciente de que o pluri-hábil era imbatível”	Nestor aborda os valores de Odisseu, enquanto fala com Telêmaco.
	Métis	Valor positivo	<u>οἱ μὲν ἀποστρέψαντες ἔβαν γέας ἀμφιελίσσας ἀμφ' Ὀδυσῆα ἄνακτα δαΐφρονα, ποικιλομήτην, αὐτίς ἐπ' Ἀτρεΐδῃ Ἀγαμέμνονι ἦρα φέροντες</u> (III, vv.159 -162) “alguns, encabeçados por teu pai sutil, volveram a rápida carena ao ponto de partida, para a alegria de Agamêmnon, rei dos reis.”	Durante o discurso de Nestor à Telêmaco, aquele relaciona o regresso de Odisseu à vontades dos deuses. Nem o ardil de Odisseu foi capaz de superar o de Zeus. Assim o ardil é usado contra a vontade dos deuses.

	Mar / Navegação	Local e prática perigosa	πόντος δέ οἱ οὐ τιν' ἀπήυρα (III, vv.192) “Não houve baixas no alto mar”	Nestor expõe à Telêmaco as notícias sobre os sobreviventes do regresso de Tróia. Esta passagem refere-se a Idomeneu, de Creta.
Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
Odisseia (HOMERO. Odisseia. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012)	Navegação	Perigo	ἐφράσατο, λιγέων δ' ἀνέμων ἐπ' ἀυτιμένα χειδε, κύματά τε τροφέοντο πελώρια, ἴσα ὄρεσσιν. (III, vv. 289-291) “ressopando o vento rumoroso, ondeando o mar inchado, símile aos montes. Alguns batéis dispersos atingiram Creta”	O retorno de Menelau, segundo as palavras de Nestor. Apresentando o traçado usado por Menelau, Nestor expõe a navegação como algo que infere perigo constante aos navegadores, passando por caminhos tortuosos e acidentes iminentes.
	Mar	Tenebroso	ἔστι δέ τις λισσῆ αἰπεῖά τε εἰς ἄλα πέτρῃ ἐσχατιῇ Γόρτυνος ἐν ἠεροειδέι πόντῳ (III, vv. 293-294) “no fosco mar, no ponto extremo onde está Górtina, aflora o pico alcantil sem vinco”	Narração de Nestor sobre o retorno de Menelau e suas naus de Tróia.
	Mar	Nebuloso	ὡς ἔφατ', αὐτὰρ ἐμοί γε κατεκλάσθη φίλον ἦτορ, οὐνεκά μ' αὐτίς ἄνωγεν ἐπ' ἠεροειδέα πόντον Αἴγυπτόνδ' ἰέναι, δολιγὴν ὁδὸν ἀργαλέην τε (IV, vv. 481-483)	Menelau discursa à Telêmaco sobre seu regresso de Tróia, abordando a necessidade de seu retorno ao Egito para providenciar uma hecatombe

			“Sua fala oprime o coração, pois deveria me sujeitar de novo ao turvo mar talásseo do Egito, senda perlongada e pesarosa.”	em honra a Zeus. Isto lhe permitiria o retorno à Esparta, sua casa.
Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
Odisseia (HOMERO. Odisseia. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012)	Nautai	Valor de honra	κοῦροι δ', οἱ κατὰ δῆμον ἀριστεύουσι μεθ' ἡμέας, οἱ οἱ ἔποντ' (IV, vv. 653-654)) “Seguem-no os rapazes mais brilhantes do país, excetuando nós”	Em Ítaca, os pretendentes de Penélope conversam sobre a recém-descoberta da viagem empreendida por Telêmaco à Pilos e à Esparta. Apontam, com isto, os navegantes que foram chamados por Mentor (Athena) como sendo os melhores dentre os cidadãos jovens.
	Mar	Esquecimento/ morte sem honra	οὐδέ τί μιν χρεὼ νηῶν ὠκυπόρων ἐπιβαινέμεν, αἶθ' ἄλως ἵπποι ἀνδράσι γίνονται, περὶ ὅσιν δὲ πουλὸν ἐφ' ὑγρήν. ἦ ἵνα μηδ' ὄνομόν ἐν ἀνθρώποισι λίπηται (IV, vv. 708-711) “Em nau veloz, cavalo salso marinho em plena imensidão aquosa, não carecia que zarpasse. O próprio nome quer que naufrague entre os humanos?”	O arauto Médon conta à Penélope sobre a empreitada de Telêmaco e a armadilha preparada pelos pretendentes, visando findar com a vida de seu filho.

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
<p>Odisseia</p> <p>(HOMERO. Odisseia. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012)</p>	<p>Mar e Palas Athená</p>	<p>Inter-relação</p>	<p><u>δεκάτω δὲ πόλιν πέρσαντες ἔβησαν οἴκαδ’</u>: <u>ἀτὰρ ἐν νόστῳ Ἀθηναίην ἀλίτοντο,</u> <u>ἢ σφιν ἐπῶρσ’ ἀνεμόν τε κακὸν καὶ κύματα μακρά.</u> <u>ἔνθ’ ἄλλοι μὲν πάντες ἀπέφθιθεν ἐσθλοὶ ἑταῖροι,</u> <u>τὸν δ’ ἄρα δεῦρ’ ἀνεμός τε φέρων καὶ κῦμα πέλασσε</u> (V, vv. 108-112) “Rasa a cidadela, ao décimo retornaram, mas Atena, ofensa na viagem, suscitai-lhes rajadas, vagalhões tremendos. Os sócios, todos eles valorosos, morrem, e o vendaval o cospe aqui, o mar o cospe.”</p>	<p>Pela ofensa para com a divindade palas Athena, os regressantes da Guerra de Tróia foram por ela punidos no mar. Podemos vislumbrar uma relação entre a divindade e o mar, já que atua diretamente sobre este.</p>

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
<p>Odisseia</p> <p>(HOMERO. Odisseia. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012)</p>	Mar	Indômito	<p><u>ἄλλ' ἐπεὶ οὐ πως ἔστι Διὸς νόον αἰγιόχοιο οὔτε παρεξελθεῖν ἄλλον θεὸν οὔθ' ἀλιῶσαι, ἔρρέτω, εἴ μιν κεῖνος ἐποτρύνει καὶ ἀνώγει,</u> <u>πόντον ἐπ' ἀτρύγετον: πέμψω δέ μιν οὐ πη ἐγώ γε:</u> <u>οὐ γάρ μοι πάρα νῆες ἐπήρεται καὶ ἑταῖροι, οἳ κέν μιν πέμπουσιν ἐπ' εὐρέα νῶτα θαλάσσης.</u> (V, vv. 138-143) “Mas como a decisão de Zeus não se transgride, tampouco é rasurável por um ente eterno, que torne o mar estéril mas sem meu auxílio, que não estou em condições de propiciá-lo, despossuída de navio remeiro e heróis que façam sua escolta em amplidorso oceânico.”</p>	Calipso fala resignada a Hermes sobre seu desgosto em permitir a partida de Odisseu. Acata, por fim, as ordens de Zeus.

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
Odisseia (HOMERO. Odisseia. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012)	Mar e Palas Athená	Intrínseca relação	<u>αὐτὰρ Ἀθηναίη κούρη Διὸς ἄλλ' ἐνόησεν.</u> <u>ἦ τοι τῶν ἄλλων ἀνέμων καταέδησε κελύθους,</u> <u>παύσασθαι δ' ἐκέλευσε καὶ ἐὺννηθῆναι ἅπαντας</u> (V, vv. 381-384) “A filha do Cronida, Palas, contudo, pensa diferente: impede a rota adicional dos ventos, manda que eles se acalmem e descansem.”	Ao notar a proximidade entre Odisseu a terra dos feáceos, Posidon castiga-lhe no mar, tornando-o inavegável e acertando-lhe com furiosos ventos e ondas. Findando o intento de matar Odisseu, Posidon se retira do cenário catastrófico. Athená intervém diretamente sobre as divindades marinhas, acalmando o mar.
	Navegação	Característica das naus	<u>νηυσὶ θοῆσιν τοί γε πεποιθότες ὠκείησι λαῖτμα μέγ' ἐκπερόωσιν, ἐπεὶ σφισι δῶκ' ἐνοσίχθων</u> (VII, vv. 34-35) “Confiados nos baixéis ágil-velozes, singram o mega-abismo, que o permite o Treme-terra”	Palas Athena, transfigurada de um jovem cidadão feáceo, conduz Odisseu ao palácio do rei Alcínoo. Na caminhada fala sobre a grande habilidade destes na navegação longe da costa. Assim, somente naus bojudas eram capazes de se distanciar do litoral, alcançando o ‘mar profundo’.

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
Odisseia (HOMERO. Odisseia. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012)	Mar	Divino	<u>ἀλλ' ἄγε νῆα μέλαιναν ἐρύσομεν εἰς ἄλα διὰν πρῶτόπλοον</u> (VIII, vv.34-35). “Lancemos no oceano cintilante a nave escura, protossingradora”	O rei Alcínoo fala aos feáceos, reunidos em assembleia, sobre o regresso do estrangeiro. Dada a constante relação entre o povo feáceo e o mar, atribuem-lhe o caráter de divinal.
	Mar	Malefícios	<u>οὐ γὰρ ἐγὼ γέ τί φημι κακῶτερον ἄλλο θαλάσσης ἄνδρα γε συγγεῦναι, εἰ καὶ μάλα καρτερὸς εἴη.</u> (VIII, vv. 139-140) “Ignoro se há labuta mais atroz que o mar para anular alguém, ainda que fortíssimo”	Laodamas – filho do rei Alcínoo – convida Odisseu a participar dos eventos esportivos. Elogia o porte físico do herói, mas considera que as dificuldades enfrentadas no mar poderiam ferir violentamente um homem e com isso tê-lo enfraquecido.
	Métis	Característica de Odisseu	<u>τὸν δ' ἀπαμειβόμενος προσέφη πολύμητις Ὀδυσσεύς</u> (IX, v. 1) “O herói plurissolerte disse-lhe em resposta”	O rei Alcínoo nota a emoção de Odisseu ao escutar o canto do aedo sobre a Guerra de Tróia. Com isto, Odisseu é pressionado pelo rei a se identificar.

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
<p>Odisseia</p> <p>(HOMERO. Odisseia. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012)</p>	<p>Navegação</p>	<p>Meio de ligação entre povos</p>	<p>οὐ γὰρ Κυκλώπεσσι νέες παρά μιλτοπάρηοι, οὐδ' ἄνδρες νηῶν ἐνὶ τέκτονας, οἳ κε κάμοιεν νῆας ἐυσσέλμους, αἶ κεν τελέοιεν ἕκαστα ἄστε' ἐπ' ἀνθρώπων ἰκνεύμεναι, οἷά τε πολλὰ ἄνδρες ἐπ' ἀλλήλους νηυσὶν περόωσι θάλασσαν: (IX, vv. 125-129)</p> <p>“Os Olhicirculares não tem naus de mínia fronte, nem carpinteiros hábeis em navios que lhes permitam concluir seus afazeres em urbes habitadas, como soem agir, uns com os outros, homens nos baixéis oceânicos”</p>	<p>A navegação constrói ligações fraternas entre os povos “civilizados”. Através da navegação, os homens das póleis podem comercializar seus produtos com póleis distantes.</p>

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
<p>Odisseia</p> <p>(HOMERO. Odisseia. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012)</p>	Métis	Valor positivo (salvar companheiros)	<p>ὡς φάτο πειράζων, ἐμὲ δ' οὐ λάθην εἰδότα πολλά, ἀλλὰ μιν ἄψορρον προσέφη δολίοις ἐπέεσσι (IX, vv 281-282)</p> <p>“Quis me testar, mas eu não sou ingênuo; dolo foi o que motivou minha resposta”</p>	<p>Odiseu percebe as más intenções nas palavras do Ciclope, já que este busca saber se ainda há outros homens em naus ancoradas. Astutamente, o herói ludibria o questionador com história de naufrágio.</p>

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
<p>Odisseia</p> <p>(HOMERO. Odisseia. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012)</p>	Métis	Valor positivo (salvar companheiros)	<p>εἶ πως τισαίμην, δοίη δέ μοι εὖχος Ἀθήνη. ἦδε δέ μοι κατὰ θυμὸν ἀρίστη φαίνεται βουλή. (IX, vv. 317-318) “queria vingar-me, caso Atena me ajudasse. E o plano que me pareceu melhor foi este”</p> <p>πάντας δὲ δόλους καὶ μῆτιν ὕφαινον ὥς τε περὶ ψυχῆς (IX, vv. 421-423) “Entretecia múltiplas estratégias, como sói ser quando o sopro da alma corre risco”</p> <p>ὕστατος ἀρνειὸς μῆλων ἔσται γε θύραζε λάχνῳ στεινόμενος καὶ ἐμοὶ πυκινὰ φρονέοντι (IX, vv. 444-445) “Pesado da lanugem e de mim imerso em pensamento, avança o último carneiro”</p>	<p>Odisseu trama rapidamente uma estratégia para fugir da caverna do Cíclope: feriria o gigante no olho, cegando-o. Sua astúcia livraria seus companheiros e a si mesmo da morte.</p>

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
<p>Odisseia</p> <p>(HOMERO. Odisseia. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012)</p>	Métis	Valor positivo (salvar-se de represálias)	<p><u>Κύκλωψ, εἰρωτᾶς μ' ὄνομα κλυτόν, αὐτὰρ ἐγὼ τοι ἔξερέω: σὺ δέ μοι δὸς ξείνιον, ὡς περ ὑπέστης. Οὐτίς ἐμοί γ' ὄνομα: Οὐτὶν δ' ἐ με κικλήσκουσι μήτηρ ἠδὲ πατὴρ ἠδ' ἄλλοι πάντες ἑταῖροι</u> (IX, vv. 364-370) “Ciclope, queres conhecer meu renomado nome? Eu te direi e, em troca, receberei de ti o dom que cabe ao hóspede: Ninguém me denomino. Minha mãe, meu pai, sócios, não há quem não me chame de ninguém.”</p> <p><u>ὡς ἄρ' ἔφραν ἀπιόντες, ἐμὸν δ' ἐγέλασσε φίλον κῆρ, ὡς ὄνομ' ἐξαπάτησεν ἐμὸν καὶ μήτις ἀμύμων.</u> (IX, vv. 413-414). “Partiram, tendo dito. Ri meu coração, pois meu nome o enganara, e minha astúcia”</p>	Em outra ação astuta, Odisseu diz-se chamar Ninguém. Com isto, evitaria possíveis vinganças.

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
<p>Odisseia</p> <p>(HOMERO. Odisseia. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012)</p>	Métis	Característica de odisseu	<p>διογενὲς Λαερτιάδη, πολυμήχαν' Ὀδυσσεῦ (X, v. 401) “Divo Odisseu Laércio, multimaquinoso”</p> <p>διογενὲς Λαερτιάδη, πολυμήχαν' Ὀδυσσεῦ (X,v v.455- 456) “Laércio, prole divina, plurimaquinoso”</p> <p>διογενὲς Λαερτιάδη, πολυμήχαν' Ὀδυσσεῦ (X, vv. 503-504) “Divino odisseu, filho de Laerte, multiastuto”</p>	<p>Circe fala a Odisseu, atribuindo-lhe a posse da métis. Devido as muitas astúcias, Odisseu possui como epíteto a designação polimétis. Associado a esta métis, há o caráter divinal. A fórmula dos versos são idênticos.</p>

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
<p>Odisseia</p> <p>(HOMERO. Odisseia. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012)</p>	Métis	Característica de Odisseu	<p>διογενὲς Λαερτιάδη, πολυμήχαν' Ὀδυσσεῦ (XI, vv. 59-60) “Divino herói Laércio, plurimaquinoso”</p> <p>διογενὲς Λαερτιάδη, πολυμήχαν' Ὀδυσσεῦ (XI, v. 92) “Poliarguto Odisseu, divino Laértiade”</p> <p>διογενὲς Λαερτιάδη, πολυμήχαν' Ὀδυσσεῦ (XI, vv. 403- 404) “Divo Laércio, Odisseu plurimaquinoso”</p> <p>διογενὲς Λαερτιάδη, πολυμήχαν' Ὀδυσσεῦ, σκέτλιε, τίπτ' ἔτι μεῖζον ἐνὶ φρεσὶ μήσεαι ἔργον; (XI, vv.472-474). “Odisseu divino, Laércio multissinuoso e temerário, que empresa mais audaz pudeste cogitar”</p>	<p>No momento da libação do sangue dos animais, inúmeras sombras de falecidos se colocaram perante Odisseu. Entre eles o nauta Elpenor, o sábio Tirésias, Agamemnon, Aquiles e Hércules. A invocação feita à astúcia e à divindade de Odisseu é a mesma, repetindo-se.</p>

			<p>διογενὲς Λαερτιάδη, πολυμήχαν' Ὀδυσσεῦ (XI, vv .616-617) “Laércio multiastuto, divino herói!”</p>	
--	--	--	--	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
<p>Odisseia</p> <p>(HOMERO. Odisseia. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012)</p>	Métis	Atitude arriscada	<p>” Σειρήνων μὲν πρῶτον ἀνώγει θεσπεσιάων φθόγγον ἀλεύασθαι καὶ λειμῶν’ ἀνθεμόεντα. οἶον ἔμ’ ἠνώγει ὅπ’ ἀκουέμεν: ἀλλὰ με δεσμῶ δῆσατ’ ἐν ἀργαλέω, ὄφρ’ ἔμπεδον αὐτόθι μίμνω, ὀρθὸν ἐν ἱστοπέδῃ, ἐκ δ’ αὐτοῦ πείρατ’ ἀνήφθω. εἰ δέ κε λίσσωμαι ὑμέας λῦσαι τε κελεύω, ὑμεῖς δὲ πλεόνεσσι τότε ἐν δεσμοῖσι πιέζειν. (XII vv. 158-165).</p> <p>“Antes de tudo exorta-nos a evitar a campina florescente e o canto das divinas Sereias. Devo ouvir sozinho o tom de sua voz. Prendei-me com calabres firmes, rente à carlinga, em nó inextrincável. Se eu implorar, se eu ordenar que desateis cordames, deveis cingi-los mais e mais</p>	<p>Partindo da ilha Eéia, Odisseu fala do obstáculo ao retorno à Ítaca aos seus companheiros, apresentando-lhes o desafio das Sereias e como deverão proceder para que ele possa escutar o canto desses seres. o navio consegue atravessar firme o mar e os remadores conduzem todos à segurança.</p>

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
Odisseia (HOMERO. Odisseia. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012)	Navegação	Habilidade	οἱ δὲ πρὸς ἀλλήλους ἔπεα πτερόεντι ἄγορευον Φαίηκες ὀλιγήμετοι, ναυσίκλυτοι ἄνδρες. (XIII, vv. 165-166) “Palavras-asas intercambiavam feácios longirremeiros, nautas-ínclitos”	O aedo atribui aos feáceos as habilidades da navegação, sendo estes grandes nautai e conhecedores da navegação.
	Navegação	Embate entre o navegante e o mar	τῆς εἵνεκ' ἐγὼ πάθον ἄλγεα θυμῶ, ἀνδρῶν τε πτολέμους ἀλεγείνα τε κύματα πείρων (XIII, vv.264-265) “mar adverso superando e, em guerra, os inimigos”	Ardilosamente Odisseu cria uma história para não ser reconhecido pelo jovem que guarda rebanhos. Tal jovem é a deusa Palas Athená transfigurada.
	Métis	Característica da personagem	διογενὲς Λαερτιάδη, πολυμήχαν' Ὀδυσσεῦ (XIII, vv.374-375) “Filho divino de Laerte, Odisseu arguto”	Palas Athená fala sobre os artífices que serão utilizados por Odisseu, métodos necessários para reaver seus pertences e destruir os pretendentes de sua esposa, Penélope.

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
<p>Odisseia</p> <p>(HOMERO. Odisseia. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012)</p>	<p>Navegação</p>	<p>Observação da natureza</p>	<p>ἑβδομάτη δ' ἀναβάντες ἀπὸ Κρήτης εὐρείης ἐπλέομεν Βορρὴν ἀνέμῳ ἀκραίῃ καλῷ ῥηϊδίῳ, ὡς εἶ τε κατὰ ῥόον: οὐδέ τις οὖν μοι νηῶν πημάνθη, ἀλλ' ἀσκηθέες καὶ ἄνουσοι ἤμεθα, τὰς δ' ἄνεμός τε κυβερνῆταί τ' ἴθουν. (XIV, vv. 253-257)</p> <p>“Ao sétimo, embarcamos e zarpamos da ampla Creta, potente e belo Bóreas ressoando fácil, qual fôramos na correnteza: o rol das naves nada padeceu, tampouco nós, sentados. Guiavam-nos piloto e brisa”</p>	<p>Odisseu, astucioso, não revela sua identidade ao porqueiro Eumeu. Cria uma história para que seu nome e suas pejeas não se tornem em conhecimento do criador de porcos.</p>

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
Odisseia (HOMERO. Odisseia. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012)	Navegação	Atuação de Palas Athená	<u>τοῖσιν δ' ἴκμενον οὐρον ἴει γλαυκῶπις Ἀθήνη, λάβρον ἐπαιγίζοντα δι' αἰθέρος, ὄφρα τάχιστα νηῦς ἀνύσειε θέουσα θαλάσσης ἄλμυρόν ὕδωρ</u> (XV, vv. 292-294) “Atena olhos-azuis insufla um vento próprio, penetrando impetuoso no éter: que o baixel cruzasse velozmente o mar salino.”	O jovem Telêmaco permite a entrada do estrangeiro Teoclímeno em sua nau, partindo veloz em seguida.
	Métis	Característica da personagem	<u>διογενὲς Λαερτιάδῃ, πολυμήχαν' Ὀδυσσεῦ.</u> (XVI, vv. 166-167) “Laércio divino, herói multiastucioso”	Palas Athená fala a Odisseu, na casa do porqueiro Eumeu.

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
Odisseia (HOMERO. Odisseia. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012)	Navegação	Comércio marítimo como malefício	<u>γαστέρα δ' οὐ πως ἔστιν ἀποκρύψαι</u> <u>μεμαῖαν, οὐλομένην, ἣ πολλὰ κάκ' ἀνθρώποισι</u> <u>δίδωσι, τῆς ἔνεκεν καὶ νῆες ἐϋζυγοὶ</u> <u>ὀπλίζονται πόντον ἐπ' ἀτρύγετον, κακὰ</u> <u>δυσμενέεσσι φέρουσαι.</u> (XVII, vv.286-289) “Não se pode ocultar o ventre e seus reclamos, ventre funesto, que aos mortais só causa dor. Navios de traves sólidas, por causa dele, se armam e aterrorizam no oceano infértil”	Odisseu aponta ao porqueiro que é experiente nas práticas do mar e da guerra. Assim, permanece fora do banquete dos pretendentes, apontando a necessidade de esquecer-se da própria fome.
	Métis	Característica de Odisseu	<u>πολύμητις Ὀδυσσεύς</u> (XVIII, v. 312) “pluri-inteligente [Odisseu]”	Odisseu, transfigurado como mendigo, busca informações de fidelidade entre as escravas de seu palácio.
	Métis	Valor positivo	<u>τὸν δ' ἀπαμειβόμενος προσέφη</u> <u>πολύμητις Ὀδυσσεύς:</u> (XVIII, v. 365) “E o herói pleniardiloso respondeu assim”	O pretendente Eurímaco debocha de Odisseu – na forma de um pedinte –, apontando sua inutilidade ao trabalho. É com sabedoria que Odisseu responde ao pretendente.

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
Odisseia (HOMERO. Odisseia. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2012)	Métis	Característica de Odisseu	τοῖς δὲ δολοφρονέων μετέφη πολύμητις Ὀδυσσεύς : (XXI, vv. 273-274). “O plurissolerte itácio, curvirreflexivo, disse”	Odisseu percebe o momento oportuno para iniciar sua vingança contra os pretendentes, que usaram de modo abusivo seus bens enquanto não regressava.
	Métis	Característica de Odisseu	τὸν δ' ἄρ' ὑπόδρα ἰδὼν προσέφη πολύμητις Ὀδυσσεύς : (XXII, v. 60) “Olho torvo, Odisseu multiastucioso increpa”	Momento em que os pretendentes são mortos por Odisseu, Telêmaco, o porqueiro e o boiadeiro. Na sala de banquete do palácio de Ítaca, os pretendentes são mortos a flechadas e golpes de lança e espada. Nesta matança, a vingança de Odisseu é concluída.
	Métis	Característica de Odisseu	τὸν δ' ἀπαμειβόμενος προσέφη πολύμητις Ὀδυσσεύς : (XXIV, v. 356) “E Odisseu rebateu, heróipleniastucioso”	Odisseu revela-se ao pai, Laertes. Preocupado ao saber dos assassinatos que o filho cometeu contra os pretendentes, Odisseu procura tranquiliza-lo.

Obra	Objeto	Atribuição	Nomes/adjetivos
Les Travaux et les jours (HÉSIODE. Texte établi et traduit Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1993.)	Navegação	Periculosidade	ναυτίλης δυσπεμφέλου (v. 618) “perigosa navegação”
Trabalhos e dias (HESÍODO. Introdução, tradução e notas de Ana Elias Pinheiro e de José Ribeiro Ferreira. Lisboa:	Mar	Sombrio/oscuro	ἠεροειδέα πόντον (v. 620) “mar sombrio”

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005)			
	Navegação	Comércio lucrativo	<p>ἐν δέ τε φόρτον ἄρμενον ἐντύνασθαι, ἴν' οἴκαδε κέρδος ἄρῃαι, ὡς περ ἐμός τε πατήρ καὶ σός (vv. 631-32) “Então arrasta a rápida nau para o mar e nela coloca/ A carga adequada, para que regreses a casa com lucro”</p> <p>μείζων μὲν φόρτος, μείζων δ' ἐπὶ κέρδει κέρδος ἔσσειται (v.644) “Quanto maior ela [nau] for, maior o lucro sobre o lucro”</p>

Obra	Objeto	Atribuição	Nomes/adjetivos
<p>Les Travaux et les jours (HÉSIODE. Texte établi et traduit Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1993.)</p> <p>Trabalhos e dias (HESÍODO. Introdução, tradução e</p>	Mar	Propício à navegação	<p>ἡματα πενήκοντα μετὰ τροπὰς ἡελίοιο (...) ώραῖος πέλεται θνητοῖς πλόος (...) τῆμος δ' εὐκρινέες τ' αὔραι καὶ πό</p> <p>670)</p> <p>“Cinquenta dias depois do volver do sol (...) propícia se apresenta a navegação aos mortais (...) Nessa época são r sem perigo”</p>

notas de Ana Elias Pinheiro e de José Ribeiro Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005)	Mar	Desfavorável à navegação	<p>σπεύδειν δ' ὅτι τάχιστα πάλιν οἰκόνδε νέεσθαι: μηδὲ μένειν οἶνόν τε νέον καὶ ὀπωρινὸν ὄμβρον καὶ χειμῶν' ἐπιό ᾧστ' ᾠρινε θάλασσαν ὀμαρτήσας Διὸς μβρω πολλῶ ὀπωρινῶ, χαλεπὸν δέ τε πόντον ἔθηκεν (vv. 673-77)</p> <p>“Apressa-te, porém, a regressar de novo a casa, rápido, / e não esperes o vinho novo e as chuvas de outono, / terríveis rajadas de Noto, / que revolve as ondas e que, acompanhando a chuva de Zeus, / abundante no outono, to</p>
--	-----	--------------------------	---

Obra	Objeto	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
------	--------	------------	-----------------	----------

<p>Les Travaux et les jours (HÉSIODE. Texte établi et traduit Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1993.)</p> <p>Trabalhos e dias (HESÍODO. Introdução, tradução e notas de Ana Elias Pinheiro e de José Ribeiro</p>	Mar	Morte glória	sem	<p>δεινὸν δ' ἐστὶ θανεῖν μετὰ κύμασιν (v. 687) “E é horrível morrer entre as ondas”</p> <p>Alerta sobre a navegação no período da primavera, apontando que este não é um período propício aos sensatos, já que arrisca-se a própria vida nesta navegação. A navegação não vale a vida do indivíduo. Com isto, morrer torna-se um risco constante. Morrer desta forma não é algo válido, honroso ao homem.</p>
--	-----	-----------------	-----	---

Ferreira. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2005)	Mar	Instabilidade	<p><u>ἀλλὰ πλέω λείπειν, τὰ δὲ μείονα φορτίζεσθαι. δεινὸν γὰρ πόντου μετὰ κύμασι πῆματι κύρσαι.</u> (vv. 689-91)</p> <p>“Não ponhas nas côncavas naus todos os teus haveres, mas deixa a maior parte e embarca a pequena porção, pois é duro encontrar a ruína sobre as ondas do mar”</p>	Ao navegador é imprescindível possuir cautela, pois o mar é algo inconstante e instável. Disto desprende-se a ideia de risco ao embarcar com as posses de um indivíduo, sejam elas o comércio ou os próprios bens.
---	-----	---------------	---	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
------	------	------------	-----------------	----------

<p>Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I</p> <p>(Arquíloco IN: Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I (Siglos VII-V a.C) . 3 ed. [TRAD] Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.)</p>	Mar	Incerteza	<p>polla\ d' e)uploka/mou polih=j a(lo\j e)n pela/gessi qessa/menoi gluker\n no/ston (4) “Pedindo muitas vezes o retorno suave a de bela cabeleira no simples mar espumoso.”</p>	<p>Arquíloco refere-se a morte dos irmãos e companheiros de Péricles no mar. Ainda que rogassem por regresso tranqüilo, o mar destruiu os navegantes.</p>
	Mar	Ausência de rituais fúnebres	<p>ei) kei/nou kefalh\n kai\ xari/enta me/lea (/Hfaistoj kaqaroi=sin e)n ei(/masin a)mfeponh/qh / kru/ptwmen d' a\nihra\ Poseida/wnoj a)/naktoj dw=ra (5 – 6) “Se Hefesto tivesse envolvido em seu vestido a cabeça e os membros dele./ Oculta os dolorosos presentes do Senhor Poseidon.”</p>	<p>Não é possível conceder as honras fúnebres aos mortos no mar. Posidon oculta a dor aos parentes, já que não poderiam ver os corpos sendo queimados na “chama de Hefestos”.</p>

	Nautai	Habilidade	tri/ainan e)sqlo/j kai\ kubernh/thj sofo/j (v. 112) “prático no manejo do tridente e hábil piloto.”	O autor trata dos navegantes que enfrentaram as dificuldades impostas pelas tempestades. Posidon cria tais ventos e também guia as naus.
Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I (Arquíloco IN: Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I (Siglos VII-V a.C) .3 ed. [TRAD] Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suerior de investigaciones científicas, 1990.)	Mar	Vasto	nhi\ sun s[m]likrh= me/gan pó/nton perh/]saj h)/lqes e)k Gortuni/hj (v. 124) “com uma pequena embarcação atravessando o vasto mar chegaste desde a região de Gortina”	Nesta passagem Arquíloco narra a viagem marítima de Mirmex até a região de Gortina.
	Mar	Tristeza/ Morte	n e)st’ a)mhxa/nh a)ll’ au)k a)\n a(p)l[w=]j ou(/tin’ eu(roi/mhn e)gw/ xará\n e)/t’ ei)/ s]e ku=m’ a(lo\s kate/klusen h)\ th=l’ e(tai/r)wn xers\in ai)xmhte/wn u(/pó (v. 124) “Mas não haveria nenhuma alegria se as ondas do mar	Arquíloco aponta ideias sobre a possibilidade da morte de Mirmex no mar

			lhe tivessem submergido longe dos amigos, ou pelas mãos dos inimigos.”	
--	--	--	--	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I (Arquíloco IN: Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I (Siglos VII-V a.C) .3 ed. [TRAD] Francisco R.	Mar	Medo	Glau=k' a)/ra: baqu\j ga\r h)/dh ku/masin tara/ssetai pó/ntoj, a)mfi\ d' a)/kra Gure/wn o)rqo\n i(/statai ne/fos, sh=ma xeimo/noj: Kixa/nei d' e)z a)elpti/hj	Arquíloco narra a provável viagem que fez com Glauco à Tasos. Nesta passagem, expõe o medo que o mar proporciona aos que navegam.

Adrados. Madrid: Consejo superior de investigaciones científicas, 1990.)			fo/boj: (v.163) “Veja, Glauco: o mar profundo é agitado pelas ondas e nas alturas das montanhas Gira fica uma larga nuvem, um sinal de tempestade, de forma inesperada surpreende-nos medo.”	
--	--	--	---	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
-------------	-------------	-------------------	------------------------	-----------------

<p>Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I</p> <p>(Arquíloco IN: Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I (Siglos VII-V a.C) .3 ed. [TRAD] Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.)</p>	Nautai	Necessidade de habilidades	<p>fe/rontai nh=ej e)n pó/ntw goai/ ... pollo\n d' i(sti/wn u(fw/meqa ... luúsan)tesj o(/pla nho/j, ou)ri/hn d' e)/xe ... i)kme/nhn sa/ou q' e/tai/rouj, a)/fra se/o memnw/ meqa. ... fo/bon d' a)/pisxe, mhde\ tou=ton e)mba/lh j, ku=ma ... deino\n i(/statai kukw/menon ... mhj, a)lla\ su\ promh/qesai ... umos (v.163)</p> <p>“as rápidas naus avançam no mar ... carreguemos o ... grande número de velas ... afrouxando as cordas da nau; reflete um vento favorável e poupa nossos companheiros, para que possamos lembrar de você ... afasta o medo e não conte a ninguém... uma terrível onda sobe girando ... Tome cuidado ... o valor ...”</p>	<p>Esta passagem apresenta a ideia de que para vencer o mar em meio a tempestade é fundamental ter o conhecimento e as habilidades de um navegante.</p>
---	--------	----------------------------	--	---

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
<p>Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I</p> <p>(Arquíloco IN: Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I (Siglos VII-V a.C) .3 ed. [TRAD] Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suerior de investigaciones científicas, 1990.)</p>	Navegação	Uso na guerra	<p>ἄμφικαπνισίν ναυσίν, ὀζειραὶ δὲ δίπλῳ, αὐαῖνεταί δὲ (v.203)</p> <p>“rodearam de fumaça ... com os naus e os agudos (gritos de guerra</p>	<p>Narração sobre a guerra entre Paros e Naxos. Em dada passagem, Arquíloco remete-se ao ataque efetivado pelos naxios, que teriam utilizado as naus para cercar o litoral e desembarcar mais guerreiros para a guerra.</p>

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
<p>Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I</p> <p>(Semónides IN: Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I (Siglos VII-V a.C) . 3 ed. [TRAD] Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.)</p>	Mar	Local de morte	<p>Oi(\ d' e)n qala/ssh lai/lapi kloneu/menoi kai\ ku/masin polloi=si porfurh=j a(lo/j qnh/ skousin, eu)=t' a)\n mh\ dunh/swntaui co/ein. (2, vv.15-19)</p> <p>“Outros perecem no mar sob o ataque da tempestade e de inúmeras ondas do ponto espumante quando eles não podem continuar a viver.”</p>	<p>Semônides aborda a questão da morte como algo inevitável pelos mortais. Com isto, passa a descrever a morte no mar.</p>
	Mar	Instável	<p>Th\n d' e)k qala/sshj, n(\ du/' e)n fresi/n noei=: th\n me\n te kai\ ge/ghqen h(me/rhn: e0painh/sei min ze=noj e)n do/mois' i)dw/n: 'ou)k e)/stin a)/llh th=sde lwi/wn gunh/ e)n pa=sin a)nqrw/poisin</p>	<p>O autor “classifica” as mulheres, comparando suas características a de outros animais. Neste caso específico, à mulher são atribuídas representações que remeteriam às características do mar. Com isto, a “mulher-mar” é representada como instável, as vezes tranqüila, em outras perigosa.</p>

		<p>ou)de/ kalli/wn:' th\n d' ou)k a)nekto\j aou)d' e)n o)fqamoi=o' i)dei=n ou)/t' a)=sson e)lqei-n, a)lla\ mai/netai to/te a)/plhton w(/sper a)mpi\ te/knoisin ku/wn, a)mei/lixoj de\ pa=si kapoqumi/n e)xqroi=sin i)=sa kai\ fi/loisi gi/gnetai: w(/sper qa/lassa polla/kij me\n a)tremh/j e(/sthk' a)ph/mwn xá/rma nau/th sin me/ga qe/reoj e)n w(/rh , polla/kis de\ mai/netai baruktu/poisi ku/masin foreume/nh: (8, vv. 28 – 41) “A outra foi criada a partir do mar, que tem duas maneiras de se comportar: um dia ri e é feliz; um</p>	
--	--	--	--

			hóspede que a veja em sua casa, faria elogios dela: ‘Não existe na terra outra mulher melhor nem mais bela que esta’. Mas em outros dias não se pode olhá-la ou se aproximar dela, como uma cadela que defende seus cachorros e se volta áspera e enraivecida para todos, tanto para seus inimigos como para seus amigos; como o mar muitas vezes na temporada de verão ainda não oferece risco – alegria grande para os navegantes –, mas muitas outras vezes enlouquece, fustigada por ondas de rugido abafado.”	
Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I (Sólon IN: Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I (Siglos VII-V a.C) . 3 ed. [TRAD])	Mar	Estéril	w(/st’ a)/nemos nefe/laj ai)=ya dieske/dasen n)rino/j, o)\j pó/ntou poluku/monos a)truge/toio puqme/na kinh/saj (1, vv. 18-20)	Sólon aponta que rapidamente Zeus modifica as nuvens e os ventos, revolvendo o mar. Com igual rapidez, o mar pode causar infortúnio aos homens. Com isto, as “nuvens”, isto é, o clima, pode trazer prosperidade ou desastres.

Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.)			“do mesmo modo que as nuvens são dispersadas no breve espaço do mar estéril, abundante em ondas.”	
	Nautai	Ganancioso e descuidado com a vida	o(\ me\n kata\ pó/nton a)la=tai e)n nhusi\ xrh/ zwn oi)/kade ke/rdos a)/gein i)xquo/ent' a)ne/moisi foreu/menos a)rgale/oisin, feidwlh\n fuxh=j ou)demi/an qe/menos: (1, vv. 44-46) “um, desejoso de levar à sua casa a ganância, percorre com as naus o mar cheio de peixes, empurrado por ventos e tempestades e não se importa com sua vida.”	O autor descreve o trabalho da “gente comum” (em oposição aos αγατοί). Assim caracteriza o navegante como aquele que busca enriquecimento sem medida, arriscando a própria vida.

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
-------------	-------------	-------------------	------------------------	-----------------

<p>Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I</p> <p>(Sólón IN: Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos I (Siglos VII-V a.C) . 3 ed. [TRAD] Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.)</p>	Navegação	Dor e sofrimento	Gignw/skw – kaí moi freno\j e)/ndogen a)/lgea kei=tai – presbuta/thn e)sorw=n gai=an)Iaoni/aj klinome/nhn (4, vv. 1-2) “Dentro de meu coração há uma grande dor ao ver a mais antiga terra da Jônia que naufraga (...)”	Ao falar da crise que assola a cidade (stásis) e da falta de eunomia, Sólon faz uma alusão à questão da navegação. Como um barco que naufraga, assim é a metáfora utilizada pelo autor para abordar a crise ateniense.
	Mar	Instável	e)c a)ne/mwn de\ qa/lassa tara/ssetai: h)\n de/ tij au)th/n mh\ kinh= , pa/ntwn e)sti\ dikaiota/th. (9) “O mar é embravecido pelos ventos; porém se não se altera, é a mais tranquila de todas as coisas.”	Sólón aponta a instabilidade do mar, comparando-o a outras instabilidades da cidade nos versos seguintes.

Obra	Objeto	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
<p>Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos II</p> <p>(Teognis IN: Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos II (Siglos VII-V a.C) . 3 ed. [TRAD] Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.)</p>	Mar	Malefício ao corpo do indivíduo	<p>ku/mati placo/menos (115, v. 1)</p> <p>“lançado de um lado a outro pelas ondas”</p> <p>E)k de\ tou= xno/ou fuki/a pó/ll’ e)pixe/oi, krote/oi d’ o)do/ntas w(j ku/wn e)pi\ sto/ma kei/menoj a)kroi/h (115, vv. 5-10)</p> <p>“E que ao sair da espuma marinha vomite muitas algas e bata com os dentes pelo rigor do clima (...) açoitado pelas ondas”</p>	O poeta faz um pedido de castigo a um inimigo. Perder-se em meio as ondas é parte desta maldição.
	Mar	Habitat de monstros	<p>th\n pontoxa/rubdin, th\n e)ggartrima/xairan, o(\j e)sqi/ei ou) kata\ ko/smon (135, vv. 1-2)</p> <p>“Caríbdis marinho, cujo estômago é uma faca e come sem ordem ou medida”</p>	Caríbdis é um monstro marinho que habita as profundezas do mar. O monstro é devorador de tudo, podendo nos remeter aos perigos enfrentados no mar.
	Mar	Relacionado ao cenário de morte	<p>e)/nnep’ o(/pwj yhfi=di kako\s kako\n oi)=ton o)/lhtai boulh= dhmosih para\ qi=n’</p>	O autor faz referência a morte por apedrejamento junto a beira do mar. O mar completa a cena de uma morte com caráter

			a(lo\j a)truge/toio (135, vv. 3-4) “diga-me o modo para que ‘esse infame’ morra de uma maneira infame, apedrejado por decisão conjunta das pessoas às margens do mar estéril”	negativo, infame, com esterilidade.
--	--	--	--	-------------------------------------

Obra	Objeto	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
<p>Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos II</p> <p>(Teognis IN: Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos II (Siglos VII-V a.C) . 3 ed. [TRAD] Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.)</p>	Mar	Local de obtenção de alimentos	<p>Ei)=ta d’ e)Sri\n e)k qala/sshj qu/nnoj ou) brw=ma, a)lla\ pa=sin i)xqu/essin e)mpreph\j e)n muttwtw= . (5, vv. 7-8)</p> <p>“Além disso, há um petisco do mar que não é mau, atum, que com mitoto é superior a todos os peixes”</p>	<p>Ao escrever sobre os bons alimentos com relação a estação do ano, o autor aponta que há a possibilidade de se alimentar de pescados. Assim, afirma que não é mau fazê-lo, isto é, a alimentação marinha é aceita como boa refeição.</p>

Obra	Objeto	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos II (Teognis IN: Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos II (Siglos VII-V a.C) . 3 ed. [TRAD] Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.)	Mar	Misterioso	gh/qhsen de\ baqu\j pó/ntoj a(lo\s polih=j. (I, v.10) “E se regozijou o profundo abismo do mar espumoso”	A referência feita ao mar pode denotar o sentido de grandiosidades e mistérios ali presentes ou, de um modo mais negativo, os segredos ocultados pelo mar.
	Navegação	Carregamento/quantidade/ espaço	ou(\j nau=j mh\ mi/a pa/ntaj a)/goi (I, v. 85) “por em cima do que pode transportar um só barco”	Para demonstrar os poucos homens que não são facilmente levados pelo desejo de lucro, usa a imagem do barco mostrando que não chegaria a enchê-lo com esses homens.
	Mar	Improdutivo	i)=son kai\ spei/rein po/nton a(lo\j polih=j. Ou)/te ga\r a)\n po/nton spei/rwn baqu\lh/i+on a)mw= j (I, vv. 106-	Usa metáfora para mostrar que não há retribuição de coisas boas feitas a pessoas vis. O mar é improdutivo para a

			107) “é igual a plantar nas águas do mar espumoso. Porque nem colherás uma grande colheita se semeia no mar”	colheita.
--	--	--	---	-----------

Obra	Objeto	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos II (Teognis IN: Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos II (Siglos VII-V a.C) . 3 ed. [TRAD] Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.)	Navegação	Fuga da pobreza	h(\n dh\ xrh\ feu/gonta kai\ megakh/tea po/nton r(iptei=n kai\ petre/wn, Ku/rne, kat’ h)liba/twn. (I, vv. 174-176) “Para fugir dela [pobreza] há que lançar-se ao mar, povoado de monstros, ou atirar-se do alto de escarpadas rochas”	Para fugir da pobreza há duas possibilidades: tornar-se um navegador, e correr perigos, ou suicidar-se.
	Navegação	Fuga da pobreza	Xrh\ ga\r o(mw=j e)pi\ gh=n te kai\ eu)re/anw=ta qala/sshj di/chsqai xaleph=j, Ku/rne, lu/sin peni/hj. (I, vv. 179-180) “Há que se buscar, oh Cirno, a libertação da cruel pobreza o mesmo sobre a terra do que as amplas costas do mar”	Visando sair da situação de pobreza, pode-se buscar, da mesma forma, trabalho na terra e no mar.

	Mar	Amplo	Soi\ me\n e)gw\ pte/r' e)/dwka, su\n oi=/j e)p' a)pei/rona pó/nton pwth/sh kai\ gh=n pa=san a)eiro/menoj r(hi+di/wj: (I, vv. 237-238) “Eu te dei asas com as quais você vai subir e você vai voar facilmente sobre o mar sem limites e sobre a terra toda”	Aponta a imensidão do mar.
--	-----	-------	--	-------------------------------

Obra	Objeto	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos II (Teognis IN: Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos II (Siglos VII-V a.C) . 3 ed. [TRAD] Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.)	Mar	Estéril	i)xquo/enta perw=n po/nton e)p' a)tru/geton (I, v. 248) “Cruzando o mar estéril, povoado de peixes”	Localidade entre as terras da Hélade em que não se pode cultivar, somente coletar peixes.
	Mar	Meio para se viajar	H)lqej dh/, Klea/riste, baqu\n dia\ pó/nton a)nu/ssaj, e)nqa/d' e)p' ou)de\n e)/xont', w)= ta/lan, ou)de\n e)/xwn. Nho/j toi pleurh= sin u(pó\ cuga\ qh/somen h(me-i-j, Klea/risq', oi/= ' e)/xomen xoi)=a	Chegada de um hóspede que usa o mar como meio para a viagem. No navio do hóspede foram colocados os presentes, como costume na tradição helênica

			<p>didou=si qeoi/ tw=n d' o)/ntwn ta)/rista pare/zomen. (I, vv. 511-515) “Chegaste, oh Clearisto, cruzando o mar profundo, ante eu que nada tenho, você que, o infeliz, nada tens. Nos lados de seu navio, embaixo do banco dos remadores, colocará, oh Clearisto, as coisas que tenho e que os deuses me outorgam.”</p>	
--	--	--	---	--

Obra	Objeto	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
<p>Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos II</p> <p>(Teognis IN: Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos II</p>	Navegação	Perigo	<p>ou(/neka nu=n fero/mesqa kaq' i(sti/a leuka\ balo/ntej Mhli/ou e)k pó/ntou nu/kta dia\ dnoferh/n: a)ntlei=n d' aou)k e)qe/lousin: u~9perba/llei de\ qa/lassa a)mfote/rwn toi/xwn: h\= ma/la tij</p>	<p>Metáfora que alude a vida miserável a um barco que navega por águas perigosas e desconhecidas. Da pobreza deve o homem tentar salvar-se.</p>

(Siglos VII-V a.C) . 3 ed. [TRAD] Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.)			xalepw-j sw/ cetai, oi(\ d' e(/rdusi: (I, vv.671-674) “que agora vamos a deriva com as brancas velas recolhidas, para além do mar de Melos, no meio da noite obscura; a tripulação não quer saltar na água, o mar se lança por cima de ambas as bordas e apenas é possível salvar-se”	
--	--	--	--	--

Obra	Objeto	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos II (Teognis IN: Líricos Griegos – elegíacos y	Nautai	Saberes da pilotagem	kubernh/thn me\n e)/pausan e)sqlo/n, o(/tij fulaxh\n ei)=xen e)pistame/nwj, xrh/mata d' a(rpa/cousi bi/h : (I, vv.675-676) “Mas eles agem: retiraram o mando do hábil piloto que com sua arte vigiava o navio e se	Ainda na metáfora, os maus saqueiam sem preocupar com as consequências futuras de seus atos. Retiram o bom guia para usurparem os bens.

yambógrafos arcaicos II (Siglos VII-V a.C) . 3 ed. [TRAD] Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.)			dedicaram a rapina”	
	Mar	Vasto	Xai/rwn eu(= tele/seiaj o(do\n mega/lou dia\ pó/ntou, kai\ se Poseida/wn xá/rma fi/loij a)ga/goi. (I, vv. 690-691) “Oxalá, cheio de alegria, acaba felizmente a viagem através do vasto mar e oxalá Poseidon te conduza ao término para alegria de teus amigos”	No campo metafórico, é comparada a alegria de regresso em segurança em uma viagem pelo mar ao fim da pobreza de um homem.
	Navegação	Arriscada	Polla/kij h(pó/lij h(/de di’ h(gemo/nwn kako/thta w(/sper keklime/nh nau=j para\ gh=n e)/dramen. (I, vv. 855-856) “Muitas vezes esta cidade, pela incapacidade de seus chefes, tem navegado ao longo da costa como um barco a deriva”	Metáfora em que compara os riscos da cidade ser arruinada por um mau-governante ao perigo de se navegar muito próximo a costa (recifes), também por conta da incapacidade do piloto.

Obra	Objeto	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
-------------	---------------	-------------------	------------------------	-----------------

<p>Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos II</p> <p>(Teognis IN: Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos II (Siglos VII-V a.C) . 3 ed. [TRAD] Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.)</p>	Mar	Perigo	<p>qew=n d' ei(marme/na dw=ra ou)k a)\n r(hi+di/ws qnhto\j a)nh\r profu/goi, ou)/t' a)\n porfure/hj katadu\j e)j puqme/na li/mnhj, ou)/q' o(/ta nau)to\n e)/xh Ta/rtaroj h)erro/eij. (I, vv. 1033-1035)</p> <p>“um homem não pode evitar facilmente presentes dos deuses, decretada pelo destino, embora mergulhe até o fundo do mar espumante ou tê-lo em seu ventre ao sombrio tártaro”</p>	<p>Dentre as mazelas sofridas pelo homem, como mergulhar no mar profundo ou ir ao Tártaro, o homem deve manter a virtude de sua alma, não importunando seus amigos nem dando prazeres aos inimigos.</p>
	Métis	Inteligência incomparável	<p>Mh/ me kakw=n mi/mnh sxe: pe/ponqa/ toi ai(=a/ t' O0dusseu/j, o(/st' A)i+dew me/ga dw=m' h)/luqen e)canadu/j, o(/j dh\ kai\ mnhsth=ras a)nei/leto nhle/i+ qumw= Phnelo/phj e)/mfrwn kouridi/hj a)lo/xou (I, vv.1123-1126)</p> <p>“Não me recordo de mais infortúnios: tenho sofrido tanto</p>	<p>Compara seu desterro ao de Odisseu, mostrando os infortúnios. Destaca-se o reconhecimento da inteligência do herói.</p>

			como Odisseu, que voltou a terra escapando da morada de Hades; o homem inteligente que com seu valor , que não conhece comparação, matou os pretendentes de Penélope, sua esposa legítima”	
--	--	--	--	--

Obra	Objeto	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
<p>Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos II</p> <p>(Ananio IN: Líricos Griegos – elegíacos y yambógrafos arcaicos II (Siglos VII-V a.C) . 3 ed. [TRAD] Francisco R. Adrados. Madrid: Consejo suérior de investigaciones científicas, 1990.)</p>	Mar	Preocupações	<p>o)/lbioj o(/stij paido/s e)rw=n ou)k oi)=de qa/llasan, ou)de/ oi(e)n pó/ntw nu\z e)piou=as me/lei. (I, vv. 1375-1376)</p> <p>“Feliz o que, apaixonado de um jovem, não sabe nada do mar nem o preocupa no meio do cair da noite”</p>	O desconhecimento do mar é algo bom, pois o mar traz coisas negativas e ruins.

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos
Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920. HERÓDOT O. Historia.	Navegaç ão	Contaminaç ão pelo comércio/ Negativo	“ αὐτίκα ναυτιλήσι μακρῆσι ἐπιθέσθαι ” (1.1.1) “e se deram desde logo ao comércio em suas longas navegações”
Volumen I: Libros I-	Navegaç ão	Obtenção de produtos	“ ἀπαγινέοντας δὲ φορτία Αἰγύπτια τε καὶ Ἀσσύρια τῆ τε ἄλλῃ ἐσαπικνέεσθαι καὶ δὴ καὶ ἐς Ἄργος ” (1.1.1) “Entre outros lugares para que eles carregavam mercadorias egípcia e assíria, chegaram a Argos”

II. Tradução de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1992.	Navegação	Prática comum	<p>“μετὰ δὲ ταῦτα Ἑλλήνων τινάς (οὐ γὰρ ἔχουσι τοῦνομα ἀπηγήσασθαι) φασὶ τῆς Φοινίκης ἐς Τύρον” (1.2.1) “alguns gregos (eles não podem dizer quem) aportaram em Tiro, na Fenícia”</p> <p>“καταπλώσαντας γὰρ μακρῆ νηὶ ἐς Αἴαν” (1.2.2) “Eles navegaram em um longo navio para Ea”</p>
	Mar	Local para fuga	<p>“τῆς γὰρ θαλάσσης οἱ Μιλήσιοι ἐπεκράτεον, ὥστε ἐπέδρης μὴ εἶναι ἔργον τῆ στρατιῆ” (1.17.3) “porque via claramente que sendo os Milésios dominantes do mar, seria tempo perdido empenhar-se em bloqueá-los p</p>
Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos
Herodotus. Histories. [TRAD] A.	Navegação	Meio de ligação entre	<p>“ἐπιθυμῆσαι πλωσαι ἐς Ἰταλίην τε καὶ Συκελίην” (1.24.1) “desejou navegar para a Itália e Sicília”</p>

D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920.		regiões	
HERÓDOTO. Historia. Volumen I: Libros I- II. Traduça o de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1992.	Nautai	Construção de barcos/ maldade dos navegantes/ astúcia para sobreviver	<p>“<u>οὐκὼν δὴ πείθειν αὐτὸν τούτοις, ἀλλὰ κελεύειν τοὺς πορθμέας ἢ αὐτὸν διαχρᾶσθαι μιν, ὡς ἂν ταφῆς ἐν γῆ τύχη, ἢ ἄλλοις ἐπιπέσειν ἐν τῷ ἑσπέρῳ, ἢ ἄλλοις ἐπιπέσειν ἐν τῷ ἑσπέρῳ, ἢ ἄλλοις ἐπιπέσειν ἐν τῷ ἑσπέρῳ.</u> <u>στάντα ἐν τοῖσι ἐδωλίοισι ἀεῖσαι: ἀείσας δὲ ὑπεδέκετο ἑαυτὸν κατεργάσασθαι. καὶ τοῖσι ἐσελθεῖν γὰρ ἡδονὴν εἰ μέλλοιεν ἐλθεῖν ἐν τῷ ἑσπέρῳ.</u> <u>στάντα ἐν τοῖσι ἐδωλίοισι διεξελεῖν νόμον τὸν ὄρθιον, τελευτῶντος δὲ τοῦ νόμου ῥῖψαί μιν ἐς τὴν θάλασσαν ἑαυτὸν ἐξ Κόρινθον σὺν τῇ σκευῇ, καὶ ἀπικόμενον ἀπηγέεσθαι πᾶν τὸ γεγονός. Περίανδρον δὲ ὑπὸ ἀπιστίης Ἀρίονα μὲν ἐν τῷ ἑσπέρῳ ἐκείνων ὡς εἶη τε σῶς περὶ Ἰταλίην καὶ μιν εὖ πρήσσοντα λίποιεν ἐν Τάραντι, ἐπιφανῆναί σφι τὸν Ἀρίονα ὥσπερ ἔχοντα τὸν χρυσόν.</u>”</p> <p>“Confiando em nenhum mais do que os Coríntios, ele contratou um navio Coríntio para levá-lo a partir de Corinto. Mas ele suplicou fervorosamente, pedindo por sua vida e oferecendo-lhes o seu dinheiro. Mas a tripulação não iria ouvi-lo, vez que eles tinham decido em suas mentes, o deixassem ficar no convés do navio com toda a sua regalia e cantar; e ele saiu do meio da nau a partir da popa. Arion, colocando toda a sua regalia e tendo sua lira, levantou-se no convés e cantou a ‘Arion’ (a história) tomou Arion em suas costas e o levou a Ténaro. Desembarcando lá, ele foi para Corinto em sua regalia, e esperou pelos marinheiros. Quando eles chegaram, eles foram convocados e perguntou se trouxeram notícias de Arion. Quando ele foi quando ele pulou do navio; espantado, que não podia mais negar o que foi provado contra eles.”</p>

--	--	--	--

	Navegação	Construção de navios/uso de navios para dominação territorial	<p>“ὡς δὲ ἄρα οἱ ἐν τῇ Ἀσίῃ Ἕλληνας καταστράφατο ἐς φόρου ἀπαγωγῆν, τὸ ἐνθεῦτεν ἐπενόεε νέας ποιησάμενος ἐπιχειρήματα.”</p> <p>“Conquistados os Helenos do continente da Ásia e tendo os obrigado a pagar tributos, formou novamente o projeto de...”</p>

--	--	--	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos
Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley.	Navegação	Conflito naval	<p>“<u>τὸν</u> <u>ὦ βασιλεῦ, προθύμως μοι φαίνεται εὐξασθαι νησιώτας ἰππευομένους λαβεῖν ἐν ἠπείρῳ, οἰκότα ἐλπίζων. νησιώτας</u> <u>τῇ ἠπείρῳ οἰκημένων Ἑλλήνων τίσονται σε, τοὺς σὺ δουλώσας ἔχεις;</u>” (1.27.4)</p> <p>““Ó rei, você me parece desejar sinceramente capturar os ilhéus que montam cavalos no continente, um desejo n</p>

<p>Cambridge. Harvard University Press. 1920.</p>			<p>modo a se vingar de você para os gregos que vivem no continente, a quem você escraviza?”</p>
<p>HERÓDOTO . Historia. Volumen I: Libros I- II. Tradução de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1992.</p>			

	Navegação	Meio de transporte	<p>“καὶ δὴ καὶ Σόλων ἀνὴρ Ἀθηναῖος, ὃς Ἀθηναίοισι νόμους κελεύσασι ποιήσας ἀπεδήμησε ἕτα δέκα κατὰ θεωρίαν”</p> <p>“Entre eles, o mais famoso foi o ateniense Sólon; que, tendo constituído um código de leis por ordem de seus cidadãos...”</p>
Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos

<p>Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920.</p>	<p>Naveg ação</p>	<p>Prática do roubo em alto mar</p>	<p>“οἱ μὲν Λακεδαιμόνιοι λέγουσι ὡς ἐπεῖτε ἀγόμενος ἐς τὰς Σάρδις ὁ κρητῆρ ἐγένετο κατὰ τὴν Σαμίην, πυθόμενοι Σάμιοι “Os Lacedemônios dizem que, tendo chegado próximo de Samos, com notícias sobre o presente, saíram com suas na “αὐτοὶ δὲ Σάμιοι λέγουσι ὡς ἐπεῖτε ὑστέρησαν οἱ ἄγοντες τῶν Λακεδαιμονίων τὸν κρητῆρα, ἐπυθάνοντο δὲ Σάρδις “mas os próprios Samios dizem que os Lacedemônios que estavam trazendo a taça, chegando tarde demais, e sabend</p>
<p>HERÓDOTO. Historia. Volumen I: Libros I- II. Tradução de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1992.</p>			

	Navegação	Meio para viajar	<p>“λαχόντας δὲ αὐτῶν τοὺς ἑτέρους ἐξιέναι ἐκ τῆς χώρας καταβῆναι ἐς Σμύρνην καὶ μηχανήσασθαι πλοῖα, ἐς τὰ ἔσθμε”</p> <p>“Em seguida o grupo, depois de ter tirado a sorte, deixou o país e desceu para Smirna e para os navios construídos, e</p>

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos
Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge . Harvard University Press. 1920.	Navegação	Tipologia naval	<p>“Λακεδαιμόνιοι δὲ ἀποσάμενοι τῶν Ἴωνων τοὺς ἀγγέλους ὅμως ἀπέστειλαν πεντηκοντέρῳ ἄνδρα, ὥς μὲν ἐμοὶ δοκέει”</p> <p>“os Lacedemônios despacharam alguns homem em uma nau com cinquenta remos, com o objetivo, a meu parecer, de e</p>

HERÓDO TO.			
Historia. Volumen I: Libros I- II. Traduçã o de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1992.	Nautai	Vendem- se por ouro	<p>“ὥς δὲ ἀπήλασε ὁ Κῦρος ἐκ τῶν Σαρδίων, τοὺς Λυδοὺς ἀπέστησε ὁ Πακτύης ἀπὸ τε Ταβάλου καὶ Κύρου, καταβάς δὲ σθαί” (1.154.1)</p> <p>“Apenas Ciro havia saído de Sardes quando Pactias promoveu a insurreiçã dos Lídios, e tendo ido na regiã da costa o</p>

<p>HERÓDOTO . Historia. Volumen I: Libros I- II. Tradução de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1992.</p>			
	Navegação	Conflito naval	<p>“οἱ δὲ Φωκαιοὶ πλήρωσαντες καὶ αὐτοὶ τὰ πλοῖα, ἔοντα ἀριθμὸν ἑξήκοντα, ἀντίαζον ἐς τὸ Σαρδόνιον καλεόμενον περὶ τοῦ Ἰσθμοῦ ἦσαν ἄχρηστοι: ἀπεστράφατο γὰρ τοὺς ἐμβόλους.” (1.166.2) “Os Focens, tendo tripulado e armado também seus navios em número de sessenta, foi ao encontro deles no mar perdido quarenta navios, e se tornar inútil a outros vinte, cujo os esporões se torceram com o choque.”</p>

--	--	--	--

--	--	--	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos
Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University	Navegação	Tipologia naval	<p>“τὰ πλοῖα αὐτοῖσι ἐστὶ τὰ κατὰ τὸν ποταμὸν πορευόμενα ἐς τὴν Βαβυλῶνα, ἔοντα κυκλοτερέα, πάντα σκύτινα.”</p> <p>“As naus que navegam rio abaixo até a Babilônia, são de forma redonda e são feitas couro.”</p> <p>“ἔπεὰν γὰρ ἐν τοῖσι Ἀρμενίοισι τοῖσι κατύπερθε Ἀσσυρίων οἰκημένοισι νομέας ἰτέης ταμόμενοι ποιήσονται, περὶ</p> <p>(1. 194.2)</p> <p>“Os habitantes da Armênia, povo situado acima dos Assírios, fabricam as naus primeiro cortando as estruturas d</p>

Press. 1920. HERÓDOTO. Historia. Volumen I: Libros I-II. Tradução de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1992.	Mar	Mapeamento	popa nem limitam a proa, mas o barco é redondo, como um escudo.” “οὐ συμμίσγουσα τῇ ἐτέρῃ θαλάσσει. τὴν μὲν γὰρ Ἑλληνῆς ναυτίλλονται πᾶσα καὶ ἡ ἔξω στηλέων θάλασσα ἢ Ἀτλαντικὴν ὀνομάζουσι.” “Considerando que o mar em que navegam os gregos e que está fora das colunas de Hércules é chamado Atlântico.”
---	-----	------------	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos
Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University	Mar	Medição de distância	“ἡ δὲ Κασπίη ἐστὶ ἐτέρη ἐπ’ ἐωυτῆς, ἐοῦσα μῆκος μὲν πλόου εἰρεσίῃ χρεωμένῳ πεντεκαίδεκα ἡμερέων”(1.203) “O comprimento do mar Cáspio é de quinze dias navegando em um barco a remo, e sua latitude é de oito dias.”

<p>Press. 1920.</p> <p>HERÓDOTO.</p> <p>Historia.</p> <p>Volumen I:</p> <p>Libros I-</p> <p>II. Tradução de C.</p>			
<p>Schrader.</p> <p>Madrid:</p> <p>Editorial Gredos, 1992.</p>	<p>Navegação</p>	<p>Medição de distância</p>	<p>“καὶ αὐτῆς εἶναι οὐδὲν ὑπερέχον τῶν νῦν ἔνερθε λίμνης τῆς Μοίριος ἐόντων, ἐς τὴν ἀνάπλοος ἀπὸ θαλάσσης ἐ... “todo o país que vemos agora foi então coberta por água, ao norte do lago Meris, que é viagem até sete dias o n...</p>
	<p>Navegação</p>	<p>Medição de distância</p>	<p>“ἀπὸ δὲ Ἡλίου πόλιος ἐς Θήβας ἐστὶ ἀνάπλοος ἐννέα ἡμερέων, στάδιοι δὲ τῆς ὁδοῦ ἐξήκοντα καὶ ὀκτακόσιοι ... “Desde Heliópolis até Tebas se contam nove dias de navegação, viagem que será de quatro mil e oitocentos est...</p>

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos
Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920.	Navegação	Medição de distância	“ μῆκος μὲν πλόου ἀρξαμένῳ ἐκ μυχοῦ διεκπλῶσαι ἐς τὴν εὐρέαν θάλασσαν ἡμέραι ἀναισιμοῦνται τεσσαράκοντα (2.11.2) “o golfo de comprimento, a partir da sua extremidade interna para o grande mar, é uma viagem de quarenta dias de viagem mais ampla.”
HERÓDOTO. Historia.	Mar	Local de trocas/contatos	“ εἶ περ καὶ τότε ναυτιλίῃσι ἐγρέοντο καὶ ἦσαν Ἑλλήνων τινὲς ναυτίλοι, ὡς ἔλπομαί τε καὶ ἐμὴ γνώμη αἰρέει ” “porque naquela época e os gregos negociavam por mar, e alguns seriam, segundo acredito sem dúvida, os patrões”

Volumen I: Libros I- II. Tradução de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1992.			
--	--	--	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos
Herodotus. Histories.	Navegação	Perigos	“ Ἀλέξανδρον ἀρπάσαντα Ἑλένην ἐκ Σπάρτης ἀποπλέειν ἐς τὴν ἑωυτοῦ: καί μιν, ὡς ἐγένετο ἐν τῷ Αἰγαίῳ, ἐξῶσται ὀν στόμα τοῦ Νείλου καὶ ἐς Ταργείας. ” (2.113.1)

<p>[TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920.</p> <p>HERÓDOTO</p> <p>O. Historia.</p> <p>Volumen I:</p> <p>Libros I-II. Tradução de C. Schrader.</p> <p>Madrid: Editorial Gredos, 1992.</p>			<p>“Retornando à sua terra natal, Alexandre em companhia de Helena, a quem ele havia roubado em Esparta, haviam a terra de Taríqueas, localizado na foz do Nilo, que era chamada de Canóbica.”</p>
	Mar	Malefício/benefício	<p>“ἐπιστάμενος ὧν ὡς περιωρισμένος εἶη πρὸς αὐτῶν, ἐπενόεε τίσασθαι τοὺς διώξαντας. πέμψαντι δέ οἱ ἐς Βουτοῦν ἐντῶν.” (2.152.3)</p> <p>“Vendo-se, pois, inocente, caluniado e oprimido pela violência de seus companheiros, pensou seriamente em vingar verídico. Disse-lhe que o socorro e a vingança desejada viriam pelo mar, quando na costa chegassem alguns homeni</p>

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos
Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley.	Mar	Local de “não- retorno”	<p>“πρὸς ὧν ταῦτα δείσας περὶ ἐωυτοῦ μή μιν ἀποκτεῖνας ὁ ἀδελφεὸς ἄρχη, πέμπει Πρηξάσπεα ἐς Πέρσας, ὅς ἦν οἱ ἀνὸν προαγόντα καταποντῶσαι.” (3.30.3)</p> <p>“Temendo, pois, para si mesmo, para que seu irmão poderia matá-lo e assim por ser rei, ele enviou Prexaspes, o mar com os outros, levando ao mar Eritreu e lá jogou-o nas águas profundas.”</p>

<p>Cambridge. Harvard University Press. 1920.</p> <p>HERÓDOT O. Historia. Volumen II: Libros III- IV. Traduça o de C.</p>			
<p>Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1987.</p>	<p>Mar</p>	<p>Local de “não- retorno”</p>	<p>“πεντηκόντερον πληρώσας ἀνδρῶν ἐσέβη ἐς αὐτήν, μετὰ δὲ ἀναγαγεῖν ἐκέλευε ἐς τὸ πέλαγος; ὡς δὲ ἀπὸ τῆς νήσου μφορῆ ἔγρατο.” (3.41.2) “ele embarcou em uma pentecontera com sua tripulação, e disse-lhes para irem para o mar; e quando ele estava longe, ficou entristecido pela perda.”</p>

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos
Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920.	Mar	Dominação	<p>“Πολυκράτης γὰρ ἐστὶ πρῶτος τῶν ἡμεῖς ἴδμεν Ἑλλήνων ὃς θαλασσοκρατέειν ἐπενοήθη (...) τῆς δὲ ἀνθρωπίνης λε...</p> <p>“Polícrates foi o primeiro dos gregos que conhecemos a visar o domínio do mar (...)Polícrates foi o primeiro grego o...</p>

<p>HERÓDOTO. O. Historia. Volumen II: Libros III- IV. Tradução de C.</p>			
<p>Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1987.</p>	<p>Navegação</p>	<p>Prática comum</p>	<p>“μετὰ δὲ τούτους περιπλώσαντας Ἰνδούς τε κατεστρέψατο Δαρεῖος καὶ τῇ θαλάσῃ ταύτῃ ἐχρᾶτο.” (4.44.3) “Depois desta circunavegação, Dario subjugou a Índia e tornou frequente a navegação daqueles mares.”</p>
	<p>Navegação</p>	<p>Conhecimento de navegabilidade</p>	<p>“ὅσοι δὲ ὀνομαστοί τε εἰσὶ αὐτῶν καὶ προσπλωτοὶ ἀπὸ θαλάσσης, τούτους ὀνομανέω¹ ... Ἴστρος μὲν πεντάστομος, “Quero unicamente apontar aqui os rios mais famosos e navegáveis que desde o mar se encontram, os quais são o D</p>

--	--	--	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos
Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920. HERÓDOTO.	Nautai	Conhecimento da navegação	<p>“τότε λόγος τοὺς Ἕλληνας νικήσαντας τῇ ἐπὶ Θερμώδοντι μάχῃ ἀποπλέειν ἄγοντας τρισὶ πλοίοισι τῶν Ἀμαζόνων ὄρεσιν: ἀλλ’ ἐπεὶ ἐξέκοψαν τοὺς ἄνδρας ἐφέροντο κατὰ κῦμα καὶ ἄνεμον,” (4.110.1-2)</p> <p>“naquele tempo se diz que a vitória dos gregos na batalha do rio Termódonte, se levavam em três navios quantas Amazonas: mas, quando os homens se desbarataram, eles os levaram segundo a correnteza e o vento,” (4.110.1-2)</p>
	Mar	Local de “não-	<p>“καὶ ταύτην ἐκέλευε καταποντῶσαι ἀπαγαγόντα.” (4.154.3)</p> <p>“e o manda que a jogue no mar.”</p>

<p>Historia. Volumen II: Libros III- IV. Tradução o de C. Schrader. Madrid:</p>		retorno”	
<p>Editorial Gredos, 1987. HERÓDOTO. Historia. Volumen III: Libros V- VI. Tradução ão de C.</p>	Navegação	Construção de embarcações	<p>“ἵνα ἴδῃ τε ναυπηγήσιμος ἐστὶ ἄφθονος καὶ πολλοὶ κοπέες καὶ μέταλλα ἀργύρεα.” (5.23.2) “ali há, senhor, muita madeira para a construção, ali há muito marinheiro para o remo e ali há muita mina de prata.”</p>

V- VI. Tradução de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1988.			
---	--	--	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos	Situação
Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920. HERÓDOTO. Historia. Volumen III: Libros V-	Navegação	Conflito naval	“τὰ μὲν περὶ Ἰστιαῖον οὕτω ἔσχε. ὁ δὲ ναυτικὸς στρατὸς ὁ Περσέων χειμερίσας περὶ Μίλητον, τῷ δευτέρῳ ἔτει ὡς ἀνέπλωσε, αἰρέει εὐπετέως τὰς νήσους τὰς πρὸς τῇ ἠπειρῷ κειμένας” (6.31.1) “A armada Persa, que havia passado o inverno nas proximidades de Mileto, saiu ao mar no ano seguinte e ia apoderando-se das ilhas adjacentes ao continente da Ásia Menor.”	Após a conquista de Mileto pelos persas, estes atracaram suas naus nesta cidade. Como a região era ponto estratégico importante, a utilizaram para ir subjogando as cidades nas ilhas mais próximas, ampliando o domínio territorial persa.
	Mar	Real e imaginário	“ἐπιπεσῶν δέ σφι περιπλέουσι βορέης ἄνεμος μέγας τε καὶ ἄπορος κάρτα τρηχέως περιέσπε,	A partir da narração de uma empreitada persa

<p>VI. Tradução de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1988.</p>		<p>πλήθει πολλὰς τῶν νεῶν ἐκβάλλων πρὸς τὸν Ἄθων. λέγεται γὰρ τριηκοσίας μὲν τῶν νεῶν τὰς διαφθαρείσας εἶναι, ὑπὲρ δὲ δύο μυριάδας ἀνθρώπων. ὥστε γὰρ θηριωδεστάτης εὐούσης τῆς θαλάσσης ταύτης τῆς περὶ τὸν Ἄθων, οἱ μὲν ὑπὸ τῶν θηρίων διεφθείροντο ἀρπαζόμενοι, οἱ δὲ πρὸς τὰς πέτρας ἀρασσόμενοι· οἱ δὲ αὐτῶν νέειν οὐκ ἐπιστέατο καὶ κατὰ τοῦτο διεφθείροντο, οἱ δὲ ῥίγει.” (6.44.2-3) “Saída depois dalí e procurando vencer o cabo do monte Atos, se levantou contra as naus o vento Bóreas com tal ímpeto e veemência que lançou um grande número delas contra o dito promontório, de onde é sabido que trezentas foram destruídas, perecendo nelas mais de vinte mil pessoas; pois como aqueles mares abundam de monstros marinhos, muitos dos náufragos próximos de Atos foram deles arrebatados e comidos; muitos pereceram lançados contra as pedras; alguns por não saberem nadar se afogavam e outros morriam de puro frio. Tal desventura caiu sobre aquela armada.”</p>	<p>contra os Macedônios partindo de Taso, no qual uma grande frota persa foi mobilizada, vemos a mescla no imaginário sobre os perigos no mar. Nesta passagem, após a destruição de parte da frota por conta dos ventos desfavoráveis que lançaram as naus contra os rochedos, Heródoto levanta as possibilidades da morte dos que estavam embarcados.</p>
---	--	--	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos
Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920. HERÓDOTO.	Navegação	Construção de naus	“τούτους μὲν δὴ ἐς τὴν Ἑλλάδα ἔπεμπε, ἄλλους δὲ κήρυκας διέπεμπε ἐς τὰς ἐαυτοῦ δασμοφόρους πόλιας τὰς παραθαλασσίους, κελεύων νέας τε μακρὰς καὶ ἵππαγωγὰ πλοῖα ποιέεσθαι.” (6.48.2) “Ao mesmo tempo enviou ordem às cidades marítimas de seus domínios que construissem naus largas para a guerra.”

<p>Historia. Volumen III: Libros V- VI. Tradução de C. Schrader. Madrid:</p>			
<p>Editorial Gredos, 1988.</p>	<p>Mar</p>	<p>Realização de sacrifícios</p>	<p>“μετὰ δὲ ταῦτα ἐξαναχωρήσας τὴν στρατιὴν κατήγαγε ἐς Θυρέην, σφαγιασάμενος δὲ τῇ θαλάσῃ ταῦρον πλοίοισι (6.76.2) “De fato, partiu-se dali com suas tropas de Tirea, de onde, feito o sacrifício de um touro ao mar, foi nas naus com</p>

--	--	--	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos
Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920.	Mar	Conflito naval/Perigo	“ οὔκων ἀμφοτέρῃ σφι ἐχώρησε. ἀλλ’ ἦν τῆσι νηυσὶ ἐμβάλωσι καὶ νικήσαντες ναυμαχίῃ πλέωσι ἐς τὸν Ἑλλήσποντον ” (7.10B.2) “Perigo, portanto, não ser bem sucedido nem por terra nem por mar. E qual não seria nossa fatalidade, ó rei, se acometessem ao Helesponto e ali cortassem a ponte?”
HERÓDOTO. Historia. Volumen IV: Libro VII. Tradução de C.	Mar	Perigo	“ κατὰ περ τὴν πάντων χρησιμωτάτην ἀνθρώποισι θάλασσαν πνεύματα φασὶ ἀνέμων ἐπίπτοντα οὐ περιορᾶν φύσι τῆ ” “Assim como eles dizem que o mar, de todas as coisas a mais útil aos homens, é impedido de seguir a sua natureza por

Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1994.			
--	--	--	--

Obra	Tem a	Atribuiç ão	Nomes/Adjetivos
Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920. HERÓDOT	Mar	Perigo	<p>“ὡς δ' ἐπύθετο Ξέρξης, δεινὰ ποιούμενος τὸν Ἑλλησπόντον ἐκέλευσε τριηκοσίας ἐπικέσθαι μάστιγι πληγὰς καὶ κατεῖναι ἐς τὸ ἅ τε καὶ ἀτάσθαλα: ᾧ πικρὸν ὕδωρ, δεσπότης τοι δίκην ἐπιτιθεῖ τήνδε, ὅτι μιν ἠδίκησας οὐδὲν πρὸς ἐκείνου ἄδικον παθόν. καὶ βασιλεὺς μὲν Ξέρξην ἐνετέλλετο τούτοισι ζημιῶν καὶ τῶν ἐπεστεῶτων τῇ ζεύξει τοῦ Ἑλλησπόντου ἀποταμεῖν τὰς κεφαλὰς.” (7.35. 1-3)</p> <p>“Quando Xerxes ouviu isso, ficou muito zangado e ordenou que o Helesponto ser chicoteado com trezentas chibatadas, e um ordenou que enquanto fosse açoitado lançassem sobre ele injúrias e insultos bárbaros e impiedosos, dizendo: ‘Amarga água, e quer não, vai passar sobre você. De acordo com a justiça, ninguém lhe oferece o sacrifício, pois você é um rio turvo e salgado’</p>

O.

Historia.

Volumen

IV: Libro

VII. Traduç

ão de C.

Schrader.

Madrid:

Editorial

Gredos,

1994.

--	--	--	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos
Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920. HERÓDOTO. Historia. Volumen IV: Libro	Navegação	Conhecimentos das mudanças climáticas	<p>“καὶ οἱ μὲν ταῦτα ἐποίηον, τοῖσι προσέκειτο αὕτη ἡ ἄχαρις τιμή, τὰς δὲ ἄλλοι ἀρχιτέκτονες ἐξεύγνυσαν. ἐξεύγνυσαν αἰ τριηκοσίας, τοῦ μὲν Πόντου ἐπικαρσίας τοῦ δὲ Ἑλλησπόντου κατὰ ῥόον, ἵνα ἀνακωχεύῃ τὸν τόνον τῶν ὀπλων: συε καὶ τοῦ Αἰγαίου ζεφύρου τε καὶ νότου εἵνεκα. διέκπloon δὲ ὑπόφασιν κατέλιπον τῶν πεντηκοντέρων καὶ τριηρέων”</p> <p>“Então, isso foi feito por aqueles que foram nomeados para a honra ingrata, e novos engenheiros começaram a fazer t outra, trezentos e sessenta derem suporte mais próximo do mar Euxino à ponte, e trezentos e quatorze deram suporte navios juntos desceram muitas grandes âncoras, tanto a partir do final dos navios no lado do Ponto, para se manterem oeste e do sul. Eles deixaram uma abertura estreita para navegar através da linha de navios, das penteconteras e das t</p>

VII. Tradução de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1994.			
---	--	--	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos
------	------	------------	-----------------

		ἄο	
Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920.	Navegaç ão	Conflito naval	<p>“ὁ βασιλεῦ, οὔτε στρατὸν τοῦτον, ὅστις γε σύνεσιν ἔχει, μέμφοιτ’ ἂν οὔτε τῶν νεῶν τὸ πλῆθος: ἦν δὲ πλεῦνας συλλέξαι ἢ ἂν εἰκάξω, ὅστις ἐγειρομένου χειμῶνος δεξάμενός σευ τοῦτο τὸ ναυτικὸν φερέγγυος ἔσται διασῶσαι τὰς νέας. καίτοι οὐκ ἔστι θρόπων ἄρχουσι καὶ οὐκὶ ὄνθρωποι τῶν συμφορέων.” (7.49.1-3)</p> <p>“Ó rei, não há nenhuma falha que qualquer homem de bom senso poderia encontrar tanto com este exército ou com o mar não tem qualquer porto, como eu acredito, que será capaz de receber este marinha e salvar seus navios ao surgir um acidente. Existem portos capazes de receber, entenda que os homens são os sujeitos e não os governantes de seus acidentes.”</p>
HERÓDOTO. O. Historia. Volumen IV: Libro VII. Traduç ão de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos,			

1994.			
-------	--	--	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos
Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920.	Mar	Recebe sacrifícios	<p>“<u>ὥς δ' ἐπανετέλλε ὁ ἥλιος, σπένδων ἐκ χρυσεῆς φιάλης Ξέρξης ἐς τὴν θάλασσαν εὐχετο πρὸς τὸν ἥλιον μηδεμίαν αἰ οὔτε εἰ τῷ ἡλίῳ ἀνατιθεὶς κατῆκε ἐς τὸ πέλαγος, οὔτε εἰ μετεμέλησέ οἱ τὸν Ἑλλήσποντον μαστιγώσαντι καὶ ἀντι</u></p> <p>“Ao nascer do sol Xerxes derramou uma libação de um frasco de ouro para o mar, rezando para o sol que nenhum a posso justamente determinar se ele os lançou no mar para ofertar ao sol ou se arrependeu de ter batido no Helespon</p>

<p>HERÓDOTO . Historia. Volumen IV: Libro VII. Tradução de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1994.</p>			
	Nautai	Saberes referentes a navegação	<p><u>“τούτων οἱ μὲν παρὰ θάλασσαν κατοικημένοι ἐν τῆσι νηυσὶ εἶποντο: οἱ δὲ αὐτῶν τὴν μεσόγαιαν οἰκέοντες καταλεχ...</u> “Destes, os que habitavam entre o mar seguido o seu exército no bordo do navio; os que vivem no interior, cujos no</p>

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos
Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920. HERÓDOTO. Historia.	Métiss	Aquisição de apoio	<p>“οὗτος ὄνηρ οὐκ ἔφη πᾶν ὀρθῶς τοὺς χρησμολόγους συμβάλλεσθαι, λέγων τοιάδε: εἰ ἐς Ἀθηναίους εἶχε τὸ ἔπος εἰρημένον ‘ὦ θεῖη Σαλαμίς,’ εἰ πέρ γε ἔμελλον οἱ οἰκήτορες ἀμφ’ αὐτῇ τελευτήσειν: ἀλλὰ γὰρ ἐς τοὺς πολεμίους τῷ θεῷ εἰρῆσθαι τὸ χερσὶν οὐκ ἔμελλον. ταύτη Θεμιστοκλέος ἀποφαινομένου Ἀθηναῖοι ταῦτα σφίσι ἔγνωσαν αἰρετώτερα εἶναι μᾶλλον ἢ τὰ τῶν χρησμολόγων.”</p> <p>(7.143.1-3)</p> <p>“Ele alegou que o intérprete do oráculo havia interpretado incorretamente todo o oráculo e argumentou que, se os versos reais fossem verdadeiros, seus habitantes estavam a perecer. Corretamente entendido, oráculo dos deuses não estava falando dos atenienses, mas de seus inimigos no mar. Quando Temístocles apresentou esta interpretação, os atenienses julgaram ser um conselheiro melhor do que o intérprete atual se eles estabelecessem em algum outro lugar.”</p>

Volumen IV: Libro VII. Tradução de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1994.			
--	--	--	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos	Situação
<p>Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920.</p> <p>HERÓDOTO.</p> <p>Historia. Volumen IV: Libro VII. Tradução de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1994.</p>	Métis	Aquisição de apoio	<p>“ἐτέρη τε Θεμιστοκλεί γνῶμη ἔμπροσθε ταύτης ἐς καιρὸν ἠρίστευσε, ὅτε Ἀθηναίοισι γενομένων χρημάτων μεγάλων ἐν τῷ κοινῷ, τὰ ἐκ τῶν μετάλλων σφι προσῆλθε τῶν ἀπὸ Λαυρείου, ἔμελλον λάξεσθαι ὀρχηδὸν ἕκαστος δέκα δραχμάς· τότε Θεμιστοκλῆς ἀνέγνωσε Ἀθηναίους τῆς διαιρέσιος ταύτης παυσάμενους νέας τούτων τῶν χρημάτων ποιήσασθαι διηκοσίας ἐς τὸν πόλεμον, τὸν πρὸς Αἰγινήτας λέγων. οὗτος γὰρ ὁ πόλεμος συστάς ἔσωσε ἐς τὸ τότε τὴν Ἑλλάδα, ἀναγκάσας θαλασσίους γενέσθαι Ἀθηναίους. αἱ δὲ ἐς τὸ μὲν ἐποίηθησαν οὐκ ἐχρήσθησαν, ἐς δέον δὲ οὕτω τῇ Ἑλλάδι ἐγένοντο. αὐταῖ τε δὴ αἱ νέες τοῖσι Ἀθηναίοισι προποιεῖσθαι ὑπῆρχον, ἐτέρας τε ἔδεε προσναυπηγέεσθαι. ἔδοξέ τέ σφι μετὰ τὸ χρηστήριον βουλευομένοισι ἐπιόντα ἐπὶ τὴν Ἑλλάδα τὸν βάρβαρον δέκεσθαι τῆσι νηυσὶ πανδημεί, τῷ θεῷ πειθομένους, ἅμα Ἑλλήνων τοῖσι βουλομένοισι.” (7.144.1-3)</p> <p>“O conselho de Temístocles havia prevalecido em uma ocasião anterior. As receitas provenientes das minas do Láurion trouxe grande riqueza para o tesouro dos atenienses, e quando cada homem deveria receber dez dracmas para a sua</p>	<p>Dando sequência a seu plano de levar Atenas a enfrentar os persas no mar, Temístocles, usando de astúcia, antes de iniciar a Segunda Guerra Médica, havia convencido seus concidadãos, também usando de interpretações oraculares, a necessidade de construção de uma frota. Para tanto, fez uso das riquezas extraídas nas minas de prata no Láurion.</p>

			<p>parte, Temístocles persuadiu os atenienses a não fazer tal divisão, mas para usar a recita para construir duas centenas de navios para a guerra, isto é, para a guerra com Egina. Esta foi, de fato, a guerra, o foco de que salvou a Hélade por compelir os atenienses se tornarem marinheiros. Os navios não foram utilizados para a finalidade para a qual eles foram construídos, mas mais tarde veio a servir a Hélade em sua necessidade. Estes navios, então, tinham sido feitos e já estavam lá para o serviço dos atenienses, e agora eles tiveram que construir ainda outros. Em seu debate, após a entrega da oráculo, eles, em conformidade, resolveram que iriam colocar a sua confiança nos deuses e conhecer o invasor estrangeiro da Hélade, com todo o poder de sua frota, navios e homens, e com todos os outros gregos que estavam apoiando-os.”</p>	
--	--	--	--	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos
<p>Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920.</p> <p>HERÓDOTO. Historia. Volumen IV: Libro VII. Tradução de C. Schrader.</p>	<p>Navegação</p>	<p>Conhecimento sobre a prática</p>	<p>“ταύτην μὲν τὴν εὐφρόνην οὕτω, ἅμα δὲ ὄρθρῳ ἐξ αἰθρίας τε καὶ νηνεμίας τῆς θαλάσσης ζεσάσης ἐπέπεσέ σφι χειμῶνα καὶ τοῖσι οὕτω εἶχε ὄρμου, οἱ δ' ἔφθησαν τὸν χειμῶνα ἀνασπάσαντες τὰς νέας, καὶ αὐτοὶ τε περιῆσαν καὶ αἱ νέες” “mas um pouco antes do dia, estando o céu sereno e o mar tranquilo, levantaram-se de repente em uma grande tempestade e que a ordem de levar as naus para terra firme as preveniu da tempestade, todos permaneceram a salvos com ela. Mas (...)”</p>

Madrid: Editorial Gredos, 1994.			
--	--	--	--

Obra	Tem a	Atribuiç ão	Nomes/Adjetivos
Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920. HERÓDOT O. Historia.	Méti s	Aquisiçã o de apoio	<p>“<u>γνόντες δὲ σφέας οἱ Εὐβοέες ταῦτα βουλευομένους ἐδέοντο Εὐρυβιάδew προσμείναι χρόνον ὀλίγον, ἔστ’ ἂν αὐτοὶ τέκνα τὰ καταμείναντες πρὸ τῆς Εὐβοίης ποιήσονται τὴν ναυμαχίην.</u>” (8.4.2)</p> <p>“Em seguida, os Eubeus, notando tal forma que eles estavam fazendo planos, suplicou Euribiades que esperasse um pouco a com Temístocles, o comandante de Atenas, com que pactuaram um suborno de trinta talentos na condição de que a frota gre</p> <p>“<u>ὁ δὲ Θεμιστοκλῆς τοὺς Ἕλληνας ἐπισχεῖν ὧδε ποιέει: Εὐρυβιάδῃ τούτων τῶν χρημάτων μεταδιδοῖ πέντε τάλαντα ὡς παρ θαί τε ἀπὸ τοῦ Ἀρτεμισίου καὶ οὐ παραμενέειν, πρὸς δὴ τοῦτον εἶπε ὁ Θεμιστοκλῆς ἐπομόσας ‘οὐ σύ γε ἡμέας ἀπολείψεις, , ταῦτά τε ἅμα ἠγόρευε καὶ πέμπει ἐπὶ τὴν νέα τὴν Ἀδειμάντου τάλαντα ἀργυρίου τρία: οὗτοί τε δὴ πάντες δώροισι ἀναπεπα ν χρημάτων ἐκ τῶν Ἀθηνέων ἐλθεῖν ἐπὶ τῷ λόγῳ τούτῳ τὰ χρήματα.</u> (8.5.1-3)</p> <p>“Esta foi a maneira pela qual Temístocles feito os gregos ficar onde estavam: ele deu a Euribiades por sua parte cinco talentos. Adimanto, filho de Ocito e chefe dos coríntios, que era o único que o resistia, empenhado em içar a vela e desamparar o Artimanto presente maior do que o rei dos medos iria enviar-lhe para abandonar seus aliados.’ Com isso, ele enviou três talentos de presente para o ganhador. Ninguém sabia que ele tinha guardado o resto do dinheiro, e aqueles que tinham recebido uma parte supuseram</p>

Volumen V: Libros VIII- IX. Traduça o de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1989.			
--	--	--	--

Obra	Tema	Atribuiçã o	Nomes/Adjetivos
Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley.	Navegaç ão	Necessida de de saberes/U so da	“ τοῖσι δὲ Ἑλλήσι ὡς ἐσήμηνε, πρῶτα μὲν ἀντίπρωροι τοῖσι βαρβάροισι γενόμενοι ἐς τὸ μέσον τὰς πρύμνας συνήγαγον “Mas os gregos, quando o sinal foi dado a eles, primeiro tirou as proas de seus navios em conjunto, as suas proas voltadas para o espaço estreito e estavam lutando face-a-face.”

<p>Cambridge. Harvard University Press. 1920.</p> <p>HERÓDOTO.</p> <p>Historia.</p> <p>Volumen V: Libros VIII- IX. Tradução de C. Schrader. Madrid: Editorial Gredos, 1989.</p>		<p>estratégia</p>	<p>“ὡς δὲ εὐφρόνη ἐγεγόνεε, ἦν μὲν τῆς ὥρης μέσον θέρος, ἐγένετο δὲ ὕδωρ τε ἄπλετον διὰ πάσης τῆς νυκτὸς καὶ σκληραίων τῶν κωπέων. οἱ δὲ στρατιῶται οἱ ταύτη ἀκούοντες ταῦτα ἐς φόβον κατιστέατο, ἐλπίζοντες πάγχυ ἀπολέεσθαι ἐς οἷα καὶ πύλας τῶν πλοίων.”</p> <p>“Quando a escuridão veio, a estação sendo então o verão, houve abundância de chuva durante toda a noite e violentos trovões atrás dos remos. As tripulações dos navios que lá estavam, ficaram consternadas com o barulho, e considerando seu atual estado de guerra, lutaram com uma luta obstinada, e depois o mar-luta, correndo chuva e poderosas torrentes despejando em direção ao mar e trovões violentos.”</p> <p>“καὶ τούτοισι μὲν τοιαύτη ἡ νύξ ἐγένετο, τοῖσι δὲ ταχθεῖσι αὐτῶν περιπλέειν Εὐβοίαν ἢ αὐτὴ περὶ εὐῶσα νύξ πολλὸν ἦν ἐοῦσα κατὰ τὰ Κοῖλα τῆς Εὐβοίης, φερόμενοι τῷ πνεύματι καὶ οὐκ εἰδότες τῆ ἐφέροντο ἐξέπιπτον πρὸς τὰς πέτρας: ἐπορεύθησαν οὖν οὕτως ἐπὶ τὴν Κελαρὴν ἐκ τῆς Εὐβοίας.”</p> <p>“Isto é como a noite lidou com eles. Para aqueles que estavam designados a navegar ao redor de Eubéia, no entanto, quando estavam em Cela na Eubéia, eles foram levados pelo vento em uma direção desconhecida e foram conduzidos para as rochas.”</p>
--	--	-------------------	---

--	--	--	--

--	--	--	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos
Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920.	Navegação	Conflito naval/poder ateniense	“τῶν δὲ Ἑλλήνων κατὰ ταύτην τὴν ἡμέρην ἠρίστευσαν Ἀθηναῖοι” (8.17.1) “De todos os helenos os que fizeram o melhor serviço naquele dia foram os atenienses”
HERÓDOTO . Historia. Volumen V: Libros VIII- IX. Tradução de C. Schrader. Madrid: Editorial	Navegação	Conflito naval/poder ateniense	“ <u>Ἀθηναῖοι μὲν πρὸς πάντας τοὺς ἄλλους παρεχόμενοι νέας ὀγδώκοντα καὶ ἑκατόν, μούνοι.</u> ” (8.44.1) “os atenienses forneceram mais do que todo o resto, cento e oitenta navios, sozinhos.”
	Métis	Enganação/Estratégia	“ <u>ἦν δὲ τὰ ἐγὼ λέγω ποιήσης, τοσάδε ἐν αὐτοῖσι χρηστὰ εὐρήσεις: πρῶτα μὲν ἐν στεινῷ συμβάλλοντες νη</u>

Gredos, 1989.			<p>ἐκείνων.” (8.60B.1)</p> <p>“Mas se você fizer o que eu digo, você vai achar que é útil nessas maneiras: primeiro, por envolver muito estreito e a sua vantagem para lutar em uma área ampla.”</p>
------------------	--	--	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos
Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920.	Mar	Presságios	<p>“ἦν δὲ ἐπὶ τὰς νέας τράπηται τὰς ἐν Σαλαμῖνι, τὸν ναυτικὸν στρατὸν κινδυνεύσει βασιλεὺς ἀποβαλεῖν.(8.65.3)</p> <p>“Se, no entanto, ele se volta para os navios em Salamina, o rei estará em perigo de perder a sua frota.”</p> <p>“τὸν μὲν δὴ ταῦτα παραινέειν, ἐκ δὲ τοῦ κονιορτοῦ καὶ τῆς φωνῆς γενέσθαι νέφος καὶ μεταρσιωθὲν φέρεσθαι ἐπὶ Σαλαμῖνι.”</p> <p>“Assim, ele aconselhou, e depois que a poeira e o grito vieram em uma nuvem, que subiu no alto e voou de volta para a frota destruída.”</p>

<p>HERÓDOTO. Historia. Volumen V: Libros VIII- IX. Tradução de C. Schrader. Madrid: Editorial</p>			
<p>Gredos, 1989.</p>	<p>Mar</p>	<p>Proeminência de Atenas/Conflito naval</p>	<p>“ὁπὸ δὲ ἄλλοι πολλοί τε καὶ ὀνομαστοὶ Περσέων καὶ Μήδων καὶ τῶν ἄλλων συμμάχων, ὀλίγοι δὲ τινὲς καὶ Ἕλληνας” (8.89.1) “morreram igualmente outros muitos oficiais de renome, assim como os persas, os Medos e demais aliados; porém perecido na mesma ação aportavam em Salamina nadando.”</p>

--	--	--	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos	Situ.
<p>Herodotus. Histories. [TRAD] A. D. Godley. Cambridge. Harvard University Press. 1920.</p> <p>HERÓDOTO. Historia. Volumen V: Libros VIII- IX. Tradução de C. Schrader.</p>	Métis	Aquisição de glória e honrarias	<p>“ὄμως Θεμιστοκλέης ἐβώσθη τε καὶ ἐδοξώθη εἶναι ἀνὴρ πολλὸν Ἑλλήνων σοφώτατος ἀνὰ πᾶσαν τὴν Ἑλλάδα.” (8.124.1) “Temístocles foi elogiado, e por toda de Hélide foi considerado o homem mais sábio, de longe, dos gregos.”</p>	<p>Από vitό nava Sala Tem pass reco em a grau os gr</p>

Madrid: Editorial Gredos, 1989.				
---------------------------------------	--	--	--	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/Adjetivos
Plutarch. Plutarch's Lives - Themistocle s. [TRAD] Bernadotte Perrin.	Métis		<p>“και ἀπροθύμως ἐξεμάνθανε, τῶν δὲ εἰς σύνεσιν ἢ πράξιν λεγομένων δῆλος ἦν ὑπερορῶν¹ παρ' ἡλικίαν, ὡς τῆ φ “e de tudo o que foi dito para o cultivo de sagacidade ou eficiência prática, ele mostrou claramente uma indiferen</p>
	Mar/Navegaç ão		<p>“ὅτι τοῦ τὰ¹ κοινὰ πράττειν ἀποτρέπων αὐτὸν ὁ πατὴρ ἐπεδείκνυε πρὸς τῆ θαλάττῃ τὰς παλαιὰς τριήρεις ἐρριμμέ “há alguns que dizem que seu pai tentou com carinho desviá-lo da vida pública, apontando para ele triremes velh trabalho.”</p>

<p>Cambridge, MA. Harvard University Press. London. William Heinemann Ltd. 1914.</p>			
	<p>Métis</p>		<p>“Θεμιστοκλῆς δὲ ἀρχὴν μειζόνων ἀγώνων, ἐφ’ οὗς ἑαυτὸν ὑπὲρ τῆς ὅλης Ἑλλάδος ἤλειφε καὶ τὴν πόλιν ἥσκει π “Temístocles pensou que fosse apenas o começo de mais disputas, e para isso ungiu-se, por assim dizer, para ser o “ἦ καὶ ῥᾶον Θεμιστοκλῆς συνέπεισεν, οὐ Δαρεῖον οὐδὲ Πέρσας (μακρὰν γὰρ ἦσαν οὗτοι καὶ δέος οὐ πάνυ βέβαιον ὡς ἀφιζόμενοι παρεῖχον) ἐπισείων, ἀλλὰ τῇ πρὸς Αἰγινήτ ὄς Ξέρξην ἐναυμάχησαν” (4.2) “Por isso tudo Temístocles mais facilmente tentou levar [as pessoas] para seu lado, não tentando aterrorizar os cidadãos, com o uso oportuno do ciúme amargo que eles acalentavam por Egina, a fim de garantir o armamento que ele desejava. Salamina [480a.C.] contra Xerxes.”</p>

--	--	--	--

--	--	--	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
Plutarch. Plutarch's Lives - Themistocles. [TRAD] Bernadotte Perrin. Cambridge,	Métis		<p>“ἐκ δὲ τούτου κατὰ μικρὸν ὑπάγων καὶ καταβιβάζων τὴν πόλιν πρὸς τὴν θάλασσαν, ὡς τὰ περὶ αὐτὸν οὐδὲ τοῖς ὁμόροις ἀξιομάχους ὄντας, τῇ δ' ἀπὸ τῶν νεῶν ἀλκῇ καὶ τοὺς βαρβάρους ἀμύνασθαι καὶ τῆς Ἑλλάδος ἄρχειν δυναμένους” (4.3)</p> <p>“E depois disso, atraindo a cidade em forma gradual e conduzindo seu progresso em direção ao mar, incitando que com esta infantaria não eram páreo até para seus vizinhos mais próximos, mas, com o poder que se obteria de seus navios, não podiam apenas repelir os bárbaros, mas também assumir a liderança</p>	Com astúcia, Temístocles conquista adeptos para seu lado e empreende o início da dominação no mar Egeu.

MA. Harvard University Press. London. William Heinemann Ltd. 1914. 2.			na Hélade”	
	Métis		<p>“ διόπερ δοκεῖ τῆς σωτηρίας αἰτιώτατος γενέσθαι τῇ Ἑλλάδι καὶ μάλιστα τοὺς Ἀθηναίους προαγαγεῖν εἰς δόξαν, ὡς ἀνδρεία μὲν τῶν πολεμίων, εὐγνωμοσύνη δὲ τῶν συμμάχων περιγενομένους” (7.3)</p> <p>“Portanto, ele [Temístocles] é pensado como tendo sido o homem mais fundamental para alcançar a salvação da Hélade, e acima de tudo em liderar os atenienses até o alto renome de superar seus inimigos em valor e de seus aliados na magnanimidade.”</p>	O ardil de Temístocles permitiu que a <i>pólis</i> dos atenienses adquirisse renome frente aos aliados e superasse seus inimigos.

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
------	------	------------	-----------------	----------

Plutarch. Plutarch's Lives - Themistocles. [TRAD] Bernadotte Perrin. Cambridge, MA. Harvard University Press. London. William Heinemann Ltd. 1914. 2.	Navegação	<p>“αἱ δὲ γινόμεναι τότε πρὸς τὰς τῶν βαρβάρων ναυαγίας περὶ τὰ στενὰ μάχαι κρίσιν μὲν εἰς τὰ ὅλα μὴ ἐγάλην οὐκ ἐποίησαν, τῇ δὲ πείρᾳ μέγιστα τοὺς Ἕλληνας ὤνησαν, ὑπὸ τῶν ἔργων παρὰ τοὺς κινδύνους διδαχθέντας” (8.1)</p> <p>“As batalhas que foram travadas naquela época com os navios dos bárbaros nos estreitos não foram decisivos para a questão principal, é verdade, mas eles eram do maior serviço para os helenos, dando-lhes a experiência, uma vez que eles foram, assim, ensinados por realizações reais em face do perigo”</p>	<p>As vitórias navais foram importantes, mas não tão fundamentais no decorrer da guerra contra os persas. A guerra naval foi aprendida na prática, diante dos perigos.</p>
	Métis	<p>“αἱ δὲ γινόμεναι τότε πρὸς τὰς τῶν βαρβάρων ναυαγίας περὶ τὰ στενὰ μάχαι κρίσιν μὲν εἰς τὰ ὅλα μὴ ἐγάλην οὐκ ἐποίησαν, τῇ δὲ πείρᾳ μέγιστα τοὺς Ἕλληνας ὤνησαν, ὑπὸ τῶν ἔργων παρὰ τοὺς κινδύνους διδαχθέντας, ὡς οὔτε πλήθη νεῶν οὔτε κόσμοι καὶ λαμπρότητες ἐπισήμων οὔτε κραυγαῖς ἢ κομπόδεις ἢ βάρβαροι παιᾶνες ἔχουσι τι δεινὸν ἢ ἀνδράσιν ἐπισταμένους εἰς χεῖρας ἰέναι καὶ μάχεσθαι τολμῶσιν, ἀλλὰ δεῖ τῶν τοιούτων καταφρονοῦντας ἐπ’ αὐτὰ τὰ σώματα φέρεσθαι καὶ πρὸς ἐκεῖνα διαγωνίζεσθαι συμπλακέντας.” (10.1)</p> <p>“Então, na verdade, foi que Temístocles, desesperado para trazer a multidão mais para seu ponto de vista a partir de qualquer raciocínio humano, criou mecanismos, por assim dizer, para introduzir os deuses para eles</p>	<p>Temístocles usa do ardil para convencer os seus concidadãos a optarem por seu projeto de evacuação da cidade por conta da ameaça persa. Para tanto, usou-se de sinais divinos, como o caso da serpente sagrada que ficava na Acrópole. Usou também uma previsão do oráculo, interpretando a seu modo, para incentivar a saída da cidade e para conquistar o maior número de homens para remarem nas trirremes.</p>

		<p>como um gerente teatral faria para uma tragédia, e exercia sobre eles sinais vindos do céu e dos oráculos. Como um sinal do céu ele tomou o comportamento da serpente, que é realizada por desaparecidas nessa época do recinto sagrado na Acrópole. Quando os sacerdotes descobriram que as ofertas diárias feitas a ele foram deixadas intocadas, eles proclamaram à multidão, – Temístocles colocando a história em suas bocas – que a deusa tinha abandonado sua cidade e foi mostrando-lhes o caminho para o mar.”</p> <p><u>“τῷ δὲ χρησμῷ πάλιν ἐδημαγώγει, λέγων μηδὲν ἄλλο δηλοῦσθαι ξύλινον τεῖχος ἢ τὰς ναῦς: διὸ καὶ τὴν Σαλαμῖνα θεῖαν, οὐχὶ δεινὴν οὐδὲ σχετλίαν καλεῖν τὸν θεόν, ὡς εὐτυχήματος μεγάλου τοῖς Ἕλλησιν ἐπόνυμον ἐσομένην. κρατήσας δὲ τῆ γνώμη ψήφισμα γράφει, τὴν μὲν πόλιν παρακαραθέσθαι τῇ Ἀθηνᾷ τῇ Ἀθηνάων μεδεούσῃ, τοὺς δ’ ἐν ἡλικίᾳ πάντας ἐμβαίνειν εἰς τὰς τριήρεις, παῖδας δὲ καὶ γυναῖκας καὶ ἀνδράποδα σώζειν ἕκαστον ὡς δυνατόν.”</u> (10.2)</p> <p>“Além disso, com um oráculo bem conhecido ele tentou novamente ganhar as pessoas para seu ponto de vista, dizendo que sua ‘parede de madeira’ significava nada mais do que a sua frota; e que o</p>	
--	--	--	--

			<p>deus neste oráculo chamou Salamina ‘divina’, não ‘terrível’ nem ‘cruel’, pela simples razão de que a ilha iria algum dia dar o seu nome a uma grande peça de boa sorte para os helenos. Por fim, a opinião dele prevaleceu, e então introduziu uma lei providenciando que a segurança da cidade fosse confiada “à Athená protetora de Atenas”, mas que todos os homens em idade militar embarcassem nas trirremes, depois de encontrar para os seus filhos, esposas e servos, a melhor segurança que cada um podia dar.”</p>	
--	--	--	---	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
<p>Plutarch. Plutarch's Lives - Themistocles. [TRAD] Bernadotte Perrin. Cambridge, MA. Harvard University Press. London. William Heinemann Ltd. 1914. 2.</p>	<p>Métis</p>		<p>“καὶ τοὺς πολίτας αἰσθόμενος ποθοῦντας Ἀριστοκλῆν εἶδην καὶ δεδιότας, μὴ δι’ ὀργὴν τῶ βαρβάρῳ προσθεὶς ἑαυτὸν ἀνατρέψῃ τὰ πράγματα τῆς Ἑλλάδος (ἔξωστράκιστο γὰρ πρὸ τοῦ πολέμου καταστασιασθεὶς ὑπὸ Θεμιστοκλέους) , γράφει ψήφισμα, τοῖς ἐπὶ χρόνῳ μεθεστῶσιν ἐξεῖναι κατελθοῦσι πράττειν καὶ λέγειν τὰ βέλτιστα τῇ Ἑλλάδι μετὰ τῶν ἄλλων πολιτῶν.” (11.1) “Quando ele viu que os cidadãos ansiavam por Aristides, e temia que por conta da ira ele poderia juntar-se aos bárbaros e assim subverter a causa da Hélade, – ele havia sido condenado ao ostracismo, antes da guerra, em consequência da derrota política nas mãos de Temístocles – ele apresentou um projeto de lei que prevê que aqueles que tinham sido retirados por um tempo seriam autorizados a voltar para casa e dedicar as suas melhores competências para o serviço da Hélade, juntamente com os outros cidadãos.”</p>	<p>Prevedendo possíveis desdobramentos decorrentes do ostracismo imputado a Aristides, que foi amplamente incentivado por Temístocles por conta de seus interesses e disputas políticas, este articula o retorno do político ostracizado, pois temia que por vingança Aristides unisse as suas forças. Temístocles faz uso de um ardil, que prevê desdobramentos das ações, precavendo-se de antemão.</p>

	Métis	<p>“ὄν ἐκπέμπει πρὸς τὸν Ξέρξην κρύφα, κελεύσας λέγειν, ὅτι Θεμιστοκλῆς ὁ τῶν Ἀθηναίων στρατηγὸς αἰρούμενος τὰ βασιλέως ἐξαγγέλλει πρῶτον αὐτῷ τοὺς Ἕλληνας ἀποδιδράσκοντας, καὶ διακελεύεται μὴ παρῆναι φυγεῖν αὐτοῖς, ἀλλ’ ἐν ᾧ παράττονται τῶν πεζῶν χωρὶς ὄντες ἐπιθέσθαι καὶ διαφθεῖραι τὴν ναυτικὴν δύναμιν.” (12.4)</p> <p>“Esse homem foi enviado para Xerxes secretamente com ordens para dizer: ‘Temístocles, general dos Atenienses, elege a causa o Rei e é o primeiro a anunciar-lhe que os helenos estão tentando escapar e aconselhava-o a não deixá-los escapar, atacando-os com conhecimento de causa, enquanto se mantinham perplexos e atemorizados, longe do seu exército de terra, de forma a destruir-lhes de um golpe, todo o seu poder no mar’.”</p>	<p>Parte de seu estrategema para atrair a frota persa para o estreito de Salamina, Temístocles prepara uma armadilha ao rei bárbaro: envia-lhe um informante, que deveria contar que os gregos estavam tentando escapar e que ele, Temístocles, desejava ficar ao lado de Xerxes.</p>
--	-------	--	---

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
<p>Plutarch. Plutarch's Lives - Themistocles. [TRAD] Bernadotte Perrin. Cambridge, MA. Harvard University Press. London. William Heinemann Ltd. 1914. 2.</p>	<p>Métis/Navegação</p>		<p>“δοκεῖ δ’ οὐκ ἦττον εὖ τὸν καιρὸν ὁ Θεμιστοκλῆς ἢ τὸν τόπον συνιδῶν καὶ φυλάξας μὴ πρότερον ἀντιπρόσωπος καταστήσαι ταῖς βαρβαρικαῖς τὰς τριήρεις, ἢ τὴν εἰσπνοῦσαν ὥραν παραγενέσθαι, τὸ πνεῦμα λαμπρὸν ἐκ πελάγους ἀεὶ καὶ κῦμα διὰ τῶν στενῶν κατάγουσαν: ὁ τὰς ἑλλήνων γὰρ ἑλπίων οὐκ ἔβλαπτε ναῦς ἀλιτενεῖς οὐσας καὶ ταπεινότερας, τὰς δὲ βαρβαρικὰς ταῖς τε πρύμναις ἀνεστῶσας καὶ τοῖς καταστρώμασιν ὑπορόφους καὶ βαρεῖναις ἐπιφερομένας ἔσφαλλε προσπίπτον καὶ παρεδίδου πύργους τοῖς Ἑλλήσιν ὀξέως προσφερομένοις καὶ τῷ Θεμιστοκλεῖ προσέχουσιν, ὡς ὀρῶντι μάλιστα τὸ συμφέρον” (14.2)</p> <p>“Não foi Temístocles menos sábio e avisado em escolher o tempo, do que o foi na escolha do lugar do combate, porque ele esperou para alinhar seus barcos em formação de batalha até a hora em que costumava levantar-se, ordinariamente, um grande vento do lado do mar, agitando enormes vagas dentro do canal. Este vento não prejudicava as galeras gregas, chatas e baixas como eram, mas para os navios barbarescos com proas levantadas, altos bordos e pesados de manejo, o vento causava grandes estragos porque os fazia dar o flanco aos gregos que os iam atacar imediatamente, batendo-os com ligeireza, com os olhos sempre prontos para ver o que lhes ordenava Temístocles, como sendo ele quem entendia melhor do que nenhum outro o que se devia fazer”</p>	<p>Temístocles soube a hora certa para agir, fazendo uso dos ventos favoráveis às embarcações helênicas e desfavoráveis ao modelo de nau dos persas. Em um meio inóspito como o mar, ele astuciosamente soube fazer uso das práticas de navegação.</p>

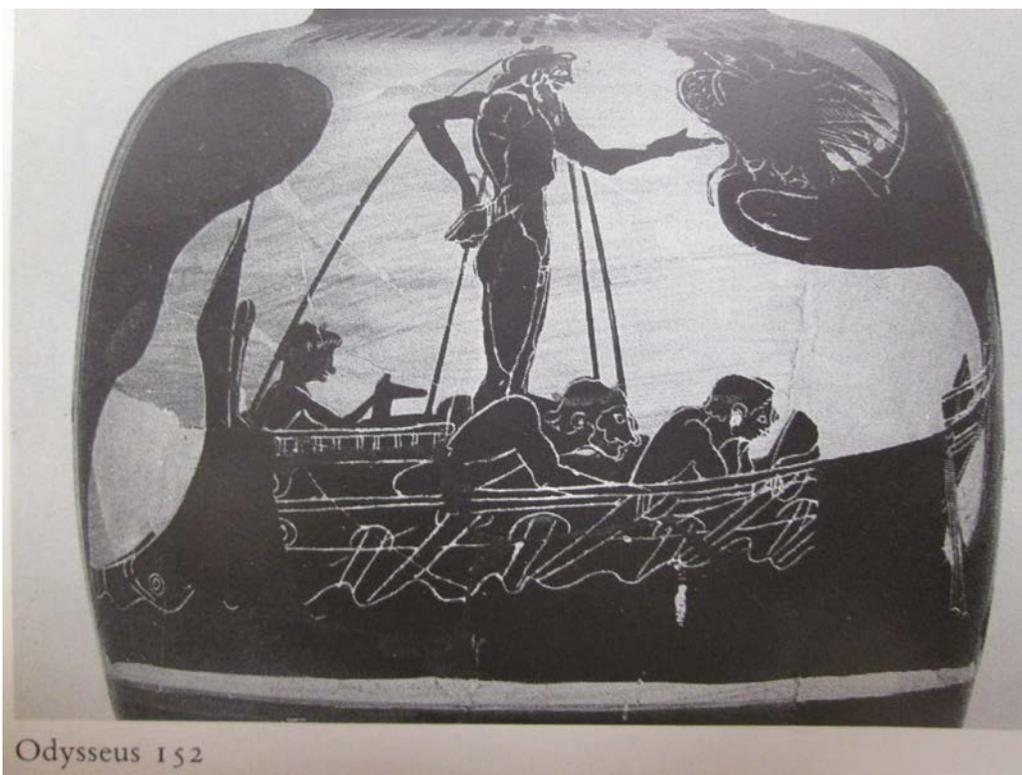
Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
Plutarch. Plutarch's Lives - Themistocles. [TRAD] Bernadotte Perrin. Cambridge, MA. Harvard University Press. London. William Heinemann Ltd. 1914. 2.	Métis		<p>“Λακεδαιμόνιοι δ' εἰς τὴν Σπάρτην αὐτὸν καταγαγόντες Εὐρυβιάδῃ μὲν ἀνδρείας, ἐκείνῳ δὲ σοφίας ἀριστεῖον ἔδοσαν θαλλοῦ στέφανον, καὶ τῶν κατὰ τὴν πόλιν ἀρμάτων τὸ πρωτεῦον ἔδωρήσαντο καὶ τριακοσίους τῶν νέων πομποὺς ἄχρι τῶν ὄρων συνεξέπεμψαν.” (17.1)</p> <p>“Os próprios Lacedemônios o levaram a Esparta onde atribuíram a Euribíades, a honra da coragem e a Temístocles a da sabedoria e prudência, em razão do que lhe deram um ramo de oliveira juntamente com o mais belo carro existente em toda a cidade, enviando trezentos dos seus jovens para comboiá-lo até o limite de suas terras.”</p>	Reconhecimento dos helenos, inclusive os espartanos, da sabedoria depreendida durante a guerra contra os persas por Temístocles.
	Métis		<p>“γενόμενος δ' ἀπὸ τῶν πράξεων ἐκείνων εὐθὺς ἐπεχείρει τὴν πόλιν ἀνοικοδομεῖν καὶ τειγίζειν, ὡς μὲν ἐν ἱστορεῖ Θεόπομπος, χρήμασι πείσας μὴ ἐναντιωθῆναι τοὺς ἐφόρους, ὡς δ' οἱ πλείστοι, παρακροῦσάμενος. ἦκε μὲν γὰρ εἰς Σπάρτην ὄνομα πρεσβείας ἐπιγραφάμενος: ἐγκαλούντων δὲ τῶν Σπαρτιατῶν, ὅτι τειγίζουσι τὸ ἄστυ, καὶ Πολυάρχου κατηγόρου ὀρθῶς ἐπίτηδες ἐξ Αἰγίνης ἀποσταλέντος, ἤρνετο καὶ πέμπειν ἐκέλευεν εἰς Ἀθήνας τοὺς κατογομένους, ἅμα μὲν ἐμβάλλον τῷ τειγισμῷ χρόνον ἐκ τῆς διατριβῆς, ἅμα δὲ βουλόμενος ἀντ' αὐτοῦ τοὺς πεμπομένους ὑπάρχειν τοῖς Ἀθηναίοις. ὁ καὶ συν</p>	Para reconstruir as muralhas da cidade de Atenas, Temístocles lança mão de mais um ardil, agora diante dos Espartanos. Ludibria-os como um embaixador enviado por Atenas, que promete não “fechar” novamente a cidade, enquanto, de fato, as obras da muralha já se iniciavam. O ardil de Temístocles para enganar os Espartanos, permite que, além de sair em segurança

		<p>έβη: γνόντες γὰρ οἱ Λακεδαιμόνιοι τὸ ἀληθὲς οὐκ ἠδίκησαν αὐτόν, ἀλλ' ἀδήλως γαλεπαίνοντες ἀπέπεμψαν.” (19. 1-2)</p> <p>“Mas depois de ter feito as coisas que aqui expusemos, ele ensaiou imediatamente reconstruir a cidade e as muralhas de Atenas, corrompendo por dinheiro os oficiais da Lacedemônia, para que eles não criassem empecilhos, assim como escreve Teopompo, ou, como todos os outros dizem, ludibriando-os com a seguinte artimanha: ele foi a Esparta, como embaixador, enviado expressamente por se terem queixado, os da Lacedemônia, que os Atenienses fechavam outra vez sua cidade com muralhas. Um orador chamado Poliarco os acusava diante do conselho de Esparta, tendo sido especialmente mandado para esse fim, pelos eginetas. Temístocles negou tudo com força e firmeza, dizendo-lhes que para se informarem da verdade, enviassem sua gente ao local, querendo, com essa dilação ganhar o tempo necessário ao acabamento das muralhas, e também que os Atenienses retivessem como reféns, pela segurança de sua pessoa, aqueles que fossem enviados a Atenas para a verificação, como de fato aconteceu, porque, informados os Lacedemônios sobre a verdade do que ocorria, não lhe fizeram nenhum mal, mas dissimulando o descontentamento de se verem assim ludibriados por ele, o devolveram são e salvo.”</p>	<p>de Esparta, os muros de Atenas sejam reconstruídos para a segurança dos cidadãos.</p>
--	--	---	--

Obra	Tema	Atribuição	Nomes/adjetivos	Situação
<p>Plutarch. Plutarch's Lives - Themistocles. [TRAD] Bernadotte Perrin. Cambridge, MA. Harvard University Press. London. William Heinemann Ltd. 1914. 2.</p>	<p>Mar</p>		<p>“Θεμιστοκλῆς δ' οὐχ, ὡς Ἀριστοφάνης ὁ κωμικὸς λέγει, τῇ πόλει τὸν Πειραιᾶ προσέμαξεν, ἀλλὰ τὴν πόλιν ἐξῆψε τοῦ Πειραιῶς καὶ τὴν γῆν τῆς θαλάττης: ὅθεν καὶ τὸν δῆμον ἠῤῥησε κατὰ τῶν ἀρίστων καὶ θράσους ἐνέπλησεν, εἰς ναύτας καὶ κελυστάς καὶ κυβερνήτας τῆς δυνάμεως ἀφικόμενης. διὸ καὶ τὸ βῆμα τὸ ἐν Πνυκί πεπονημένον ὥστ' ἀποβλέπειν πρὸς τὴν θάλασσαν” (19.3-4)</p> <p>“Themístocles não adaptou assim o porto do Pireu à cidade de Atenas, como disse o poeta cômico Aristófanes, mas antes ajustou a cidade ao Pireu, e a terra ao mar. Com essa orientação ele aumentou o poder do povo contra os nobres e tornou o demos mais audacioso, em virtude do que veio a autoridade a cair em mãos de marinheiros, embarcadiços, pilotos e demais gente da marinha, razão pela qual a própria tribuna das arengas, situada na praça de Pnix, olhava para o mar.”</p>	<p>Themístocles faz a cidade, em sua política pós-segunda guerra médica, voltar-se para o mar. O projeto para a cidade passa a ser enfatizado na prática naval.</p>

Apêndice B

Imagem 1



Publicação: *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae* (LIMC), v.VI (1 e 2).
Kentauroi et kentaurides – Oiax. Artemis Verlag Zürich und München, 1992.

Temática: Odisseu e seus companheiros navegando próximo as sereias

Descrição: O barco passa entre duas rochas pendendo sobre ele; em um deles, três serias sem braços, aninhadas uma contra a outra. Desenho estranho de Odisseu que parece ter três braços (para mostrar a agitação ao tentar se soltar?).

Vaso: Oenochoé

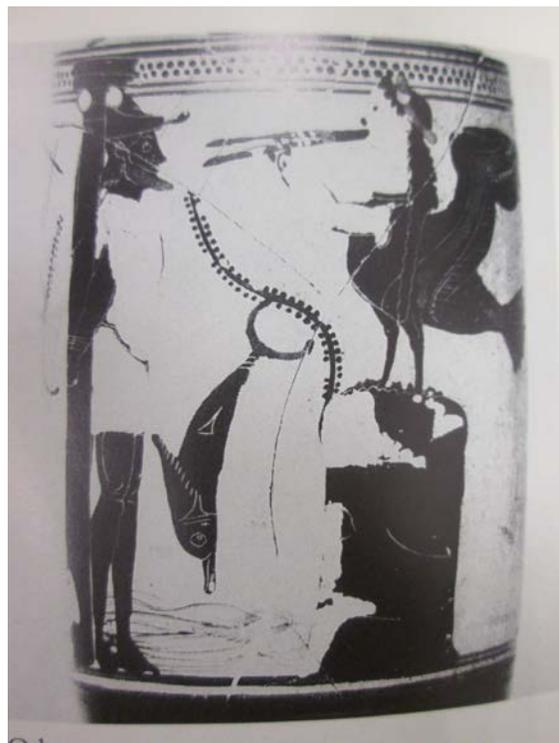
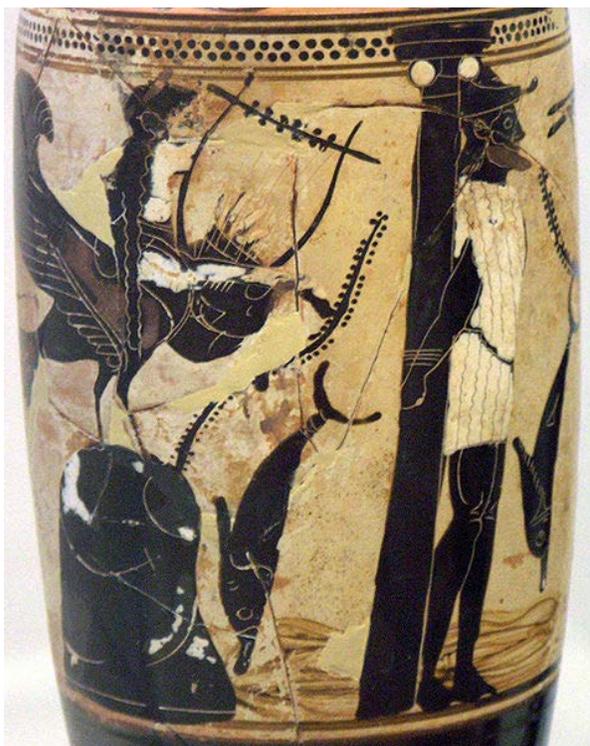
Estilo: Figuras negras

Data: ap. 520 a.C.

Pintor: Não informado

Produção/achado: Atenas/ Não informado

Imagem 2



Publicação: Primeira imagem obtida em <http://mithologiai.blogspot.com.br/>; segunda imagem e descrição obtidas em *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae* (LIMC), v.VI (1 e 2). Kentauroi et kentaurides – Oiax. Artemis Verlag Zürich und München, 1992.

Temática: Odisseu navegando próximo as sereias

Descrição: Odisseu (usando o pétaso e um chiton) está atado ao lado direito de uma coluna: o barco não foi representado, porém o mundo marinho foi indicado pelas ondas e pelos golfinhos; duas sereias com instrumentos musicais estão empoleiradas sobre os rochedos, de cada lado de Odisseu.

Vaso: Lécito

Estilo: Figuras negras

Data: Fim do VI séc. a.C. (datação do Beazley: 525-475 a.C.)

Pintor: Edimburgo

Produção/achado: Atenas/Atenas

Imagem 3



Publicação: *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae* (LIMC), v.VI (1 e 2).
Kentauroi et kentaurides – Oiax. Artemis Verlag Zürich und München, 1992.

Temática: Odisseu e seus companheiros navegando próximo as sereias

Descrição: Três sereias com instrumentos musicais sobre um rochedo com vista para o barco; o mastro ao qual Odisseu foi preso, de perfil para a esquerda, limita o espaço pictórico a direita. As inscrições: SEREN, OLUTEUS e [L]USN, que, saindo da boca de Odisseu, poderia se compreender como “livre-me”.

Vaso: Oenochoé

Estilo: Figuras negras

Data: 499-475 a.C. (datação do Beazley: 525-475 a.C.)

Pintor: Não informado

Produção/achado: Atenas/Não informado

Imagem 4



Publicação: *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae* (LIMC), v.VI (1 e 2).
Kentauroi et kentaurides – Oiax. Artemis Verlag Zürich und München, 1992.

Temática: Odisseu e seus companheiros navegando próximo as sereias

Descrição: Uma sereia sem braço sobre cada um dos dois rochedos que estão voltados para o navio, sobre a da esquerda lê-se HIMEΠΟΙΑ. Odisseu, preso ao mastro do lado direito, cabeça levantada, músculos tensos, nomeado a frente “OLITEUS”. Uma terceira sereia, com olhos fechados, se joga do alto do rochedo da direita (a menos que se trate da sereia da direita, representada duas vezes).

Vaso: Stamnos

Estilo: Figuras vermelhas

Data: 475-460 a.C. (datação do Beazley: 480-470 a.C.)

Pintor: P. das Sereias

Produção/achado: Atenas/Vulci